

BRUNA BATISTA FERREIRA

**GÊNERO E MEMÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA  
ENCICLOPÉDIA DA MULHER (1950-1970)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

F382g  
2019  
Ferreira, Bruna Batista, 1994-  
Gênero e memória : as representações do feminino na Enciclopédia da Mulher (1950-1970) / Bruna Batista Ferreira. – Viçosa, MG, 2019.  
xi, 292f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Ângelo Adriano Faria de Assis.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.  
Inclui bibliografia.

1. Mulheres - Aspectos sociais. 2. Mulheres - Identidade. 3. Memória coletiva. 4. Feminismo. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Artes e Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.


CDD 22 ed. 305.4

BRUNA BATISTA FERREIRA

**GÊNERO E MEMÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA  
ENCICLOPÉDIA DA MULHER (1950-1970)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de abril de 2019



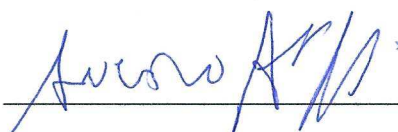
Rafael Dias de Castro



Roberta Guimarães Franco Faria de Assis



Vanessa Lana



Angelo Adriano Faria de Assis

(Orientador)

À minha mãe, Elza.

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura.  
Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da  
nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.

Chimamanda Ngozi Adichie

## **Agradecimentos**

Ao final desta caminhada, teço meus agradecimentos àqueles que foram fundamentais para sua realização. Agradeço ao meu orientador, Angelo Adriano Faria de Assis, por ter acolhido este trabalho e o guiado de maneira tão sensível e generosa. Expresso o quão relevantes foram suas indicações, correções e incentivos ao longo de todas as etapas. Pelas palavras de apoio e pela liberdade durante a execução do texto, o meu muito obrigada!

Agradeço aos membros da banca que me acompanharam na qualificação e na defesa, e proporcionaram comentários e sugestões imprescindíveis para o melhoramento desta dissertação. Agradeço à Vanessa Lana por ter participado dessa construção (do processo seletivo aos seminários), e pelos questionamentos que possibilitaram, de fato, minha compreensão acerca de meu objeto e fonte de estudo. Agradeço à Roberta Guimarães Franco Faria de Assis que, ao conferir um olhar intercessor entre História, Linguística e Literatura, ampliou meus horizontes e enriqueceu minhas análises. Agradeço ao Rafael Dias de Castro por desde a graduação, quando foi meu orientador, ter me ajudado a fazer do Mestrado um sonho possível e legitimado as bases teórico-metodológicas das quais sustentam esta e minhas demais pesquisas.

Agradeço aos professores e funcionários do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa. O contato com profissionais de tamanha excelência engrandeceu ainda mais essa jornada. Agradeço aos meus colegas de curso por terem compartilhado conhecimentos e formado uma turma tão querida. Por isso, Ana Paula, Joyce, Patrícia, Adailton, Flávio, Herbert, Rodrigo, Ronaldo e William, guardarei as melhores lembranças. Em especial, agradeço às amigas Amanda e Janice pela hospitalidade, carinho e parceria no inglês.

Agradeço aos atendentes da Biblioteca Nacional Digital do Rio de Janeiro que, com agilidade, me auxiliaram na aquisição dos direitos de reprodução de imagens, presentes no repositório da Hemeroteca. Agradeço ao Ramon pela preciosa ajuda com o abstract.

Agradeço àqueles que, ainda durante a seleção para a entrada no Mestrado, me muniram de ferramentas fundamentais. Agradeço ao professor Gustavo Souza de Oliveira pelos textos e autores indicados. Agradeço ao Anderson Boscarino por ter me apresentado a Enciclopédia da Mulher. Agradeço ao Leonardo pelo apoio amigo durante as fases do processo.

Agradeço também àqueles que estiveram por perto, com dizeres de coragem e conforto, durante os últimos dois anos. À Carol, agradeço as inúmeras conversas sobre gênero e a

companhia divertida no Campus da UFV. À Luciana, agradeço os papos sobre memória e identidade, além das hospedagens. À Jussara, agradeço os momentos de desabafo das incertezas e comemorações das conquistas. Ao Cássio, agradeço por enaltecer meu lado confiante do jeito mais divertido. Agradeço, ainda, ao Sr. Pedro pelas inúmeras caronas na rota Tombos x Viçosa.

Agradeço à minha família. Agradeço à avó Antônia, minhas tias e meus primos. Agradeço aos meus irmãos, Sávio e Gabriel. Ao Savinho, agradeço a amizade, as indicações de filmes, as conversas políticas, os livros de presente e o auxílio com a formatação. Ao Bri agradeço por ser nosso pequenino que nos enche de alegrias e risadas (principalmente nas brincadeiras com a Milly). Vocês tornaram os momentos de caos dissertativo mais leves.

Agradeço ao meu admirável pai, Nilson (in memoriam), que tendo partido tão cedo, além da saudade, nos deixou inúmeros ensinamentos, dentre eles, a importância da dignidade, do respeito e da educação. Agradeço à minha querida mãe, Elza. Além de ser minha melhor amiga, é meu maior exemplo de mulher. Agradeço ao imenso suporte financeiro e emocional. Agradeço por sempre estar ao meu lado segurando minha mão. Agradeço por, mesmo que indiretamente, ter me conduzido ao feminismo. Agradeço por me inspirar diariamente com sua força e seu amor.

A cada um de vocês, gratidão!

## Sumário

Lista de Imagens .....	viii
Lista de Tabelas .....	ix
Resumo.....	x
Abstract .....	xi
INTRODUÇÃO .....	1
<b>PARTE I.....</b>	<b>19</b>
CAPÍTULO 1: GÊNERO E MEMÓRIA .....	20
1.1 A História das Mulheres e os estudos de Gênero .....	21
1.2 A memória impressa no “ser feminina” .....	26
1.3 A identidade feminina e a cidadania.....	41
CAPÍTULO 2: AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO.....	46
2.1 Mulheres em revolução .....	47
2.1.1 Os Movimentos Feministas .....	47
2.2 Brasil, década de 1950.....	51
2.3 Brasil, décadas de 1960 e 1970 .....	55
2.4 As Revistas Femininas.....	61
2.4.1 Revistas em revista: rupturas e permanências entre 1950 e 1970 .....	64
2.4.2 As modas nas mudanças .....	91
2.5 Enciclopédia da Mulher.....	95
CAPÍTULO 3: A ENCICLOPÉDIA DA MULHER .....	99
3.1 As representações do feminino na Enciclopédia da Mulher.....	100
A mulher e a beleza .....	106
A elegância e a moda.....	115
Trabalhos manuais .....	125
A casa .....	127
A mulher e os trabalhos domésticos .....	137

A arte culinária.....	140
A mãe e a criança .....	145
A sociedade e seus costumes .....	159
A mulher e seus direitos .....	164
A mulher e a vida social .....	170
A mulher e o trabalho.....	187
Horas de folga .....	196
A mulher e as férias .....	198
A mulher e o esporte.....	201
A mulher na História .....	204
A mulher e a Literatura .....	208
A mulher e a Arte.....	215
3.2 Gênero e Memória na Enciclopédia da Mulher.....	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	225
FONTES .....	230
REFERÊNCIAS.....	231
<b>PARTE II .....</b>	<b>237</b>
LIVRETO: MULHERES EM REVOLUÇÃO.....	238
INTRODUÇÃO .....	239
Entre práticas e representações: o feminino .....	241
As representações do feminino e a educação .....	246
Livreto: Mulheres em Revolução .....	256
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	289
FONTES .....	290
REFERÊNCIAS.....	291

## Lista de Imagens

Imagem 1: Enciclopédia da Mulher.....	9
Imagem 2: Nova Enciclopédia da Mulher.....	9
Imagem 3: O Feminino nas Revistas - década de 1950.....	67
Imagem 4: O Feminino nas Revistas – década de 1960.....	68
Imagem 5: O Feminino nas Revistas – década de 1970.....	69
Imagem 6: Quadro das Proporções Perfeitas da Mulher.....	107
Imagem 7: Quadro das “Proporções Ideais” estabelecido pelo Dr. Maurin.....	107
Imagem 8: A Maquiagem.....	110
Imagem 9: Uma Lição Completa de Ginástica.....	111
Imagem 10: A Elegância e a Moda.....	121
Imagem 11: Trabalhos Manuais.....	126
Imagem 12: A Casa.....	130
Imagem 13: A Nova Casa.....	135
Imagem 14: Trabalhos Domésticos.....	138
Imagem 15: Novos Trabalhos Domésticos.....	139
Imagem 16: A Arte Culinária.....	142
Imagem 17: A Mãe e a Criança.....	147
Imagem 18: Cuidados Médicos.....	148
Imagem 19: Menina e Menino.....	153
Imagem 20: A Sociedade e seus Costumes.....	161
Imagem 21: Casamento e Desquite.....	167
Imagem 22: A Mulher e o Trabalho.....	194
Imagem 23: Futuros Profissionais X Mamãe em Potencial.....	197
Imagem 24: A Mulher e as Férias.....	200
Imagem 25 A Mulher e o Esporte.....	202
Imagem 26: A Mulher na História.....	205
Imagem 27: A Mulher e a Literatura.....	215
Imagem 28: A Mulher e a Arte.....	218

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Enciclopédia da Mulher.....	6
Tabela 2: Nova Enciclopédia da Mulher .....	6
Tabela 3: Eixo temático.....	254
Tabela 4: Roteiro .....	257

## Resumo

FERREIRA, Bruna Batista, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2019. **Gênero e Memória: as representações do feminino na Enciclopédia da Mulher (1950-1970)**. Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

Esta pesquisa investiga o processo de rupturas e permanências, circunscrito nas questões de gênero, que envolveu as representações do feminino entre as décadas de 1950 e 1970. Para isso, analisamos duas versões de um periódico destinado às mulheres: a Enciclopédia da Mulher (1958) e a Nova Enciclopédia da Mulher (1968). O momento da veiculação das enciclopédias ocorreu num período em que a visão sobre a mulher começava a sofrer alterações, haja vista os movimentos sociais emergentes, como o feminismo. Entretanto, estas obras traziam postulações acerca de como a mulher, “rainha do lar” e “mamãe em potencial”, deveria viver, reforçando determinadas conotações atribuídas ao conceito “feminino”, implicando em ideais referentes ao comportamento e à aparência. Levando em consideração as discussões de gênero enquanto categoria, assim como os discursos e as estruturas históricas da sociedade, pesquisamos outros periódicos destinados ao público feminino, desse período, e suas similaridades ou distanciamentos com a mulher delineada nas enciclopédias. Ponderando que as fontes analisadas tratam-se de exemplares da mídia impressa, coube também discutir a existência dos “manuais femininos” como produtos e produtores de memória que abarcam noções de identidade e cidadania associados às práticas e representações culturais. Com base nas apreciações de caráter teórico, propomos ainda um “produto final”, o livreto Mulheres em Revolução, que, podendo ser utilizado no meio educativo, problematiza as noções de gênero e memória em relação às representações da mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Memória; Representações do Feminino; Enciclopédia da Mulher; Nova Enciclopédia da Mulher.

## Abstract

FERREIRA, Bruna Batista, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, april, 2019. **Gender and Memory: the representations of female gender in the Women Encyclopedia (1950-1970).** Adviser: Angelo Adriano Faria de Assis.

This research goes into the process of ruptures and continuities, circumscribed to gender issues, which fits as representations of the feminine between the 1950s and 1970s. To do so, we have analyzed two versions of a women's periodical: Encyclopedia of Women (1958) and New Encyclopedia of Women (1968). These encyclopedias came at a time when the view over women was beginning to change, having seen emerging social movements such as feminism. These works, however, brought forth postulates about how woman, "queen of the home" and "potential mother", should live, reinforcing certain connotations attributed to the "feminine" concept, implying ideals concerning behavior and appearance. Taking into account the discussions of gender as a category, as well as the discourses and historical structures of society, we investigated other periodicals destined to the female audience, from the same period, and their similarities or distances with the woman delineated in the encyclopedias. Considering that the analyzed sources are copies of the printed media, it was also necessary to discuss the existence of "feminine manuals" as products and producers of memory that embrace notions of identity and citizenship associated with cultural practices and representations. Based on theoretical evaluations, we propose a "final product", the booklet Women in Revolution, that, being able to be used in education, problematizes the notions of gender and memory in relation to the representations of women.

**KEY-WORDS:** Gender; Memory; Feminine Representations; Encyclopedia of Women; New Encyclopedia of Women.

## Introdução

A crescente abordagem acadêmica e social às desinências do conceito ‘gênero’, e suas implicações nas constituições e reconstituições do pensamento e da memória coletiva, expressa os novos olhares que a História e a historiografia pós-anos 1960 desencadearam. Tratam-se de discussões que, dentre outras temáticas, exploram as relações estabelecidas entre os sexos, envolvendo os âmbitos sociais, culturais e políticos. Dizem respeito às representações dos sexos, das identidades e das expressões de gênero operantes nas sociedades. Relacionam-se às problematizações acerca das estruturas de poder constituídas a partir das práticas dessas representações, da manutenção e definição de papéis fundamentados em estruturas e conjunturas baseadas nas questões biológicas.

Nesse viés, este trabalho traz como proposta a análise de uma fonte impressa, que por se tratar de uma visão representativa de gênero, em especial sobre a mulher, permite-nos condensar as relações de poder presentes na sociedade brasileira de uma época, assim como os aspectos memorialísticos desinentes de seu contexto. Para tanto, consideramos o cenário linguístico, midiático, social, político e cultural de uma época. Ponderamos aqui as versões de uma Enciclopédia da Mulher produzida na segunda metade do século XX.

Utilizando-se das explanações de Leroi-Gourhan sobre o alargamento da memória coletiva, Jacques Le Goff lembra-nos que “a enciclopédia é uma memória alfabética parcelar na qual cada engrenagem isolada contém uma parte animada da memória total”<sup>1</sup>. Nesse caso, analisar o que esse tipo de material aborda e a maneira com a qual faz isso nos oferece, ao menos, alguns dos vários panoramas representativos de uma determinada fonte de pesquisa. Tendo como objeto de pesquisa as representações do feminino, trazemos como exemplo parcelar da memória coletiva e como fonte principal de discussão a Enciclopédia da Mulher<sup>2</sup> e a Nova Enciclopédia da Mulher<sup>3</sup>, ou seja, duas variantes de uma “memória alfabética”.

---

<sup>1</sup>LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 461.

<sup>2</sup>NATHAN, Fernand (org.). Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958.

<sup>3</sup>BERTRAND, Micheline (org.). Nova Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1968.

## A Enciclopédia

De origem francesa<sup>4</sup>, a Enciclopédia da Mulher foi veiculada entre as décadas de 1950 e 1970 na Europa e em países da América Latina<sup>5</sup>. No Brasil, suas versões traduzidas, adaptadas, editadas e publicadas pela Editora Globo de Porto Alegre, teriam circulado de 1957 a 1973<sup>6</sup>. Trabalhamos especificamente com os exemplares brasileiros de 1958 e 1968, que seriam a primeira e última versão alterada do manual.

As Enciclopédias ganharam valor e mercado propício no Brasil. Levando em consideração os jornais onde era anunciada<sup>7</sup>, a Enciclopédia da Mulher chegava a custar de Cr\$ 180,00 a Cr\$ 1500,00. Convertendo em reais, seria o valor equivalente de R\$ 1200,00 a R\$ 1500,00<sup>8</sup>. Com essa quantia seria possível a compra, por exemplo, de 300 a 500 exemplares de jornais na época<sup>9</sup>. Devemos nos atentar, ademais, para os valores relativos à inflação. O que não nos impede, entretanto, inferir que a Enciclopédia possuía como público-alvo mulheres pertencentes às classes média e alta. Em relação à tiragem, temos na edição de 1968 a sugestão para pedidos de cinco, dez ou mais exemplares. Os pagamentos poderiam ser realizados à vista ou a prazo. A tipagem do material da Enciclopédia também era ressaltada nos jornais do período. Em 1958, a Editora Globo conquistava o prêmio “José Bertaso”<sup>10</sup> pela qualidade da impressão e encadernação de dezesseis volumes de dicionários, incluindo a Enciclopédia da Mulher<sup>11</sup>.

De capa dura marrom espessa, as Enciclopédias possuíam uma sobrecapa ilustrada colorida. Enquanto a edição de 1958 trazia apenas uma mulher em frente ao espelho, na Nova edição várias mulheres apareciam, embora apresentassem um perfil semelhante: brancas,

---

<sup>4</sup>Encyclopedie de la Femme (1950) e Nouvelle Encyclopedie de la Femme (1964).

<sup>5</sup>Encontramos anúncios da Enciclopedia de la Mujer (1958) e da Nueva Enciclopedia de la Mujer (1968) em sebos do México e Uruguai.

<sup>6</sup>Chegamos a essas datas através das pesquisas realizadas nos jornais que anunciavam as edições das Enciclopédias, bem como nas descrições de anuários presentes em algumas de suas edições físicas. O primeiro anúncio brasileiro da Enciclopédia da Mulher ocorreu no Diário de Pernambuco, PE, Ed. 61 (1), datado de 17 de março de 1957. Numa página dedicada à “EDITORIA GLOBO S/A PORTO ALEGRE”, os dizeres: “LIVROS PARA A MULHER E O LAR – Nathan – Enciclopédia da Mulher”. Já a versão impressa mais antiga que tivemos contato, através de sebos, empréstimos e aquisição, datam de 1958. A respeito do ano de 1973 ser cunhado como o da última reedição da Nova Enciclopédia da Mulher ocorreu por motivos similares: os últimos anúncios do material encontramos no Correio Brasiliense, DF, Ed. 4195 (1), de 21 de setembro de 1973. Nas pesquisas em sebos, a reedição mais recente também é associada ao ano de 1973, embora a última edição seja datada de 1968.

<sup>7</sup>Como nas sessões do Diário de Pernambuco, PE, Ed. 267, 22 nov. 1959, p. 10, e do Jornal do Brasil, RJ, Ed. 240, 16 jun. 1972, p. 42.

<sup>8</sup>Baseado no sistema de conversão de valores do site: <http://acervo.estadao.com.br/>.

<sup>9</sup>Estimando o valor de Cr\$ 0,6.

<sup>10</sup>Nome do diretor da livraria do Globo.

<sup>11</sup>Jornal do Dia, RS, Ed. 3555, 21 dez. 1958, p. 8.

magras, cuidando do corpo, da saúde e da aparência. A produção de 1958 era composta por 330 páginas e a de 1968 contava com 370 páginas. O tamanho das duas também era similar. A Enciclopédia da Mulher possuía em 26 centímetros de largura e 35 centímetros de altura. A Nova Enciclopédia da Mulher, por sua vez, media 27 centímetros de largura e 33 centímetros de altura. Grande parte do material era confeccionado em preto e branco, mas possuía algumas páginas coloridas. As impressões em cores estavam concentradas nos capítulos destinados à casa e à culinária. As figuras presentes em 1958 eram, no geral, ilustrações, diferente de 1968 na qual as fotografias ganharam maior espaço, principalmente em relação às figuras de mulheres associadas à “beleza do rosto” com maquiagens, e corpo com “medidas perfeitas”.

A escolha das Enciclopédias da Mulher como fonte principal de estudo, condiz não somente com o conhecimento de sua existência. Realizando uma pesquisa mais apurada sobre este manual, passamos a encontrar vários anúncios nas páginas de diversos jornais do país, como: Diário de Pernambuco (PE), A Cruz (MT), Jornal do Dia (RS), Jornal do Brasil (RJ), Revista do Livro (RJ), Diário de Notícias (RS), Última Hora – Recife (PE), O Cruzeiro (RJ), Correio Brasiliense (DF) e Diário do Paraná (PR)<sup>12</sup>, o que demonstra sua ampla divulgação e circulação no Brasil. Ou seja, uma importante amostra da relevância e necessidade de estudarmos esse material presumivelmente conhecido. Nesses jornais, as obras eram associadas a um utilíssimo exemplar para presentear esposa, noiva e irmãs. Sobre a edição de 1958 falava-se:

Ofereça aos familiares ou pessoas de suas relações, presente de livros, uma lembrança que jamais será esquecida. << ENCICLOPÉDIA DA MULHER >> Tudo que interessa à mulher e à vida familiar de nossos tempos. Obra atualíssima. Cr\$ 1.150.00<sup>13</sup>.

Os anúncios da Nova versão ganhavam tons ainda mais elaborados:

A NOVA enciclopédia da mulher é um livro de grande utilidade para a turma do segundo sexo. As variadíssimas seções ensinam a mulher desde os cuidados com a beleza até sobre as conquistas sociais e políticas conseguidas através de longos anos. Se você for surpreendida com alguns convidados, fora do programa, poderá consultar a enciclopédia e em menos de 1 hora a mesa estará rigorosamente posta, com um lauto jantar; a maquiagem será feita de

---

<sup>12</sup>A pesquisa sobre os registros em jornais dos termos “Enciclopédia da Mulher” (para as décadas de 1950 e 1960) e “Nova Enciclopédia da Mulher” (para a década de 1970) foram realizadas no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. As Enciclopédias estavam ora vinculadas aos materiais publicados pela Editora Globo, ora em forma de anúncios publicitários.

<sup>13</sup>Diário de Pernambuco, PE, Ed. 267, 22 nov. 1959, p. 10.

acôrdo; poderá discutir sôbre os direitos da mulher casada e a melhor maneira de não deixar o bebê nervoso, graças a esse relançamento da Editora Globo<sup>14</sup>.

Possuindo uma escrita alongada, de cunho “educativo” e com várias ilustrações, os manuais clarificavam, já nas primeiras páginas, sua funcionalidade e representatividade cultural e social. Na Enciclopédia de 1958:

Reunir num único volume os conhecimentos indispensáveis à mulher moderna, tal foi a grande preocupação dos editores desta Enciclopédia. [...] É o lar, sem dúvida, o mais importante campo da atividade feminina, e nada haverá nêle que não sofra influxo direto ou indireto daquela que está destinada, pela própria natureza, a ser sua rainha. Para que êsse influxo possa atuar em sentido positivo, isto é, em favor do bem-estar físico, moral e intelectual de todos os membros da família – propiciando ambiente de formação ideal aos filhos – o presente volume subministra à dona de casa utilíssimas sugestões, que muito a auxiliarão<sup>15</sup>.

Em 1968 trazia:

A nova edição da Enciclopédia da Mulher se reveste de tôda uma atualização que se fêz necessária, diante das alterações que a vida moderna impõe de ano para ano. Desde a apresentação gráfica até os conteúdos, tudo foi adaptado em função de uma plena sintonia com a mulher de hoje – suas idéias, seu modo de vida, seus gostos. Esperamos ir ao encontro daquilo que a leitora espera desta Enciclopédia: uma orientação geral, mas segura, sôbre os princípios que regem a vida da mulher em todos os campos – da beleza física à eficiência profissional, do lar à vida social, dos prazeres simples aos momentos de enlêvo intelectual. Aqui se encontra um conjunto de conhecimentos que têm por base divulgar, aquilo que a mulher precisa para viver inteligentemente<sup>16</sup>.

O fato de a Enciclopédia induzir a existência de uma “orientação geral, sobre os princípios que regem a vida da mulher”, pressupunha determinados padrões. A difusão de ideias mais abrangentes de comportamento e aparência levavam à manutenção a longo prazo do ideal feminino, revelando a “necessidade” de conservar ou reverberar atitudes presentes no imaginário social da época, na memória coletiva sobreposta às noções do ser mulher.

---

<sup>14</sup>Diário do Paraná, PR, Ed. 4998, 05 mar. 1972, p. 5.

<sup>15</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 7.

<sup>16</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, orelha.

## Temáticas

Em seus conteúdos, as edições da Enciclopédia traziam diversos assuntos que “permeavam” o universo considerado “feminino”. Para cada tópico, um capítulo: beleza; elegância; moda; trabalhos manuais; casa; trabalhos domésticos; arte da culinária; sociedade e seus costumes; a mãe e a criança; a mulher e seus direitos; vida social; trabalho; folga; férias; esporte; história; arte e literatura. A versão inicial, nomeada “Enciclopédia da Mulher”, foi organizada por Fernand Nathan<sup>17</sup>. Nas edições finais, o manual foi intitulado “Nova Enciclopédia da Mulher”, passando a ser organizado por Micheline Bertrand<sup>18</sup>. Talvez, o uso da palavra Nova na edição modificada, revelasse mais do que as atualizações na “vida moderna” da mulher. A mudança na organização do manual, de um homem para uma mulher, manifestaria os possíveis ares pretendidos nessa renovação. Ares não necessariamente modificados em estrutura e fórmula, mas com um pano de fundo diferente, uma sensação de modernidade mesmo que mantendo as arestas do antigo – de um modelo de mulher pré-concebido e estabelecido. De acordo com Leoní Serpa, vemos que nem sempre a promessa do “novo” se fazia verídica nas edições dos materiais dedicados ao público feminino:

O “novo”, que ao mesmo tempo não alterava o “velho”, vinha não para modificar a realidade, mas para servir de pano de fundo para as ânsias de liberdade e de progressos femininos que pipocavam pelo país, pelo mundo; para escamotear uma situação social de muitas reivindicações de direitos, sobretudo, para manter inalterados os padrões familiares e sociais em relação às mulheres e as suas vidas domésticas de submissão aos pais e maridos<sup>19</sup>.

Essas explicações encaixam-se com a própria estrutura das versões da Enciclopédia da Mulher. Mesmo tendo sido organizada primeiro por Nathan e posteriormente por Bertrand (com o acréscimo do “Nova”), a disposição de ambas as edições foi basicamente a mesma. Detendo-nos às autorias dos capítulos, vemos também que eles foram escritos, em sua maioria, por mulheres francesas e traduzidas e adaptadas por mulheres brasileiras.

---

<sup>17</sup>Editor francês que publicava enciclopédias relacionadas à “mulher”; à área “médica” e à “prática do desenho”.

<sup>18</sup>Organizadora, editora e tradutora, principalmente, de livros infantis na França.

<sup>19</sup>SERPA, Leoní. Modernidade, Mulher, Imprensa: A Revista o Cruzeiro no Brasil de 1928-1945. Curitiba: Appris, 2017, p. 33.

Tabela 1: Enciclopédia da Mulher

Organização: Fernand Nathan

CAPÍTULO	AUTORIA	TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO
A mulher e a beleza	Georges Le Cerf	Elsa Lima Ribeiro
A elegância e a moda	Hélène des Cognets	Maluh de Ouro Preto e Amélia Vallandro
Trabalhos manuais	Hélène des Cognets	Amélia Vallandro
A casa	Lina Bo Bardi (colaboração especial)	Lina Bo Bardi (colaboração especial)
A conservação da casa e os trabalhos domésticos	Christiane Cossus	Amélia Vallandro
A cozinha prática e a arte culinária	Germaine Weinstock-Noël	Perpétua M. A. de Lemos
A mãe e a criança	Dra. Monsarrat	Dra. Stella Sylvia Lima
A mulher e a vida social	Yvonne Netter	Amélia Vallandro
A mulher e seus direitos	Yvonne Netter	Fernando Álvarez
Horas de folga	Suzanne Herbinière-Lebert e Simone Lacroix	Maria Eugênia Celso
A sociedade e seus costumes	Dominique de Renoncourt	Maluh de Ouro Preto
A mulher e o esporte	Ghislaine Juramie	Maluh de Ouro Preto
A mulher na História	G. M. Tracy	Maria Eugênio Celso
A mulher na Literatura	G. M Tracy	Elsie Lessa e Maria Eugênia Celso (colaboração especial)
A mulher e a arte	Ghislaine Juramie	Maria Eugênio Celso

Tabela 2: Nova Enciclopédia da Mulher

Organização: Micheline Bertrand

CAPÍTULO	AUTORIA	TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO
A mulher e a beleza	J. Lannoy	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A elegância e a moda	Françoise Calvé	Amelia Vallandro
Trabalhos manuais	Agnés Lecerf	Amelia Vallandro
A casa	Paulo Mayet	Sinval Medina
A mulher e os trabalhos domésticos	Christine Cossus e Paule Mayet	Amelia Vallandro
A arte culinária	Germaine Weinstock-Noël	Amelia Vallandro
A sociedade e seus costumes	Dominique de Renoncourt	Nina Chaves
A mãe e a criança	Micheline Bertrand	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e seus direitos	Maitre Marcelle Kanner	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e a vida social	Maitre Marcelle Kanner	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e o trabalho	Simone Mesnil-Grente	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
Horas e folga	Suzanne Herbinière Lebert e Micheline Bertrand	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e as férias	Anne-Marie Dalbray	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e o esporte	Albert Dahan	Cremilda de A Medina e Sinval Medina
A mulher e a literatura	Sophie Lannes (literatura geral) e Cremilda de A Medina e Sinval Medina (literatura brasileira)	Cremilda de A Medina e Sinval Medina

A autoria de cada capítulo enciclopédico é relevante para compreendermos os olhares mais “conservadoras” ou “liberais, femininas e/ou feministas, a respeito de temáticas similares dentro do manual. Realizando uma apuração acerca de cada autoria, não conseguimos identificar alguns nomes. Os motivos para tanto podem ser vários: de uma carreira mais

reservada à criação de pseudônimos<sup>20</sup>. Mas várias das personagens que deram vida à Enciclopédia da Mulher, tanto na versão francesa quanto na brasileira, de fato existiram ou existem.

Da primeira edição francesa, por exemplo, sabemos que Christiane Cossus era escritora de livros sobre cozinha, eletricidade, refrigeração doméstica e máquinas de lavar<sup>21</sup>. Germaine Weinstock-Noël também escrevia sobre culinária em outras obras editadas por Fernand Nathan, dentre elas *La Bonne Pâtisserie Chez Soi*<sup>22</sup>. Yvonne Netter é conhecida por ser sufragista e advogada especializada em direitos da mulher, refletindo sobre a evolução da distribuição de papéis na sociedade, no movimento feminista e no lugar das mulheres hoje<sup>23</sup>. Suzanne Herbinière-Lebert era criadora de blocos de iniciação sensorial para calcular, produzia materiais para o jardim de infância e livros didáticos para o ensino fundamental<sup>24</sup>. E Ghislaine Juramie, mesmo fazendo parte do capítulo a mulher e o esporte, possui obras são de caráter musical, dissertando sobre nomes como o do compositor Tchaikovsky<sup>25</sup>.

Na primeira versão brasileira temos ciência de Lina Bo Bardi, arquiteta modernista conhecida por ter projetado o Museu de Arte de São Paulo<sup>26</sup>. Famosa também é Maluh de Ouro Preto, cronista, tradutora (proficiente em cinco línguas), escritora premiada pela Academia Brasileira de Letras<sup>27</sup>. Amélia Vallandro coordenou a escrita de livros relacionados à culinária da Editora Globo, como *Doces de Pelotas e Receitas de Doces*<sup>28</sup>. Perpétua M. A. de Lemos era outra escritora de vários livros de culinária pela Editora Globo<sup>29</sup>. Maria Eugênia Celso, tradutora de *Horas de Folga*, era uma poetisa mineira, com escritos em língua nacional e

---

<sup>20</sup>Muitos dos escritores das colunas e revistas femininas eram homens que, quando não usavam o próprio nome para assinarem seus escritos, utilizavam codinomes femininos. Essa era, inclusive, uma estratégia da imprensa feminina para se aproximar da leitora, ou seja, uma mulher escrevendo para outras mulheres como “ser feminina”, “ser mulher”.

<sup>21</sup>Fonte: [https://data.bnf.fr/fr/11141108/christiane\\_cossus/](https://data.bnf.fr/fr/11141108/christiane_cossus/). Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>22</sup>Fonte: <https://www.amazon.fr/Weinstock-No%C3%ABl-Bonne-p%C3%A2tisserie-chez-soi/dp/B0019TR4B4>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>23</sup>Fonte: <http://base.centre-simone-de-beauvoir.com/DIAZ-510-154-0-0.html>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>24</sup>Fonte: <http://goupil.eklablog.fr/suzanne-herbiniere-lebert-1893-1985-creatrice-des-plaquettes-d-initiat-a148958168>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>25</sup>Fonte: <https://fr.shopping.rakuten.com/s/ghislaine+juramie>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>26</sup>Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/758576/em-foco-lina-bo-bardi>. Acesso em 20 maio 2018.

<sup>27</sup>Fonte: [http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1302&Itemid=29](http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=1302&Itemid=29). Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>28</sup>Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/busca?q=am%E9lia+vallandro>. Acesso em: 14 ago. 2016.

<sup>29</sup>Fonte: Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/Perp%C3%A9tua%20M.%20A.%20de%20Lemos>. Acesso em: 20 maio 2018.

francesa<sup>30</sup>. Já a jornalista e cronista Elsie Lessa entrou no jornal O Globo como repórter nos anos 1940<sup>31</sup>.

Na Nova Enciclopédia da Mulher muitos desses nomes se repetiam. Por outro lado, várias autorias inéditas não foram encontradas em nossas averiguações. Deparamo-nos na edição francesa com Simone Mesnil-Grente, escritora de livros relacionados à relação entre a mulher e a profissão, a mulher e o trabalho<sup>32</sup>; e a jornalista Sophie Lannes, graduada em Direito pelo Instituto de Estudos Políticos e pela Universidade de Cambridge, vice editora chefe de L'Express, e especialista em Música<sup>33</sup>. Os nomes mais recorrentes da segunda versão brasileira são o casal Cremilda de A Medina e Sinval Medina. Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora aposentada da Escola de Comunicação e Artes da USP. Em Porto Alegre lançou-se na atividade jornalística na Revista do Globo. Repórter, redatora e editora, empreendeu-se na reformulação no projeto gráfico dos livros, organizando, inclusive, as versões brasileiras da Enciclopédia da Mulher. Carreira similar à de seu marido, Sinval Medina, jornalista por formação e escritor, autor de romances, crônicas, contos, ensaios, poemas e histórias infanto-juvenis<sup>34</sup>. Por fim, a jornalista Nina Chaves, que foi primeira editora e criadora do nome do Caderno Ela no jornal O Globo, recebendo a incumbência de criar um suplemento com coluna social<sup>35</sup>.

As possíveis diferenças nas abordagens e linguagens de cada capítulo sofreram, provavelmente, os efeitos das visões de seus autores, tradutores e adaptadores. Assim como as possíveis mudanças e permanências, a respeito do papel da mulher na sociedade, passaram pelo crivo daqueles que produziam as Enciclopédias. Essas ocorrências expunham os conflitos de pensamento inerentes à vida em sociedade de uma época. No entanto, como nosso intuito é promover uma análise do manual focando em nosso objeto de pesquisa, ou seja, nas representações do feminino, conduziremos nossos olhares às partes de um todo, na mensagem maior que os organizadores do material pretendiam transmitir.

---

<sup>30</sup>Fonte: [http://www.antonioiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/maria\\_eugenia\\_celso.html](http://www.antonioiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/maria_eugenia_celso.html). Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>31</sup>Fonte: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/elsie-lessa-10926342>. Acesso em: 20 maio 2018.

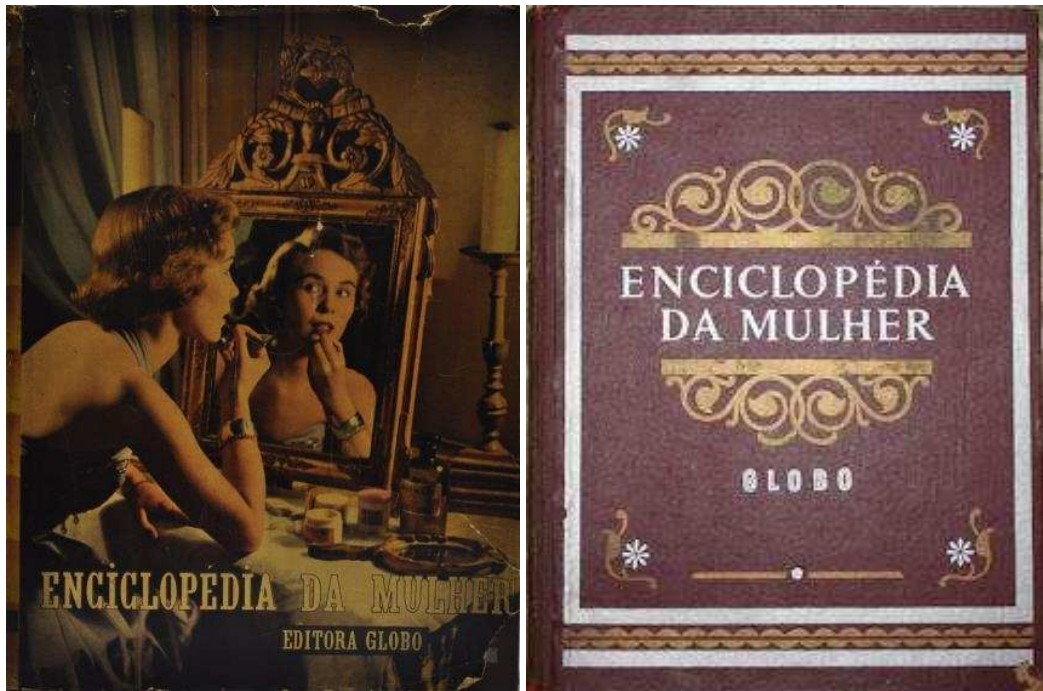
<sup>32</sup>Fonte: <https://fr.shopping.rakuten.com/s/simone+mesnil+grente>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>33</sup>Fonte: [https://data.bnf.fr/fr/12618260/sophie\\_lannes/](https://data.bnf.fr/fr/12618260/sophie_lannes/). Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>34</sup>Fonte: <http://www.ufrgs.br/fabico/news/palestra-na-fabico-reune-cremilda-e-sinval-medina>. Acesso em: 14 ago. 2016.

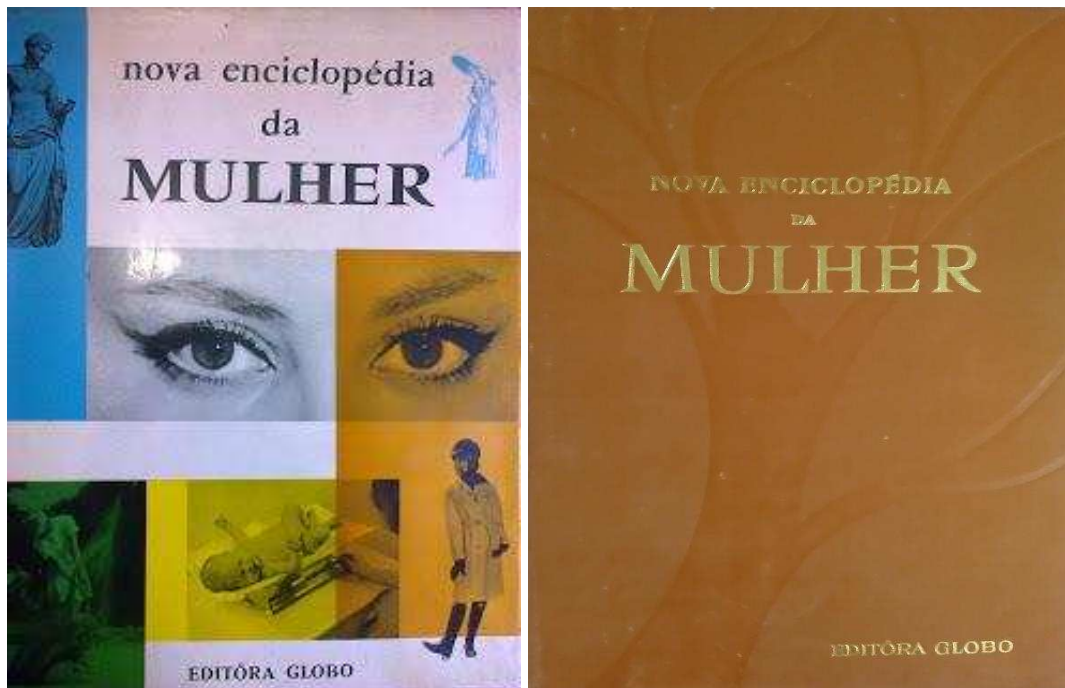
<sup>35</sup>Fonte: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/primeira-editora-do-ela-conta-como-era-fazer-caderno-16951554>. Acesso em: 14 ago. 2016.

Imagem 1: Enciclopédia da Mulher



Fonte: Foto - capa.

Imagem 2: Nova Enciclopédia da Mulher



Fonte: Foto - capa.

## Origem

Mesmo sendo originalmente francesa, não tomamos para análise a Enciclopédia da Mulher produzida na França. Acreditamos que ao se pretender universal, uma enciclopédia abarca noções gerais e globais daquilo que propõe a abordar, nesse caso, a mulher. Ou seja, uma enciclopédia oferece uma visão totalizante de um objeto. Mesmo havendo diferenças fundamentais entre a mulher europeia e a americana (em especial a brasileira), ou seja, nos contextos vividos por elas (culturais, sociais, econômicos, climáticos), a importação desse tipo de material tinha como finalidade representar um padrão de mulher e de feminilidade bem definido – um modelo que prezava a figura feminina branca, heterossexual, de classe média ou alta, predisposta ao casamento, aos filhos e à vida no lar. É isso que nos interessa neste trabalho: problematizar essa representação. Analisar, independente da nacionalidade da enciclopédia, suas pretensões, referências e interferências na postulação do “ser feminina”, do “ser mulher”.

Todavia, cabe destacar que a escolha de reproduzir um manual francês em solo brasileiro não fora fruto de coincidência. Para Carlos Eduardo Dias as grandes navegações no final do século XV, o Renascimento artístico da Europa Ocidental e o Mercantilismo podem ser apontados como o início das relações entre Brasil e França<sup>36</sup>. Mas foi em 1808 com a chegada da família real portuguesa, fugindo das tropas napoleônicas, que as relações franco-brasileiras se estreitaram. A corte portuguesa era muito influenciada pela corte francesa, principalmente nas questões de moda e etiqueta. Muitos dos costumes adquiridos nessa influência foram assimilados pela cultura brasileira. Para Dias com a elevação do Brasil a Vice-reino de Portugal, e a subsequente abertura dos portos para o comércio, pequenas elites foram se formando e o país passou a depender cada vez mais culturalmente dos franceses. Essa “dependência cultural” ficou ainda mais significativa após 1816, quando Dom Pedro I trouxe a Missão Artística Francesa<sup>37</sup>. Em decorrência, tivemos em 1822 a criação da Academia Imperial de Belas Artes, de Museus e Jardins Botânicos que institucionalizaram as artes e as ciências no Brasil.

As interferências francesas também passaram a contemplar aspectos políticos, como no caso do processo de proclamação da República no qual os aparatos iluministas, os ideários

---

<sup>36</sup>DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. As relações Brasil-França na criação do Instituto Butantan. Cadernos de História da Ciência, v. 6, n. 1, p. 107-128, 2010. Disponível em: [http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-76342010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>37</sup>Sob a liderança de Joachim Lebreton, em 1816, chegaram no Rio de Janeiro artistas como Jean Baptiste Debret, Nicolas-Antonie Taunay, Felix Taunay, Sigismund Neukomm, entre outros. A Missão Francesa tinha como objetivo a criação de uma Escola Superior de Belas Artes, com métodos e disciplinas sistematizadas. DIAS, Op. Cit., 2010, p. 111.

franceses, se sobressaíram<sup>38</sup>. Dias afirma que muitas das ideias francesas foram trazidas por jovens da elite que saíam para estudar na França, mas retornavam ao Brasil. No cerne dessas ideias estavam a abolição da escravidão, a própria proclamação da República e práticas como a maçonaria. Com a ocorrência de todos esses processos, no final do século XIX tonificaram-se outros desdobramentos como: a vinda de imigrantes substituindo a mão-de-obra escravizada; o início da industrialização; o êxodo rural; a inserção brasileira ao sistema capitalista; o levante de bandeiras progressistas como o positivismo de August Comte; a repercussão da microbiologia de Pasteur (em seu Instituto em Paris), desencadeando a criação de institutos brasileiros de pesquisas liderados por cientistas recém regressos da Europa, como o célebre Instituto Butantan criado no ano de 1899<sup>39</sup>.

Como mencionamos nas relações com a corte, o segmento da moda francesa também galgou alta representatividade no Brasil e em diversas partes do mundo. Para Souza e Custódio a França consolidou a alta-costura e lançou seus modelos através de nomes como Paul Poiret, Jeanne Lanvin, Coco Chanel e Madeleine Vionnet<sup>40</sup>. No entanto, antes da Segunda Guerra Mundial apenas a elite podia aderir aos lançamentos e tendências modistas. Com o significativo avanço tecnológico dos Estados Unidos após a Primeira Guerra e durante a Segunda, o país americano passou a investir nas indústrias de moda e estruturaram o mercado de massa. No final dos anos 1950, Christian Dior foi contratado pelos americanos para desenvolver uma coleção. As criações de Dior, nessa época, possuíam modelos que “acentuavam a feminilidade”: vestidos amplos, cintura marcada, destacando busto e quadris, com saltos altos e pomposos chapéus. As europeias adotaram o “*new look*” de Dior, a moda parisiense foi se sofisticando e nos Estados Unidos a “moda informal” ganhou mais força graças ao público jovem. Na década de 1960, costureiros renomados como Yves Saint Laurent e Pierre Cardin se dedicaram às coleções de alta-costura e às de prêt-à-porter<sup>41</sup>.

Já no campo acadêmico, em especial da História e Geografia, cabe destacar a presença dos franceses durante o século XX em território nacional. Durante 1930 e 1940, Fernand Braudel logrou passagem pela Universidade de São Paulo (USP), onde marcou uma geração de historiadores iniciantes formados na subseção de Geografia e História da Faculdade de

---

<sup>38</sup>Ibidem, p. 111.

<sup>39</sup>Ibidem, p. 114.

<sup>40</sup>SOUZA, Valdete Vazzoler de; CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. Fotografia: meio e linguagem dentro da moda. Discursos fotográficos, v. 1, n. 1, p. 231-251, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/1474/1220>. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 234.

<sup>41</sup>Ibidem, p. 235.

Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)<sup>42</sup>. Para Paulo Henrique Martinez tratou-se de “um projeto intelectual, didático e investigativo” que fora “legado e posto em execução por aqueles alunos de Braudel”. Figuram-se entre essas iniciativas, “a realização de estudos, pesquisas e cursos, a organização de uma Sociedade de Estudos Históricos (1942) e a criação da Revista de História (1950)”<sup>43</sup>. Prosseguindo, o estudioso completa que:

Os esforços pessoais e profissionais de Fernand Braudel catalisaram o espírito de renovação do conhecimento histórico disseminado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir da década de 1920, aglutinado em torno destes dois historiadores e, desde 1929, nos *Annales d’histoire économique et sociale*, sobretudo ao longo das décadas de 1950 e 1960. Neste período, Braudel consolidou e estreitou uma malha de contatos e relações intelectuais, profissionais e institucionais em distintos países da América Latina e da Europa<sup>44</sup>.

A contemporaneidade desse movimento historiográfico do qual Braudel fez parte à produção dos manuais femininos que analisaremos, nos auxilia na percepção de ocorrências históricas e culturais fundamentais vivenciadas naquele contexto. Em um cenário de constante contato entre Brasil e França nos mais variados campos (cultura, sociedade, política, economia, moda e estudos acadêmicos), podemos inferir que a Enciclopédia da Mulher garantiu seu espaço e ganhou relevância a ponto de ser traduzida e adaptada para o nosso país. A manutenção dos modelos históricos e modistas franceses na edição brasileira, como veremos ao longo do trabalho, só evidenciariam essa estreita rede de conexão estabelecida entre os dois solos.

## Conceitos

Para analisarmos as edições das Enciclopédias da Mulher reproduzidas no Brasil, utilizamos como suporte teórico e metodológico os conceitos de práticas e representações do historiador Roger Chartier<sup>45</sup>. De maneira geral, Chartier trabalha fundamentado na tríade práticas-representações-apropriações no sentido cultural da promoção do pensamento e atuação individual e coletiva na sociedade. Também usufruímos das noções de Le Goff<sup>46</sup> e

---

<sup>42</sup>MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo. *Revista de História*, n. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18929/20992>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>43</sup>Ibidem, p. 11.

<sup>44</sup>Ibidem, p. 13.

<sup>45</sup>CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1988.

<sup>46</sup>LE GOFF, Op. Cit., 1994.

Pollak<sup>47</sup> a respeito da reprodução da função documental e memorial da mídia impressa – com suas derivações sociais, ou seja, o jogo estabelecido entre aquilo que acontece no meio, aquilo que a mídia produz sobre estes acontecimentos, a reformulação destes acontecimentos diante daquilo que a mídia produziu e a lida da mídia com esta reformulação. Um processo de permanências, rupturas e reformulações.

Mesmo utilizando como base as noções centrais desenvolvidas por Roger Chartier, em determinados momentos amparamo-nos em Michel Foucault, em especial em suas análises sobre a produção do discurso. Para Foucault o método discursivo parte de quatro princípios: inversão, descontinuidade, especificidade e interioridade.

Primeiramente, um princípio de inversão: lá onde, segundo a tradição, cremos reconhecer a fonte dos discursos, o princípio de sua expansão e de sua continuidade, nessas figuras que parecem desempenhar um papel positivo como a do autor, da disciplina, da vontade de verdade, é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso. [...] Um princípio de descontinuidade: o fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por eles reprimido e recalçado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim, a palavra. Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não-dito ou um impensado que se deveria, enfim, articular ou pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. Um princípio de especificidade: não transformar o discurso em um jogo de significações prévias; não imaginar que mundo nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor. Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade. Quarta regra, a da exterioridade: não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras<sup>48</sup>.

Consideraremos em nossas análises, principalmente, os elementos referentes à tradição, ao não-dito, à regularidade (ou a ausência dela) e às condições específicas envoltas na produção dos discursos presentes nos manuais femininos. No entanto, compreendemos que ambos os estudiosos (Chartier e Foucault), em determinados pontos, alocam-se em eixos problemáticos

---

<sup>47</sup>POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/issue/view/947>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>48</sup>FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996, p. 51-53.

diferentes. O próprio Chartier afirma que sua noção de práticas e representações se diverge das compreensões de Foucault (“apropriação social dos discursos”) e da Hermenêutica (“aplicação” de uma configuração narrativa), pois uma história das representações inscrita nos livros ou produzidas presume que:

Esta reformulação, que enfatiza a pluralidade dos empregos e das compreensões e a liberdade criadora — mesmo regulada — dos agentes que não obrigam nem os textos nem as normas, distancia-se, em primeiro lugar, do sentido que Michel Foucault dá ao conceito, ao tomar “a apropriação social dos discursos” como um dos procedimentos maiores através dos quais os discursos são dominados e confiscados pelos indivíduos ou instituições que se arrogam o controle exclusivo sobre eles. Distancia-se também do sentido que a hermenêutica dá à apropriação, pensada como o momento em que a “aplicação” de uma configuração narrativa particular à situação do leitor refigura sua compreensão de si e do mundo, logo sua experiência fenomenológica tido como universal e subtraída a toda variação histórica. A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem<sup>49</sup>.

Para Chartier “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção: é pôr em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro”<sup>50</sup>. Assim, indo contra a noção de representação separada de toda materialidade, o autor pensa que:

[...] não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Daí a distinção indispensável entre dois conjuntos de dispositivos: os que provêm das estratégias de escrita e das intenções do autor, e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência de oficina de impressão<sup>51</sup>.

Portanto, Chartier entende que as representações coletivas são como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social, nas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade. Assim, as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais são “representantes”. Trata-se de uma exibição própria de ser no mundo, de significar simbolicamente um estatuto e uma posição. São as formas institucionalizadas e objetivadas em

---

<sup>49</sup>CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext). Acesso em: 20 jan. 2018, p. 179-180.

<sup>50</sup>Ibidem, p. 181.

<sup>51</sup>Ibidem, p. 182.

virtude das quais “representantes” marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe<sup>52</sup>.

Contudo, são as aproximações das teorias desses dois estudiosos que nos permitem utilizá-los como base elementar em nossas compilações teóricas. Pois, apesar das pontuais divergências, Chartier e Foucault tomam a cultura como uma dimensão do comportamento humano. Eles trabalham com o sentido que os indivíduos atribuem à sua realidade. Mais que isso, as discussões que ambos os intelectuais promovem em relação às questões de gênero – um construto fundamental para nossa arguição – permitindo-nos unir e utilizar suas abordagens.

Seguindo, por exemplo, os trabalhos realizados por Michel Foucault sobre estruturas de poder, Roger Chartier fomenta algumas considerações sobre gênero. O Historiador realiza considerações sobre as feminilidades e masculinidades que regem as percepções e as relações de poder nas esferas sociais e culturais de modo semelhante às explanações foucaultianas:

De maneira durável, a construção da identidade feminina tem-se enraizado na interiorização pelas mulheres de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto importante da história das mulheres é assim o estudo dos dispositivos, desdobrados em múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os dois sexos: por exemplo, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública etc. Longe de afastar o real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, muito ao contrário, possíveis desvios e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para assegurar a dependência e a submissão<sup>53</sup>.

Chartier considera que “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação” é um processo histórico e culturalmente construído, firmando-se “como uma diferença de natureza, irreduzível, universal”. Dessa maneira, o essencial seria “identificar, em cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como “natural” (portanto biológica) a divisão social (portanto histórica) dos papéis e das funções”<sup>54</sup>. É nesse sentido, que abarcamos as teóricas de

---

<sup>52</sup>Ibidem, p. 183.

<sup>53</sup>CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1973/1112>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>54</sup>Ibidem, p. 10.

gênero, como Judith Butler e Joan Scott, que problematizam as ocorrências históricas que naturalizam a condição feminina amparada na questão biológica. Aspectos que fundamentam nossa concepção de que as representações do feminino, do corpo e da aparência da mulher são, essencialmente, resultados de construções sociais, culturais, históricas, produtos e produtoras de signos.

Ao reproduzirem e produzirem determinadas compreensões sobre a mulher, materiais como as Enciclopédias acabavam criando pontos de referências. As imagens femininas veiculadas nelas, talvez, cunhassem eixos indicadores até mesmo maiores do que a própria escrita. Sob essas perspectivas que lançamos questionamento inerentes às suas correlações com a memória e identidade, ou seja, em que medida a Enciclopédia da Mulher difundia aspectos ideais que permaneceram e se difundiram na história da mulher brasileira, ou ainda, na formação de sua identidade enquanto mulher?

Nesse passo, acreditamos que a Enciclopédia da Mulher pode ser vista como produto e produtora de memória. Produto, pois, ressignifica as representações e o imaginário acerca do “ser mulher” e do “ser feminina” presentes na sociedade brasileira de meados do século XX. Produtora, porque pode ser tomada na contemporaneidade, juntos aos demais manuais femininos das décadas de 1950 a 1970, como lugar onde foram impressas algumas das concepções da época. Ou seja, nas versões das Enciclopédias estão presentes correntes de pensamento sobre como deveriam ser as práticas sociais das mulheres. Muitas vezes, restritas ao âmbito familiar, estas concepções são reflexo de algumas representações memoriais femininas e midiáticas do contexto.

Andreas Huyssen recorda-nos que “não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória”<sup>55</sup>. Aliado a isso, discute as estratégias específicas de representação e de mercadorização e do contexto do qual elas são representadas. Para ele:

Se reconhecemos a distância constitutiva entre realidade e a sua representação em linguagem ou imagem devemos, em princípio estar abertos para muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias. Isto não quer dizer que vale tudo. A qualidade permanece como uma questão a ser decidida caso a caso. Mas a distância semiótica não pode ser encurtada por uma única representação correta<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup>HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In.: Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 21.

<sup>56</sup>Ibidem, p. 22.

Huysen considera que “a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma”<sup>57</sup>. Como conduziria Foucault, seria a apropriação social do discurso, ou melhor, o controle sobre a produção desse discurso implicando, no caso das Enciclopédias, em concepções de lugares de atuação social das mulheres<sup>58</sup>. Nesse meandro discursivo sobre os lugares sociais das mulheres, deparamo-nos com estudiosas empenhadas em trabalhar a História das Mulheres e a categoria gênero. Assim como, encontramos estudiosos preocupados em abordar os diálogos entre memória, identidade e cidadania, em suas construções midiáticas e sociais. Buscando amparar teoricamente nosso trabalho com um suporte condizente às análises que, mais tarde, debruçaremos sobre a Enciclopédia da Mulher e aos estudos mais detidos destes conceitos. Tomamos como fundamentais as discussões sobre: gênero e memória. Como conceitos complementares, adotamos: História das Mulheres, identidade e cidadania.

## O trabalho

O trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira delas configura-se em três capítulos. No primeiro, intitulado GÊNERO E MEMÓRIA, trabalhamos os conceitos e aportes teóricos que subsidiam nossa pesquisa. Investigamos a História das Mulheres e os estudos de gênero levando em consideração as correntes historiográficas e os momentos históricos circundantes a ambos – em especial os acontecimentos dos anos 1950 a 1970. Partimos para uma análise discursiva sobre *a memória impressa no “ser feminina”*, ou seja, as construções e desconstruções que a mídia imprime na criação de uma memória sobre o feminino, além dos discursos proferidos por outros setores sobre a mulher, em especial o discurso médico. Ao final desta parte, tratamos dos aspectos construtivos sobre a identidade feminina e a cidadania no contexto revolucionário das décadas de 1960 e 1970. Com isso, vislumbramos a compreensão das relações de organização familiar, diferenças sexuais, participação social, política, trabalhista e nos movimentos sociais dirigidos pelas mulheres.

Adentrando com mais propriedade ao momento histórico dos anos 1950 a 1970, temos no segundo capítulo um estudo sobre AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO. Lançando a premissa de que estavam as mulheres em revolução, elucidamos os palcos de nossas análises: Brasil, década de 1950, arena das revistas femininas; e o Brasil, décadas de 1960 e 1970, onde

---

<sup>57</sup>Ibidem, p. 22.

<sup>58</sup>FOUCAULT, Op. Cit., 1996.

floresciam intentes dos movimentos feministas. Dialogando com os conceitos feminino e feminismo conferimos as rupturas e permanências do recorte temporal em periódicos da mídia impressa, em especial, as edições da revista O Cruzeiro. Sob o olhar estético do vestuário, principalmente das transformações decorrentes nas passagens dessas décadas, pontuamos as modas nas mudanças. Mesclando com mais clareza os proponentes da História aos modos da mídia lidar com a mulher e com o feminino, apresentamos os aspectos circunstanciais envoltos em nossa fonte principal: a Enciclopédia da Mulher.

E no terceiro capítulo, A ENCICLOPÉDIA DA MULHER ganha análises mais profundas e concisas. Nela, debruçamo-nos para identificar as representações do feminino, presentes em seus textos e imagens. Investigamos os pormenores de seus capítulos, em cada uma das temáticas: a mulher e a beleza; a elegância e a moda; trabalhos manuais, a casa, trabalhos domésticos, arte da culinária; a mãe e a criança; a mulher e a vida social, a mulher e seus direitos; a sociedade e seus costumes, a mulher e o trabalho; horas de folga, a mulher e as férias; e a mulher na História, no esporte, na arte e na literatura. Por fim, fazemos um apanhado relacional entre Gênero e Memória na Enciclopédia da Mulher, além dos fatores memorialísticos, identitários e cidadãos expressos ou inibidos em suas formulações. Notaremos também as proximidades discursivas entre o manual feminino importado – a Enciclopédia da Mulher – aos produzidos em solo brasileiro, analisados durante o trabalho. Com isso, absorveremos que a figura feminina que circulava na mídia reverberava um ideal social, global. Sendo ele importado ou não, explanava qualificações abrangentes, difundidas de forma ampla, massificando o “ser mulher”, o “ser feminina”.

A segunda parte do trabalho é dedicada à formulação de um “Produto Final”. Trata-se do livreto Mulheres em Revolução. Baseados nas apreciações de caráter teórico, propomos um material que, podendo ser utilizado no meio educativo, problematiza as noções de gênero e memória em relação às representações da mulher pela mídia impressa. Utilizando as análises da Enciclopédia da Mulher e dos demais periódicos destinados ao público feminino das décadas de 1950 a 1970, além dos estudiosos nos quais apoiamo-nos ao longo da dissertação, pretendemos oferecer uma versão mais acessível e aplicável em outros setores da sociedade, que não o meio estritamente acadêmico, que ofereça uma visão histórica sobre as relações culturais pautadas na diferença entre os sexos. Abordando os discursos produzidos sobre o feminino e o feminismo, pretendemos discutir os antagonismos criados e propagados ao longo do tempo sobre as formas de atuação da mulher.

## **PARTE I**

# **CAPÍTULO 1: GÊNERO E MEMÓRIA**

## 1.1 A História das Mulheres e os estudos de Gênero

Os movimentos feministas associados às transformações historiográficas, a partir dos anos 1960, foram fundamentais para a emergência da História das Mulheres e, posteriormente, as discussões sobre gênero, enquanto categoria de análise, auxiliaram ainda mais para colocar foco sobre a questão. O diálogo estabelecido entre a História e as demais ciências sociais, como a Antropologia e a Sociologia, além dos trabalhos realizados pela História Social e pela História Cultural, ascenderam a mulher ao papel de objeto e sujeito da história. Começava, assim, a ser rompido o silêncio e a invisibilidade das mulheres na História e na sociedade.

No entanto, esse movimento histórico e historiográfico não ocorreu de maneira súbita. Carla Bassanezi Pinsky recorda-nos que ainda no século XVIII era discutido se as mulheres de fato seriam seres humanos ou animais irracionais, apenas no fim do século XIX começaram a ter direito à educação, somente no século XX garantiram direitos básicos, como o de votarem e ser votadas, e reconheceu-se que as mulheres tinham uma história e que ela podia ser escrita<sup>59</sup>. História esta que tomaram em mãos a partir de seus movimentos e reivindicações, e que possui hoje consolidação acadêmica, almejando que o público mais amplo tenha acesso às suas discussões<sup>60</sup>. Discussões que evocam uma trajetória. Michelle Perrot afirma que:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade<sup>61</sup>.

Uma das razões para esta mudança na História das Mulheres corresponde, justamente, às diferentes correntes historiográficas que propuseram discuti-la. Na visão de Margareth Rago os estudos da História das Mulheres no Brasil tiveram esse impacto por num primeiro momento estarem associados como desdobramento da História Social, e posteriormente por sua aproximação com a História Cultural<sup>62</sup>. A primeira corrente despontava com a preocupação de

---

<sup>59</sup>PINSKY, Carla B. Apresentação. In.: PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 9-11.

<sup>60</sup>Ibidem, p. 11.

<sup>61</sup>PERROT, Op. Cit., 2017, p. 16.

<sup>62</sup>RAGO, Margareth. *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. In.: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995. Disponível em:

identificar “os signos da opressão masculina e capitalista” sobre a mulher, valorizando temáticas como seu ingresso no mercado de trabalho e os problemas encontrados nesse meio (más condições, salários inferiores, assédio sexual e violência machista), identificando-a como “produto das determinações econômicas e sociais, vítima das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante”<sup>63</sup>. Por outro, a História Cultural começou a dar ênfase às construções simbólicas e culturais das mulheres enquanto agentes de suas experiências vividas.

Rago afirma que a História Cultural se aproxima em muito das formulações de Michel Foucault. O filósofo pós-estruturalista<sup>64</sup> destaca a crítica do sujeito e das identidades, considerando os modos de subjetivação e de objetivação, operantes nas sociedades contemporâneas. Para ele, uma vez que não há “bastidores da história”, não há “atores à espera de seus papéis”, sendo eles sujeitos e objetos, resultados de práticas culturais. Trata-se da desnaturalização<sup>65</sup> dos objetos, conceitos e campos históricos, da não objetivação de práticas determinadas. Daí a crítica de Foucault à História Social, que trabalharia com identidades prontas, anteriores ao fazer histórico<sup>66</sup>.

Adentrando um pouco mais na abordagem cultural, os aspectos teórico-metodológicos trazidos por Roger Chartier nos permitem melhor compreender a relevância de se levar em consideração, nos estudos sobre a História das Mulheres e de gênero, a esfera cultural<sup>67</sup>. O Historiador tentará atualizar a História Social pelo viés da cultura – através do âmbito simbólico, representativo, e da ação social dos indivíduos, suas práticas e apropriações. Realizando a apuração do conceito de “representação coletiva”, o estudioso pondera como os acontecimentos socioculturais se propõem a incorporar nos indivíduos esquemas de percepção e comportamentos que moldam as formas de exibição social, das performances particulares e de suas questões conceituais. Para ele, o conceito de “representação” liga-se em três realidades:

---

[http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>63</sup>Ibidem, p. 82. Apesar das críticas à abordagem conferida à História das Mulheres, Rago considera também que o setor social de lutas e criações, permitiu “subsidiar o movimento feminista, respaldando suas reivindicações e demandas, tanto quanto reforçando o delineamento da dimensão de uma cultura específica das mulheres”. Cf. RAGO, Op. Cit., 1995, p. 86.

<sup>64</sup>Os estudos pós-estruturalistas prometiam ser capazes de relativizar o status do conhecimento, ligar conhecimento a poder e teorizá-lo em termos de operações da diferença. Consideravam que poderiam dizer como as hierarquias de gênero, por exemplo, são construídas e legitimadas, tratando de processos, não de origens; de causas múltiplas, de retóricas e discursos, e não de ideologias e consciências. Tem como expoentes, dentre outros, nomes como Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Gattari.

<sup>65</sup>Sobre desnaturalização nas questões de gênero, Cf. FLAX, J. “Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista”. In.: HOLLANDA, H. B. de. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

<sup>66</sup>RAGO, Op. Cit., 1995, p. 85.

<sup>67</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1988.

a primeira delas consiste nas representações coletivas, que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e que organiza os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais eles classificam, julgam e agem. A segunda diz respeito às formas de exibição do ser social ou da potência política, tais como o rito, os signos e as performances simbólicas. E a terceira e última, refere-se à “presentificação” em um representante individual ou coletivo, concreto ou abstrato, de uma identidade ou de um poder, dotado de continuidade e estabilidade<sup>68</sup>.

As conotações e discussões realizadas por Roger Chartier têm como objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Nesse sentido, a introdução e uso da categoria ‘gênero’, por exemplo, pode ser vista como uma construção de pensamento gerida de acordo com as demandas de um determinado grupo social. De acordo com Francisca Sena, a proposta da abordagem de gênero surgiu como um novo paradigma capaz de desnaturalizar a história da subordinação das mulheres na sociedade. A crítica radical do feminismo reivindicava uma transformação na sociedade, mas também a estratégia de atuação exclusiva das mulheres parecia não garantir essa transformação: “movidas por essas inquietações, feministas estadunidenses passaram a utilizar, no meio acadêmico (na segunda metade do século XX) a categoria gênero [gender] para desmistificar e para reinterpretar as relações sociais”<sup>69</sup>.

Joan Scott, importante historiadora e militante feminista norte-americana deste movimento, afirma que a emergência da História das Mulheres como um campo de estudo envolveu uma disseminação do feminismo para as mulheres em várias partes do mundo<sup>70</sup>. Seu subsequente desenvolvimento teórico para a questão específica do gênero manteve a principal conquista do movimento até então: a politização do debate e sua relação entre o movimento feminista e a História das Mulheres enquanto campo específico de estudo. Para Scott, a relevância em se articular a noção de construção social à noção de poder, aponta para implicações políticas dialógicas entre gênero e poder:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao

---

<sup>68</sup>Ibidem, p. 21.

<sup>69</sup>SENA, Francisca. Mulheres em movimento: construção de relações de gênero na militância política das mulheres. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual do Ceará, 2004. Disponível em: [http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/francisca\\_maria\\_rodrigues\\_sena%5B1%5D.pdf](http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/francisca_maria_rodrigues_sena%5B1%5D.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018, p. 32.

<sup>70</sup>SCOTT, Joan. História das mulheres. In.: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992, p. 65.

significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. [...] Dessa maneira a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro<sup>71</sup>.

Vinculando gênero às formas de manifestação de poder, Joan Scott rompe com o caráter natural da crença na determinação biológica como justificativa para as desigualdades existentes entre os sexos. Dessa maneira, masculino e feminino não são identidades acabadas definidas no nascimento, mas categorias culturais. Trata-se de um constante processo aliado ao contexto social e cultural de determinado lugar e período. Mais adiante, a autora busca ampliar os termos “estudos de mulheres” para “estudos de gênero”. Além de fornecer, segundo ela, maior legitimidade acadêmica distanciando da parcialidade “mulheres”, a neutralidade do termo “gênero” é acordante à objetividade científica. Já Judith Butler, filósofa e também estadunidense, busca por meio da noção de performatividade, conceber o conceito de gênero como efeito, produzido ou gerado<sup>72</sup>. Com isso, tenta realocar o discurso da “construção social da sexualidade” para a “construção discursiva de gênero”<sup>73</sup>. A noção de performatividade permite repensar a linguagem e as identidades, uma vez que são corporificadas e performadas, em vez de pré-formadas. Ou seja, Butler pressupõe que as identidades de gênero não são determinadas internamente, nem representam uma essencialidade. A autora pondera que elas constituem os efeitos de nossas realizações, desestabilizando a noção de identidade como pré-existente e imutável. Para a autora:

O gênero é a estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual cristaliza no tempo para reproduzir a aparência de uma rígida substância, de uma classe natural de ser<sup>74</sup>.

Butler afirma que corpo e linguagem se fundem, ou seja, que os discursos habitam sobre os corpos. Por não pressupor a singularidade de identidade, ela argumenta que não se pode pensar em mulheres (mesmo que no plural) como uma categoria comum e estável de identidade. Aponta para a necessidade de se conceber a construção múltipla e variável de identidade.

---

<sup>71</sup>Ibidem, p. 92.

<sup>72</sup>BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>73</sup>FREITAS, James Deam Amaral. Continuidade e Ruptura nos Estudos de Gênero: Historiografia de um Conceito. OPSIS. Catalão, Goiás. v. 11, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/14529/9495>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>74</sup>BUTLER, Op. Cit., 2003, p. 59.

Assim, são descartadas oposições binárias (homem x mulher) e convenções ontológicas, que por serem legitimadas pelo poder, criam hierarquias e opressão. Opressão e hierarquias estas que se configuraram como via de regra durante boa parte da história em diversas sociedades.

Investigando o panorama brasileiro, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro abordaram a emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero no campo historiográfico, focando nos trabalhos posteriores a 1980<sup>75</sup>. Fundamentaram-se nas elaborações de Joan Scott, e na abordagem por ela conferida à categoria ‘gênero’ em sua publicação *Gênero: uma categoria útil de análise*<sup>76</sup>.

Através dos trabalhos de Soihet e Pedro, vemos que a primeira vez em que se teve uma publicação no Brasil, totalmente dedicada à história das mulheres, foi em 1989, realizada pela *Revista Brasileira de História*<sup>77</sup>. No entanto, a abordagem atribuída aos estudos pretendia reparar uma “história de exclusão”, tendo na questão de ‘gênero’ ainda uma novidade. Quase 20 anos depois, outros impasses começaram a se apresentar. A recorrente realização de simpósios e a formação de grupos de estudos rumavam no sentido de (re)examinar o assunto ‘gênero’, ou ainda para discutir o uso dos termos ‘mulher’ ou ‘mulheres’.

Soihet e Pedro apresentam o quão relevante foi o movimento historiográfico iniciado ainda na década de 1920, na França, pelo grupo dos *Annales*, com Lucien Febvre e Marc Bloch<sup>78</sup>. A visível contraposição ao ideal iluminista-positivista na maneira de ver, considerar e analisar o que seriam fontes históricas foi a “alavanca” para o início de um novo tratamento à história do cotidiano e, por conseguinte, das mulheres. Os movimentos feministas dos anos 1960 vieram, assim, corporificar e conferir novos conceitos na abordagem que atribuía às mulheres a condição de objeto e sujeito da história, principalmente pelo viés da Nova História Cultural. Scott, que expressa total descrédito às correntes historiográficas colegiadas à existência de um sujeito humano universal (homem), ou ainda aquelas que tratavam as mulheres como uma categoria homogênea, coloca na questão de ‘gênero’ um caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, incorporando as relações de poder estabelecido entre homens e mulheres ao longo da história. Scott expressa ser essencial descobrir a amplitude

---

<sup>75</sup>SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281-300, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>76</sup>SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. v. 20, n. 2, p. 71-90, 1995.

<sup>77</sup>*Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, 1989.

<sup>78</sup>DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: Ensaio/Unicamp, 1992.

dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, ou seja, achar quais os sentidos tinham e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la<sup>79</sup>.

Joan Scott considera, no entanto, que ‘gênero’ é apenas um conceito dos estudos sobre eventos relacionados às mulheres, mas que não é suficiente para explicar todos os paradigmas históricos que as envolve. Colocando em evidência a defasagem dos trabalhos acerca do tema, visto como um assunto marginal em relação ao conjunto de disciplinas, a autora propõe como mudança a reformulação dos programas de produção universitária e monográfica. Scott pondera que, pelo fato de a História da Mulher ser frequentemente vinculada a relações do sexo, como na família e no vínculo com a criança, normalmente não está situada em temáticas como guerra, diplomacia e alta política. Apoiando-se assim como Butler na corrente pós-estruturalista, Scott se preocupa com os significados subjetivos e objetivos nas relações entre mulheres e homens, ressaltando as “variáveis contraditórias” atribuídas às diferenças sexuais. Para ela “gênero é a organização social da diferença sexual”, não sendo, porém, uma diferença fixa e natural entre homens e mulheres, mas sim “um saber que estabelece significados para as diferenças corporais”<sup>80</sup>. Soihet e Pedro reiteram ainda as diferentes posturas adotadas na atualidade relacionada aos estudos sobre mulheres. Oposições marcantes, tal como as discussões entre a ‘História de Gênero’ versus a ‘História das Mulheres’ que, no entanto, contribuem de forma incisiva na quebra do silêncio e da invisibilidade para esse campo historiográfico.

## **1.2 A memória impressa no “ser feminina”**

Outro campo socialmente estabelecido também passou a despertar estudos e interesses, no que diz respeito às suas atuações culturais. Trata-se dos meios de comunicação, em especial os meios impressos. Eles sempre tiveram o poder de propagar ideias, lançar moda, influenciar comportamentos e de também serem influenciados por eles. Segundo Michel de Certeau, este é um movimento típico da “indústria cultural”<sup>81</sup>. Um sistema em que a imprensa e os demais meios de comunicação assumem o papel de produtor e difusor cultural, como instituições que propagam um importante aspecto no repertório social: o consumo. Através de seus discursos e propagandas, as mídias conduzem os produtos oferecidos pela indústria e pelo comércio às pessoas comuns, numa dinâmica onde a reapropriação e reinterpretação dos indivíduos, assim

---

<sup>79</sup>SCOTT, Joan. Prefácio a gender and politics of history. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 3, p. 11-27, 1994. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51007>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>80</sup>Ibidem, p. 12-13.

<sup>81</sup>CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

como suas formas de escolha, fazem com que os mesmos sejam mais que consumidores passivos ou espectadores alienados das propagandas. Esse processo de reformulação faz com que essas pessoas comuns se inscrevam em operações criadoras, num constante devir. Vislumbrando essa importante relação estabelecida entre sociedade e mídia impressa, Tania Regina de Luca, trabalhando a Revista do Brasil no século XX, justifica sua escolha em fatores de relevância, principalmente por se tratar de “uma publicação essencialmente cultural”. Segundo a estudiosa, já durante os anos 1920 esse tipo de material despertava interesse por seu caráter diversificado:

[...] os magazines de variedade ou revistas ilustradas constituíam-se no produto mais típico e refinado de mercado de bens culturais. Esses periódicos, elaborados para agradar e divertir um público heterogêneo, recorriam em larga escala à imagens, fotos e ilustrações, e abordavam extensa gama de assuntos: crônica social e política, humor, moda, crítica teatral e de arte, reportagens, poesias, contos, romances, charges, caricaturas, entrevistas, variedades. Muitas reservavam considerável espaço para notas sobre casamentos, aniversários, batizados, banquetes, retratos de homens públicos, artistas e literários famosos<sup>82</sup>.

Tania de Luca aponta para a qualidade estética do produto e de seus colaboradores. Monteiro Lobato, Mário de Alencar e Mário de Andrade figuravam entre os colunistas do periódico. Entretanto, como o ideal dessa imprensa era um texto sempre “leve e variado” estava longe de implicar qualquer compromisso com a realidade e os problemas do país. Utilizando-se das interpretações de Roger Chartier, a autora considera que as formas com as quais são representadas ou não determinados assuntos condiz com a tentativa de um certo grupo de impor sua concepção de mundo social, ou seja, os valores que são os seus e o seu domínio. Daí a necessidade de discernir a posição de quem fala. O fato de as fotografias terem ganhado mais espaço dentro da publicação ao longo do tempo, por exemplo, remonta para o uso de renovados recursos em prol de certos direcionamentos. É nesse sentido que a publicidade e as imagens por ela vinculadas captam, criam e invadem nossas percepções de mundo, inclusive nos aspectos que rondam as noções que temos sobre as “funções” de gênero e os papéis desempenhados por homens e/ou mulheres. Para Roberta Colella,

As imagens publicitárias que vemos repetidamente afetam os nossos pensamentos, as nossas emoções e os nossos comportamentos. [...] a investigação de análise de conteúdo de estereótipos de gênero na publicidade coloca a sua ênfase na verdade ou falsidade destas representações, afirmando

---

<sup>82</sup>LUCA, Tânia Regina de. A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1998, p. 56.

que, na verdade, as propagandas de imagens não são nem falsas nem verdadeiras, são reflexos da realidade social, porque são, de fato, parte da realidade social<sup>83</sup>.

Tratam-se de representações, que como afirma Colella não são nem verdadeiras nem falsas, apenas reflexos daquilo que é praticado socialmente, mesmo porque, as propagandas de imagens estão inseridas nesse meio, são intrínsecas a ele. De certo, a mulher não está imune e acaba por absorver os resquícios desse processo de disseminação e reformulação. Trabalhando o contexto europeu, o autor Gilles Lipovetsky afirma que ao difundir informações de estética com fotografias e conselhos sobre a aparência e a “sedução”, a imprensa feminina, junto ao público feminino, impõe-se como um “agente de democratização do papel estético do corpo da mulher e como um dos grandes instituidores da beleza feminina moderna”<sup>84</sup>. Os anos 1950, por exemplo, foram essenciais para a propagação de ideais mais abrangentes nesse sentido. Vale lembrar que os membros da aristocracia tradicional e os novos-ricos foram os primeiros leitores de revistas de moda ainda no início do século XX. Para “fazer parte” da elite, ter muito dinheiro não era o suficiente, era imprescindível ser elegante e agir com decoro<sup>85</sup>. Todavia, a vida das mulheres nesse período mudava com a já adquirida inserção nos empregos fora do lar, os avanços técnico-científicos e educacionais. As revistas precisavam comportar o mesmo dinamismo, embora tivessem dificuldades em identificar apenas um tipo de mulher como público-alvo. Para manterem-se interessantes para esses públicos eram necessárias concepções mais generalistas:

Lembrete útil às recém-casadas: Tenha sempre consigo uma grande dose de entusiasmo para com sua casa; não esqueça que esse entusiasmo irradiará por todo o seu lar, refletindo-se nas flôres com que você enfeita a sala, nos pratos que prepara e que vão influir no espírito de seu marido. É preciso não confundir entusiasmo com exaltação: quando já se passou da casa dos dezessete anos, essa exaltação é mera infantilidade<sup>86</sup>.

O opressor cultural: O advento da pílula, que eliminou a gravidez não desejada, o declínio da taxa de natalidade (nos países industriais) e a maior

---

<sup>83</sup>COLELLA, Roberta. A Imagem da Mulher nas Revistas de Moda: o caso da Vogue. Relatório de Estágio em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015, p. 24. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/29877/1/tesicompletaRobertaColella.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>84</sup>LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 46.

<sup>85</sup>PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). História da vida privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>86</sup>Jornal Última Hora, 12 abr. 1964, p. 9.

longevidade da mulher – tudo isso significa que uma parte menor da vida feminina é dedicada à tarefa de educar e cuidar de crianças<sup>87</sup>.

Dessa forma, “os conteúdos [das revistas] eram simples: sugestões para a gestão da casa e conselhos práticos de estilo e de beleza”<sup>88</sup>. Com a chegada dos anos 1960 e 1970 as mudanças ocorreriam de maneira ainda mais enérgica. A mulher ia deixando de ser valorizada apenas por sua relação com o lar e a família, dando também prioridade à carreira profissional. Os anos marcados pelas revoluções sociais e os movimentos de emancipação feminina conduziam a novas identidades femininas. As mutações na dinâmica social interferiam nas publicações que sem deixarem de oferecer às leitoras conselhos sobre bem-estar, lazer e feminilidade, passavam a privilegiar temas relacionados à carreira, começando a abordar questões de gênero, conferindo novos olhares ao corpo e à sexualidade. A própria visão a respeito dos periódicos femininos seguia sendo alterada:

Em meados dos anos 70, as feministas consideravam as revistas com conteúdos femininos um exemplo de opressão das mulheres. A publicidade mais não fazia do que assinalar os defeitos das leitoras, convencendo-as de que o uso de determinados produtos podia mudar o seu aspeto e as suas expectativas de vida, garantindo a saída do mundo da insatisfação e o aumento da sua autoestima. A sociedade não tinha interesse em incentivar as novas necessidades das mulheres; bastava manter os parâmetros já definidos da feminilidade<sup>89</sup>.

Foram, justamente, grupos ativistas das décadas de 1960 e 1970, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, que ligaram a ideia “feminilidade” à noção de “estereótipo” e ambos a uma conotação negativa. Isso ocorreu não somente em relação às mulheres, mas também aos negros, latinos, americanos, gays e lésbicas<sup>90</sup>. A mídia encontrava-se em meio às críticas conexas a um juízo de subordinação que ao distorcer suas leituras da sociedade e de seus elementos, denegria, por sua vez, as marcas identitárias existentes. A relação da mulher com sua aparência e comportamento estaria sendo, segundo essa perspectiva, regida de maneira incongruente com o real. O fato, por exemplo, das revistas femininas e a publicidade exaltarem o “uso de produtos cosméticos para todas as mulheres” seria condizente com uma espécie de “massificação” do ser mulher<sup>91</sup>.

---

<sup>87</sup>Jornal do Brasil, 18 mar. 1972, p. 2.

<sup>88</sup>COLELLA, Op. cit., 2015, p. 20.

<sup>89</sup>Ibidem, p. 28.

<sup>90</sup>SILVEIRINHA, Maria João. Os media e as mulheres: horizontes de representação, de construção e de práticas significantes. As Mulheres e os Media. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

<sup>91</sup>LIPOVETSKY, Op. Cit., 2009, p. 119.

Mais uma vez a relevância do contexto histórico-social e suas interferências no comportamento, na aparência da mulher e no “ser feminino” se convertiam em práticas e representações culturais, nas quais a influência midiática auxiliava numa via de mão dupla: ora o rumo visava à apropriação de ideias, conceitos, padrões comportamentais e estéticos; ora tinha-se como meta a “desapropriação” daquilo que é imposto, dado como certo, belo ou preferível, incorporando novos ideais ou resgatando antigos modelos daquilo que “melhor” expressaria a vivência da mulher. Trata-se de um caminho não linear com rupturas e permanências. Algumas rupturas, entretanto, sempre serão passíveis de questionamento quando em vez de destoar-se de um viés opressor, como o engajamento nas lutas por igualdade de direitos entre os gêneros, acabam criando outro.

Uma problematização nesse sentido, em relação à época estudada, encontramos na obra *Histórias e Conversas de Mulher*, de Mary Del Priore, onde a autora descreve que as “carnudas estrelas dos anos 1950”, são substituídas por figuras “esquálidas” nos anos 1960<sup>92</sup>. Segundo Del Priore, um quadro que se estabelece como estigmatizador da gordura, lipofóbico, no qual o padrão de estética burguês do século XIX, que associava riqueza à gordura é deixado para trás. A identidade social, no que diz respeito aos ideais de beleza, ganha novo tônus. Encaixar-se no “modelo da vez” é, para Del Priore, uma maneira de continuar-se oprimindo, não mais pela imposição de uma sociedade sexista de papéis extremamente definidos entre homens e mulheres, mas através das próprias mulheres, que passam a cobrar de si mesmas alcançar tal padrão, por vezes surreal. Ademais, essa visão “opressiva” que seria instaurada pelas próprias mulheres em prol do “estarem na moda” necessita de certos cuidados. Do contrário, cometeríamos novamente o erro de vermos as mulheres como objetos submissos à estrutura ao redor, em vez de indivíduos receptores e reformuladores daquilo que é produzido pela cultura e pela mídia, como agentes condutoras de um processo. A beleza entendida como organismo intrínseco a esse sistema, portanto, mais que imposição, torna-se parte fundamental da vivência feminina. Algo que transmuta nos mais variados setores (ao interligar mídia, comércio e sociedade), conduzindo, inclusive a um sentimento de pertencimento, em que a (des)apropriação de modismos se configura como dado de sua própria representação. As transformações ocorridas nas questões comportamentais e nas noções de beleza em determinada época são, dessa maneira, produto da conversação entre os indivíduos, suas práticas e seu meio.

Ao analisarmos as questões que envolveram as representações do feminino trabalhados pela mídia impressa durante as décadas de 1950 a 1970, deparamo-nos com uma postura

---

<sup>92</sup>DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

específica, de propósitos bem definidos que implicaram em concepções de lugares de atuação social das mulheres. Nesse sentido, cabível nos parece dizer que os periódicos destinados ao público feminino desse contexto podem ser tomados com lugares em que foram produzidas e reproduzidas memórias. Para Pierre Nora os “lugares de memória” pertencem a domínios simples e ambíguos, naturais e artificiais, sobressaindo a mais sensível experiência e a mais abstrata elaboração. São lugares materiais, simbólicos e funcionais<sup>93</sup>. Qualidades que podemos relacionar às fontes impressas, às revistas e jornais destinados às mulheres: tratavam-se de materiais impressos, onde se lançavam simbolismos representativos da mulher e daquilo que ela deveria ser e/ou se tornar desde menina e que, uma vez destinados a um público-alvo e possuindo circulação relevante desempenhavam certa funcionalidade educativa – atinando para a preservação de uma memória que Marcia Sant’Anna considera uma “prática que diz respeito a todas as sociedades humanas”<sup>94</sup>.

Rachel de Barros Pinto Miguel pesquisando sobre o quanto os anúncios publicitários contidos na Revista *Capricho* dos anos 1950 e 1960 estavam a serviço da manutenção e da construção de certos hábitos e atitudes relacionados ao ideal de mulher da época verificou, por meio de entrevistas, a força desse recurso e de suas imagens nas concepções das leitoras do periódico<sup>95</sup>. Para Miguel a revista atuou como um significativo “lugar de memória” para as entrevistadas, participando da constituição de suas subjetividades e contribuindo na construção daquilo que era “esperado” das mulheres que viveram naquele período. Ocorreu uma associação direta entre os textos e imagens das propagandas com aquilo que as leitoras/consumidoras tinham como experiências íntimas, ou seja, suas vivências. Isso aconteceu devido à força exercida pela mídia e pela imprensa na sociedade contemporânea. Corresponde à circulação e difusão de imagens e de comportamentos num sentido educativo. Para Françoise Choay os recursos imagéticos desse porte se configuram como monumento-sinal, no qual pouco importa que “a realidade construída não coincida com suas representações midiáticas”<sup>96</sup>. Assim, além

---

<sup>93</sup>NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUCSP, n. 10, p. 07-28, 1993, p. 21. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>94</sup>SANT’ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). Memória e Patrimônio. Ensaio contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 49.

<sup>95</sup>MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Corpos femininos e publicidade na revista *Capricho* (décadas de 1950-1960). In.: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278297022\\_ARQUIVO\\_textocompleto-Faz.Gen.9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278297022_ARQUIVO_textocompleto-Faz.Gen.9.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>96</sup>CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. Tradução Luciano Vieira machado. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006, p. 22.

da questão imagética acerca da beleza, do discurso proveniente do corpo social e de seu relacionamento com o contexto midiático, o registro textual daquilo que está sendo vivido torna-se primordial para a ilação de determinada conduta. Os periódicos femininos seriam a tentativa de imprimir um estilo de vida padronizado às mulheres num enquadramento social, ou, nas palavras de Pollak, ao enquadramento da memória:

A memória, essa opção coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão social dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis<sup>97</sup>.

Entretanto, nas linhas seguintes de seus escritos, Pollak deixa claro que o enquadramento da memória de um grupo tem limites e não pode ser construído arbitrariamente<sup>98</sup>. As revistas femininas estariam assim em dissonância com parte das mulheres que no final dos anos 1960 não procuravam mais reproduzir ideias coligadas à década anterior: a mulher preparada para a vida do lar, cuidando dos filhos e servindo ao marido. Movimentos de contestação emergiram nesse sentido, ou seja, no esforço de romper certos quadros de referência, pontos de referência. Um ensaio de rescindir com um modelo bem específico de aparência e feminilidade, com os paradigmas em relação às mulheres daqueles contextos. Fatores essenciais para remontar os dilemas, aspirações e coibições circunscritas no cotidiano das mulheres daquele tempo, assim como as concepções da mídia impressa e as acepções do papel da memória produzida e reproduzida nas fontes ligadas ao viés midiático.

Mas, além do discurso midiático, as representações de gênero encontravam-se atreladas a outros tipos de discursos, como o discurso médico. Já no século XIX, como trabalha Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*<sup>99</sup>, a redução feminina aos papéis de mãe e esposa, tutelada ao poder marital e médico, firmava-se numa espécie de acordo:

Historicamente, a redução da mulher ao papel de mãe e esposa devotada representou esse compromisso entre o pai e o poder médico. O homem, expropriado de terras, bens e escravos, através da higiene, colocou suas genitais à serviço do Estado. Em contrapartida, foi-lhe dado o direito de

---

<sup>97</sup>POLLAK, Op. Cit., 1989, p. 9.

<sup>98</sup>Ibidem, p. 10.

<sup>99</sup>COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. A esposa passou a ser sua única propriedade privada. De propriedade jurídico-religiosa, a mulher passou a propriedade higiênico-amorosa do homem<sup>100</sup>.

Referindo-se às mudanças trazidas pela proibição da escravidão, o decreto de laicização do país e a proclamação da República, Costa aponta para uma mudança resguardada no trato da mulher, no qual a esfera médico-higienista passou a dividir com o marido as responsabilidades de “boa conduta” feminina. Em especial no último capítulo do livro, intitulado homens e mulheres, o autor abarca os aspectos do “casamento como instituição higiênica”. Contrapondo-se à figura do “homem-pai”, manequim higiênico do homem, estavam os libertinos, celibatários e homossexuais. O machismo e a paternidade fundamentavam a ordem médico-política: primeiro por servirem de “corretivo aos homens menos hábeis, estimulando-os a alcançar o mesmo desempenho”; segundo por regularem não só a conduta sexual do homem, mas também sua conduta política (habitando-se a considerar a mulher seu único bem, aceitavam com anestesia as explorações dos novos senhores); terceiro por intervirem eficazmente na educação da infância (transmitindo valores imbuídos de cuidado amoroso, preocupando-se com a especificação das diferenças sexuais)<sup>101</sup>.

Na outra face estava a “mãe higiênica”, amante dos filhos e aliada dos médicos. Contrapondo-se a ela estavam as prostitutas e mundanas, além da mulher “nervosa” – tida como cliente dos médicos, inimiga do homem. No tópico a mãe e a mulher, Costa explicita melhor esse jogo relacional:

A redução da mulher à figura de mãe-higiênica processou-se de modo idêntico à passagem do patriarca ao novo pai. O argumento de choque era o mesmo: aumento das responsabilidades para com os filhos. Descritivamente, essa reciclagem da função feminina na família operou-se em dois tempos. No primeiro, a higiene, acompanhando a urbanização, retirou a mulher do confinamento doméstico, liberando-a para o convívio social e o consumo comercial. Esta etapa seria representada pela crítica “mulher de alcova”. No segundo tempo, reforçando a “estatização dos indivíduos”, a higiene procurou reintroduzir a mulher na família, devidamente convertida ao amor filial e ao consumo de serviços médicos. Esta seria a etapa da condenação à “mulher mundana” e à prostituta. A mãe higiênica nasceu, portanto, de um duplo movimento histórico: por um lado, emancipação feminina do poder patriarcal; por outro, “colonização” da mulher pelo poder médico<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup>Ibidem, p. 252.

<sup>101</sup>Ibidem, p. 253.

<sup>102</sup>Ibidem, p. 255.

A conversão normativa da mulher ao estágio ideal de mãe higiênica pautava-se primeiramente, dentre tantas “boas práticas”, à amamentação. Realizada pela mãe (e não a cargo de mulheres que poderiam ter doenças venéreas contaminando a criança, degenerando as gerações subsequentes) passou a ser estritamente recomendada (diferentemente do século XVIII, no qual, escravas negras e mulatas amamentavam a prole de suas senhoras). Se uma lactante fosse necessária, a preferência seria dada a mulheres brancas de elite. Comparar a mulher às demais fêmeas era uma das táticas utilizadas pelo discurso médico nesse incentivo (baleias, leas e panteras não recusavam a mama às suas crias). A mãe pobre, sendo desnaturada, não obedeceria necessariamente a essa recomendação. Já a rica, munida de favores, bens e fortuna, não teria razão para não a fazer. Caso deixasse de amamentar sua criança, esta mulher afortunada também seria tomada por desnaturada, pois deixaria de cuidar bem dos filhos, de dar amor a eles. Temos aí uma faceta importante na relação entre mulher e higiene: a culpabilização.

Para Costa a disciplinarização da amamentação regia-se em três objetivos principais. O primeiro, vinculava-se ao “uso higiênico do tempo livre da mulher na casa”, “livrando-a dos perigos do ócio e dos passatempos nefastos à moral e aos bons costumes familiares”<sup>103</sup>. O segundo, dizia respeito ao fato da detenção doméstica da mulher, através da amamentação, estar ligada à concorrência com o homem. Ou seja, com a emancipação do patriarcado colonial gerou-se uma “entusiástica onda de independência feminina”:

A urbanização insuflou este movimento promovendo a mulher em vários sentidos. Concedeu-lhe, por exemplo, a maioridade enquanto consumidora de artigos industrializados. Habitou-se ao gosto mais refinado do comércio e da moda europeia. Em seguida, levou-a do requinte do corpo ao requinte do espírito. A mulher instruiu-se e cultivou-se. Passou a ler mais. Sobretudo novelas e romances, onde encontrava frequentemente opiniões favoráveis à emancipação feminina<sup>104</sup>.

Complementando o “perigo emancipatório” da mulher, o terceiro motivo pela ênfase na obrigação do aleitamento materno condizia com a pretensão de coesão do núcleo familiar. Tomava-se que “mulher que não amamentava dissolvia a família”. Seria, nos dizeres médicos, o “afrouxamento dos laços familiares”. A perda de laço entre pais e filhos, esposo e esposa, e entre irmãos<sup>105</sup>. Outra espécie de anormalidade que colocava em perigo a integridade e

---

<sup>103</sup>Ibidem, p. 258-259.

<sup>104</sup>Ibidem, p. 259.

<sup>105</sup>Ibidem, p. 261.

manutenção familiar era a enfermidade feminina se não conduzida pelas vias médicas. Nesse sentido, loucura e doença auxiliavam na domesticação da mulher ao mundanismo. Irritabilidade, clorose, palpitações, vapores, epilepsia, histeria e loucura eram tidas, inclusive, como motivações para moças solteiras casarem e resolverem o “problema”, em dito popular, o famoso “quando casar passa/sara”. No caso da desposada, sofrida dos nervos, Costa complementa que a “higiene institucionalizou o nervosismo da mulher” bem como instaurou o “sexo higiênico”, afinado com a sociedade que o produzia<sup>106</sup>.

Trazendo para o contexto o panorama de São Paulo dos anos 1890 a 1930 e reforçando as desinências levantadas por Jurandir Freire Costa, Maria Izilda Santos de Matos<sup>107</sup> pontua que em nome do engrandecimento da nação e a partir da expansão urbana e da institucionalização da medicina enquanto produtora de um saber teórico e prático, passou-se a imperar o cientificismo-higienismo. Baseado nas teorias de Pasteur e de Kock, o paradigma microbiano e bacteriológico se expandiu<sup>108</sup>. A compreensão da causa, transmissão e cura das doenças transformaram hábitos e atitudes, de modo que a figura do médico se tornou decisiva, normativa. Para Matos este processo permitiu que os médicos expandissem seu controle sobre a família, “normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando os sexos e os prazeres”<sup>109</sup>. Propalando a necessidade de uma profilaxia antimicrobiana nos lares, o discurso médico conduzia à mulher a principal responsabilidade. Deveria ela ser responsável pela saúde e bem-estar de sua família. Como dona de casa, deveria ter controle sob os mandamentos da higiene. Por isso, apreender o discurso médico, era imprescindível:

A educação feminina torna-se um ponto chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A “nova mulher”, submetida à tutela médica, além de se constituir num agente familiar da higiene social, deveria tornar-se o baluarte da moral da sociedade e, dessa forma, as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães às suas filhas a partir da adolescência e puberdade<sup>110</sup>.

Matos acrescenta que segundo estas disposições, a mãe deveria vigiar a educação moral das filhas, assim como a boa conduta, em especial sobre a sexualidade. Precisava dar uma educação sexual a elas, preparando-as para a futura vida de mães e esposas. Isso, já nas décadas

---

<sup>106</sup>Ibidem, p. 273.

<sup>107</sup>MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930. Diálogos, DHI/UEM, v. 4. p. 77-92, 2000.

<sup>108</sup>Ibidem, p. 79.

<sup>109</sup>Ibidem, p. 79.

<sup>110</sup>Ibidem, p. 80.

de 1910 a 1930. Ainda sob a ótica médica, o trabalho feminino fora do lar era estritamente condenado, a não ser em condições altamente precárias nas quais a renda da mulher seria fonte imprescindível para a subsistência da família. Daí o discurso médico tratar de normatizá-lo. Fora essa condição, eram as questões morais fontes das maiores preocupações:

O trabalho feminino externo provocava indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais. Predominava a representação simbólica ideal da mulher dedicada às tarefas do lar, enquanto o trabalhador masculino deveria assumir seu papel de único arrimo de família. Condenava-se o trabalho extra-doméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e da capacidade de desempenho das funções maternas, além de elemento nocivo à mortalidade, comprometedor de dignidade feminina, responsável pela mortalidade infantil e pelas desordens sociais, tendo como conseqüências nocivas o abandono de crianças, a marginalidade, a tuberculose e a prostituição<sup>111</sup>.

A autora aponta para uma “fraqueza moral” atribuída às mulheres, como algo endêmico à sua natureza, na qual o trabalho coletivo encontrava terreno fértil para se manifestar. Já em relação aos indivíduos do sexo masculino, a fala médica atuava em campanhas contra o alcoolismo ou doenças venéreas, buscando combater hábitos que poderiam desvencilhá-lo do trabalho, da função de provedor, de marido fiel, atencioso com os filhos ou trabalhador. Desse modo, justificava as funções tradicionais atribuídas aos sexos, como se estivessem enraizadas anatomicamente e fisiologicamente em cada um deles. Matos infere que “o evolucionismo e o positivismo, teorias que circulavam nos meios médicos dos finais do século XIX, justificavam com a diferença biológica dos sexos as desigualdades sociais e culturais entre homens e mulheres”<sup>112</sup>. Enfatiza que o discurso médico:

[...] desqualificava as mulheres que não desejavam ser mães, questionava o aborto, denunciava como alarmante as práticas abortivas, pregava uma política de punição à prática clandestina, sendo preocupação de alguns o estabelecimento de um serviço de planificação familiar<sup>113</sup>.

Esta desqualificação ao não desejo da maternidade e a condenação do aborto pautava, mais uma vez, o exercício da moral social. No entanto, estes dois últimos aspectos (aborto e maternidade) ganhavam entonação diferenciada se analisado o discurso médico, em especial o

---

<sup>111</sup>Ibidem, p. 83.

<sup>112</sup>Ibidem, p. 85.

<sup>113</sup>Ibidem, p. 88.

discurso psicanalítico, propalado em outro estado do país no mesmo período. Trabalhando a circulação e apropriações da psicanálise pela psiquiatria no Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940, Rafael Dias de Castro<sup>114</sup> nos mostra que mesmo sendo a maternidade afirmativa da completude feminina, o trabalho fora do lar não era condenado, apenas orientado às “melhores profissões”. Desse modo:

[...] o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos afastaria a menina da masculinidade, conduzindo-a ao desenvolvimento da feminilidade. [...] o discurso dos psiquiatras confirmava que, pelo próprio formato dos órgãos sexuais, ficaria evidenciado o papel social que caberia em cada um: o homem seria o ser que agride, másculo e vigoroso, o ser externo, do trabalho intenso e ativo (expressão social da autonomia do pênis); a mulher seria o ser que espera, o ser passivo, que acolhe, que se entrega entre o poder e imposição do homem (expressão social da anatomia da vagina)<sup>115</sup>.

Assim, conduzidas pela anatomia de seu sexo e pelos indistintos de acolhimento, espera e altruísmo, as mulheres seriam exímias enfermeiras, professoras, pediatras. Desempenhariam com maestria, também, cargos que sublimassem a masturbação feminina, o uso dos dedos, como costura, datilografia, instrumentistas de cordas. Todas essas profissões correspondiam devidamente aos seus impulsos vaginais<sup>116</sup>.

Em relação ao aborto, Castro aponta a utilização de temas polêmicos como este (e o sexo antes do casamento, por exemplo), por parte dos psicanalistas, na intenção de clarificar o “enriquecimento da mulher na sociedade”, ou seja, “sua responsabilidade para com o futuro da civilização”:

Os psiquiatras demonstravam acreditar no poder civilizatório da mulher, percebida como aliada maior no processo de intervenção junto à família, à criação dos filhos e no combate às práticas degenerativas (como o alcoolismo e as doenças venéreas, doenças tidas como masculinas por sua prevalência). Obviamente, suas ações preventivas e corretivas somente seriam consideradas eficazes se fossem orientadas e amparadas por outras mãos, dotadas de competência científica: os representantes da “elite intelectual médica”<sup>117</sup>.

Um mecanismo de “ações” preventivas conduzidas pela competência médica também ocorria numa outra área, que não a psiquiatria. Tratava-se, mais especificamente, da saúde física

---

<sup>114</sup>CASTRO, Rafael Dias de. A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado': o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

<sup>115</sup>Ibidem, p. 251.

<sup>116</sup>Ibidem, p. 251-252.

<sup>117</sup>Ibidem, p. 250.

da mulher: a ginecologia. Estudando o panorama médico mineiro, entre os anos 1890 e 1950, Rita de Cássia Marques foca na medicalização e saúde da mulher belo-horizontina<sup>118</sup>. Com a inauguração da capital mineira, Belo Horizonte, em 1897, a elite da nova cidade (atentando-se para a carência médico-hospitalar) mobilizou-se em torno da instalação de um hospital. Assim, em 1899 a Santa Casa de Misericórdia iniciava seu atendimento. Além das construções em alvenaria, dos novos equipamentos e técnicas, passaram a configurar os locais de atendimento, médicos especialistas vindos de outras localidades. Dentre eles, o primeiro ginecologista: Dr. Hugo Furquim Werneck (1878-1935).

Werneck chegou a Belo Horizonte no ano de 1906. Se preocupou principalmente com a implantação dos serviços adequados de assistência médica à mulher que, juntamente aos seus filhos, seria vítima de mortes desnecessárias. Diferentemente dos demais profissionais dessa especialidade, autodenominados “médico de senhoras”, Werneck foi o primeiro a se anunciar como ginecologista e a nomear os procedimentos que poderia realizar: “tratamento dos tumores do útero e seus anexos, prolapso e desvios do útero, autoplastias do colo e da vagina, tratamento radical dos ectropions e endocervites, cura da esterilidade e da dismenorreia”<sup>119</sup>.

No entanto, Rita Marques aponta para uma problemática: “o moralismo foi um grande obstáculo à medicalização”<sup>120</sup>. Desse modo, “o apelo à sacralidade da maternidade e aos valores cristãos da população foi a solução adotada por Werneck”<sup>121</sup>. Com sua morte, em 1935, foi aberto concurso no ano de 1937 para a sucessão da cátedra ginecológica. Obteve a vitória Clóvis Salgado, mineiro de formação acadêmica e atuação médica carioca. No entanto, foi acusado de “ateu”, fato que dificultou bastante o estabelecimento de uma boa clientela. Logo, a vitória de Salgado na Faculdade de Medicina teve por consequência o fechamento da Santa Casa de Misericórdia<sup>122</sup>. Após esse fato, Marques completa revelando os novos passos de Clóvis Salgado:

Clóvis Salgado, impedido de entrar na Santa Casa, ministrava somente aulas teóricas, até conseguir fundar, em 1939, um pequeno hospital de Ginecologia, nas proximidades da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Entregue à administração das irmãs vicentinas e conhecido pelo nome de “Pavilhão da Medalha Milagrosa”, com seus 26 leitos, conseguiu ser mais uma referência para o atendimento à saúde da mulher. Em 1957, foi incorporado ao Hospital

---

<sup>118</sup>MARQUES, Rita de Cássia. O início da medicalização do atendimento à saúde da mulher em Belo Horizonte. REME: Revista Mineira de Enfermagem, 4(1/2) p. 70-76, jan./dez., 2000. Disponível em: <http://reme.org.br/exportar-pdf/834/v4n1a14.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>119</sup>Ibidem, p. 71.

<sup>120</sup>Ibidem, p. 72.

<sup>121</sup>Ibidem, p. 73.

<sup>122</sup>Ibidem, p. 74.

das Clínicas da Faculdade de Medicina. Com a inauguração do Hospital de Ginecologia, Clóvis Salgado pôde ministrar as aulas práticas e realizar cirurgias. Salgado introduziu o exame de colposcopia, que a partir de 1943 foi utilizado nos consultórios para fazer a prevenção do câncer do colo uterino. O Dr. Clóvis trouxe seus próprios assistentes, que o ajudaram a ampliar o atendimento ao parto na cidade<sup>123</sup>.

O cenário belo-horizontino de implementação e expansão dos cuidados ginecológicos ocorria também em outras partes do país: caso demonstrativo da nova capital do país, Brasília, durante fins dos anos 1950 e início da década de 1960. Sob essa perspectiva e recorte temporal, Gilberto Hochman<sup>124</sup> desnuda o programa de saúde pública do governo de Juscelino Kubitschek. Segundo o autor, até mesmo o slogan utilizado, “o Brasil não é só doença”, estava em sintonia o otimismo sanitário que vigorava nas duas primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial. A disponibilidade dos novos recursos preventivos e terapêuticos, como inseticidas, antibióticos, sulfas e antimaláricos, gerava ânimo aos “governos, agências bilaterais de cooperação e organizações internacionais, a formular e implementar programas de saúde visando controlar, e mesmo erradicar, doenças no chamado mundo subdesenvolvido”<sup>125</sup>.

Para tanto, foi adotado o chamado “sanitarismo campanhista”, que enfatizava as intervenções sanitárias centralizadas, verticais e tecnologicamente orientadas. Acreditava-se que, solucionando-se os problemas sanitários romper-se-ia os obstáculos ao desenvolvimento<sup>126</sup>. Outra face desse desenvolvimento dizia respeito a ideais sobre o controle da natalidade e diminuição da pobreza. De acordo com Tonia Costa o corpo da mulher, mais uma vez, ganhava tónus discursivo<sup>127</sup>. Para a autora desde 1960 “os planos de desenvolvimento internacional promovem o controle populacional como forma de diminuição da pobreza, expresso no investimento maciço na pesquisa de métodos anticoncepcionais”. Com a disseminação dos métodos contraceptivos e mudança de valores no que diz respeito ao desenvolvimento de técnicas (inclusive de esterilização cirúrgica), a esterilização que ocorria

---

<sup>123</sup>Ibidem, p. 74.

<sup>124</sup>HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p. 313-331. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702009000500015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000500015). Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>125</sup>Ibidem, p. 315.

<sup>126</sup>Ibidem, p. 316.

<sup>127</sup>COSTA, Tonia; ET AL. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 10, n. 20, p. 363-380, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2006.v10n20/363-380>. Acesso em: 10 jan. 2019.

com finalidades eugênicas<sup>128</sup> passou a ser escolha voluntária. Uma “solução para o controle da fertilidade, legitimada pela medicina e até financiada pelo Estado”<sup>129</sup>.

Isso não quer dizer, entretanto, que a mulher que colocava a carreira profissional como ponto primordial em sua vida, aquela que utilizava métodos de contracepção para retardar ou evitar a vinda de filhos, ou ainda aquelas que cometiam o aborto, tivessem deixado de ser taxadas ou apontadas pela sociedade como não cumpridoras de seu papel fundamental: a maternidade advinda do casamento. No entanto, propagando “maneiras corretas”, históricas e culturais, de se pensar e agir – similar ao trabalho realizado pelos jornais e revistas que, voltados ao público feminino, construía ou reconstituía modos de vivência, jeitos de se enxergar o presente –, os discursos médicos tinham grande poder em relação ao corpo e ao comportamento da mulher. No mais das vezes, rememorando certas correntes de continuidade como seria, por exemplo, o ideal de família a ser mantido, aos preceitos higiênicos cuidadosos para esta manutenção, ou às regras comportamentais a serem repassadas no sentido estrito do bem-fazer, do bem-manter a ordem moral da sociedade, do bem manter a memória que esta sociedade construía de si mesma. A presença dos discursos médicos nos discursos midiáticos, sobre a mulher, intensificaria ainda mais a corrente de continuidade sobre determinadas representações do feminino. Seria a potencialização e propagação da memória pública.

Destarte, como conduz Huyssen, “sabemos que a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma”<sup>130</sup>. Nesse sentido, o uso memorial marca-se por aspectos bem definidos de acordo com o meio no qual está inserido – projetando-se como marca essencial do seu contexto político. Na visão de Luciana Heymann isso ocorre, pois:

Sem reiterar estereótipos ou projetar idealizações, parece claro que a memória assume significados diferentes, dependendo da realidade social na qual se manifesta. Os “usos” da memória, portanto, diferem significativamente conforme o contexto social e político, suas características históricas e culturais. Se é verdade que hoje o interesse pela memória assumiu uma

---

<sup>128</sup>A eugenia é entendida como um conjunto de ideias e práticas referentes a um “melhoramento da raça humana” ou um “aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade”. Criada por Francis Galton no século XIX, esta corrente de pensamento teve grande sucesso na ciência e foi mantida como justificativa para comportamentos discriminatórios e racistas. Nas primeiras décadas do século XX ganhou expressão no Brasil na intenção de contrapor a situação de “atraso” vivida pelo país. Segundo o eugenismo, a hereditariedade determinaria o destino do sujeito, colocando-o numa categoria “inferior” ou superior. Cf. MACIEL, Maria Eunice de Souza. A eugenia no Brasil. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. n. 11, jul. 1999, p. 121-143. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>129</sup>COSTA, T. ET AL. Op. Cit., 2006, p. 371.

<sup>130</sup>HUYSSSEN, Op. Cit., 2000, p. 22-23.

dimensão bastante generalizada, manifestando-se em diferentes domínios, da política às artes, da ciência ao mercado, o que levou alguns analistas a sugerirem que a memória teria se tornado objeto de um verdadeiro culto, parece importante frisar que o lugar político que ela ocupa difere de um contexto social para o outro<sup>131</sup>.

É nesta diferença fundamental do contexto social da memória, em seus usos e vieses políticos, que buscamos compreender os significados da manutenção da condição feminina, dos modelos específicos de ser mulher. Mesmo abordando o discurso social e médico a título de exemplo, destacamos como nosso campo investigativo primordial, a querela midiática. A partir dela, abarcamos as manutenções representativas ligadas à aparência e ao comportamento atribuído ao indivíduo do sexo feminino. Conseguimos, até mesmo, vislumbrar questões identitárias essenciais. Através da força da mídia impressa na definição de um perfil de mulher, de uma identidade para a mulher, deparamo-nos com as conduções da indústria cultural sobre os lugares da mulher na sociedade.

### **1.3 A identidade feminina e a cidadania**

A partir das formulações e reformulações da categoria gênero e as compilações da memória, chegamos à discussão que abrange a construção de uma “identidade feminina”. Tratando-se de uma época na qual as práticas identitárias, ligadas à compreensão das relações de organização familiar, diferenças sexuais, participação social, política, trabalhista e movimentos sociais pelas mulheres passam a problematizar as “feminilidades” e as “masculinidades”, os anos 1960 e 1970, em seus cursos contestatórios, fundiram grande relevância. Trazendo para a discussão Stuart Hall, vemos que:

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento<sup>132</sup>.

---

<sup>131</sup>HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In.: Direitos e Cidadania: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 31.

<sup>132</sup>HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 45.

A identidade múltipla sustentada em cada movimento, muitas vezes, não correspondia com os lados sólidos e bem configurados que a imprensa atribuía à mulher brasileira do período. Notando “versões” bem divergentes de mulheres, a partir de produções da mídia impressa, a jornalista Ethel Leon escreveu em 1976 o artigo *Duas visões das mulheres no Brasil*<sup>133</sup>. Na ocasião, analisou os escritos da *Enciclopédia da Mulher*<sup>134</sup> da Editora Abril em comparação aos *Cadernos de Debate – Mulher*<sup>135</sup> da Editora Brasiliense. Notou que havia dois níveis de preocupação com a condição das mulheres brasileiras naquela época. Prova disso, seria o total antagonismo entre as duas revistas. Disparidade que ia da abordagem sobre o papel da mulher na sociedade até a qualidade do papel de cada publicação (“diagramação do Caderno de Debate e o luxo da publicação da Abril”). A jornalista pontuava que:

Uma olhada na apresentação de cada revista já é o suficiente para que se perceba claramente as duas perspectivas, diametralmente opostas. “A coleção propõe-se oferecer às leitoras tudo o que elas precisam conhecer sobre o seu papel na sociedade e o seu pequeno-grande mundo – o lar”. De acordo com a enciclopédia, elaborada pela equipe da revista *Cláudia*, são 19 (não serão 18 ou 20) os assuntos de interesse da mulher “de hoje”: beleza, saúde, educação sexual, cozinha, trabalhos manuais, decoração, direito, casa, psicologia, escola, moda, dieta, ginástica, etiqueta, animais domésticos, jardinagem, lazer, gravidez e economia doméstica. Enquanto a *Enciclopédia da Mulher* pretende “ajudar a mulher brasileira a viver melhor”, *Debate-Mulher* já é bem mais modesto em seus objetivos, limitados e precisos, atêm-se fornecer dados para reflexão sobre uma parcela da enorme gama de problemas das mulheres trabalhadoras brasileiras. Deseja-se “dar voz ativa àquelas que, tradicionalmente, são personagens anônimas e silenciosas”, “auxiliar na compreensão de que, se a discriminação social da mulher está ligada a todos os outros problemas que persistem na sociedade brasileira, essa discriminação se constitui num problema específico e que deve ser tratado já”. E o terceiro objetivo “é mostrar que, apesar de o atual sistema de produção se basear na alienação da força de trabalho, trabalhar fora de casa é algo que facilita para a mulher a compreensão de seus próprios problemas”<sup>136</sup>.

Leon considerava que enquanto a *Enciclopédia da Mulher* era fruto de uma imprensa feminina, *Debate Mulher* pendia para uma imprensa feminista ou pró-feminista. Pois, *Debate Mulher*, segundo ela, trazia depoimentos de diversas trabalhadoras (secretária, enfermeira, professora, empregada doméstica, do ramo da indústria farmacêutica, da indústria automobilística, varredora de rua, boia-fria e apanhadora de café) e conduzia-se sob a divisão da sociedade em classes sociais: “tem consciência de que a libertação da mulher só será possível

---

<sup>133</sup>LEON, Ethel. *Duas visões da mulher no Brasil*. *Jornal Opinião*, RJ, Ed. 210 (1), 12 nov. 1976.

<sup>134</sup>*Enciclopédia da Mulher*. Fascículos elaborados pela revista *Cláudia*. Editora Abril. 20 p. Cr\$ 9,00.

<sup>135</sup>*Cadernos de Debate 2. Mulher: depoimentos sobre um trabalho ignorado*. Editora Brasiliense. 48 p.

<sup>136</sup>LEON, Op. Cit., 1976, primeira coluna.

junto com a libertação da sociedade como um todo”. Já a Enciclopédia da Mulher, dirigia-se “a donas de casa e fala de uma mulher eterna, abstrata”, “uma mulher que não existe” e que tinha no trabalho caseiro “fonte das maiores satisfações e alegrias para ela mesma, mas sobretudo para os outros” (em especial, marido e filhos). Ethel Leon inferia ainda sobre a leitora da Enciclopédia:

A leitora da Enciclopédia deve ser um agente de reprodução do papel tido como feminino em nossa sociedade. Esse papel não é apenas uma ou um conjunto de idéias, mas práticas e instituições, por trás das quais existe uma indústria da mulher ociosa (ou não). Cosméticos, roupas, objetos de decoração, sofisticções no equipamento doméstico etc. Nessa indústria se situa a indústria particular da imprensa feminina, que se configuraria na área de “lazer” das atividades da dona de casa. Portanto a Enciclopédia da Mulher (a imprensa feminina em geral) promove sua própria continuidade<sup>137</sup>.

A autora lançava, portanto, pontos fundamentais presentes em nosso estudo: as continuidades próprias que a imprensa feminina, em geral, promove. Mesmo quando tenta “atualizar” a mulher, através de temáticas como a “educação sexual” ou a “psicologia”, o material da Editora Abril, dizia Leon, “apreende novas práticas sociais em seus detalhes mais supérfluos”, conduzindo-as à falta de conteúdo crítico e à banalidade. Um exemplo dado pela colunista diz respeito a “vida hippie” trazida na Enciclopédia como moda e não “no sentido de um código determinado, expressão de certas posições frente à sociedade”. Seu objetivo único seria comprar os produtos desinentes dessa voga.

A “indústria da mulher” que Leon evidenciava corresponde aos enlaces da “indústria cultural” que outrora nos chamou atenção Certeau<sup>138</sup>. Faz parte da premissa de que os contextos midiáticos que rondaram décadas imersas em movimentos contestatórios, como de 1950 a 1970, discorrem concepções de identidade feminina em suas estruturas. Mas, até onde as definições da mídia, as limitações físicas e comportamentais lançados sobre o “ser feminina”, o “ser mulher” podem interferir na consciência política entre os gêneros e, por conseguinte, na aptidão para exercerem sua cidadania? Para respondermos a esta questão precisamos dissolver discussões que rondam os diálogos estabelecidos entre memória, identidade e cidadania.

Além da esfera memorial que abarca o desejo de continuidade expressa nos materiais produzidos pela mídia dita feminina, é necessário entender na balança social os meandros representativos da memória, ou seja, as maneiras afirmativas de se projetarem as identidades

---

<sup>137</sup>Ibidem, quarta coluna.

<sup>138</sup>CERTEAU, Op. Cit., 1994.

de grupos até então marginalizados numa história que abarcava os “grandes feitos políticos”, os “heróis”, a elite<sup>139</sup>. Através dos dizeres de Angela de Castro Gomes vemos que memória e identidade possuem uma relação específica:

A relação entre memória e identidade é um tema clássico nas ciências sociais, já que os grupos se constituem, também, em função de uma memória comum. Um aspecto importante nesse contexto diz respeito ao aparecimento de novas memórias no espaço público: ao emergirem na cena social, afirmando sua identidade, os grupos trazem à luz uma memória para a qual buscarão reconhecimento. Mais do que isso, entre as lutas por direitos, ganha lugar a luta por manter viva essa memória, por conquistar espaço nos discursos históricos a partir de uma revisão das interpretações do passado, por figurar nos livros e manuais escolares, por ver-se incluído no calendário oficial de comemorações, reivindicações que visam reparar o silêncio e a invisibilidade que frequentemente marcaram a vida dessas coletividades e a promover a sua integração à história da nação a partir de uma perspectiva<sup>140</sup>.

Um diálogo que se comporta como revisão identitária também da produção dos discursos, dos sujeitos e agentes que o conduzem e da maneira com a qual fazem isso. No caso das mulheres, através da reivindicação reparadora do silêncio e da invisibilidade de suas histórias e dos fazeres dessas histórias<sup>141</sup>. Ao proporcionarem uma nova perspectiva em relação às noções do ser mulher – em seu sentido plural: mulheres –, certos materiais que personificavam uma visão única, passavam a não mais fazer sentido, pelo menos não para grupos de mulheres que não se encaixavam nos perfis apregoados nas páginas desses manuais. Detalhando mais sobre os aspectos identitários, primordiais para o abarque da noção e do exercício da cidadania no Brasil, Angela de Castro Gomes vê na investigação do processo histórico dessa construção a:

[...] chave do acesso a direitos (civis, políticos, sociais, culturais, de gênero etc) e da efetivação de controles democráticos capazes de garantir a expansão desses direitos. O tema da construção da cidadania [...] foi compreendido como um longo e permanente processo de interação político-cultural que envolve tanto as instituições formais do Estado quanto entidades da sociedade civil e inclui uma grande diversidade de atores sociais, mesmo não organizados<sup>142</sup>.

---

<sup>139</sup>BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In.: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

<sup>140</sup>GOMES, Angela de Castro. Direitos e Cidadania: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 8.

<sup>141</sup>Em especial pelas mãos das estudiosas feministas emergentes pós-movimentos contestatórios dos anos 1960. Judith Buther e Joan Scott, por exemplo, como mencionamos.

<sup>142</sup>GOMES, Op. Cit., 2007, p. 7.

Ainda sobre a temática da construção da cidadania no Brasil, a autora e a gama de pesquisadores que fazem parte da compilação *Direitos e Cidadania*, organizada por Gomes, entendem que:

O tema da construção da cidadania, portanto, foi compreendido como um longo caminho e permanente processo de interação político-cultural que envolve tanto as instituições formais do Estado quanto entidades da sociedade civil e inclui uma grande diversidade de autores sociais, mesmo não organizados<sup>143</sup>.

Esse “longo caminho” rumo à construção da cidadania fervilhava na segunda metade do século XX. E é sobre este contexto no qual práticas e representações sociais passam a ser contestadas, postas a prova, como a condição das mulheres na sociedade brasileira, que lidaremos a seguir. Explorando as características históricas do cenário brasileiro das décadas de 1950 a 1970, buscaremos melhor compreender as atuações discursivas da mídia impressa por meio de suas produções destinadas ao público feminino. Em especial, dedicar-nos-emos ao conteúdo e à possível mensagem que a *Enciclopédia da Mulher* da Editora Globo buscava transmitir sobre as representações do feminino. Em determinados momentos veremos que a lida memorial e identitária, nesse manual, perpassará passado e futuro, através do apelo para a “tradição”.

---

<sup>143</sup>Ibidem, p. 7.

**CAPÍTULO 2:**  
**AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO**

## **2.1 Mulheres em revolução**

As contribuições historiográficas acerca da História das Mulheres e dos estudos de gênero permitiram-nos compreender os enlaces conceituais e analíticos dos termos, mas também nos auxiliam a esclarecer as circunstâncias das décadas nas quais eles começaram a ser levantados: 1950, 1960 e 1970. Se levarmos em consideração os movimentos de rupturas e permanências inerentes à história, à sociedade e à política, dimensionaremos o panorama no qual as mulheres se encontravam. Concomitante aos rumos que a História Cultural conferia à historiografia, víamos despontando nos anos 1960 e 1970 acontecimentos específicos que iam desde a militância feminista à ascensão das mulheres enquanto sujeitos da dimensão histórica.

Nesse curso, faz-se relevante analisarmos os aspectos circunscritos no Brasil da segunda metade do século XX, em especial a produção midiática sobre as mulheres, para ponderarmos os traços modificados e os continuados no que se refere às representações do feminino. Abordando algumas edições de periódicos de grande circulação nacional, como O Cruzeiro, perceberemos que as ideias revolucionárias, pendendo para ações e reafirmações feministas, chegaram obscurecidas em suas páginas.

Cabe também sopesarmos o contexto histórico geral do período de fabricação de nosso objeto primeiro, a Enciclopédia da Mulher. A partir das inferências dessas análises, aliadas as dos demais veículos midiáticos estudados, conceberemos que independente do lugar de produção de um manual feminino, seja no Brasil ou na França, determinados padrões com intentos políticos, culturais e globalizantes, permanecerão intrínsecos às percepções de “identidade feminina” e memória sobre a mulher.

### **2.1.1 Os Movimentos Feministas**

Mesmo tendo como foco as precipitações feministas da segunda metade do século XX, recorte temporal de nossas análises, cabe arrolarmos brevemente as transformações dentro das querelas feministas ao longo de sua existência enquanto movimento organizado. Perceberemos que o papel da mídia impressa e dos direcionamentos políticos vigentes serão primordiais para divulgar, propagar e até mesmo coibir esse movimento.

Para Andréa Lisly Gonçalves existe uma dificuldade real entre os historiadores em realmente datar o movimento feminista, que se manifesta em lugares diferentes mediante iniciativas variadas. A pesquisadora infere que isso ocorre devido ao feminismo não se reduzir apenas a mobilizações intensificadas no século XIX em torno da questão feminina, mas ao fato

de corresponder “ao processo crescente e com ritmos variados da participação da mulher no mercado de trabalho, da paulatina presença da mulher no espaço público”. Já no século XVIII a militância feminina, individual ou coletiva, estava presente, e a crise do Estado Absolutista em várias partes da Europa, em especial na França, colocou a questão feminina em pauta. A participação de mulheres em manifestações públicas, assistindo às sessões de Assembleia Constituinte durante a Revolução Francesa por exemplo, reverberava isso. Gonçalves cita a inglesa Mary Wollstonecraft como o caso mais influente de mulher escritora desse período. Sua publicação, *Reivindicação dos Direitos da Mulher* de 1792, inspirou gerações de feministas<sup>144</sup>.

Entretanto, a Primeira Convenção para o Direito das Mulheres ocorrida em Nova Iorque, nos dias 19 e 20 de julho de 1848, é tida como o marco inicial do feminismo no Ocidente<sup>145</sup>. Nesse primeiro momento, o movimento feminista apresentava reivindicações referentes ao direito à propriedade – inclusive, sobre o próprio corpo – sem depender da figura masculina, além do direito à participação política por meio do sufrágio<sup>146</sup>. Mas foi no século XX, a partir dos anos 1960, que o movimento efetivamente se ampliou e expandiu seus eixos de discussão, abrangendo “a liberdade sexual e a ideia de igualdade total aos homens, política e culturalmente”<sup>147</sup>. Já pós-década de 1980, entraram no debate a relativização do conceito mulher, contra posições autoritárias, considerando outras identidades. Através dos estudos de Ladjane Santos, vemos que Maggie Humm<sup>148</sup> e Rebecca Walker<sup>149</sup>, historiadoras feministas, veem o movimento dividido em três “ondas”:

A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, focando principalmente em obter direitos legais, poder político e no sufrágio feminino. A segunda veio nas décadas de 1960 e 1970, encorajando as mulheres a

---

<sup>144</sup>GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 18.

<sup>145</sup>No entanto, a Convenção foi fruto de acontecimentos anteriores, dos anos 1840, quando um grupo de delegadas participantes da Convenção Mundial contra a Escravidão, em Londres, foram impedidas de participar das discussões sobre a abolição da escravatura nas Américas, ficando apenas como espectadoras. Na ocasião, alguns representantes do sexo masculino, em solidariedade e protesto ao ocorrido, juntaram-se à delegação feminina nas galerias. Idem, p. 15.

<sup>146</sup>“[...] todo feminismo é um movimento ilustrado quanto às suas raízes e a suas pretensões reivindicativas. De fato, as reivindicações feministas são possíveis a partir dos pressupostos do iluminismo ou dos iluminismos, a saber, a universalidade da razão, da liberação dos preconceitos, o horizonte de emancipação [...]”. PETIT, Cristina Molina. Elementos para una dialectica feminista de la Ilustración. In.: AMORÓS, Célia (Org.). *Actas del Seminario Permanente Feminismo e Ilustración 1988-1992*. IIF/Universidad Complutense de MADRID, 1993, p. 7.

<sup>147</sup>SANTOS, Ladjane de Barros. Movimento feminista na América Latina: o nascer e o desenvolvimento de um ser Inferior. In.: XXIX Congresso Internacional Da Alas, 2013, Santiago, Chile, p. 2-3. Grupo de trabalho Gênero, Desigualdade e Cidadania. Disponível em: [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9\\_deBarrosSantoL.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_deBarrosSantoL.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.

<sup>148</sup>Professora, escritora e pesquisadora da Universidade de East London. Cf: <https://www.uel.ac.uk/schools/social-sciences/our-research-and-engagement/research/feminist-research-group>. Acesso em: 03 jul. 2018.

<sup>149</sup>Escritora. Cf.: <http://www.rebeccawalker.com/>. Acesso em: 03 jul. 2018.

entender os aspectos de suas vidas pessoais, e preocupada em grande escala com a questão da igualdade, focando no fim da discriminação [sic] da mulher na sociedade, na educação e no trabalho. Por fim, a terceira teria sido da década de 1990 até a atualidade, e veio como uma resposta positiva, preenchendo de forma mais forte as propostas da segunda “onda”. Acompanhando grandes revoluções, como a Revolução Francesa, o feminismo ganha um destaque reivindicatório, ganhando força de expressão, ao se unir a partidos políticos<sup>150</sup>.

Para estas estudiosas as querelas feministas levantadas entre as décadas de 1960 e 1970 reverberam até os dias atuais. Podemos entender, a partir disso, que as discussões e manifestações galgadas nesse período, sobressaíram-se por seu caráter contestatório afim de igualdade, respeito, educação e trabalho. No Brasil, em especial, entre o fim do século XX e início do século XXI, o feminismo passou a ter como principais bandeiras a igualdade de condições de trabalho e o combate à violência doméstica<sup>151</sup>. No entanto, pesquisadoras como Ana Alice Alcantara Costa afirmam que, assim como nos demais países latino-americanos como Chile, Argentina, México, Peru e Costa Rica, as primeiras manifestações feministas brasileiras aparecem já na primeira metade do século XIX<sup>152</sup>. Para a autora, isso ocorreu principalmente através da imprensa feminina, principal veículo divulgador das ideias feministas naquele momento. A crescente força de trabalho das mulheres na indústria, junto à influência das ideias anarquistas e socialistas trazidas pelos operários imigrantes espanhóis e italianos, foi elementar para a fundamentação dessas ideias e para “a incorporação feminina às lutas sindicais na defesa de melhores salários e condições de higiene e saúde no trabalho, além do combate às discriminações e abusos a que estavam submetidas por sua condição de gênero”<sup>153</sup>.

Na década de 1910 já existiam organizações feministas socialistas, anarquistas e liberais em vários países da América Latina. No mais das vezes, essas organizações de mulheres, congressos femininos, se declaravam feministas, discutiam e propagavam seus direitos, em especial pela igualdade jurídica e poder de voto. Especificamente no Brasil, criado pela baiana Leolinda Daltro, tivemos o Partido Republicano Feminista. Além de almejar a mobilização de mulheres, o objetivo do colegiado era lutar pelo sufrágio. Cabe destacar também a Associação

---

<sup>150</sup>SANTOS, Op. Cit., 2013, p. 2-3.

<sup>151</sup>Ibidem, p. 2-3.

<sup>152</sup>COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero, v. 5, n. 2, 2013, p. 3. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/380/285>. Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>153</sup>Ibidem, p. 3.

Feminista, de tendências anarquistas, que teve significativa influência nas greves operárias de São Paulo em 1918. Ambas as associações mobilizaram um expressivo número de mulheres<sup>154</sup>.

Nos anos 1920 o movimento sufragista foi ampliado na Latino América muito em função da condução de mulheres de classe média que, agindo diretamente junto aos órgãos legislativos, iam adquirindo o direito ao voto<sup>155</sup>. Em 1929, o Equador tornou-se o primeiro país da região a decretar o voto feminino. Na década de 1930 foi a vez de Brasil, Uruguai e Cuba. Após os anos 1940, Argentina e Chile fizeram-no. As mulheres do México, Peru e Colômbia só viriam a conquistar esse direito na década de 1950.

Com a conquista do voto houve certa desarticulação do movimento feminista na grande maioria dos países latino-americanos, acompanhando o ocorrido nos Estados Unidos e Europa<sup>156</sup>. Entretanto, as mulheres continuaram se organizando através de clubes de mães, das associações de combate ao aumento do custo de vida, das associações de bairro, das lutas por demandas sociais, por segurança, dentre outras. No caso brasileiro, as organizações femininas, orientadas pelo Partido Comunista Brasileiro, tiveram relevante poder de articulação: por intermédio da União Feminina e do Comitê de Mulheres pela Anistia, criados em 1935 e 1945, respectivamente<sup>157</sup>.

Esta onda feminista primeira é vista, até certo ponto, como conservadora no que se refere à crítica à divisão dos papéis de gênero – inclusive por reforçar determinadas visões como as qualidades domésticas e maternas da mulher. Representações que ressaltavam a fundamental atuação feminina na família<sup>158</sup>. Com a instalação dos governos ditatoriais na América Latina (no Brasil, em 1964, e em outros países, pós década de 1970), os movimentos feministas foram calados e encobertos<sup>159</sup>. No entanto, não podemos negligenciar as sublevações de setores conservadores, ou ainda, os levantes de grupos de esquerda pós-1968, com os ocorridos na Europa e nos Estados Unidos.

---

<sup>154</sup>Ibidem, p. 3.

<sup>155</sup>Ibidem, p. 3.

<sup>156</sup>JAQUETTE, Jane S. Los movimientos de mujeres y las transformaciones democráticas en América Latina. In.: LEON, Magdalena (Org.). Mujeres y participación política. Avances y desafíos em América Latina. Bogotá: Tercer Mundo, 1994. Apud: COSTA, Ana Alice Alcantara. Op. Cit., 2013, p. 3.

<sup>157</sup>COSTA PINHEIRO, Ana Alice. Avances y definiciones del movimiento feminista em Brasil. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Facultad de Ciências Políticas y Sociales, México, 1981. Apud: COSTA, Ana Alice Alcantara. Op. Cit., 2013, p. 3.

<sup>158</sup>MOLYNEUX, Maxine. Movimientos de mujeres en América Latina. Un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003. Apud: COSTA, Ana Alice Alcantara. Op. Cit., 2013, p. 3.

<sup>159</sup>COSTA, Ana Alice Alcantara. Op. Cit., 2013, p. 4.

## 2.2 Brasil, década de 1950

As questões trabalhistas modificadas como a dinâmica industrial e o contexto das guerras do início do século XX conferiam, já nos anos 1950 novos ares à vivência feminina. As lutas por igualdade de direitos entre os gêneros tornavam-se pauta. Ao descrever a vida e a mulher dos Anos Dourados Carla Bassanezi Pinsky elucida que:

O Brasil dos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país assistiu otimista e esperançoso ao crescimento urbano e à industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. Democracia e participação eram ideias fortalecidas nos discursos políticos. Em geral, ampliaram-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres; práticas sociais do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações<sup>160</sup>.

Mesmo com as condições de crescimento urbano e industrial vividos pelo Brasil no pós-guerra, assim como a diminuição das “distâncias” da condição de vida entre homens e mulheres, Pinsky deixa claro em suas colocações subsequentes que os “papéis femininos e masculinos” continuaram com distinções nítidas. Permanecia intrínseca à sociedade uma moral sexual diferenciada e mesmo com a mulher se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho continuava cercada de preconceitos. A figura de “chefe da casa” era essencialmente masculina. A casa e a rua delimitavam as representações sobre os papéis destinados às mulheres e aos homens<sup>161</sup>. Além disso, o fim da guerra trouxe consigo campanhas estrangeiras pregando que o esforço de guerra das mulheres<sup>162</sup>, à época dos combates, fosse substituído pela volta ao lar, à mulher como rainha da casa, a volta aos valores tradicionais da sociedade, inerentes ao estilo de vida do século XIX:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das

---

<sup>160</sup>PINSKY, Op. Cit., 2015, p. 608.

<sup>161</sup>DEL PRIORE, Op. Cit., 2013.

<sup>162</sup>Durante as duas Grandes Guerras (1914-1918 e 1939-1945) muitas mulheres tiveram ao seu encargo funções ditas produtivas, como: os trabalhos no campo, nos setores industriais, como médica e enfermeiras, e até mesmo, em alguns cenários, no fronte dos conflitos. Por se tratarem de espaços socialmente masculinizados, ao fim dos combates, houve a tentativa (principalmente por meio de propagandas – fortemente amparadas na mídia estadunidense com a “mulher, rainha do lar”) de remodelar o papel feminino, ou seja, recolocá-la em seu “lugar natural”, o âmbito privado, a casa.

características próprias da feminilidade, como instinto interno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional<sup>163</sup>.

É neste contexto de redefinição dos papéis tradicionais, de afirmação da feminilidade pelo comportamento doméstico, puro, doce e resignado que se destaca a expansão das revistas femininas<sup>164</sup>. Tratando de “assuntos femininos”, os periódicos continham variadas regras de comportamento, opiniões sobre casamento, sexualidade, trabalho feminino e felicidade doméstica. Os exemplares de *O Cruzeiro*, *Jornal das Moças* e *Querida* estavam embutidos de padrões femininos e masculinos – com papéis bem definidos – e uma noção bem delimitada de família modelo, que segundo Pinsky seria: branca, de classe média, nuclear e hierárquica<sup>165</sup>.

As revistas dos anos 1950 influenciavam a vida das mulheres de classe média não deixando, porém, de serem influenciadas pelas mudanças sociais vividas e promovidas por essas mulheres. A realidade da inserção feminina nos ramos trabalhistas, fora do lar, exemplifica as abordagens do assunto nesses veículos midiáticos. Entretanto, o modelo preconizado pelas revistas apontava para a relação restrita e necessária da mulher com o casamento, com a maternidade e com os afazeres do lar – uma espécie de destino natural e inexorável.

No campo político, o Brasil dos anos 1950 também passou por diferentes arranjos. Iniciando a década (1951-1954) chegou ao poder Getúlio Vargas. O presidente emergiu amparado na criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) do seu mandato anterior (1930-1945) e como alternativa à inclusão de todas as correntes políticas dentro da órbita governamental. Durante este mandato foi criada a Petrobras, lançado projeto para a Eletrobras e o Plano Carvão. Também foram estabelecidos o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o Banco do Nordeste do Brasil, a Superintendência de Valorização Econômica da

---

<sup>163</sup>PINSKY, Op. Cit., 2015, p. 608-609.

<sup>164</sup>As “fontes impressas” nos permitem trazer concepções históricas acerca de seu papel que, atingindo determinados públicos, podem ser problematizadas e identificadas como produto imediato entre a vivência de determinado acontecimento e sua narração. Tânia Regina de Luca acredita que os discursos adquirem significados de muitas formas, e que a ênfase em determinados temas, a linguagem utilizada e a natureza do conteúdo estão diretamente associadas ao público que o jornal ou a revista pretendem atingir. Ressalta que os conteúdos presentes nos periódicos não podem ser desvinculados do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, de seu lugar de produção, dos fatos políticos ligados aos processos sociais. Esse movimento faz parte da interação entre indústria cultural e sociedade, onde o lugar de “retorno” do político revive ou renova-se pelo fato de utilizar-se de contribuições teórico-metodológicas alcançadas nas últimas décadas no âmbito da História Cultural. Cf. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>165</sup>PINSKY, Op. Cit., 2015, p. 607-639.

Amazônia (Spevea), a Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Programa Nuclear. Houve reaparelhamento de ferrovias e portos, foi lançada a base da indústria automobilística e ocorreu a expansão da indústria de base<sup>166</sup>.

Ao tentar unificar e ampliar seus recursos de poder, optando pela não descentralização política, Vargas abriu espaço para que outras forças políticas – em especial do partido de oposição UDN (União Democrática Nacional) - forjassem uma ampla união partidária, minimizando a força da participação popular. O desejo de comunicação direta com a massa, não usando instrumentos publicitários (com exceção do pequeno apoio do jornal Última Hora e das rádios do governo) também fizeram com que o uso da mídia fosse contra ele. Para Maria Celina D’Araújo a “conspiração de 1954” foi uma “obra-prima dos meios de comunicação” jogando sobre Vargas irregularidades cometidas durante o governo Dutra (1946-1951). O suicídio de Vargas, no entanto, comprometeu essa ambição. O partido de Vargas – Partido Trabalhista Brasileiro (PTB, de Vargas) – e seu aliado – Partido Social Democrático (PSD) – saíram fortalecidos desse episódio, fato comprovado na vitória dos mesmos nas eleições de 1954<sup>167</sup>.

Em 1955 assumia Juscelino Kubitschek, médico e ex-prefeito de Belo Horizonte (1940-1945). Com o lema de governo “50 anos em 5” e a criação de uma nova capital, Brasília, construída no interior do país visando a maior integração da União, JK pretendia modernizar o Brasil, aprofundando sua inserção no mundo capitalista. No entanto, isso só seria possível diante a intensificação do processo de industrialização e integração nacional. Eleito pelo PSD e orientado pelo seu Plano de Metas, JK encontrou um viés otimista de seu projeto político e econômico, reforçando o papel do Estado como “planejador e fomentador do desenvolvimento e da integração nacional”<sup>168</sup>.

O Governo JK, conhecido também como anos dourados, foi marcado por uma “quase milagrosa estabilidade”. Num contexto internacional de Guerra Fria, em solo nacional houve manifestações agressivas de opositores políticos, principalmente da UDN e de alguns militares<sup>169</sup>. No entanto, o programa de metas ajudou na sustentação do governo. Com medidas

---

<sup>166</sup>D'ARAÚJO, Maria Celina. O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 11-12.

<sup>167</sup>Ibidem, p. 187.

<sup>168</sup>HOCHMAN, Op. Cit., 2009, p. 313.

<sup>169</sup>Um exemplo foi a Revolta de Jacareacanga em 1956. Tratou-se de uma espécie de ensaio isolado de golpe militar protagonizado por oficiais da Aeronáutica. Cf.: COUTO, Ronaldo Costa. Juscelino Kubitschek. Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011. Disponível em: [http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK\\_couto.pdf?sequence=3](http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK_couto.pdf?sequence=3). Acesso em: 11 jan. 2019, p. 146.

que visavam o desenvolvimento e a modernização, houve crescimento e intensificação da economia. Marcos do quinquênio JK foram, além da criação futurista da capital Brasília: a concretização das hidrelétricas de Furnas e Três Marias, a construção de mais de 13 mil quilômetros de estradas, a renovação de 5,6 mil quilômetros de asfalto rodoviário, 3 mil quilômetros de ferrovias, multiplicação da produção interna de petróleo, impulsão siderúrgica com a criação da Usiminas e da Copipa, criação e instrumentalização para ações da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), enfim, medidas que durante o mandato desenvolvimentista de Kubitschek fizeram o tamanho da economia aumentar 50%. Em outras áreas o país também prosperou:

Destaque-se o florescimento das artes. Esplendor na literatura, com gigantes como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa. E também a diversidade e riqueza de manifestações e experiências nas artes plásticas e na música, no teatro, no cinema. O impacto da bossa nova. JK era chamado de Presidente Bossa Nova. A modernização da mídia, a afirmação do cinema novo e muito mais. Tempo de intensa fertilidade na área das ciências sociais. A força das mudanças, o ambiente de criatividade e otimismo, a efervescência política, tudo se projeta em pesquisas, teses e livros que tentam exprimir a realidade, discuti-la, influenciá-la, e até modificá-la. É o que acontece, por exemplo, no campo do nacionalismo e do desenvolvimento econômico. Por exemplo: é de 1960 o projeto de fundação da Universidade de Brasília, em modelo moderno, aberto e sistêmico, muito distinto do tradicional. Belo sonho, em torno das ideias dos educadores Anísio Spínola Teixeira e Darcy Ribeiro. Tempo até de conquistas esportivas inéditas, que encheram de orgulho o povo, como a do campeonato mundial de futebol de 1958, na Suécia<sup>170</sup>.

Entretanto, o governo de Juscelino não obteve apenas êxitos, pelo contrário. Tantos gastos gerados na construção da capital, na aplicabilidade do programa modernizador, nos investimentos em energia e indústria geraram dívidas externas e desequilíbrios significativos (principalmente aos governos sucessores). Com a chegada das altas contas iniciou-se um período de declínio das relações de troca com o exterior. Além disso, foram feitas grandes compras forçadas de excedentes de café de produtores internos elevando a emissão de papel-moeda, conduzindo ao forte aumento da dívida e do deficit público federal. Recorrendo ao crédito fácil e farto concedido ao setor privado, o resultado obtido foi uma alta inflação. Nesse cenário econômico endividado e fragilizado assumiu o governo, em 1961, Jânio Quadros. Político conservador preocupado com a moralidade (contra brigas de galo e biquínis nas praias), acabou se contradizendo ainda no início de sua presidência, quando passou a estabelecer

---

<sup>170</sup>COUTO, Op. Cit., 2011, p. 151.

relações diplomáticas com eixos socialistas, gerando mal-estar com a UDN e os setores mais conservadores. Alegando perseguição política, renunciou ao seu mandato no mesmo ano da posse. Assumia seu lugar, João Goulart, o vice-presidente.

### **2.3 Brasil, décadas de 1960 e 1970**

Os anos 1960 tiveram real importância para transformações dos papéis femininos. Durante o governo de João Goulart e sua política externa independente ao apoio das superpotências capitalistas ou socialistas da Guerra Fria, foram fortalecidas em solo brasileiro ideias sobre movimentos sindicais, estudantis, camponeses e populares. No entanto, a política de Jango passou a preocupar a classe burguesa e os investidores estadunidenses, fortemente presentes desde a abertura econômico-comercial do governo de Juscelino Kubitschek, culminando no golpe de 1964. Instalou-se uma ditadura militar no Brasil, um período caracterizado pela censura à imprensa, aos movimentos culturais e sociais, a repressão aos opositores do regime, institucionalização da tortura, entre outros mecanismos de controle, perseguição e coação política<sup>171</sup>.

O mandato presidencial de Jango foi marcado por forte instabilidade política e social. Nos anos anteriores, ele que havia sido ministro do trabalho durante o governo Vargas (tornando-se o principal detentor da tradição trabalhista e herdando os opositores varguistas) e vice-presidente durante as administrações de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, chegava ao poder em meio a um contexto de crise<sup>172</sup>. Além das pressões sofridas pelas forças oposicionistas preocupadas com a possibilidade do reformismo social, Jango teve que governar sob a vigência de um governo parlamentarista que limitava seus poderes. Somente em 1963, após um plebiscito, o presidente recuperou sua plena capacidade governamental. Contudo, a conjuntura ainda estava marcada por polarização política, nacional e internacional. No âmbito social, a atuação das ligas camponesas, do movimento estudantil e das organizações sindicais agitavam as demandas por reformulações nas políticas públicas sociais e na relação do governo com investidores estrangeiro. O projeto de “reformas de base” de Goulart ia ao encontro dessas

---

<sup>171</sup>MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 17 n. 34. São Paulo, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881997000200011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881997000200011&script=sci_arttext&tlng=es). Acesso em: 19 ago. 2018.

<sup>172</sup>DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. *Tempo*, v. 14, n. 28, jan./jun., 2010, p. 125-145. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013403006>. Acesso em: 21 jan. 2019.

demandas. Prevendo uma reforma agrária e um controle das remessas de lucros, despertou nos setores conservadores o medo por uma “revolução social” que caminhasse em direção ao socialismo<sup>173</sup>. Nesse panorama, infere-se que:

Como presidente, João Goulart atuou, com firmeza, no escopo da democracia política, pela efetivação de uma democracia social no Brasil. Tal orientação governamental, apesar de considerada moderada por alguns segmentos do movimento social nacionalista e reformista, trouxe real desconforto aos conservadores que com ela não concordavam. Destacaram-se entre eles: a União Democrática Nacional (UDN), setores das forças armadas, igreja católica conservadora, proprietários rurais, a maior parte do empresariado nacional e investidores internacionais. Uniram-se em forte atuação desestabilizadora de seu governo, que culminou com o golpe que o destituiu<sup>174</sup>.

O Governo Goulart, desse modo, teria sido submetido a um confronto triplo: primeiro, com os setores nacionais conservadores aliados aos investimentos internacionais; segundo, com a ala mais reformista de seu partido (o PTB) que lançava as demandas sindicais e camponesas; e terceiro, os movimentos populares e os próprios sindicais e camponeses com suas expressas reivindicações<sup>175</sup>.

Sob administração de militares do exército, o país passou por longos vinte e um anos de ditadura. A promulgação de Atos Institucionais fechava os cercos da democracia e abria espaço para uma grande onda de vigilância, intolerância, punições e terror. Retomando Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira dimensionamos que “a tortura tornou-se prática disseminada por uma política de Estado. Os torturadores, homens da ditadura, passaram a praticar também atos de terrorismo, como o envio de cartas-bombas”<sup>176</sup>. Acrescentam que “o sofrimento incomensurável de pessoas que padeceram em exílios, torturas e mortes de entes queridos é um fato que a sociedade brasileira não deve esquecer jamais”, prosseguem:

Um aprendizado deixado por esse terrível período da História do Brasil é o da importância das instituições, práticas e valores do regime democrático, por mais incompletudes que ele possa ter. A democracia deve ser um valor

---

<sup>173</sup>FERNANDES, Florestan. O Brasil em compasso de espera, São Paulo, HUCITEC, 1981. FERNANDES, Florestan. “O significado da ditadura militar”. In.: Caio Navarro Toledo (org.), 1964: visões críticas do golpe – democracia e reformas no populismo, Campinas, Editora da UNICAMP, 1997. Apud. DELGADO, Op. Cit., p. 134.

<sup>174</sup>DELGADO, Op. Cit., 2010, p. 128.

<sup>175</sup>Ibidem, p. 134.

<sup>176</sup>FERREIRA & GOMES, Op. Cit., 2014, p. 388.

inegociável, pois só ela pode garantir a manutenção e avanço dos direitos de cidadania<sup>177</sup>.

Nesse rumo, em busca de plena cidadania, que se configuraram as manifestações sociais sobrepostas a esse período obscuro. Em nosso interesse especial aos levantes feministas, tomamos como primordiais as querelas levantadas ou trazidas por gerações de mulheres que, vivendo nas complexas décadas de 1960 a 1980, sobressaíram-se em prol das garantias, aumento e fomento de seus direitos.

Apesar da fase de opressão, as interferências estrangeiras ecoaram e fizeram com que começasse a ser repercutido no Brasil o movimento feminista que estava sendo organizado na Europa e nos Estados Unidos. Foram publicados os primeiros livros de feministas brasileiras e “os jornais, as revistas, o cinema, o teatro e a televisão começaram a dar espaço para uma **nova mulher** preparando o terreno para a década seguinte quando surgiram, em todo o Brasil, os movimentos organizados de mulheres”<sup>178</sup>. O trabalho fora de casa crescia e a mulher começou a desempenhar profissões “essencialmente masculinas”. Isso tudo modificou razoavelmente o papel feminino no âmbito público e privado. É justamente no rumo extra-doméstico feminino que Paola Cappellin Giuliani atenta-se em seu trabalho sobre os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira<sup>179</sup>. Referindo-se à “crise da divisão sexual no trabalho e na representação sindical” pós anos 1960, Giuliani ressalta que:

Nesse percurso, às vezes tortuoso, aparecem com maior clareza os limites daquilo que seria próprio das mulheres, daquilo que lhes seria reconhecido, permitido ou atribuído como característico de sua “natureza social”. Por comparação, pode-se também compreender o que seria próprio da “natureza social do homem”. Mais ainda! Chega-se à consciência de que qualquer definição dos papéis, da imagem, da identidade e dos códigos de comportamento da mulher, é instável e transitória, já que tais concepções culturais são o resultado do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança<sup>180</sup>.

Mesmo se tratando de um contexto submerso por uma tradição que delimitava os “papéis sociais”, os anos 1960 configuram-se também como procedente de mudanças nas definições destes papéis nos mais variados setores da vida, neste caso, com destaque para o

---

<sup>177</sup>Ibidem, p. 391.

<sup>178</sup>GOLDENBERG, Leila Diniz: A Arte de Ser Sem Esconder o Ser. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro: CIEC/Escola de Comunicação UFRJ, v. 2, n. 2, 1994, p. 446. Grifo da autora.

<sup>179</sup>GIULIANI, Paola C. Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira. In.: DEL PRIORE, Op. Cit., 2015, p. 640-668.

<sup>180</sup>Ibidem, p. 649.

trabalhista. Não é de se admirar, portanto, que nos anos subsequentes víssemos despontar variados grupos sociais produzindo contestações políticas, econômicas, ambientais e de gênero. Com a ascensão dos governos militares<sup>181</sup>, insurgiram também questionamentos de organizações sindicais. Além disso, tivemos no movimento das mulheres rurais e na participação das mulheres dos centros urbanos a ruptura de um ideal que, para além do lar, desbrava as ruas, o cenário social e político do país. Dentre os movimentos sociais ocorridos entre 1960 e 1970, ressaltamos: os Movimentos Estudantis da UNE (União Nacional dos Estudantes, 1968)<sup>182</sup>; Movimento de Lutas por Creches (1970)<sup>183</sup>; o Movimento Brasileiro pela Anistia (1974)<sup>184</sup>; e a criação dos Grupos Feministas e dos Centros de Mulheres (1975)<sup>185</sup>.

Ao trabalharem os impactos do golpe que derrubou o presidente João Goulart em 1964, Ferreira e Gomes discutem os fatores que puseram fim ao regime democrático e instituíram a ditadura no Brasil. Nesse contexto, os autores evidenciam a participação de mulheres em marchas de delegações femininas em municípios do interior paulista, onde a mulher se fazia representar pela figura das primeiras-damas<sup>186</sup>. A participação de mulheres, também ocorria por intermédio de mães de classe média, ligadas à vertente católica, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

---

<sup>181</sup>Em 1964, o golpe militar derrubava um presidente (João Goulart) e instituíra a ditadura no Brasil. Para Ferreira & Gomes, o movimento ocorrido em 1º de abril de 1964, foi um golpe civil e militar, que acabava com a experiência democrática iniciada no final de 1945. Cf. FERREIRA, Jorge Luiz; GOMES, Angela Maria de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>182</sup>“Ao longo de toda década de 1960 o movimento estudantil ganhou força no Brasil, e esse impulso culminou no 30º Congresso Nacional da UNE, realizado em outubro de 1968 no município de Ibiúna”. “...estudantes e artistas engrossaram a passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, pedindo democracia, liberdade e justiça. Disponível em: <http://www.une.org.br/noticias/estilhacos-de-memoria-sobrevida-e-dissolucao-da-une-1969-1973/>. Acesso em: 19 ago. 2018.

<sup>183</sup>Com a incorporação crescente das mulheres ao mercado de trabalho, a partir da década de 1970, houve a proliferação de creches comunitárias no Brasil. Assim como, ampliou-se a demanda por espaços de educação e cuidados dos filhos dessas mulheres, logo reivindicações junto ao poder público emergiram. Cf. TAVARES, Maria Tereza Goudard. Movimentos sociais e a formação política de mulheres na luta por creches: a experiência do “Artcreche” em São Gonçalo. Zero-a-Seis, v. 19, n. 36, 2017, UFSC. p. 272-289. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2017v19n36p272/35619>. Acesso em: 19 ago. 2018.

<sup>184</sup>“Fruto de uma frente política e social que mobilizou o conjunto dos movimentos sociais e dos setores da oposição. Por seu caráter humanitário e político, sensibilizou amplamente a população e teve repercussão internacional. Mesmo sem ter alcançado totalmente seus objetivos, a votação da Lei da Anistia, em agosto de 1979, representou uma grande vitória das forças democráticas sobre o regime”. Cf.: <http://memorialdademocracia.com.br/card/anistia>. Acesso em: 19 ago. 2018.

<sup>185</sup>“Movimento surgido no Brasil em 1975, na ocasião da Instituição pela Organização das Nações Unidas (ONU) no Ano Internacional da Mulher, com os seguintes objetivos: identificar e denunciar as discriminações e as desigualdades que afetavam a situação da mulher brasileira, luta pela libertação das mulheres enquanto sexo dominado e oprimido, promover a conquista de direitos civis e de espaços públicos de atuação para as representantes dessa memória política.” Cf.: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-feminista>. Acesso em: 19 ago. 2018.

<sup>186</sup>FERREIRA; GOMES. Op. Cit., 2014, p. 304.

Segundo cálculos divulgados na imprensa, no mínimo, participaram da Marcha cerca de quinhentas mil pessoas. Mas, considerando os que, parados, assistiram à passeata nas ruas de acesso, é possível calcular umas oitocentas mil pessoas. Isso é muita gente; em 1964, muita gente mesmo. Segundo a historiadora Aline Presot, estiveram presentes à Marcha delegações femininas de trezentos municípios do interior paulista. A mulher brasileira se fazia representar igualmente pelas primeiras-damas – as esposas de governadores – de estados importantes, como São Paulo, Guanabara, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia. Esse foi um sinal verde evidente da perda de apoio que presidente sofreu após o comício<sup>187</sup>.

Em contrapartida, nomes como o de dona Neusa Brizola (esposa de Leonel Brizola), convocavam reuniões conjuntas da Liga Feminina da Guanabara e do Movimento Nacionalista Feminino, planejando um outro tipo de manifestação<sup>188</sup>:

Foram poucas organizações de esquerda que se preocuparam com as Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Dona Neusa Brizola, esposa de um líder de esquerda – mas mulher e mãe de “classe média” –, esteve entre os que avaliaram os fatos de forma diferente. Ela convocou uma reunião conjunta com a Liga Feminina da Guanabara e do Movimento Nacionalista Feminino para planejar um outro tipo de manifestação de mulheres para responder às Marchas. O seu projeto, porém, não foi levado adiante<sup>189</sup>.

Estudantes secundaristas, universitárias, trabalhadoras urbanas e rurais, promoviam suas organizações e lideranças surgiam. A mulher se fazia constantemente presente no âmbito político, embora tenha-se conferido certa marginalidade a esse tipo de participação. Em uma de suas pesquisas, a antropóloga Mirian Goldenberg buscou acompanhar do período de 1940 a 1970 as transformações ocorridas no campo político brasileiro<sup>190</sup>. Através de partidos e organizações esquerdistas e a partir da trajetória de algumas mulheres, a estudiosa realizou entrevistas com militantes, analisou biografias, autobiografias, artigos e entrevistas encontradas em jornais e revistas. A partir disso, Goldenberg gerou uma discussão sobre a construção social da identidade de gênero no interior desses partidos e organizações de esquerda do Brasil. Acreditando que a identidade surge entre semelhanças e diferenças entre as mulheres militantes e as mulheres “comuns”, assim como entre as mulheres militantes e os homens militantes, a

---

<sup>187</sup>Ibidem, p. 303-304.

<sup>188</sup>Ibidem, p. 305.

<sup>189</sup>Ibidem, p. 305.

<sup>190</sup>GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e militância política de esquerda no Brasil: uma história não contada. XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt11-4/5395-mgoldenbergs-mulheres/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.

antropóloga percebeu um jogo bastante complexo. As militantes, no mais das vezes, comparadas aos homens tornavam-se “invisíveis”, com posições secundárias dentro das organizações e partidos. Já comparadas às mulheres “comuns”, as militantes eram vistas como mais corajosas, tendo maior capacidade de renúncia, sacrifício, mas sem a possibilidade de realizar o desejo de ter uma “vida normal”: como esposa e mãe<sup>191</sup>. No mais, Goldenberg colige que:

Anônimas, silenciosas, invisíveis... essas são as mulheres militantes que tentam recuperar o seu nome e a própria identidade contando a sua versão da história. Separadas dos companheiros, dos filhos, da família, vivendo uma vida clandestina, sofrendo violências físicas e psicológicas, essas mulheres adquiriram visibilidade nas últimas décadas. Suas histórias começam a ser contadas e a importância de suas presenças na luta política brasileira está sendo cada vez mais reconhecida, através da realização de pesquisas, documentários, filmes e publicação de biografias<sup>192</sup>.

Uma luz sobre aspectos de um passado não tão distante, que evoca princípios identitários e/ou igualitários, mas que em decorrência de uma funcionalidade machista ficaram à margem da história. Fato que a cada dia vem se modificando através de pesquisas como a de Goldenberg, que buscam salientar os fazeres femininos: suas lutas, conquistas e aspirações. Os ideais de estética, aparência e beleza de tais períodos estão embutidos nesses fazeres e querer, e a antropóloga citada obviamente não deixa de discuti-los. Levando em consideração as mudanças desencadeadas com o início do século XX, vemos uma série de acontecimentos que culminaram numa época norteadas por revoluções de cunho político (como o desenvolvimento do socialismo iniciado na Rússia em 1917), econômico (através da feroz batalha entre dois modelos: capitalismo x socialismo/comunismo) e social (com lutas dos mais variados seguimentos, como a causa ambiental, as questões de classe e gênero). Compreendendo que todos estes vieses desembocam nas questões culturais, assimilamos que as representatividades de tais acontecimentos na vida dos indivíduos estão extremamente interligadas. É nesse sentido que Goldenberg, posteriormente, trabalha a aparência feminina como produto do culturalmente desenvolvido, que ora fabrica, ora é criado para fornecer normas e ideias acerca da imagem:

Na segunda metade do século XX o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto

---

<sup>191</sup>Ibidem.

<sup>192</sup>Ibidem, p. 17.

e com o corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo movimento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculino<sup>193</sup>.

O papel sem precedentes das funções adquiridas pelo corpo e pela imagem, os cuidados com a imagem, com a própria imagem, passam a reverberar a massificação de modelos estéticos, no qual a beleza feminina ganhou destaque fundamental. As relações estabelecidas pela tríade beleza-saúde-juventude passaram a ser fundamentais<sup>194</sup>. As revistas femininas, como abordamos, assim como o cinema e a televisão recém-chegada no Brasil nos anos 1950, adquiriram espaço num meio onde enquadrar-se num determinado modelo de comportamento e aparência tornava-se primordial para ser “bem quisto” na sociedade. Vale lembrar que, a cada período, novas propostas e paradigmas surgiam e surgem. Amplificando o conceito de ‘beleza’ devemos atentar-nos para seus valores dicotômicos a cada momento histórico, pois em meio aos múltiplos acontecimentos de uma dada sociedade, mecanismos que reverberam as representações daquilo que é praticado socialmente estão presentes. É nesse sentido que o papel da mídia se fez e se faz relevante – indo a favor ou na contramão das configurações estabelecidas. Em relação ao movimento feminista, que ganhava novas proporções nesse período, não foi diferente.

## 2.4 As Revistas Femininas

Para Bassanezi<sup>195</sup> entre as décadas de 1940 e 1960 as revistas foram “uma importante fonte de informação e referência para as mulheres, principalmente leitoras de classe média”<sup>196</sup>. Adentrando os espaços domésticos, as revistas femininas atuavam como “guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação”<sup>197</sup>. Com um discurso nem sempre homogêneo e linear, as revistas participam da reprodução e da construção do ideal de felicidade conjugal. Serviam de espaço onde eram transmitidas normas e representações sociais. Até atinavam para novas possibilidades e formas de pensar as relações entre homem e mulher,

---

<sup>193</sup>GOLDENBERG, Mirian. Nu e Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 08.

<sup>194</sup>Ibidem, p. 8.

<sup>195</sup>Sobrenome de solteira usado por Carla Bassanezi Pinsky em suas publicações.

<sup>196</sup>Segundo a autora, conclui-se a classe social das principais leitoras inferindo os “dados do IBOPE (pesquisa de opinião pública), das propagandas, dos textos das próprias revistas (que se afirmam como publicações de classe média), do conteúdo específico dos artigos e das cartas de leitores publicadas”. BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). Cadernos Pagu, n.01, a 07. p. 111-148. 1997.

<sup>197</sup>Ibidem, p. 112.

desde que fossem garantidas as “bases morais e valorativas e que as vendas e a publicidade não [saíssem] prejudicadas”<sup>198</sup>. O que prevalecia era a aceitação do “natural”, do biológico, que servia inclusive como reafirmação da condição “feminina”, da feminilidade:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história e sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que as outras pessoas fossem felizes<sup>199</sup>.

As expressões: “moça de família x moça leviana”; “boas moças x mal faladas”; “bom caminho x más influências”; “para casar x maçaneta”; faziam parte do vocabulário da época e das instruções contidas nas páginas dos periódicos. No conteúdo de O Cruzeiro era dado, por exemplo, que o jeito do rapaz tratar uma moça dependeria muito de seu comportamento<sup>200</sup>. “Deflorar-se” antes do casamento era gravíssimo, não correspondia com a “boa moral”. A noiva que não era mais virgem estava passiva de ter seu casamento anulado, no qual o recém-casado poderia alegar “induzimento a erro essencial”, garantindo punições à moça deflorada por outro<sup>201</sup>.

Não só os “modos”, o comportamento, condiziam com a moça possuir ou não a “boa moral”. As “modas”, ou seja, a vestimenta e aparência eram fatores extremamente importantes, no que se refere a passar uma imagem virtuosa. Embelezar-se para o marido era obrigação de uma esposa boa que desejava manter seu casamento. As aventuras extraconjugais, tipicamente associadas à figura masculina, poderiam ser esquecidas se em casa o homem tivesse uma companheira perfeita e atraente. Perfeita, no sentido de não medir esforços para ver a felicidade do cônjuge. Seu dever não correspondia necessariamente em se comunicar com o marido, nem compartilhar experiências ou ideias, mas sim acompanhá-lo nas opiniões, reconhecer seus gostos e desejos, inspirando-o, confortando-o, animando-o<sup>202</sup>.

A moça dos anos 1950, no mais das vezes, deveria seguir uma lógica: preparar-se para a vida de esposa e mãe, estando sempre ao lado do marido e a par da vida dos filhos. A mídia

---

<sup>198</sup>Ibidem, p. 145.

<sup>199</sup>PINSKY, Op. cit., 2015, p. 609-610.

<sup>200</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ, 24 maio 1958.

<sup>201</sup>PINSKY, Op. Cit., 2015, p. 607-639.

<sup>202</sup>Ibidem, p. 628.

propagandista e o comércio abarcavam essa procedência e utilizavam-se da vivência feminina para disseminar seus produtos “imprescindíveis” ao cotidiano. As aparições de enceradeiras, aspiradores de pó, alvejantes, além de maquiagens, produtos para cabelos e higiene nos anúncios publicitários evidenciavam as conotações atribuídas ao “ser mulher”, ligado diretamente aos bens materiais do lar e aos cosméticos. Nesse panorama, retomando Raquel de Barros Pinto Miguel, vemos a possibilidade que os anúncios abriam para a análise dos papéis sociais destinados às mulheres das décadas de 1950 e 1960<sup>203</sup>. Refletindo ainda sobre a possível participação das propagandas na constituição das subjetividades das mulheres e homens de uma geração e utilizando exemplares da revista *Capricho*, a autora considera que:

As mulheres exibidas em anúncios dos anos 50, e também do início dos anos 60, retratavam o ideal da “moça prendada moderna”, uma vez que deveriam estar atentas aos cuidados da casa, dos filhos, do marido devendo, ainda, manterem-se sempre belas. Para conseguirem cumprir todas essas tarefas, as mulheres contavam com importantes aliados: batedeira, máquina de lavar roupa, sabão em pó e enceradeira de um lado, e cremes contra rugas, sabonetes perfumados e poderosos dentifrícios de outro<sup>204</sup>.

Concomitantemente ao ideal de “boa moça”, “boa esposa” e “boa mãe” propagado nos jornais e revistas, outro grande veículo midiático, o cinema hollywoodiano, explodia e trazia beijos apaixonados entre jovens namorados. Musas emergiam e com elas novos comportamentos e ideais de beleza. Marilyn Monroe tornava-se símbolo sexual. A exuberância e a ousadia sobreposta em seus filmes, apresentações musicais e aparições revelavam uma outra face do ser mulher e do ser “feminina”. É nesse sentido que Pinsky afirma que não devemos esquecer as pessoas, que vivendo nos Anos Dourados, possuíam ideais diferenciados, ousados, corajosos, ansiando renovação<sup>205</sup>. Para a estudiosa foram estas pessoas que permitiram que estes anos tivessem também “outras tonalidades e cores”<sup>206</sup>. Assim, mesmo em meio às perspectivas comportamentais intrínsecas e associadas aos anos 1950 passaram, nas décadas subsequentes, a serem revisados e avaliados os papéis sociais das mulheres, por meio inclusive de reivindicações acerca dos códigos jurídicos, lutas contra a violência, opressão e discriminação.

---

<sup>203</sup>MIGUEL, Op. Cit., 2008.

<sup>204</sup>Ibidem, p. 4.

<sup>205</sup>Um exemplo pode ser visto na própria produção literária da época, na qual, as representações do feminino tomavam caminhos para além do recato. No ano de 1954, em *Ciranda de Pedra*, Lygia Fagundes Telles lançava sob uma atmosfera feminina (com autora e personagens femininas) assuntos ligados à traição da mulher, violência doméstica, loucura e alteridade feminina. Cf. TELLES, Lygia Fagundes. *Ciranda de pedra*. Editora Companhia das Letras, 2009.

<sup>206</sup>PINSKY, Op. Cit., 2015, p. 607-639.

### 2.4.1 Revistas em revista: rupturas e permanências entre 1950 e 1970

Para melhor compreendermos os movimentos de rupturas e permanências, bem como as correlações entre feminino e feminismo pela ótica da mídia impressa, analisamos algumas versões da década de 1950 à década de 1970 das edições de *O Cruzeiro, Revista – RJ*<sup>207</sup>. Lançada em 1928, esta revista ilustrada foi uma das mais bem-sucedidas na história da imprensa brasileira, circulando semanalmente em todo o território nacional, decaindo apenas nos anos 1970 com a morte de seu fundador, Assis Chateaubriand, fechando definitivamente em 1985<sup>208</sup>.

No decorrer do trabalho utilizaremos as análises aqui realizadas, para estabelecermos as aproximações e distanciamentos destes veículos midiáticos produzidos em solo brasileiro, com as versões brasileiras da *Enciclopédia da Mulher*. Portanto, demos atenção maior às reportagens, textos e artigos voltados às mulheres, principalmente os que traziam em seu contexto os conceitos feminino e feminismo. As pesquisas realizadas ocorreram no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro<sup>209</sup>.

Amplamente difundido nas propagandas, em especial as de cosméticos e eletrodomésticos, o termo “feminina” era, em *O Cruzeiro*, a compilação de conotações referentes ao “comportamento natural” da mulher: destacando sua intuição, delicadeza, amor à beleza e dedicação àqueles ao seu redor. Mesmo que de maneira sutil, perceberemos certas modificações no trato da feminilidade na passagem dos anos 1950 para os anos 1960. Entretanto, somente na década de 1970 viriam rupturas mais significativas. Ao compararmos as capas das edições de cada década, já notamos isso. Até mesmo as chamadas para os conteúdos presentes em cada decênio revelam aspectos sociais importantes que nos permitem

---

<sup>207</sup>Optamos por apurar as versões da Revista, *O Cruzeiro*, por este veículo abranger as décadas do recorte temporal deste trabalho, 1950 a 1970 – anos de circulação da *Enciclopédia da Mulher*. Outros periódicos como o *Jornal das Moças* (1914-1961) e a revista *Querida* (1954-1968), por exemplo, abrangiam apenas uma parte desse período. Como a ideia aqui proposta é analisar os movimentos de rupturas e permanências nas representações do feminino entre as três décadas, um veículo que as comporte nos oferece maior suporte investigativo. Nas pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro buscamos periódicos nos quais apareciam os termos: feminino, feminina, feminismo, feminista.

<sup>208</sup>A revista *O Cruzeiro* “foi um dos primeiros órgãos a integrar os Diários Associados, a primeira rede de comunicação brasileira, que, em seu auge, contabilizaria 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, dentre as quais, a TV Tupi”. A grande abrangência de *O Cruzeiro* também pode ser mensurada em números: sua tiragem média era de 200 mil exemplares até os anos 1950, elevando-se para 550 mil por volta de 1955, marca que seria mantida até a década de 1960. *O Cruzeiro* revolucionou “o mercado editorial brasileiro ao criar e ditar padrões, além de ter influenciado fortemente a opinião pública nacional”. Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso em: 14 out. 2018.

<sup>209</sup><http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

melhor vislumbrar não só o pensamento sobre o ser mulher, mas também o que se refere às relevâncias culturais de cada contexto.

Em 1958 o destaque da revista era o concurso global de misses. Apontava para a beleza latina e a rotina da vencedora do grande prêmio da beleza. No entanto, a mesma edição abarcava a morte da jovem estudante Aída Curi. A “inexperiência e a pureza” da moça teriam a levado “às garras de dois sádicos adolescentes” que, numa festa em Copacabana, mataram-na. Aída, que teria sido torturada e jogada de uma escada, morreu “tentando salvar sua honra”, o que conseguiu por não ter sido sexualmente violentada. Nas páginas seguintes, a guerra no Líbano era assunto de uma reportagem especial, que se atentava para o papel da mulher no país – seu poder de voto e uso do biquíni. A seção curiosidade trazia a suposta aparição de um disco voador na Tijuca, fato que havia recebido depoimento e fotografia de dois leitores<sup>210</sup>.

No ano de 1968, o estilo hippie estampava a capa e no interior da revista ganhava uma discussão modista – no qual os seios eram destaque nas fotografias e produções. Discutia-se, nesta edição, o “polêmico teatro novo brasileiro” que objetivava “tomar consciência da realidade”, trazendo “palavrões” e nudez. Como nome proeminente do movimento, o ator José Wilker, na época com 23 anos de idade. Os milagres do “homem do coração de plástico”, referindo-se aos transplantados com coração de ventrículos mecânicos, faziam parte da reportagem científica. A matéria histórica falava sobre o único continente que América e África teriam sido há 350 milhões de anos, quando o Nordeste brasileiro representava a ligação entre “os dois mundos”. Sobre as questões sociais, a onda de chuvas e enxurradas na Bahia preocupava. Itabuna, Itapé, Una e Belmonte sofriam com a falta de vacina e alimentos aos desabrigados. Na parte horóscopo de mulher, a previsão astral para cada signo<sup>211</sup>.

Em 1978 a lida com os assuntos era ainda mais variada e “provocante”. A “mulher de terno e charuto” que estampava a capa era Leila Cravo, a atriz que não tinha “medo dos mafiosos”. No texto dedicado a ela, uma conversa sobre os efeitos na profissão depois do “ataque” que havia sofrido num motel em 1975 – segundo a atriz, o aparecimento de propostas apenas em “porno-chanchadas de péssima qualidade”. Leila se dizia a favor do “erotismo de bom gosto” e comemorava o retorno ao programa Fantástico da Rede Globo (canal 4). As técnicas de kung-fu utilizadas como “armas do crime” em assaltos também eram assunto da semana, assim como a violenta caçada de morte às baleias (provocadas por um matador silencioso – o kuroishi). A luta dos aposentados contra a solidão ganhava explicações na falta

---

<sup>210</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 44, 1958.

<sup>211</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 03, 1968.

de saúde e vitalidade, na renda pequena e na marginalização social ocasionada pela falta do trabalho. A seleção brasileira de futebol rendia análises de comentaristas e entendedores esportivos, principalmente sobre os desafios do treinador com time da Copa do Mundo de 1978. Por fim, a matéria com título *divórcio à brasileira* não resolve. Referindo-se a “nova lei do divórcio”, número 6.515, criticava a “avalanche de ações jurídicas para regularizar a situação do casal”. Além das causas econômicas (os gastos com as várias etapas do processo), a “má elaboração da lei” era sabatinada e apontada como o impedimento da “difusão do divórcio”. O artigo mais polêmico era o nº 38. Ao proferir que a pessoa poderia formular o pedido de divórcio apenas uma vez, deixava subentendido que caso se casasse novamente e optasse pela separação, o requerente teria o pedido negado<sup>212</sup>.

Se na década de 1950, imperava a figura de uma mulher doce, que prezava demasiado sua beleza, o bom comportamento, e que alcançava seu apogeu na vitória do Miss Universo<sup>213</sup>, nos anos 1960 tínhamos o movimento hippie como referência, reverberando-se na moda e na postura “descontraída”. Em 1970, porém, além de aspectos até então proponentes ao masculino – como o uso de terno, de charuto – despontavam temáticas como o divórcio, sendo agente de “poder” feminino, claro, dada as devidas proporções, uma vez que foi justamente nesta década a sanção da lei que o possibilitava<sup>214</sup>.

As imagens das capas mencionadas, expostas a seguir, foram adquiridas e ganharam autorização para divulgação neste trabalho através do contato estabelecido com a equipe da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital)<sup>215</sup>. Portanto, fazemos uso devido das mesmas:

---

<sup>212</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2442, 1978.

<sup>213</sup>Em 1958, algumas capas de O Cruzeiro foram dedicadas à Miss Brasil e candidata ao Miss Universo, Adalgisa Colombo Teruzkin (carioca, 1940-2013). A modelo ficou com o 2º lugar no campeonato mundial. A primeira colocada no concurso, com direito a uma edição especial na mesma Revista foi a colombiana Luz Marina Zuluaga (1938-2015).

<sup>214</sup>Trata-se da Lei nº 6.515 de 1977.

<sup>215</sup>Sendo um “material detentor do direito autoral, patrimonial e moral”, seguimos as diretrizes acordantes “com base nos incisos do art. 7º da Lei n. 9.279 de 1996 (LPI) e artigo 5º, inciso XXIX, da Constituição de 1988”. Para reprodução do material entramos em contato através do e-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br).

Imagem 3: O Feminino nas Revistas - década de 1950



Fonte: O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 44, 1958.

Imagem 4: O Feminino nas Revistas – década de 1960



Fonte: O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 03, 1968.

Imagem 5: O Feminino nas Revistas – década de 1970



Fonte: O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2442, 1978.

No início da década de 1950 prevalecia nas edições de O Cruzeiro a figura de uma mulher que possuía como função principal na vida o papel de esposa. Surgiam fórmulas essenciais de como conquistar e manter um “bom casamento”, preenchendo as colunas dedicadas ao público feminino ou ainda os anúncios publicitários tomados de produtos basilares à dona de casa. Em um artigo propagandista de 1950 víamos o terror de se tornar uma “jovem esposa envelhecida”. Oferecendo um “antisséptico e desodorante aromatizado” para a higiene íntima da mulher, colocava-se no produto a solução de distúrbios que produziam “frieza, mau-humor, tornando-a indisponível para os prazeres da vida”. Justificava nesse comportamento feminino a possível falta de amor e indiferença do marido. Para tanto, apontava: “conserva o amor de seu espôso”, utilizando o produto e garantindo a “saúde, mocidade e beleza”<sup>216</sup>.

Atentando-se, todavia, para a vida além do espaço privado que a mulher ia galgando, as revistas também abordavam o trabalho fora do lar. Claro, apontando as profissões entendidas como mais “adequadas”. Numa matéria, da qual a escritora cearense Rachel de Queiroz era autora, destacava-se a profissão de enfermeira com “mais especificamente feminina que o ensino primário, porque exige a quem a exerce não só a atitude espiritual, como o gesto material, o trabalho tipicamente de mulher, a presença da mulher”<sup>217</sup>. Como pressupostos básicos, a edição trazia:

E, como tôda coisa essencialmente feminina, a profissão de enfermeira, além de tudo, tem glamour. Já notaram que qualquer rosto de mulher fica bonito debaixo da touca de enfermeira? Como o uniforme branco, o avental engomado, os sapatos silenciosos dão à enfermeira um atrativo ao mesmo tempo casto e irresistível, que nasce da sua quase agressiva feminilidade? Já pensaram nas possibilidades de romance, quando um mômço bonito e forte é derrubado pela doença física e fica a depender da enfermeira como a criancinha de sua mãe?<sup>218</sup>

Além de glamourizar a profissão, como fator atrativo, as “possibilidades de romance” diante dos possíveis pacientes bonitos eram destaque. A oportunidade de se arranjar matrimonialmente no trabalho mostrava a necessidade de voltar as atenções da vida da mulher ao lar, ao casamento, à vida privada. Só seria completa e realizada aquela que encontrasse seu parceiro – mesmo que a funcionalidade dela nesta relação fosse a de cuidadora, uma espécie de “mãe”. Temos nessa passagem de O Cruzeiro a apropriação, por parte da revista, de um discurso que ao caracterizar “o uniforme branco, o avental engomado, os sapatos silenciosos” da

---

<sup>216</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 1 (6), 1950.

<sup>217</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 5 (1), 1958.

<sup>218</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 5 (1), 1958.

enfermeira, a aproximava da figura da dona de casa em seu caráter puro, alinhado e discreto. Tratava-se de uma profissional responsável pela sua aparência que, mesmo saindo para trabalhar, prosseguia com as características intrínsecas à vida do lar. O próprio indício temporário desse emprego (indo até o encontro de um marido), não permitiam um afastamento maior entre as concepções entre ofício e casa.

Outro ponto notável nestas matérias das revistas leva-nos para a indústria cosmética, ou seja, o locus fundamental na “fabricação” de mulheres belas. Com a chamada o que fazem mulheres belas, elucidava-se:

Seguindo a tradição de suas antepassadas, a mulher moderna, feia ou bonita, qualquer que seja a sua condição social, usa cosméticos para realçar traços de seu rosto ou por inconformismo de mostrar apenas o que Deus lhe deu. Para que as mulheres agradem aos homens e se satisfaçam pessoalmente frente ao espelho, milhares de operários dirigidos por outras mulheres de químicos trabalham, fabricando sempre coisas novas, pesquisando cosméticos, óleos, pastas, cremes, tinturas, esmaltes e pós. Ao lado dessa corrida de descoberta de fórmulas novas, anda a inconstância feminina que obriga a enorme indústria da vaidade a uma renovação constante. A indústria dos cosméticos é tão importante e séria como a de fabricar armas de guerra [...]<sup>219</sup>.

Pelas considerações da matéria, percebemos a existência da premissa: toda mulher usa cosméticos. Notamos também a sólida ideia de duas versões de mulheres: uma feia e outra bonita, sendo que ambas consomem aquilo que a indústria da beleza produz. Fosse para “realçar traços de seu rosto”, pelo “inconformismo de mostrar apenas o que Deus lhe deu”, para “agradar os homens” ou “satisfazer-se pessoalmente frente ao espelho”, as mulheres dependiam da química cosmética. Uma leitura mais detida permite-nos inferir que ser bela para o homem seria motivação anterior a sentir-se bonita para si. Assim como, indo adiante, atinamos para o olhar ao qual é direcionado o comportamento feminino em relação aos produtos, ou seja, a “inconstância feminina” que implicava no dever fido de renovação desse ramo – um posicionamento que remontava ao jeito feminino de tratar as situações pela emoção, pelo “estado de espírito”.

Esse *modus vivendi* atribuído ao feminino, pode ser notado de maneira ainda mais explícita em outra propaganda veiculada nas edições de O Cruzeiro. Intitulada *elas e a “eterna intuição feminina” já decidiram: English Lavander*, o anúncio dizia:

---

<sup>219</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 6 (2), 1958.

Todo homem (não importa a idade) aprecia uma homenagem, inclusive presentes! Nisso, eles vêm amor, atenção e até uma certa reverência (ilusão de superioridade...). Pois bem, não há mulher no mundo que desconheça essa “arma”. Quando se trata de um presente (que possa dizer tudo...) elas não titubeiam, decidem-se por ENGLISH LAVANDER - fragrância suave, porém sóbria, que revela o bom gosto de quem recebe... lembra o carinho de quem oferta!<sup>220</sup>

Assimilando a característica intuitiva como algo eterno ao temperamento feminino, a propaganda da lavanda masculina apelava para os sentimentos que o presente dado de surpresa causaria. O amor, a atenção, a certa reverência, ou melhor, a “ilusão de superioridade” oferecida ao presenteado fariam parte da “arma” certa que “toda mulher conheceria”. Mesmo sendo colocada entre aspas e dada como ilusão, a superioridade masculina e a sua manutenção, por meio do ego, estavam claras no reclame. Em outro anúncio, da mesma época, agora destinado ao uso das mulheres – o sabonete Gessy – a proponente em questão era sentir-se “mais feminina”. Ao perfumar o corpo “delicadamente” o produto cuja a espuma era “cremosa, aveludada e abundante” ficaria perfeito usado em ocasiões muito especiais<sup>221</sup>.

A partir desses dois exemplos de anúncios publicitários, percebemos a necessidade de reafirmação da masculinidade e da feminilidade – ambas, no entanto, a cargo da mulher. Era dela o papel, tanto de fazer com que o homem se sentisse “mais homem”, quanto dela própria ser e se sentir “mais mulher”. Quanto antes esses preceitos fossem transmitidos às moças e rapazes, mais claras seriam as regras de convivência e os modos de lidar com o sexo oposto. Talvez, tenha sido por esta razão de distinguir minuciosamente cada papel sexual dentro da sociedade e seus mecanismos de afirmação, a ideia de traçar esses proponentes básicos numa coluna especial dentro da Revista O Cruzeiro. Assinada por Maria Teresa a seção da Mulher para a Mulher foi, inclusive, objeto de estudo de Bassanezi e Ursini. Falando sobre as partes destinadas a cartas e conselhos sentimentais nas revistas a autora pontua que:

A juventude (rapazes e moças) também estava presente na seção de cartas e conselhos sob a responsabilidade de Maria Teresa intitulada **Da Mulher para a Mulher**. Em geral, as idéias desta seção seguiam as mesmas linhas das veiculadas pelas revistas femininas contemporâneas. Pautavam-se pela moral tradicional em que as distinções de gênero delegavam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres. O feminino era definido por características tais como doçura, pureza, resignação, instinto materno, dependência, vocação prioritária para o casamento e os trabalhos domésticos. Ao masculino eram relacionadas características tais como iniciativa, participação no mercado de trabalho, autoridade e poder. O conteúdo dos conselhos dados pela revista era

---

<sup>220</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 11 (2), 1958.

<sup>221</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 14 (1), 1958.

marcado por valores morais que favoreciam as experiências sexuais masculinas enquanto procuravam restringir e controlar a sexualidade feminina classificando os comportamentos em certos e errados, aceitáveis e inadmissíveis e as garotas em "moças de família" e "levianas" (ou "de programa"). Às "moças de família", a moral dominante garantia o respeito social e as possibilidades de um casamento nos moldes tradicionais que as "elevava" à condição de "rainha do lar"<sup>222</sup>.

Nítidas são as qualidades atribuídas a cada sexo, exploradas pelas indústrias e pela propaganda, no intuito de garantir e aumentar seu leque de consumidores: de um lado “doçura, pureza, resignação, instinto materno, dependência, vocação prioritária para o casamento e os trabalhos domésticos” para as mulheres. Na contramão, “iniciativa, participação no mercado de trabalho, autoridade e poder” para os homens. A leitura realizada por Bassanezi e Ursini à coluna da Mulher para a Mulher permitiu, segundo elas, perceber a hegemonia desse modelo<sup>223</sup>. Dando passos adjuntos à investigação dessas pesquisadoras, trouxemos alguns trechos exemplares dessa coluna feminina. Retirados também do material disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro<sup>224</sup>, separamos determinadas temáticas abordadas por Maria Teresa: delicadeza feminina; o poder da cultura; e pode o marido ajudar?

Sobre a delicadeza feminina, a carta de “um leitor assíduo de O Cruzeiro”, presente na seção, dizia:

Sra. Maria Tereza:

Leitor assíduo de “O Cruzeiro” li hoje, com o agrado de sempre, a sua página “Da mulher para a mulher”, onde V. S. censura os modos indelicados de certos maridos, que magoam as esposas, respondendo-lhes agressivamente, na presença de domésticos e dos próprios filhos. Estou inteiramente de acordo com V. S. Acho, mesmo, que a mulher, só pelo fato de ser mulher, deve merecer de nós outros, os homens, tôda a consideração possível, inclusive a gentileza de nosso respeitoso silêncio, quando somos por elas agredidos moralmente. Todavia, gostaria de saber qual a sua opinião sôbre uma mulher que, tendo todo o confôrto, sendo queridíssima dos filhos e do marido, não titubeia em humilhar e ofender gravemente a êste último, sem o menor fundamento, injustamente, por meras suspeitas decorrentes de um doentio ciúme – facêta de seu caráter egoísta cem por cento – e põe em prática tais agressões morais, mesmo na presença de visitas ou de pessoas de nenhuma intimidade do casal. Que me diz a V. S. se eu lhe afirmasse que nós, os homens, também sentimos, também guardamos mágoas e que nem tudo é fácil

---

<sup>222</sup>BASSANEZI, Carla; URSINI, Leslye Bombonato. O cruzeiro e as garotas. Cadernos Pagu, n. 4, p. 243-260, 1995, p. 245. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119814/1/ppec\\_1770-2156-1-SM.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119814/1/ppec_1770-2156-1-SM.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018. Grifo das autoras.

<sup>223</sup>Ibidem, p. 245-246.

<sup>224</sup>Nas buscas realizadas neste site priorizamos, uma vez mais, as buscas pelos termos: feminino e feminina, feminismo e feminista.

esquecer, sobretudo aquilo que nos fere no ponto mais melindroso de nossa formação moral?<sup>225</sup>

Vale trazer o comentário da colunista antes da transcrição da carta: “fora de nossos hábitos transcrevemos hoje aqui uma carta, com a qual estamos inteiramente de acôrdo. Portanto, além dêste, não fazemos nenhum outro comentário”. Analisemos primeiro esta colocação. A partir dela, percebemos que dispor as cartas dos leitores, na íntegra e sem adendos, não era algo comum na seção de Maria Tereza. Notamos também que quando ocorreu, foi a carta de um homem a escolhida – e não a de uma mulher, que seria o público-alvo e mais recorrente. Dito isto, partimos para as considerações presentes na carta. Segundo o leitor, em outra publicação, Tereza havia dito sobre a delicadeza que os maridos deveriam ter com suas esposas, e que nisso ele concordava – mesmo quando elas o “agrediam moralmente”. No entanto, ele apontava para a indelicadeza de muitas mulheres na relação conjugal. Ao longo da carta questionava a visão do marido como um “réu” e da necessidade de a colunista esclarecer-se frente “muita mulherzinha que coloca o seu ciúme, o seu egoísmo, acima de tôdas as contingências da vida, até mesmo com o risco de pôr a perder a sua própria felicidade” – leia-se, o casamento. Para o leitor, ser querida pelos filhos e pelo marido, assim como receber todo o “conforto”, seria motivação contrária ao comportamento “cem por cento egoísta” de algumas mulheres. Insinuava a mágoa masculina diante desse tipo situação, na qual a mulher feriria a “formação moral” do homem, colocando adiante na carta as traições masculinas justificadas dentro destas circunstâncias, pedindo os conselhos imprescindíveis da autora. Dito e feito. Maria Tereza trouxe no final da página do mesmo exemplar, as dicas para a espôsa transviada – que “cai na tentação do fruto proibido” quando o marido é desatencioso, mas que depois envergonha-se de si mesma e que a partir disso:

Não conta com o apoio moral de ninguém. Sente-se só, fracassada, sem direito a ser felix [sic]. E do fundo de seu abismo só o que se pode faxer [sic] é lançar uma advertência a outras espôsas para que não se afastem da linha da decência e da moral que, conquanto às vèxes [sic] seja difícil, é a única que proporciona a pax [sic] de espírito, maior dom que se pode aspirar<sup>226</sup>.

Vemos que, se a autora concordava em tudo com o leitor sanciona, portanto, a traição masculina diante da desatenção da parceira, mas condena a atitude da mulher na mesma situação – por um problema de consciência e de abismo social. Observamos, mesmo que

---

<sup>225</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 6 (2), 1958.

<sup>226</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 6 (2), 1958, p. 85.

mascarado, a condição biológica atuando na condição social. A historiadora Maria Beatriz Nader afirma que além das compilações socioculturais, a questão biológica desempenha uma influência determinante nas implicações dos papéis desempenhados pelos indivíduos. Uma divisão nitidamente marcada pelo sexo e desenvolvida pelas diferentes esferas sociais. Para Nader existe uma conexão entre o fator sexual e o delineamento social, na qual as considerações feitas acerca da condição biológica, culturalmente se estabelecem<sup>227</sup>. A coluna de Maria Tereza não desmente essas premissas. Nela, clarifica-se que a mulher fora designada ao pertencimento de uma categoria diferente, para não dizer inferior, relacionando o fator biológico ao seu lugar na família e na sociedade.

Passemos para a análise de mais uma temática selecionada da coluna da Mulher para a Mulher: o dever da cultura. Associando o termo cultura à vida intelectual, Maria Tereza partia do pressuposto de que “o nível espiritual da família dependerá muito do valor que o casal emprestará à cultura”. Entretanto, como no mais das vezes, a mulher deveria se atentar em questão especial:

Em geral a mulher é quem mais descuida no trato da vida intelectual. E o que se vê é que a conversa feminina gira de preferência em torno da alimentação, criadagem, doença ou modas. Mas há assuntos de capital importância para o bem-estar da humanidade, que poderiam ser estudados, discutidos, ponderados por homens e mulheres ou melhor: pelos casais. [...] Acontece que muita gente toma a leitura de revistas de quadrinhos, onde histórias de amor, fantásticas, satisfazem a uma imaginação feminina insatisfeita com seus próprios sonhos da juventude<sup>228</sup>.

O enriquecimento intelectual, claro, desembocava na fundamental boa convivência da mulher com seu par. A matéria, apesar de balizar para a “humanidade” e o bom alimento do espírito através da boa leitura (como a encontrada nos jornais), não colocava nesse fator a satisfação pessoal daquele que estudava para si mesmo – a função primeira ao se adquirir certos conhecimentos rumava na direção do relacionamento afetivo, ou seja, numa das ferramentas para mantê-lo. Não à toa na mesma página, Maria Tereza escrevia o artigo temor exagerado, afirmando, na íntegra, que:

Muitas moças experimentam complexo de inferioridade, porque nas festas, não arranjam namorado. Troquemos idéias sobre o assunto. Gozar a mocidade não quer dizer apenas arranjar namorado. É certo que o sonho de quase toda

---

<sup>227</sup>NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do Destino Biológico ao Destino Social*. 2ª ed. Vitória: EDUFES/Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2001, p. 105-106

<sup>228</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 19 (2), 1958.

mulher é possuir seu lar, ter marido e filhos. E isso, felizmente, a grande maioria consegue. Mas para chegar até lá “normalmente”, ela precisa também viver “normalmente”. De um modo geral a mulher se casa com mais ou menos vinte anos. E começa a freqüentar a sociedade aos quinze. Ora, se ao principiar a freqüentar festas arranjar logo um namorado, não se divertirá mais à vontade, nem terá muita oportunidade para escolher. Se fôr seu destino gostar logo e casar com o primeiro amor, tanto melhor para ela, se fôr feliz. Mas em regra geral isso não acontece. Conhece muitos, brinca com todos, e quando menos espera, depois de um certo tempo está prêsa a um só, àquele a quem unirá sua vida. Isso acontecerá normalmente, sem preocupações exageradas, sem temores descabidos, que retardam a vida, que atrapalham tudo, que roubam à môça a sua natural vivacidade, que constitui o principal encanto da juventude. A môça que tem complexo de inferioridade por não ter namorado precisa fazer higiene mental: se ainda não tem namorado é porque a sua hora não chegou. Precisa estar preparada para ela. Sentimentos de derrota e frustração retardam a vida, prejudicam o futuro. A mocidade não comporta tristezas. É a época em que se brinca, em que se estuda, em que se constrói planos para o futuro. O pensamento fixo de não ter arranjado namorado dá à môça uma sensação de insegurança, de falta de confiança em si mesma. Isso a torna refratária a amizades, fá-la às vezes até desagradável para as amigas. Estas passam a evitar sua companhia, A môça se sente cada vez mais só. Ao contrário, libertando-se dêsse complexo a môça procurará agradar a todos, gregos e troianos, sua companhia será disputada, ela terá muitas oportunidades de brincar... e mais chances para encontrar marido<sup>229</sup>.

O texto que problematizava o complexo de inferioridade das moças que não conseguem namorado, rumava à massificada ideia sobre o desejo das mulheres em relação ao casamento, ao lar, aos filhos com o uso das expressões “muitas”, “quase toda”, “a grande maioria”. E mesmo afirmando coisas como “a mocidade não quer dizer apenas arranjar namorado” ou “se ainda não tem namorado é porque a sua hora não chegou”, colocava num futuro relacionamento conjugal a razão existencial feminina. Ao compartilhar os eventos sociais, a partir dos quinze, e a ocorrência do casamento, por volta dos vinte anos, vinculava uma concepção idealizada, padronizada. Algo que provavelmente ocorria na sociedade brasileira daquela época (pelo menos nos meios de classe média aos quais esse tipo de texto era destinado) e que encontrava no intermediário jornalístico em questão seu arcabouço. O caminho “natural” da conquista do par revelava isso: a naturalização de um certo comportamento social, dado como certo pelos olhos da mídia, através do discurso da imprensa.

Mesmo apontando a importância de “brincar” antes de se unir para o resto da vida a um só homem, o texto de Teresa não dava como opção viver só, ou apenas “brincando”. O ideal era manter a “vivacidade”, fazer uma “higiene mental” em relação aos sentimentos de derrota e frustração, e “agradar a todos, gregos e troianos”, para ter sua companhia disputada e aumentar

---

<sup>229</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 19 (2), 1958.

as chances de conseguir um marido. Ficar “para titia”, sendo uma “solteirona”, era uma situação social extremamente indesejável, um estigma que considerava a mulher solteira uma criatura incompleta. Se a moça não tivesse se arranjado até os 25 anos, recebia o rótulo<sup>230</sup>.

A última matéria da coluna de Maria Teresa que nos propusemos a analisar, sobre o uso do termo “feminina”, trata justamente desse momento quando a mulher já alcançou o ápice da vida: o marido, o lar e os filhos. A autora resolveu abordar a falta de compreensão, os trabalhos e prazeres e a habilidade feminina na temática: pode o marido ajudar?<sup>231</sup>

Já pelo título e uso do termo “ajudar” percebemos que Maria Teresa entendia que o marido, segundo ela “provedor da família ... determinado pelas leis divinas e humanas”, ao exercer alguma tarefa no lar estaria apenas auxiliando a mulher, e não cumprindo uma obrigação – uma vez que esta tarefa seria “habilidade feminina”. Durante todo o texto, Teresa apontava que quando certos maridos se dispuseram “ajudar”, pela falta de atino com a lida doméstica, acabaram atrapalhando ou dando ainda mais serviço às suas esposas. A imagem escolhida para estampar a coluna, também era bem sugestiva na confirmação do enunciado – um pai tendo nítidas dificuldades para cuidar do filho que fazia pirraça. A visão de que a mulher “não tem o direito de esperar do marido outra tarefa além da que exerce .... de cabeça da família” configurava o não desfazer, novamente, o arranjo cômodo natural. Tratava-se da manutenção da ordem biológica, cultural e social das coisas.

Não podemos deixar de mencionar, entretanto, os anúncios e artigos de outras sessões que apontavam para as questões emancipatórias da mulher, ou seja, que falavam sobre o feminismo e as feministas. Mesmo que de maneira superficial, alguns avanços e conquistas eram temáticas abordadas pela indústria midiática publicitária em seus discursos. A campanha do modess, absorvente menstrual, dava indícios disso, uma vez que a menstruação em várias épocas chegou a ser taxada como suja e perigosa<sup>232</sup>. Além de tratar com naturalidade as “regras femininas”, o anúncio presente em O Cruzeiro direcionava o uso do modess ao conforto e segurança proporcionados à mulher<sup>233</sup>. Globalizando seu público com a chamada “elas tôdas acham fantástico”, apontava para o fato de o absorvente servir para qualquer mulher, pressupondo que sua embalagem “nova e atraente” não seria algo a se esconder.

A figura das “feministas” estava nas pautas das discussões femininas já nos anos 1950, embora de maneira incerta em seu trato e crítica em sua forma. Mesmo assentando o termo

---

<sup>230</sup>PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014, p. 112.

<sup>231</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. Novembro (4), 1958.

<sup>232</sup>DEL PRIORE, Op. Cit., 2013.

<sup>233</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 19 (2), 1958.

feminismo em suas colunas, a mídia feminina seguia, no mais das vezes, os mesmos eixos discursivos. Ao tratar de assuntos como a infidelidade feminina, a traição masculina e lesbianismo, por exemplo, ou seja, temas que poderiam trazer os olhares do feminismo em suas abordagens, acabava por reverberar as conotações até então atribuídas: os lugares cabíveis a cada indivíduo no contexto social, as determinações naturais emanando as ações, a posição inferiorizada da mulher ao se tratar da racionalidade.

Pegemos uma matéria que falava sobre a infidelidade da mulher. Com as chamadas: a traição feminina tem sempre origens em muitos choques inconscientes e entre os homens, a infidelidade da esposa surge não como um perigo iminente, mas como um perigo possível, o artigo demonstrava a “incapacidade” da mulher trair racionalmente, ou ainda da falta de perigo disso acontecer numa relação – uma vez que não seria da natureza da mulher agir de tal maneira. Em relação à mulher, presumia-se que:

A infidelidade pode ter raízes em acontecimentos infelizes, negativos, para os quais a mulher se encontrava absolutamente desprevenida. É o caso da infidelidade circunstancial, que pode acontecer diariamente na vida de qualquer esposa, ou mulher. O outro tipo de infidelidade, a pretendida, é praticamente um drama insanável<sup>234</sup>.

Mesmo considerando a infidelidade circunstancial e a pretendida como possíveis de ocorrer entre as mulheres, as motivações para ambas desembocavam, sempre, em fatores emocionais – que por uma questão de descontrole ou controle premeditado, ocorriam – com fins dramáticos. Já se tratando do homem, as motivações partiriam, essencialmente, de sua condição biológica, ou seja, de fatores naturais maiores que sua vontade. Se a tentativa de se manter monogâmico passou a existir, foi dado aos ditos sociais e ao sacrifício em prol de um lar, uma família, uma mulher:

O homem não é naturalmente monógamo. Todos os seus ancestrais viveram poligamicamente. O homem do século XX, depois de um processo de reeducação ditado pela sociedade, decidiu sacrificar algo de seu instinto sexual para dedicar-se com responsabilidades a um lar, uma família, uma mulher. Seu modo de vida adaptou-se a uma forma, a um padrão, porém mantém ainda no íntimo, no inconsciente, as tendências do instinto poligâmico. Essa diferença entre homem-mulher é responsável por muitos casos de infidelidade. Onde uma mulher encontra uma ou duas oportunidades para trair, o homem encontra cem<sup>235</sup>.

---

<sup>234</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 12 (1), 1968.

<sup>235</sup>Ibidem.

Na sequência do texto era dito que o fator de “pressão externa” atingia ao homem mais que à mulher. Justificava-se, assim, que a condição de provedor, de trabalhador do homem, o fazia mais propenso às “tentações”. Uma vez sujeito a elas, seu instinto ancestral não garantiria sua fidelidade. No entanto, as novas configurações sociais, com a mulher saindo da esfera privada para a vida pública – rumando o “auxílio” no orçamento doméstico, ou ainda a uma renda para suas necessidades supérfluas –, a submeteriam a estas provações. Mesmo não sendo de sua natureza a oferta existiria, e num ato de descuido a traição poderia ocorrer:

O “modus vivendi” de hoje obriga cada vez mais a mulher a trabalhar, para conceder um auxílio no orçamento doméstico, ou para dispor de recursos próprios à aquisição de objetos de uso particular, como joias, roupas e perfumes. E a cada momento aumenta o número de mulheres que trabalham, as quais, conseqüentemente, estão mais expostas às oportunidades de traição, de sedução pelos prazeres perigosos, pelas sensações diferentes. É o caso do “vamos variar um pouco?”, que diariamente jovens espôsas ouvem nas ruas, nos clubes, ou nos locais de trabalho<sup>236</sup>.

O aspecto da curiosidade era destacado não somente em relação à infidelidade feminina, mas também à sua própria sexualidade. Com o título: os psicanalistas se recusaram a falar do lesbianismo, outra matéria de O Cruzeiro, abordava, dentre outros pontos, os “fatores do homossexualismo”; um estudo realizado por Alfred Kinsey<sup>237</sup> apontando que uma entre quatro americanas havia “experimentado contato sexual” com uma mulher; a falta ou a existência de arrependimento das “praticantes”, e a possibilidade de “cura”<sup>238</sup>. Como observamos na chamada, os psicanalistas não quiseram se pronunciar na reportagem, mas havia um certo consenso sobre as possibilidades de cura – numa escala que ia de um a seis, e que apenas no estágio seis seria irreversível.

Para os da faixa 0: completamente heterossexuais, faixa 1: amplamente heterossexual, mas com experiência homossexual acidental, faixa 2: amplamente heterossexual, mas com uma história homossexual definida, 3: igualmente homossexual e heterossexual, 4: amplamente homossexual, mas com uma história heterossexual definida, 5: amplamente homossexual, mas com experiências heterossexuais incidentais e 6: completamente homossexual<sup>239</sup>.

---

<sup>236</sup>Ibidem.

<sup>237</sup>Alfred Kinsey (1894 - 1956) foi um biólogo americano, professor de entomologia e zoologia e sexólogo. Fundou o Instituto de Pesquisa do Sexo na Universidade de Indiana nos anos 1940.

<sup>238</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 24 (3), 1968.

<sup>239</sup>Ibidem.

No artigo, tinha-se que a experiência “lesbiana” era mais comum entre as jovens solteiras – que estariam na fase de descoberta dos prazeres. Era mencionado que o “homossexualismo” masculino seria mais “bem-aceito” por ser mais recorrente na sociedade<sup>240</sup>. Trazia-se, ainda, a entrevista com algumas lésbicas sobre a normalidade da mulher nessas circunstâncias. Dentre elas, destacamos:

Para T. Moreira a normalidade sexual é um ponto de vista apenas. Cada vez que a chamo pelo sobrenome, torna-se mais agradável na conversa. É uma mulher de belos traços, com olhos marcantes. Uma característica de tôdas as lésbicas que encontrei foi um olhar agressivo, numa tentativa de masculinizar as feições, muitas vêzes conseguida<sup>241</sup>.

Mesmo a entrevistada colocando o “ser normal” (objeto da pergunta) como um ponto de vista, para a pessoa entrevistadora o que sobressaiu foi a possível identificação de traços masculinos na moça. O fato de “tornar mais agradável a conversa” ao chama-la pelo sobrenome, indicando a propensão de um tratamento, à época usualmente masculino, refletia isso. Mesmo sendo ela uma “mulher de belos traços, com olhos marcantes”, a tentativa de globalizar as lésbicas como detentoras de “um olhar agressivo” expunha a necessidade aparente de enxergar no “lesbianismo” a vontade (até mesmo forçada) de se alcançar aspectos masculinos.

Entrava em cheque a questão fundamental da aparência: parecer-se feminina, para ser feminina. Vejamos o artigo, com o chamativo título quanto custa a mulher?, baseado nas opiniões do professor Carlos Pacheco e Silva Filho, psiquiatra paulista e catedrático da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo:

A análise do “preço de uma mulher” implica numa avaliação da estrutura psicológica do homem e da mulher, pois ambos estão relacionados e se influem reciprocamente. [...] a maioria das mulheres ainda procura compensar o sentimento arcaico de desvalorização inconsciente, que perdura desde o

---

<sup>240</sup>“O termo ‘homossexual’ foi cunhado pelo médico suíço Karoly Benkert em 1869, sendo posteriormente utilizado por profissionais de saúde no âmbito da sexologia e da psiquiatria”. No entanto, com estudos feministas, gays e lésbicos, e as críticas sobre a desnaturalização dos sexos, tal termo vem sendo substituído pela sigla internacional LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais). A justificativa para a mudança seria que enquanto o termo “homossexual” está fortemente ligado à medicina e à conseqüente patologização de comportamentos sexuais, LGBT escaparia a essa herança simbólica. Esta sigla também vem sofrendo discussões. Exemplo disso, é a utilização de LGBTI (incluindo desta feita as pessoas que se identificam como intersexuais), ou LGBTQ (incluindo a categoria queer). SANTOS, Ana Cristina. Estudos queer: Identidades, contextos e acção colectiva. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], nº 76, dez. 2006, p. 3-15. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/813>. Acesso em: 04 fev. 2019.

<sup>241</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 24 (3), 1968.

tempo em que elas eram totalmente submissas ao homem. “Em certos casos, quanto mais gastam consigo melhor elas se sentem”. [...] E ao contrário desse tipo de mulher, há as “independentes”, que se mostram indiferentes às valorizações, elas procuram competir com outros meios, com o homem, fora do lar. Essas são as mais “baratas” para o homem. Mas então – pode-se perguntar – onde fica a autenticidade feminina? Se tanto as bonecas mimadas como as intelectuais (apesar da aparência contrária) se mostram tão neuróticas e infelizes?<sup>242</sup>

O conteúdo da reportagem, como notamos, tratava de investigar quanto uma mulher gastava com produtos de beleza – embora o título desperte outros sentidos, em relação ao valor de uma mulher. Eram anunciados dois tipos de mulheres: as “bonecas mimadas” que seriam “caras” em relação ao número de produtos utilizados e as despesas demasiadas que dariam aos maridos; e as “intelectuais” que, por buscarem o trabalho fora do lar e pelo desejo de competirem com os homens, seriam “baratas”. Ambas, no entanto, mostravam-se “neuróticas e infelizes”. Nesse sentido investigativo de valores, lançava-se na matéria as seguintes perguntas: “Quanto custa a beleza? Quanto gasta a mulher para manter sua secular sedução? Qual a média de gastos mensais em produtos de beleza (cosméticos, salões e roupas)?” Para Noemi, a entrevistada da vez, entre NCr\$ 500,00 a NCr\$ 1000,00 por mês<sup>243</sup>.

Existe a mulher que aceita plenamente sua feminilidade, que sente sua realização como espôsa, mãe e dona de casa, sem que isso implique em uma submissão ao homem. Há também a mulher que é capaz de manter interesses culturais, e mesmo ter uma profissão na qual encontre satisfações adicionais, não desprezando a boa aparência e suas possibilidades de sedução. Essa é a mulher madura, psicologicamente. A companheira e amante do marido, capaz de, com êle, construir um lar feliz. Essa mulher não é – em termos de despesas – nem “cara”, nem “barata”, pois não precisa provar nada a si mesma. Ela aceita seu sexo naturalmente, como situação biológica e existencial, que lhe oferece inúmeras oportunidades de realização e felicidade<sup>244</sup>.

A relação entre o uso de produtos de beleza com a arte da conquista, ou então, o fato de ser bela para conquistar ou manter um homem atraído, parecia ser a equação básica e óbvia desse contexto. A mulher ideal? Aquela que conseguia ser feminina, “aceitando seu sexo naturalmente”, gastando nem muito (como Noemi), nem pouco com sua aparência, sentindo-se

---

<sup>242</sup>Ibidem.

<sup>243</sup>Convertendo o valor, de cruzado-novo para reais, os gastos de Noemi equivaleriam, em 2018, a cerca de R\$ 8.000,00 a R\$ 16.000,00. Baseado no sistema de conversão de valores do site: <http://acervo.estadao.com.br/>. Estendendo a outros valores, percebemos a quão abastada era Noemi. O salário mínimo em 1968, por exemplo, era NCr\$ 129,60, ou seja, R\$ 2073,60. Dados do site: <http://audtecgestao.com.br/capa.asp?infoid=1336>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>244</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 31 (3), 1968.

realizada e feliz com as “inúmeras oportunidades” que sua situação biológica e existencial oferecia. Unir beleza e cultura eram a resultante da postura de uma “mulher madura”. Preocupada com essa relação entre a mulher bela e culta, figuras munidas com esses requisitos ocupavam matérias “inspiradoras”. É o caso da reportagem especial com Ivete Vargas, sobrinha-neta de Getúlio Vargas, na qual o contraponto entre os termos “feminista” e “feminina” começava a ser trazido de maneira mais concisa. Intitulada o bem-me-querer do parlamento, o texto de 1950 apresentava:

[...] convencida de que a mulher tem os mesmos direitos e possibilidades do homem, arvorou-se em cronista parlamentar. Grande admiradora de seu tio-avô, Getúlio, participou da campanha queremista, ocasião em que falou pela primeira vez em público. Ela defende os direitos da mulher, mas não é feminista: é feminina<sup>245</sup>.

Podemos perceber na fala sobre Ivete Vargas que associar sua imagem ao feminismo, mesmo acreditando em preceitos desse movimento (“os mesmos direitos e possibilidades do homem”), não seria conveniente. O mais propício, para uma mulher, seria declara-se feminina. Essa era uma postura recorrente nos textos e entrevistas a mulheres em O Cruzeiro. No mesmo ano tínhamos, na já abordada coluna Da Mulher para a Mulher de Maria Teresa, uma discussão intitulada: Feminismo X Cavalheirismo<sup>246</sup>. A grande questão da colunista era discutir se com o avanço do feminismo o cavalheirismo desapareceria. Para Maria Tereza o fato de a mulher querer ser livre e gozar das mesmas prerrogativas que o homem, ameaçaria a existência do cavalheirismo. Isso porque os dois lados pareciam intimamente ligados, “ou melhor, um parece decorrente do outro. Resta saber se a existência do primeiro compensa a ausência do segundo”. Nesse sentido, Teresa explicava que o feminismo abria para a mulher horizontes completamente novos e oferecia-lhe “o perigo de uma interpretação errada, tomada às tantas, sem uma previsão adequada de conseqüências”. Alertava para as “feministas acirradas” que queriam ter o “mesmo direito de errar que os homens”. Teresa considerava esse pensamento “atrofiado”, uma espécie de direito precário, pois na verdade ninguém teria o direito de errar. Para ela, homem e mulher seriam simplesmente seres humanos, em face do bem e da verdade, de acordo com a classificação de seu sexo, “de acôrdo com a natureza física de cada um”. Ou seja, mesmo remontando a crível igualdade entre ambos os sexos, Teresa colocava-os como veredito classificatório entre homens e mulheres, seguindo os aspectos “naturais” e suas respectivas

---

<sup>245</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0002 (1), 1950.

<sup>246</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0016 (1), 1950.

desinências. Com base nisso, tornar-se feminista incorreria no erro de uma possível masculinização da mulher:

O feminismo que pretende masculinizar a mulher incorrerá no grave erro de querer demais: seria querer mudar a natureza humana, criação divina. Nenhuma mulher, para gozar das prerrogativas do feminismo, precisará assumir atitudes masculinizadas. Se a elevada mentalidade feminina da época atual rebela a figura de donzela pálida e delicada que se deixava ficar em casa suspirando de amôres, nem por isso exige que a mulher tenha a fôrça de um Hércules para mostrar que é evoluída. “Modus in rebus”<sup>247</sup>.

A autora explorava um lado feminista que, pretendendo a paridade com o homem, buscava mostrar-se evoluída em termos de força física. Tereza alocava novamente a “natureza humana” como incoerente com esse desejo e acrescentava a lei divina como argumento contra a necessidade errônea de se assumir atitudes masculinizadas. Na sequência, dizia que os tempos ‘atuais’ pareciam melhores que os antigos, pois a mulher não era mais tratada como um “objeto de adorno ou máquina destinada a diversos fins” pelo homem. Tabus sobre a inteligência superior masculina também caíam frente a percepção de que as facilidades aos meios de desenvolvimento deles (níveis de escolaridade, por exemplo), não eram dadas às mulheres. Para Maria Teresa antes “havia cavalheiros, sim: mas havia também a mulher oprimida, sem direito de estudar e progredir intelectualmente: sem poder dizer o que pensava e de opinar com conhecimento de causa”. Desse modo, concluía:

O feminismo, portanto, representa uma grande vitória feminina: mas dentro dêle, a mulher precisa conduzir-se sem paixões. Livre para pensar e para agir, ela deve compreender por si mesma que não pode nem deve fugir às principais missões inerentes à sua natureza e fora do mais, ainda que sob a passageira ilusão de ter atingido a perfeição, terminaria por sentir-se profundamente infeliz<sup>248</sup>.

Mesmo apontando “uma grande vitória feminina” com o feminismo, Teresa advertia para sua condução livre das paixões. Uma compreensão na qual a mulher, por mais liberta que fosse, deveria manter-se fiel às “missões” que sua natureza lhe dera. Referindo-se, certamente, ao papel de companheira do marido e mãe zelosa, a colunista inferia que, fugindo do destino natural, o mesmo feminismo que levaria a mulher a ilusória perfeição, conduzi-la-ia à profunda infelicidade.

---

<sup>247</sup>Ibidem.

<sup>248</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0002 (1), 1950.

Durante a década de 1960 poucos aspectos em relação a essa visão foram alteradas. Por mais que as matérias e entrevistas apontassem para avanços libertários da mulher, continuavam conduzindo o feminismo de maneira cautelosa, tomado por concessões e “tipos de feminismo”. As abordagens nas páginas de O Cruzeiro, sobre o tema, também não obtinham grande espaço. Dentre as poucas matérias encontradas sobre os termos “feminismo” e “feminista” na Hemeroteca Digital, três nos chamam a atenção. Duas delas são de autoria da escritora cearense, Rachel de Queiroz. O primeiro, de 1963, presente na coluna Assunto de Mulher<sup>249</sup>, Rachel dissertava sobre o Movimento de Arregimentação Feminina (MAP). Segundo ela este seria um movimento pobre, que não lutaria contra pessoas, mas contra coisas e situações, não teria “côr partidária” e não era feminista, “mas feminino”, pois não queria competir como o homem, mas colaborar com ele. Notamos o termo feminista sendo utilizado como fruto de um movimento que luta contra os homens, e não necessariamente a favor das mulheres. Visando mantê-la em seu lugar natural, o MAP oferecia a “oportunidade de agir no plano social em prol do bem comum”, sem a mulher “abandonar sua casa”<sup>250</sup>.

No segundo artigo, Lavôro<sup>251</sup>, Rachel de Queiroz trazia experiências pessoais. Considerava o caráter rebelado de “sua geração”, ou a antecessora, contra a opressão feminina. Por isso, segundo ela, era comum mulheres de sua idade ou mais velhas, mostrarem-se desprezando os “símbolos da escravidão feminina, do gineceu, do harém, da clausura dos conventos”, mas que as mais jovens, não educadas em colégios de freiras, não sentiam a obrigação de serem modernas e feministas. Nesse meandro, questionava: “repararam como a palavra feminista quase desapareceu?”. Completava: que as funcionárias, mulheres de negócio (exaustas), profissionais, médicas, advogadas e engenheiras, “olham com nostalgia e curiosa sedução para alguma anacrônica companheira que ainda borda as camisinhas de seus bebês e faz sapatinhos de lã”<sup>252</sup>. Ao colocar a mulher saudosista das funções femininas do passado como anacrônica a autora expunha, por outro lado, aquilo que foi “perdido” nos fazeres femininos. Considerando a palavra “feminista” praticamente extinta do vocabulário da época, também inferia que as conquistas feministas teriam alcançado certa completude. Entra aí a terceira matéria selecionada dos anos 1960. Trata-se de uma reportagem sobre os segredos e revelações da História do Brasil: As primeiras doutôras, do autor Pedro Calmon. Credo igualmente no

---

<sup>249</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0011 (1), 1963.

<sup>250</sup>Ibidem.

<sup>251</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0028 (1), 1964.

<sup>252</sup>Ibidem.

movimento feminista como algo acabado, apesar dos resultados emancipatórios não totalmente satisfatórios, colocava que:

A emancipação da mulher foi o fato decisivo da evolução social – a que ainda não se fez a devida justiça. Falta-lhe sobretudo a história, que nos conte as peripécias dessa conquista lenta e pacífica, mercê da qual enchem hoje as escolas superiores – em grupos crescentes, na mais bela e promissora invasão de inteligência, capacidade e graça – de jovens candidatas ao título acadêmico<sup>253</sup>.

Para Calmon faltava a história fazer justiça aos feitos decisivos dessa “evolução social”. Era preciso contar as “peripécias” de uma conquista lenta e pacífica que se conclamava na entrada abrangente de mulheres no ensino superior. O uso dos adjetivos “bela” e “graça” associados à promissora inteligência e capacidade das jovens em busca de um título acadêmico, remontavam qualitativos femininos em sincronia com as conquistas feministas – uma possível tentativa de desassociar os campos do conhecimento científico estritamente à ala masculina, ao mesmo tempo em que mantinha atributos físicos e comportamentais “naturais” da mulher.

Na década de 1970, os termos “feminista” e “feminismo” passaram a ser mais recorrentes em O Cruzeiro. Isso não quer dizer, entretanto, que as abordagens diferiam profundamente das concepções trazidas nas duas décadas anteriores. Além de apresentarem temáticas relacionadas às problemáticas da atmosfera familiar (devido a emancipação feminina e a não-lida masculina frente a isto), muitas colunas reproduziam os estigmas envolvendo a “intransponível natureza feminina”, prosseguindo na oposição feminino x feminismo. Todavia, novas abordagens não estavam ausentes.

Em uma matéria especial chamada amor, doença ou produto industrializado, a qual foram dedicadas várias páginas da revista, colocava-se que “do amor nasce o casamento. E chegam os filhos, que têm de enfrentar um mundo hostil e despreparado para recebê-los. Como um círculo vicioso, a falta de amor os coloca como adversários dos pais”<sup>254</sup>.

Assentando o amor como fonte única para a união matrimonial e prosseguindo na ordem naturalizada da chegada dos filhos pós-enlace, o artigo tratava das hostilidades mundanas e o enfrentamento do casal frente ao ciclo vicioso instaurado de final fatídico: a falta de amor de suas crias. Nesse panorama, dissertava sobre as mazelas adquiridas para uma família degradada. Tinha-se aí o primeiro subtítulo do artigo: a superioridade do homem. Nele, situava-se como esse status masculino fora sustentado ao longo dos séculos:

---

<sup>253</sup>Ibidem.

<sup>254</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0024 (1), 1970.

A mulher é mais fraca que o homem, possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menos capacidade respiratória, corre com menos velocidade, ergue menos pesos, não há quase nenhum esporte em que ela possa competir com o homem, não o pode enfrentar na luta. A essa fraqueza junta-se a instabilidade, a falta de controle, menor firmeza, menor perseverança em projetos, que é também menos capaz de executar. Simone de Beauvoir, líder feminista, porém, repele dados: “Onde a violência corporal é proibida por leis e pelos costumes, a energia não pode alicerçar um domínio”. Entretanto, toda essa discussão sobre tal superioridade do homem sobre a mulher se prende a fatores econômicos. O homem, como detentor do poder financeiro, sempre teve a condição de se colocar no alto, sendo assim aceito pela própria mulher, como o “príncipe encantado”, que deveria ser príncipe (bonito) para que o “encantado” tivesse dinheiro e valor. Tudo isso faz parte da série de “mitos”, dos quais os modernos ainda não conseguiram livrar<sup>255</sup>.

Tratando as justificativas da supremacia masculina como “mitos”, a matéria caminhava rumo a desnaturalização dos ‘papéis’ sexuais. Trazia a célebre escritora feminista, Simone de Beauvoir como voz contestadora discutindo a utilização argumentativa sobre a força física do homem como instrumento de dominação. Além disso, pontuava o qualitativo econômico e a aceitação da própria mulher ao sistema que tinha no indivíduo do sexo masculino alguém superior e idealizado (o príncipe encantado). Portanto, apenas nos anos 1970 temos uma visão remontando as querelas feministas distanciadas das “paixões femininas”. Em outra edição da revista, também em 1970, a matéria a rebelião das mulheres trazia como máxima o cenário estadunidense: depois do Poder Negro, o Poder Feminino. Mesmo colocando entre aspas as expressões “privilegio dos homens” e “patriarcado”, nesta reportagem a luta por direitos feministas era vista como o “fato mais importante” daquele momento:

A manifestação feminista pela igualdade de direitos foi o fato mais importante da semana que passou, nos Estados Unidos, 50 mil pessoas – senhoras de chapéus floridos, universitárias, donas de casa e políticos oportunistas – movimentaram a 5ª Avenida, em Nova Iorque. Idênticas passeatas aconteceram em outras cidades, numa reação em cadeia que levou às ruas contra o que elas classificam como “privilegio dos homens” e “patriarcado” na sociedade americana<sup>256</sup>. [...] A batalha que as mulheres estão travando pelos seus direitos é o fato mais importante deste verão que chega ao fim. A violência no movimento de rebeldia por parte dos negros arrefeceu pouco a pouco, e quem ganha as manchetes são as mulheres. Uma faixa gigantesca foi colocada no pedestal da Estátua da Liberdade: “Mulheres de Todo o Mundo, Uni-vos”<sup>257</sup>.

---

<sup>255</sup>Ibidem.

<sup>256</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0037 (4), 1970.

<sup>257</sup>Ibidem.

Era inferido que a estabilidade do movimento negro, após uma onda de “violência” e “rebeldia”, havia gerado um cenário mais tranquilo para as manifestações feministas. As mulheres passaram a ganhar espaço nos jornais e noticiários, inclusive nessa mesma edição de O Cruzeiro, com uma reportagem especial intitulada: Feminino x feminismo: no meio da campanha, saias dão vivas à diferença homem-mulher. Trazendo pelo lado feminista as conquistas legislativas como a queda da restrição ou expulsão de mulheres em lugares públicos (bares, restaurantes e demais logradouros), a matéria mostrava que essa “grande vitória” fazia com que o movimento se tornasse “mais agressivo a cada dia”, inclusive “mobilizando a opinião pública”. Em contraponto à “agressividade”, percebemos a tentativa de evidenciar traços de ‘feminilidade’ nas manifestantes (com o uso de chapéus floridos), ou ainda o uso de saias, diferenciando-as dos homens e da masculinização, recorrentemente atribuída às feministas.

Entrevistando uma das manifestantes, lançava-se a expressão “égide do matriarcado”. Mesmo tendo como premissa a igualdade entre os sexos, talvez determinadas correntes feministas enxergassem o feminismo como uma espécie de reviravolta feminina, ou seja, a supremacia das mulheres sobre os homens (em especial as personagens trazidas em forma de depoimentos na matéria: sobre a expulsão de bares, as ofensas em localidades públicas, a desigualdade sexual ou a minoria parlamentar daquelas que representavam 51% da população estadunidense e maioria no eleitorado):

Do ponto de vista das mulheres, a sociedade norte-americana não se ergue de forma alguma sob a égide do matriarcado. E, quando os homens afirmam isso, estão apenas encobrindo a verdade com uma deslavada mentira. O que eles querem é uma companheira para fazer filhos e nada mais, além de lavar roupa e cuidar da casa. Em suma: um instrumento dócil para o sexo<sup>258</sup>.

Em contrapartida às críticas feministas, principalmente em relação ao papel de esposa e mãe ou de “instrumento dócil para o sexo” e procriação, a matéria abria espaço para uma manifestação de mulheres contra o “exagero da campanha feminista”. Nesse momento, em específico, tratava de maneira ironizada o movimento que já teria alcançado êxito com o sufrágio satirizando, justamente, o “desejo de supremacia feminina”:

Mas agora, comemorando 50 anos da conquista do voto feminino, elas estão querendo mudar completamente a situação. Em Nova Iorque ..., Washington, Chicago, Detroit e pacatas cidades do Oeste, a mulher americana está exigindo

---

<sup>258</sup>Ibidem.

tudo: igualdade de tratamento, aborto grátis e até proibição de os homens se esterilizarem sem o consentimento delas<sup>259</sup>.

Em meio a um pensamento jocoso midiático e social reproduzidos sobre a feminista, e assim como vimos nas décadas de 1950 e 1960, muitas mulheres tinham receio ou aversão em se colocarem como tal. Isso ocorria, por exemplo, em matérias com celebridades brasileiras da época. Em 1974, uma entrevista com Ionita Guinle, modelo e socialite, trazia a seguinte chamada: movimento feminista é coisa de mal-amada. No conteúdo:

FEMINISMO É PARA REPRIMIDAS. Para ela, mulher tem que ser maravilhosa. Bem cuidada. Feminina em tudo, inclusive nos conceitos, que não podem ser radicais:

- É tão bom a gente ter um homem perto da gente. A mulher tem necessidade afetiva, no sentido de ser protegida, em todos os momentos e circunstâncias. As que levantam a bandeira de igualdade e emancipação são vistas por Ionita Guinle como “um bando de recalçadas, mal-amadas, reprimidas”. Ela é contra todos esses movimentos feministas e acha que em qualquer relação homem-mulher os direitos e deveres são os mesmos, sem a necessidade de nenhuma exacerbação feminista:  
- A mulher, por mais que tente e lute, jamais vai ser igual ao homem<sup>260</sup>.

Segundo a modelo, ser “radical” nos conceitos ia contra o comportamento da mulher feminina. Ligava a figura feminista à de uma mulher malcuidada, ou seja, atrelando o termo ao modo com o qual a mulher se aparentava. Alegava a necessidade de proteção da mulher por um homem, preconizando que as feministas seriam “reprimidas”, “recalçadas” e “mal-amadas”. Achava que a relação entre homem e mulher possuía os mesmos direitos e deveres, mesmo afirmando que eles jamais seriam iguais. Sendo assim, se dizia contra os movimentos feministas. Wilza Carla, vedete, atriz e humorista, trazia em 1978 um discurso parecido:

Eu sou feminina, não feminista. Você disse que as mulheres reclamam da falta de homem? Nada disso! Tem muito homem por aí, até sobrando, O que existe é a falta de habilidade da mulher para conseguir segurar o seu homem. Eu, por exemplo, tenho profissão que geralmente é ocupada por homem. No entanto, sou feminina, eu não fico partindo para a disputa com o homem, nem mostrar que sou mais homem que ele. Prefiro ficar em casa fazendo aquele charminho. Hoje em dia, a mulher não deixa o homem ser machão<sup>261</sup>.

---

<sup>259</sup>Ibidem.

<sup>260</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0018 (2), 1974.

<sup>261</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2433 (1), 1978.

Discorrendo sobre a reclamação das mulheres pela “falta de homens”, negava e contestava a afirmativa. Para Carla o que impediria a mulher de “conseguir” um homem seria seu desejo de disputa, ou seja, mostrar-se “mais homem” que ele. Ao se considerar também feminina e não feminista, declarava preferir deixar o papel de “machão” para o indivíduo do sexo masculino. Novamente notamos o conceito “feminino” atuando como algo natural da mulher, que não deveria ser “corrompido” por ideais revolucionários. Tratava-se, ademais, de uma forte arma de conquista evidenciada pelo “charminho”, pela característica dócil e passiva. Em ambas as falas, as personagens (Guinle e Carla) apontavam para ideais de feminilidade, ligadas à aparência e ao comportamento. Mais que isso, inferiam que ser feminista era completamente contrário a estes ideais. Apostando na manutenção de um padrão feminino que necessitava de cuidados e atenção preconizavam também as continuidades de ideais masculinos: o provedor, que conduz, que confere estabilidade e segurança através de uma união conjugal, proporcionando um lar, filhos e felicidade – ou seja, aquilo que discursava a maior parte das colunas femininas de O Cruzeiro. Na visão das artistas brasileiras, o feminismo pressupunha a mulher como superior ao homem, em disputa com ele. Sendo elas crentes da “igualdade” entre os sexos, achavam mais conveniente se autoproclamarem “femininas”.

Na última reportagem selecionada dos anos 1970, trazemos a continuidade dessa relação mulher-homem, feminino-masculino, em termos de atuação social-comportamental. Agora, sob o aspecto já da vida conjugal, abordava-se a visão de duas especialistas – uma psicóloga, Heloísa Negrão Stucchi; e uma promotora, Maria Cláudia Foz –, sobre o aumento gradativo da violência entre marido e mulher. A causa comum encontrada por elas: a libertação feminina.

- O movimento feminista trouxe uma série de conseqüências, inclusive pegando de surpresa o homem. E essa libertação, que atravessa uma difícil fase de transição, fez com que o homem agisse com pouca ou quase nenhuma compreensão, e ao invés de moldá-los ao novo fenômeno, o transformou mais ainda em um selvagem. Para a psicóloga, homens e mulheres atualmente parecem estar em constante guerra. A mulher, segundo ela, precisa aprender a manobrar, a dirigir seu movimento de libertação, sem contudo esquecer sua função de companheira. Diria, mesmo, seu papel de fêmea, junto àquele que escolheu para unir-se.

- Sim, porque até mesmo os desajustes sexuais, que podem vir no bojo da libertação feminina, são motivos para agressões. Acho que a mulher deveria reunir melhores condições de harmonizar seus anseios com a vida moderna, a vida comum, na família e no lar<sup>262</sup>.

---

<sup>262</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2424 (1), 1977.

Com os subtítulos: sindicato das espancadas, problemas de pais para filhos, mulher propriedade, e cada tapa tem seu preço, iniciava-se a matéria discutindo a agressão que havia sofrido a pipoqueira Maria Perpétua, sendo assassinada pelo marido na frente dos filhos, e dos reflexos negativos desse episódio nas vidas das crianças: problemas de linguagem, gagueira, dificuldades psicomotoras, etc. Para a psicóloga, Heloísa Negrão, a agressão sofrida por Maria Perpétua “não é um fato isolado, que poderia ser interpretado como a ignorância gerando a força”. Aliado a isso, “a vida agitada e asfíxiante das grandes cidades” seria uma outra fonte de “influência maléfica”. Para a especialista, tratava-se de um cenário “onde tudo parece contribuir para um clima de violência”. Nessas circunstâncias, “o homem ciumento, irritado com a boneca que tem em casa, resolve castigá-la de forma mais eficiente, batendo”:

Na visão da psicóloga... O homem, sempre muito cansado, lutando cada vez mais para ter dinheiro, competir, subir, na vida profissional, parece estar possuído de uma terrível carga de violência interior. Esta pode explodir a qualquer momento e o mais comum é isto acontecer em casa, junto à esposa. É lá, que o homem quer encontrar apenas repouso, muita calma e distração. Se ao invés disso, ele encontra a mulher mal-humorada, reclamando de tudo ou de todos, fatalmente sua explosão se dará com toda a carga<sup>263</sup>.

Reproduzindo o pensamento das celebridades entrevistadas nas matérias aqui abordadas e os conteúdos das décadas de 1950-1960, a psicóloga via como causa maior dos problemas familiares, e especialmente conjugais (além das pressões externas ao lar), o comportamento da mulher. Como se determinadas atitudes, nomeadas por ela como mal humor e reclamação, fossem um gatilho justificável para a agressão masculina. Nesse sentido, reforçava a imagem de uma mulher que, por prezar a companhia e sustento de seu marido, deveria se esforçar ao máximo para agradá-lo, para fazer de sua estadia no lar um lugar de repouso e distração. Já na visão da promotora, a questão financeira prevaleceria como ponto principal da violência. No entanto, as ações da mulher continuavam ganhando status de “estopim” para a agressão do marido:

Para a promotora pública... toda a violência física entre marido e mulher pode ter origens no excesso de dinheiro, excesso de posses e de futilidade. Ao contrário dos casais mais pobres e mesmo marginalizados, os mais prósperos acabam numa desarmonia total em razão do excesso. A esposa quer apenas embonecar-se, vai se tornando dia a dia mais fútil... descuidando-se até mesmo da educação dos filhos... E num determinado dia, onde tudo parece contribuir

---

<sup>263</sup>Ibidem.

para um clima de violência, o homem ciumento, irritado com a boneca que tem em casa, resolve castigá-la de forma mais eficiente, batendo<sup>264</sup>.

Além da condição patriarcal de “marido que traz dinheiro para mulheres e filhos totalmente dependentes”, a promotora colocava a mulher num papel de extrema frivolidade: uma boneca fútil que causa ciúmes no marido e, por isso, recebia um castigo eficiente, a agressão física. Ademais, a alegação da promotora sobre o excesso de dinheiro ser a origem da violência doméstica é, nas condições da reportagem, contraditória. A personagem inicial da reportagem, como citamos, era uma pipoqueira. Inferimos que tal mulher não possuía uma renda alta, sendo que o próprio fato de precisar trabalhar fora de casa para “auxiliar” a figura do marido provedor denotava isso. Portanto, as colocações de Maria Cláudia Foz sobre a harmonia dos casais mais pobres – que por não terem “excesso” não teriam as tensões dos casais mais “prósperos” – vai na contramão da história vivenciada pela personagem principal do debate: a pipoqueira, Maria Perpétua.

Em outro patamar discursivo, reforçando mais as rupturas do que as permanências circunscritas na revista *O Cruzeiro*, temos em 1978 campanhas de roupas apostando na igualdade de vestimenta entre os sexos: o unissex<sup>265</sup>. Em especial, uma campanha de agasalhos esportivos, mostrando a paridade da vestimenta para homens e mulheres num contexto envolvendo a questão física – tão questionada, em especial, sobre a supremacia masculina. Um importante fomento nas querelas envolvendo as capacidades de condução do corpo e nos modos de vida, vez que pressupunha a realização das mesmas atividades para homens e mulheres.

## 2.4.2 As modas nas mudanças

Sendo a indumentária fator relevante nos processos de rupturas em cada época, Selma Garrini faz um apanhado daquilo que de 1950 a 1970 era o “padrão de beleza”, ou seja, o “ideal” a ser conquistado e que foram com o passar dos anos construindo-se, modificando-se, reinterpretando-se:

Na década de 1950, Marilyn Monroe foi a marca da sexualidade feminina e do corpo, símbolo de desejo e de consumo. As formas mignons, de atrizes como Audrey Hepburn, se avolumaram, mas as cinturas de pilão se mantiveram intactas. Nos anos 1960, John e Jacqueline Kennedy, com seus corpos magros e sem exageros simbolizaram a elegância e o poder. Na moda,

---

<sup>264</sup>Ibidem.

<sup>265</sup>*O Cruzeiro*, Revista, RJ. Ed. 2450 (1), 1978.

a modelo inglesa Lesley Hornby, também conhecida como Twiggy, que em inglês significa galho seco, representa um novo padrão de beleza, extremamente jovem e magra. No Brasil, o corpo violão dá lugar a um corpo tábua. Nos anos de 1970, o corpo excessivamente magro das modelos ditava a moda feminina e passa a ser objeto de apreciação e de desejo. No Brasil, os corpos são mais politizados, buscando expressar mais a liberdade do que propriamente a beleza saudável de quem vive em contato com a natureza. Em 1971, aparece Leila Diniz, como símbolo de liberdade e de espontaneidade. Ao exibir sua barriga de grávida, de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda<sup>266</sup>.

Nesse panorama, a “importação” de ícones de beleza é algo discutido por Garrini, bem como a objetificação do corpo e os princípios da saúde, em prol da beleza, mas também daquilo que cada período “pedia”. Os corpos “politizados” dos anos 1970, eram conduzidos pela magreza e pela aspiração de liberdade. A cultura hippie conclamava esses preceitos e passava a estabelecer-se não somente como um estilo, uma filosofia de vida, mas também como a criação de um estilo modista. Nas palavras de Renata Cidreira percebemos a questão da aparência feminina vinculada à moda pop e hippie configurando-se, contudo, como meio de aproximação de uma condição de igualdade entre homens e mulheres nos finais de 1960<sup>267</sup>. A releitura e implementação de peças “tipicamente masculinas” como as calças, ao guarda-roupas feminino, vem no sentido de uniformizar questões que antes desassociavam. O termo unissex tornava-se um constante, inclusive na publicidade. As ousadas modistas insurgiam através de iniciativas como as da estilista britânica Mary Quant, que ao criar as minissaias sugeria a permissão do movimento, colocando as cinturas para baixo, usando faixas horizontais e inserindo modelos triangulares de pregas na linha da bainha. As roupas ganhavam ares divertidos, eram fáceis de usar, rejeitando tudo que fosse formal, “engomado”. Os jovens, enquanto consumidores, passavam a associar e a buscar na moda aspectos de dinamismo e modernidade, não somente por meio das mulheres, pois o público masculino também se reformulava:

De fato, até os anos 60, havia uma maneira de vestir-se, com a qual homens e mulheres, seguindo-a à risca, mantinham acentuadas as diferenças de sexo. Até aquela década, também estava na roupa a diferença de algumas posições sociais. Particularmente o terno indicava situações de trabalho, status político

---

<sup>266</sup>GARRINI, Selma Peleias Felerico. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In.: Congresso Nacional de História da Mídia. 2007, p. 3. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0037-1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>267</sup>CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda nos anos 60/70 (comportamento, aparência e estilo). Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Salvador, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n02/pdf/Renata.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

e social, mas sobretudo uma condição masculina urbana. Com o aparecimento e expansão da moda hippie tudo começou a mudar: primeiro a redução das diferenças no vestuário de homens e mulheres; depois a adoção de todo um estilo informal de portar-se e vestir-se, com a perda da posição central do terno, sem mencionar a mudança nos cortes de cabelos masculinos, antes curtos, passando a cair sobre os ombros, em desalinho, entre outras alterações<sup>268</sup>.

Para Cidreira ao compreendermos a moda como um fenômeno próprio da sociedade de consumo que está inserida na cultura de massas, na cultura do pop, conseguimos adquirir uma nova dimensão a partir do momento em que ela começa a fazer parte do meio quanto manifestação artística e cultural. As condensações realizadas nos vestuários femininos e masculinos com calças para elas e cabelos compridos para eles, por exemplo, eram maneiras de criar ou recriar aquilo que passava a representar os indivíduos na época. Desse modo, a força da aparência volvia-se como fator de empoderamento, constituindo e solidificando determinados grupos através da indumentária. A vestimenta tornava-se, nos anos 1970, um dos mais significativos emblemas das transformações que os jovens desejavam. A moda, adquiria uma conotação que ia além do elemento visual, passando a ser “um artifício que se cola ao corpo, a própria pele, como uma verdadeira extensão do ser humano”<sup>269</sup>.

Podemos inferir, no mais, que a moda se fazia presente, e até mesmo necessária, a partir do momento em que deixava de ser algo funcional, como adereço que cobre o corpo ou fator de identificação de sexos. A moda passava a representar um status, que detendo certa estética criava formas de comunicações não-verbais. Conseguia-se transmitir informações aos receptores por meio da imagem que se criava ou que se aderira, incorporava. Vista ainda como aceitação cultural e social, a moda proporcionava novas ondas de cores e de formas onde as roupas fundamentam-se no eu coletivo, por vezes, inconsciente em seu processo construtor ou reformulado. A escolha em si do vestuário já propiciava um meio para analisar como os indivíduos interpretavam e reinterpretavam a cultura para seu próprio uso. É justamente isso que ocorre nas décadas por nós trabalhadas. Estudando a moda dos anos 1950, vemos um período versado “pela transição de conceitos e pela exacerbação do luxo, da feminilidade e da beleza, em que as mulheres desejavam substituir o corte rígido das roupas da guerra por curvas femininas”<sup>270</sup>. Em meio a isso, a difusão do discurso midiático reverbera uma organização dos

---

<sup>268</sup>Ibidem, p. 40.

<sup>269</sup>Ibidem, p. 41.

<sup>270</sup>PEGORARO, Éverly. Elas, silenciosas ou ousadas: a publicidade e as diferentes percepções acerca da mulher (1940-1950). In.: História, imagem e narrativas. 2011, p. 02. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/edicao12.php>. Acesso em: 15/08/2016.

modos e das modas na esfera imagética e textual. Nesse panorama que a mídia desponta como produtora de memória. Pierre Nora para pensar uma espécie de “ancoragem memorável compensatória”, que auxilia a sociedade no não-esquecimento, mas também na semantização dos acontecimentos, aposta nos fatos sociais, naquilo que é produzido, discursado, criado e vivido culturalmente<sup>271</sup>. Para Marialva Barbosa, trata-se de um processo de articulação do discurso midiático entrelaçado com as vozes e os saberes do campo social sendo, portanto, aquilo que o legitima:

Ao se constituir como documento, podemos pensar os meios de comunicação como um dos mecanismos contemporâneos de transformação do ausente no presente e, portanto, como lugar da memória contemporânea. Por outro lado, ao possuir o estatuto de texto, transforma-se em uma espécie de documento de época, regido pela convenção de veracidade necessária aos documentos – monumentos de memória<sup>272</sup>.

Por esse logradouro e para além da questão imagética acerca da beleza, o discurso proveniente do corpo social e de seu relacionamento com o contexto midiático, o registro textual daquilo que está sendo vivido, torna-se primordial para a ilação de determinadas condutas. Como trabalhamos outrora, os conteúdos das revistas femininas desempenhavam esse papel documental<sup>273</sup>. Ditando modos de comportar-se socialmente ou reverberando a quebra de paradigmas dentro da sociedade, os periódicos comportavam em cada época um “perfil” de mulher, e dentro de um mesmo período as dicotomias existentes entre elas.

As variadas abordagens conferidas aos setores da vivência feminina são fruto da existência de diferentes “tipos” de mulheres, suas mudanças, suas continuidades e o papel da sociedade, de forma mais ampla, em conduzir, enxergar e até mesmo coibir esses processos. É nesse sentido que, amparados nos escritos na Enciclopédia da Mulher, inferimos, de fato, o quão relevante são os movimentos, também, de continuidade, para entendermos o momento

---

<sup>271</sup>NORA, Op. Cit., 1993, p. 07-28.

<sup>272</sup>BARBOSA, Marialva Vieira. Sobre a problemática de pôr as emoções como objeto de discurso. Estudos da Língua (gem), v. 5, n. 2, p. 57, 2007, p. 51. Disponível em: <http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/79/198>. Acesso em: 07/07/2018.

<sup>273</sup>De acordo com Le Goff, o monumento tem como característica ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas, ou seja, é um legado à memória coletiva. O documento, por sua vez, não seria qualquer coisa que ficaria por conta do passado, mas um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças detentoras do poder. Ele acredita que “só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”. Nessa perspectiva, “documento é monumento, resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. Cf.: LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In.: LE GOFF, Op. Cit., 1990, p. 135.

vivido no Brasil. Um novo governo, novos direcionamentos políticos, novos movimentos envolvendo a questão de gênero e participação social, fatores essenciais para compreendermos os dilemas, aspirações e coibições circunscritas no cotidiano das mulheres daquele tempo.

## 2.5 Enciclopédia da Mulher

Até aqui, observamos através das revistas femininas, em especial O Cruzeiro e dos movimentos de cunho feminista, as tentativas de condicionar ou modificar os olhares sobre as mulheres – sobre suas histórias, identidades, atuações sociais e memórias. No entanto, ao tomarmos como fonte principal de pesquisa as versões da Enciclopédia da Mulher, partiremos no capítulo seguinte para uma análise mais completa e detalhada da obra, com intuito de identificar os meandros femininos e feministas nela codificados. Faremos uma compilação das temáticas que ganharam destaque e espaço nas edições da Enciclopédia, bem como as categorias adjacentes presentes no material impresso.

Este material foi produzido num período em que, como trouxemos, o feminismo se estabelecia com mais propriedade nos seus quesitos teóricos e práticos. E ao consideramos a França da segunda metade do século XX, ou seja, palco de fabricação da *Encyclopedie de la Femme*, mas também da prática reivindicatória sobre a igualdade entre os sexos, tínhamos um cenário onde a mulher reproduzia velhas maneiras, tabeladas num manual, ou constituía novas formas de atuação dentro da sociedade. No qual, buscar novas formas de atuação social fazia-se necessário, mas na qual a tentativa de manter um padrão feminino restrito ao lar por meio da imprensa também não ocorria involuntariamente.

Mesmo convivendo com os vários ocorrentes políticos e ideológicos que faziam dos anos 1960 diferentes em relação à década anterior, muitos dos veículos da mídia impressa dedicados a discutir a mulher, prosseguiam rumando os mesmos ideais em relação ao feminino dos anos 1950. No entanto, compreendemos que a assimilação de determinados acontecimentos na história demanda tempo para, de fato, obter seus processamentos. As novidades em ebulição, as bandeiras sociais levantadas nesse período, por questionarem ou buscarem a atualização de sistemas de pensamentos altamente impregnados culturalmente – como os traços patriarcais – detinham a carência e a maturação da apropriação<sup>274</sup>. Segundo o historiador Alberto Aggio, a própria noção de movimentos sociais foi criada nesse contexto – expressando a puberdade dos

---

<sup>274</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1988.

eventos<sup>275</sup>. Em especial sobre o emblemático ano de 1968 e os movimentos estudantis, Aggio afirma que:

... eram absolutamente justas as reivindicações daqueles jovens em relação às questões de ordem existencial que atravessaram o movimento. A luta deles por uma liberdade mais alargada e mais profunda acabou por instaurar uma nova sensibilidade no mundo ocidental, exigindo que se repensasse as relações sociais de forma profunda. Há uma simultaneidade e, em certo sentido, uma causalidade entre os movimentos estudantis e a explosão do rock, o avanço das drogas, a liberação do corpo, a emancipação das mulheres, etc<sup>276</sup>.

A partir dessa visão sobre o relevante viés contestatório dos anos 1960 e a instauração dos preceitos neles colocados, Aggio também trabalha as fundamentações, sedimentações e rupturas da memória decorrentes do período, em especial na França, lugar onde o manual das mulheres fora produzido. Considera questões fundamentais sobre a formação de identidades, ou seja, aquilo que denomina “o autenticamente próprio”, assim como as noções de um patrimônio comum a todos. Infere, a partir disso, o exercício de construção da imagem sobre si, mas da elaboração desta perante o outro – reverberando nas percepções sobre cidadania<sup>277</sup>. Trata-se de um momento na história tomado por mudanças nos modos de ser, agir e se ver perante a si e a sociedade<sup>278</sup>.

Apesar de estarmos analisando as versões brasileiras da Enciclopédia da Mulher, a base material de sua produção veio da França – o locus circunstancial e crucial dos movimentos mais assíduos sobre a igualdade entre homens e mulheres. A ocorrência dessa aparente desarmonia do conteúdo da obra com os acontecimentos sociais pode ser explicada através da noção de Aggio de “memória em disputa”. Pois, apesar de estarmos lidando com o período vindouro dos movimentos sociais, estamos também no terreno árido da série de implantações de governos ditatoriais, principalmente na América Latina. Regimes que tiveram, inclusive, apoio teórico e moral essencial de dois dos principais palcos manifestantes do feminismo: Estados Unidos e França<sup>279</sup>.

---

<sup>275</sup>AGGIO, Alberto. Maio de 1968: repercussões no Brasil. *Jornal da Unesp & Gramsci e o Brasil*. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?id=926&page=visualizar>. Acesso em 06 ago. 2018.

<sup>276</sup>Ibidem.

<sup>277</sup>Ibidem, p. 22-49.

<sup>278</sup>Ibidem.

<sup>279</sup>Para Martins Filho, a doutrina conhecida como *guerre révolutionnaire* da França, na segunda metade dos anos 1950, foi adotada como doutrina oficial pelo Estado-Maior das Forças Armadas, e ajudou na campanha de ideias que precederam o golpe de 1964 no Brasil. Segundo o autor, “ao contrário do que aparece na literatura sobre o tema, autores franceses, e não norte-americanos, teriam sido a fonte principal do pensamento militar brasileiro nos anos de 1960”. Disponível em: FILHO, João Roberto Martins. *A influência doutrinária francesa sobre os militares*

Assimilamos, então, que as produções midiáticas, de acordo com as correntes políticas nelas circundantes, forneciam um determinado discurso. Discurso que poderia ter o intuito de manter certas regras de conduta – no caso em especial, a conservação de uma ordem por meio do comportamento feminino. Referimo-nos às inúmeras relações que a produção e veiculação de um material caro e de elaboração custosa como a Enciclopédia da Mulher pode ter tido. É nesse sentido que ponderamos o papel primordial dos meios de comunicação, em conjunto com os direcionamentos políticos, na universalização de pontos de referência. Seria a indústria cultural balizando a visão de mundo dos indivíduos, como vimos outrora em Certeau<sup>280</sup>. Ou ainda, nos termos de Renato Ortiz, seria fomentação da cultura internacional-popular<sup>281</sup>. São estratégias globalizantes de se propagar ou manter determinadas ideias em circulação, ideias referentes à disciplinarização do corpo e dos modos de ser feminino. Ao tomarmos as explanações de Michel Foucault sobre a disciplinaridade e o exercício do controle, vemos que:

A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”<sup>282</sup>.

O conjunto dessas “disciplinas”, para além do cuidado com o corpo, controla o comportamento e a linguagem do corpo. Controla de modo ininterrupto as operações do corpo – em sua relação dual: dócil-útil. Essa coerção constante, que demanda tempo, espaço e codificações acordantes de movimentos, encontramos na Enciclopédia da Mulher. Em sua forma educativa, explana imperativamente as coerções e correções a serem feitas no corpo físico e moral, no âmbito estético e comportamental. Ao dissipar em suas edições e reedições

---

brasileiros nos anos de 1960. Revista. Brasileira de Ciências Sociais, 2008, v. 23, n. 67, p.39-50. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/107/10713674004/>. Acesso em: 06 ago. 2018.

<sup>280</sup>CERTEAU, Op. Cit., 1994.

<sup>281</sup>ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>282</sup>FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 118.

um arquétipo, uma codificação de feminino, exporta um código memorial que padroniza e racionaliza nas mulheres um ideal a ser atingido, um modo de vida a ser alcançado.

Visando a investigação desse caráter perdurado e disciplinado do ser mulher, que partimos agora para uma análise mais minuciosa do conteúdo das edições da Enciclopédia da Mulher. Realçaremos partes dos discursos presentes nas versões de 1958 e 1968 da obra. A partir daí, elucidaremos suas inferências nos processos circunscritos aos devires da memória, na laboração da identidade e na construção ou alongação da cidadania feminina. Buscaremos compreender as ações das representações coletivas (relacionadas à identidade, memória e tradição), enquanto sistemas socioculturais, que interferem nas práticas e nas apropriações da mulher<sup>283</sup>.

---

<sup>283</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1988.

**CAPÍTULO 3:  
A ENCICLOPÉDIA DA MULHER**

### 3.1 As representações do feminino na Enciclopédia da Mulher

Pressupondo ser o “lar” o mais importante campo da atividade feminina, e a mulher destinada a ele por sua própria natureza, a Enciclopédia da Mulher de 1958 oferecia-se como auxílio primordial nesta atuação, em “sentido positivo”<sup>284</sup>. O manual colocava nas mãos da mulher o bem-estar físico, moral e intelectual de todos os membros da família. A edição de 1968, por sua vez, dizendo-se atualizada e ciente das alterações na vida da “mulher moderna”, em relação a da década anterior, oferecia uma “orientação geral, mas segura” sobre os princípios regentes dessa vivência, em todos os campos: beleza, profissão, lar, vida social, prazeres simples e enlevo intelectual<sup>285</sup>. Nesta compilação, as Enciclopédias diziam-se munidas do conjunto de conhecimentos que a mulher precisava ter para viver de forma inteligente.

Temáticas como a sexualidade, entretanto, pouco eram abarcadas pelas Enciclopédias. A anatomia do corpo estava, no mais das vezes, relacionada à boa saúde fisiológica. Em ambas as edições havia um pequeno tópico enunciado Educação Sexual com similares dizeres. Na versão de 1958 expressava-se era difícil “ventilar perante a criança” todas as questões relacionadas com a vida sexual, mas era preciso ter respostas prontas e tato ao conduzir a conversa para o “terreno que se desejava abordar”. No caso das meninas era importante a ciência da própria fisiologia na puberdade, afinal as mudanças no organismo fariam dela uma moça. Em 1968 era deixando de lado o maior mascaramento da “verdade” ao se responder as dúvidas sexuais dos filhos, pois as respostas seriam fáceis se dadas de “maneira simples e natural”.

A Enciclopédia trabalhava o tema sexual apenas como assunto a ser tido na infância, na adolescência. A questão quase não era tratada pelo manual em relação à vida adulta. Focava-se na puberdade feminina referindo-se ao crescimento, ao aumento de peso e às “primeiras regras”. Em relação aos meninos, também enfatizando o mesmo período da juventude, realçando a importância de uma alimentação rica em proteínas e carboidratos. De maneira um pouco mais incisiva pontuava o perigo do ato sexual precoce, calcando-se no erro da paternidade ou maternidade indesejada, além da possibilidade de uma infecção venérea (ainda que apontasse as facilidades de cura de infecções como a sífilis).

A Enciclopédia remontava para aquilo que entendia como um bem maior: a formação de uma nova família na “hora certa”. E mesmo colocando em seus escritos as consequências

---

<sup>284</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 7.

<sup>285</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, orelha.

ruins de uma decisão impensada, tanto para as moças quanto para os rapazes, assentava a todo tempo nas mulheres, ou melhor, nas mães, a maior responsabilidade de preparação dos filhos, visando minimizar atitudes desviantes do bom caminho. Para tanto, assegurar a plenitude da atmosfera familiar era imprescindível:

Não é admissível que os pais se separem quando tem entre eles filhos; que reflitam quanto ao futuro destes últimos se jogados em dois novos lares, onde não há lugar para eles. Não é possível alienar desta forma a responsabilidade que têm perante os filhos. Se um dos pais se constitui em um exemplo perigoso, neste caso, e apenas neste caso, apontamos uma viagem terapêutica para tratar o mal com cuidados especiais e longe de casa. Mas as crianças devem continuar a acreditar que seu lar não perdeu a unidade<sup>286</sup>.

A Enciclopédia de 1968, dita moderna, apenas reproduzia os dizeres da versão de 1958, recriminando a separação matrimonial em prol dos filhos. Na sequência dessa passagem, por exemplo, as duas edições emendavam com o tópico a mãe e os vários filhos, reforçando notadamente que mesmo sendo a figura paterna primordial na chefia e configuração familiar, a grande responsável pelos préstimos educativos às crianças seria a mãe. Situando as distinções biológicas que separavam meninos e meninas, a mulher deveria estar atenta à condução de suas crianças nesse sentido. Ao incentivar que a mãe comprasse a “linda boneca” para a menina que gostasse dos mesmos brinquedos que os meninos, a Enciclopédia subterfugiava traços que deveriam ser moldados conforme as “disposições naturais” de cada sexo. Assim como ao dizer que na adolescência, que se existisse “uma intimidade perfeita entre a mãe e a filha”, pouca oportunidade teria a moça de mentir ou ter atos encobertos, ou ainda se criada com “esmero, afeição e inteligência” a moça acharia “natural cumprir com seu dever”<sup>287</sup>.

A funcionalidade da mulher-mãe resguardava-se no dever de manter bem definidos os inexoráveis destinos biológicos de seus filhos. Por mais que buscassem se referir a uma mulher renovada, trabalhadora, dona de si, em pé de igualdade com os homens, as edições do manual apelavam ao “instinto natural feminino” de querer para si um companheiro, de necessitar da figura masculina para sentir-se completa, feliz e realizada. A Enciclopédia de 1958, trazia:

Moça solteira: Uma moça, depois dos 21 anos, desfruta dos mesmos direitos de um rapaz da mesma idade. Ela tem direito ao voto, pode ocupar posição de destaque no comércio, na indústria, nos bancos e em tôdas as profissões liberais; tem acesso a todos os postos de direção. Hoje em dia a mulher é igual ao homem. Porém, esta mulher, habituada atualmente a viver sôzinha, às vêzes

---

<sup>286</sup>Ibidem, p. 334.

<sup>287</sup>Ibidem, p. 332.

sente necessidade de iluminar sua solidão. A natureza, que sempre é mais forte, leva-a em busca do companheiro com o qual ela sempre sonhou. A maioria das mulheres acha que só a vida no lar, com um marido e filhos, é completa. Para a moça que trabalha, sua atividade, por mais interessante que seja, é apenas uma espera. Seu objetivo é casar-se; por isso é faceira e procura sempre ser agradável<sup>288</sup>.

Já na Nova Enciclopédia de 1968, tínhamos:

As primeiras conquistas: O ensino é, sem dúvida, a profissão mais adequada à mulher. As qualidades já apontadas predispõe-na para êste trabalho, mas o fator que muito pesa é a questão do horário, que tão bem se enquadra com a mãe de família. Êste fator condiciona a opção pelo magistério, da parte de muitas môças. Estar em casa no mesmo horário que seus filhos, eis o sonho de qualquer mulher que se vê afastada do lar, devido ao trabalho<sup>289</sup>.

Numa vida pautada pelo sonho maior de casar, ter seu lar e filhos bem-criados, o trabalho feminino representado nas Enciclopédias não passava de um mero acessório. Um setor que, por vezes, em seu caráter cansativo e roubador do precioso tempo da dona de casa, atrapalhava o desempenho louvável de sua função-mor. A maior disposição dos capítulos relacionados aos cuidados com o corpo, com a casa, com as prendas manuais e aos dotes culinários não eram coincidência. O fato dos capítulos destinados a falarem desses assuntos serem maiores do que aqueles que abordavam os direitos, o trabalho e a vida pública feminina, apenas clarificam o lugar no qual as Enciclopédias colocavam a mulher na sociedade. Aprender a costurar, cozinhar e embelezar-se eram condições muito mais úteis ao ser feminino do que, por exemplo, qualificar-se para um emprego que lhe geraria renda e independência.

A maneira abrangente de se colocar as vontades e os fazeres femininos, aliada ao predomínio do modo imperativo na escrita, insinua a existência e a aceitação da visão baseada na condição biológica. Mesmo se tratando de uma época onde as práticas identitárias, ligadas à compreensão das relações de organização familiar, das diferenças sexuais, da participação social, política, trabalhista e dos movimentos emancipatórios passavam a problematizar “feminilidades” e “masculinidades”. A dimensão da mulher na vida pública, de acordo com as fontes analisadas, embutia alguns “transtornos” naquilo que viria a ser o “real motivo” de sua felicidade: o casamento, o lar e os filhos. As extensões que as Enciclopédias atribuíam à mulher que trabalhava fora de casa exemplificam isso: ou a função era vista como um passatempo para

---

<sup>288</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 222.

<sup>289</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 321.

a moça solteira; ou, um apêndice cansativo na jornada da mulher casada. Evidências de um aspecto funcional e natural do “devido lugar” feminino, reforçado desde a infância:

A mãe e a criança: Trabalhos caseiros – A mulher deve saber fazer tudo em casa: trabalhos caseiros, cozinha, lavagem de roupa, costura, consertos, tricô, etc. Ela terá mais ou menos tempo para cada coisa, mas se necessita de ajuda, mais cedo ou mais tarde, deverá ir ensinando as mesmas tarefas às filhas, preparando-as para a vida futura com inteligência, cuidado e método<sup>290</sup>.

Este artigo (a mãe e a criança – trabalhos caseiros) de 1958, aparece na sessão horas de folga – trabalhos domésticos em 1968. Em ambas as edições o maior espaço do livro estava destinado ao capítulo a cozinha ou a arte culinária, regido pela ideia de que o cômodo em questão seria “a peça que a dona de casa passa a maior parte do tempo, e onde a alegria de viver encontra a sua fonte”<sup>291</sup>. Suas páginas eram repletas de receitas, modos de preparo, ocasiões de recepção, cardápios. Na versão de 1968 havia ainda uma “glamourização” dos eletrodomésticos que chegavam para “facilitar” a vida da mulher. Como legendas dos aparelhos, tínhamos comentários: “A enceradeira é a aliada nº 1 de uma mulher moderna”<sup>292</sup>. “A máquina de lavar roupa representa, antes de mais nada, uma economia de tempo e dinheiro”<sup>293</sup>.

Existiam objetivos dicotômicos ao nos depararmos com enunciações de progressos emancipatórios nas Enciclopédias, ao lado de inúmeras regras e posturas fruto da herança e de uma memória patriarcal – da mulher estritamente ligada ao privado. Dicotomias naquilo que a mídia produzia acerca da mulher, justamente por estar implicada às múltiplas noções de identidade feminina, constituídas e reconstruídas, na sociedade brasileira dos anos 1950, 1960 e 1970 – a cultura hippie e a categoria unissex, por exemplo, viriam compor as complexidades desse cenário<sup>294</sup>. Um diálogo da indústria cultural com o socialmente estabelecido, mantido, alterado ou reformulado. Processos de construção e desconstrução na política, nas ideologias e no modo de vida dos indivíduos, na maneira com a qual se enxergavam (ou não) na sociedade. Mais do que propagar ideias ou difundir modelos estereotipados, a Enciclopédia e os demais periódicos da época encontravam-se imersos nos ditames e contradições presentes na vida das mulheres:

---

<sup>290</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 211.

<sup>291</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 150.

<sup>292</sup>Ibidem, p. 155.

<sup>293</sup>Ibidem, p. 162.

<sup>294</sup>CIDREIRA, Op. Cit., 2008.

[...] dado o importante papel que incube hoje a quem durante milhares de anos viu seus direitos postergados, mas que, no decorrer dos tempos, se mostrou capaz de colocar-se, com dignidade e sem desdouro, lado a lado com seus pares masculinos, conquistando o devido lugar no corpo social graças a prolongados esforços – os organizadores desta Enciclopédia reputaram imprescindível proporcionar à mulher moderna, paralelamente aos assuntos ligados à sua vida particular ou doméstica, estudos pormenorizados, sobre os seus direitos pessoais, bem como os conselhos preciosos concernentes às atividades feminina na sociedade<sup>295</sup>.

Dez anos passados, o discurso havia se refinado, mas mantinha-se firme em apresentar as dificuldades da vida da mulher moderna:

“A mulher e seus direitos”, “A mulher e a vida social”, “A mulher e o trabalho”, são três capítulos de grande interesse para quem inclina com aceitação para a crescente independência feminina. A ocupação das horas vagas está, hoje, pesada e medida tão racionalmente como o uso das horas de trabalho. Quanto mais se trabalha mais se tem de pensar na boa utilização dos momentos de folga. As diversões, os livros, a música, o esporte, as férias e feriados são motivo de três capítulos que salientam a importância, pode-se dizer desintoxicante, das horas livres na vida atribulada de nossos dias<sup>296</sup>.

Avançando nos escritos das duas versões apreenderemos, no geral, mais permanências do que rupturas, mesmo em temáticas que aparentemente poderiam denotar alguma mudança, transformação ou nova perspectiva em relação à situação legal, social ou trabalhista da mulher. Nos capítulos destinados às explicações sobre a mulher e seus direitos, por exemplo, tínhamos os deveres que os pais, em especial a mãe, deveriam ter com os filhos. Também são trabalhados temas como o regime matrimonial e as questões de comunhão de bens, separação, contribuições da mulher nas despesas do casal, legislação social e desquite. No capítulo mulher e a vida social, abarcava-se enfaticamente o processo “natural” da vivência feminina: a jovem sendo preparada para o casamento, a casada vivenciando essa experiência e a chegada dos filhos. A mulher só e a mulher idosa são tratadas como categorias que não conquistaram “uniões felizes” ou que atravessam um “difícil” período da vida<sup>297</sup>.

Como dissemos, o capítulo a mulher e o trabalho é uma novidade da versão de 1968 em relação à década de 1950. No entanto, o que se apresenta é algo novamente contraditório a essa perspectiva, uma vez que a delicadeza e polidez primordiais ao comportamento feminino nos anos 1950 e suas afirmações em relação aos homens e à sociedade em geral, reformulavam-

---

<sup>295</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 8.

<sup>296</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, prefácio.

<sup>297</sup>Ibidem, p. 318.

se em concepções “disfarçadas” na década seguinte. Ao propor, por exemplo, a renúncia da menina (futura mulher) em prol da felicidade daqueles ao seu entorno, a Enciclopédia da Mulher em 1958 elucidava:

Como tornar-se uma Perfeita Mulher de Sociedade: Nestas poucas páginas tentamos resumir as circunstâncias mais marcantes da vida, onde a aplicação das ditas “leis da polidez” facilitarão as relações familiares, amigáveis ou sociais, libertando de todo embaraço ou timidez aquela que fôr chamada a freqüentar um meio social diferente do seu, ou que deverá em breve manter o papel de dona de casa. Seguir os conselhos que aqui damos, é fazer uma espécie de seguro contra a indelicadeza, a impolidez e o desleixo<sup>298</sup>.

Na versão de 1968, a Nova Enciclopédia da Mulher, prosseguia:

Educação da Menina: Ela deve ser formada dentro de uma atmosfera altruísta. O papel da mulher na vida é de tudo dar em seu redor: conforto, alegria, beleza, tudo acompanhado de um sorriso, sem se fazer de mártir, sem mau humor, sem aparentar cansaço. É uma tarefa pesada e é preciso iniciar a menina neste renúncia contínuo e, ao mesmo tempo, feliz. A partir do primeiro ano, deve aprender dividir seus brinquedos, seus bombons e dar o que tem, sobretudo aquilo que mais quer para si<sup>299</sup>.

As aplicabilidades das Enciclopédias concerniam o formato de um espelho, que refletia aquilo que o conjunto de práticas e representações sociais funcionalizava, inclusive em seus meandros contraditórios. São esses ímpetus estabelecidos que configuravam a sociedade e, por conseguinte, as mulheres que já nos Anos Dourados partiam em busca de novas perspectivas (trabalhistas, jurídicas e sociais) no cenário brasileiro e que viam nos anos 1960 e 1970 o florescer de novos rumos em suas histórias. A difusão da pílula anticoncepcional nos anos 1960 e a possibilidade do divórcio nos 1970 exemplificariam mudanças significativas em curso às novas perspectivas. As confluências historiográficas e os movimentos processados enalteciam novos olhares acerca desse percurso, contestando e combatendo posturas machistas, patriarcais, excludentes. A massificação e generalização de uma identidade feminina passariam a ser debatidas com mais retidão.

As discussões sobre a categoria ‘gênero’ e sobre a história das mulheres advieram por um trajeto que nos leva a crer nas pluralidades contidas num mesmo período e lugar. Notar que diferentes tipos de mulheres coexistem na sociedade, além de fazer parte desse viés problematizador, nos encaminha para a percepção das questões, que de modo geral, às formas

---

<sup>298</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 249.

<sup>299</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 335.

com as quais a mídia conduz a produção de seus discursos, sob uma ótica memorial coletiva em relação aos elementos que circundam as noções de feminilidade, comportamento e aparência da mulher. Atentando-nos ainda mais para estes enlaces, deter-nos-emos em diante à apreciação de cada capítulo presente nas versões da Enciclopédia da Mulher.

## **A mulher e a beleza**

Intitulado a mulher e a beleza, o primeiro capítulo da Enciclopédia da Mulher e da Nova Enciclopédia da Mulher apresentava como ponto principal a questão: como tornar-se e permanecer bela? Apesar de dizer que a beleza seria “a melhor utilização dos dons naturais que toda mulher recebeu ao nascer”, colocava-se a necessidade e o dever de mantê-la. Parecer jovem, conservando o rosto atraente, era mais um papel a ser encarnado por aquelas que “ficam em casa e cuja missão é assegurar a felicidade de todos que a cercam”. A cirurgia estética, quando imprescindível, suprimiria os “monstros”. Corrigir as “deformidades acentuadas das orelhas e do nariz, e certos casos de olhos empapuçados”, além das operações em seios caídos, seria o “remédio eficaz contra um penoso caso de inferioridade”. Os exageros deveriam ser evitados. As cirurgias precisariam intervir em casos “realmente anormais”. Saber ostentar naturalmente os “defeitos lisonjeiros” seria uma forma de dar “um arzinho picante” e imprevisto ao rosto feminino. Segundo a Enciclopédia da Mulher, a “arte essencialmente feminina, inata em toda mulher” de fazer com seus defeitos fossem apreciados, tornava-os atraentes e retratavam parte de sua personalidade com certa ousadia<sup>300</sup>.

Mas afinal, o que era considerado beleza? No tópico que é beleza, presente igualmente em ambas as edições, dizia: “é um conjunto harmonioso de traços e proporções. Os cânones da beleza variam segundo os países, as épocas e as modas”<sup>301</sup>. No entanto, mesmo considerando a variação entre lugares e tempos, as Enciclopédias trazem no ponto seguinte as classificações exatas, proporcionais ao ser bela. Na Enciclopédia de 1958, com a chamada as proporções perfeitas da mulher, tinha-se a seguinte tabela:

---

<sup>300</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 9. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 2.

<sup>301</sup>Ibidem, p. 2.

Imagem 6: Quadro das Proporções Perfeitas da Mulher

ALTURA	Peso em kg	Contorno do busto em cm	Quadril em cm	Cintura em cm	Contorno do braço em cm	Contorno das coxas em cm	Contorno da barriga da perna ou pescoço em cm
1,50 m	51	78	82	60	25	45	31
1,52 m	51,5	79	83	61	25,3	45,6	31,4
1,54 m	52,5	80,5	85	63	26	47	32
1,56 m	54	81,5	86	64	27	47,5	32,2
1,58 m	55	82	87	64,5	27,3	48	32,6
1,60 m	57	84	88	66	27,7	48,5	33,3
1,62 m	58	85	89	66,5	27,9	49,3	33,4
1,64 m	59	86	90	67	28	49,6	33,8
1,66 m	61	87	91	68,5	28,3	50,3	34,2
1,68 m	62,5	88	92	69	28,8	51,5	34,6
1,70 m	65	89	93	71	29	52	35
1,72 m	66	90	94	72	29,3	52,5	35,4
1,74 m	67	92	95	73	29,7	53	35,8
1,76 m	69	93	95	74	30	54	36,2
1,78 m	70	94	96,5	75	30,5	54,5	36,6
1,80 m	72	95	98	76	31	55	37

Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 10.

Para cada altura, as medidas perfeitas. Uma conjunção entre o peso e as formas do busto, quadril, cintura, braços, coxas, perna e pescoço. Já na Enciclopédia de 1968 encontrava-se as proporções ideais:

Imagem 7: Quadro das “Proporções Ideais” estabelecido pelo Dr. Maurin

	Altura	Peso		Tórax	Barriga da perna	Joelho	Coxa	Bacia	Cintura	Tórax	Busto	Axila	Espádua	Pescoço
		m	kg											
Esguia	1,50	41 a 43	17	29,5	31	44,5	83	56	67,5	76	75	86	28,5	
Ligeiramente esguia		44 a 46	17,5	30,5	32,5	46	86	58	70	77,5	89	29,5		
Normal		47 a 49	18	31,5	33,5	47,5	89	60	72	81,5	80	92	30,5	
Ligeiramente larga de ombros		50 a 52	18,5	32,5	34,5	49	91,5	61,5	74	84	82,5	95	31,5	
Larga de ombros		53 a 55	19	33,5	35,5	50	94	63,5	76,5	86,5	85	97,5	32	
Esguia	1,55	44 a 46	17	30	32	46	85,5	58	70,5	80	77	89	29	
Ligeiramente esguia		47 a 49	18	31	33	47,5	88	59,5	72,5	82	80	92	30	
Normal		50 a 52	18,5	32	34	49	91	61,5	75	85	82,5	95	31	
Ligeiramente larga de ombros		53 a 55	19	33	35	50,5	93,5	63	77	87,5	85	97,5	32	
Larga de ombros		56 a 58	19	34	36	52	96	65	79,5	90	87	100,5	33	
Esguia	1,60	47 a 49	18	31	33	47	87,5	59	71	81,5	79	91	30	
Ligeiramente esguia		50 a 52	18,5	32	34	48,5	90	61	73,5	84	81	94	31	
Normal		53 a 55	19	33	35	50	93	63	76	87	84	97	32	
Ligeiramente larga de ombros		56 a 58	19,5	34	36	51,5	95,5	65	78	89,5	86,5	100	33	
Larga de ombros		59 a 61	20	34,5	36,5	52,5	98	66	80	91	88	102	33,5	
Esguia	1,65	50 a 52	18	32	33,5	48,5	89,5	61	73,5	83,5	79,5	93,5	31	
Ligeiramente esguia		53 a 55	18,5	32,5	34,5	49,5	91,5	62	75	85	82	95,5	31,5	
Normal		56 a 58	19	33,5	35,5	51	94,5	64	77,5	88	84,5	98,5	32,5	
Ligeiramente larga de ombros		59 a 61	19,5	34,5	36,5	52,5	97	65,5	80	90,5	87	101,5	33,5	
Larga de ombros		62 a 64	20	35	37	53,5	99	66,5	81	92	88,5	103,5	34	
Esguia	1,69	53 a 55	18,5	32	34	48,5	90,5	61,5	74,5	84,5	80,5	94,5	31	
Ligeiramente esguia		56 a 58	19	33	35	49,5	92,5	63	76	86	82,5	96,5	31,5	
Normal		59 a 61	19,5	34	36	51,5	95,5	65	78,5	89	85	99,5	33	
Ligeiramente larga de ombros		62 a 64	20	34,5	36,5	52	97	66	80	90,5	86,5	101,5	33,5	
Larga de ombros		65 a 67	20,5	35,5	37,5	53,5	100	68	82	93,5	89	104,5	34	

Fonte: Nova Enciclopédia de Mulher, 1968, p. 4.

Além das aspas em “proporções ideais” supondo a relativização da expressão, e o uso de uma classificação médica, a Nova Enciclopédia da Mulher trazia mais do que um único padrão de medidas. Classificava as formas femininas em cinco categorias: esguia, ligeiramente esguia, normal, ligeiramente larga de ombros, larga de ombros. Calculando os valores relativos

da tabela dos anos 1950 com a dos anos 1960, notamos que houve um emagrecimento ideal para os níveis de perfeição – se na primeira tabela uma mulher de 1,50 metro poderia pesar 51 quilos, na segunda para mesma altura o ideal seria 41 – a considerável redução de dez quilos. Tratava-se de uma mudança nos padrões de beleza de uma década a outra. Ainda em termos comparativos, podemos dizer que se em 1958 a perfeição feminina esbarraria nas curvas de Marilyn Monroe, em 1968 o padrão a ser seguido passaria pela forma magra de Audrey Hepburn.

Para satisfazer-se na aparência, a mulher dependia não somente das preocupações estéticas. Nesse sentido, as Enciclopédias lançavam a máxima: beleza e saúde são gêmeas – temática fruto do discurso médico circundante naquela época, outrora apresentado. A “boa higiene” e os “cuidados inteligentes” eram primordiais para se alcançar um corpo harmonioso, um andar elegante, uma pele sadia sem espinhas e olheiras, cabelos macios e brilhantes. A alimentação sadia e o sono suficiente, aliados à prática de exercícios físicos e aos momentos ao ar livre, eram os precedentes imprescindíveis ao sucesso no a.b.c. da faceirice: o asseio. O banho, se frio, morno ou quente, tinha sua faixa etária ideal ou ocasião mais favorável – se para tonificar, tratar do rosto ou relaxar. A escolha entre banheira ou ducha também interferiria no resultado final. A prática da sauna era recomendada por sua ação desintoxicante, estimulante da epiderme, enrijecendo-a e causando bem-estar, além de descontraír os músculos e relaxar os nervos<sup>302</sup>.

O próximo ponto destacado em ambas as edições atestava os cuidados com o rosto. Ao falar da pele, “essa desconhecida”, listava a limpeza, a massagem, o uso da escova, da fumigação<sup>303</sup>, das máscaras mise en plise e das compressas como indispensáveis. Na edição de 1958, era ressaltada a relevância de higienizar o rosto à noite e como proceder de manhã. Auxiliava a “normalizar” as peles secas, as oleosas e as temidas rugas – ressaltando que não existia milagre e que “se você é uma pessoa nervosa” elas “aparecerão prematuramente em seu rosto”. Como uma sagaz mulher moderna, retardar os aspectos do envelhecimento correspondia a “conservar a linha, o dinamismo e o frescor”. Além disso, tratar das afecções da pele (vermelhidões, cravos e problemas glandulares) e saber se maquiar eram fundamentos preciosos<sup>304</sup>. Para Mary Del Priore a indústria cultural ensina às mulheres que o cuidado do

---

<sup>302</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 11-12. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 5-11.

<sup>303</sup>Segundo as Enciclopédias, a fumigação consiste numa técnica de aplicação de vapores e fumaças de água fervente (acrescida de substâncias florais) no rosto. Feito por meio de inaladores ou cones de papel encerado – vendidos nas farmácias –, o intuito do procedimento é limpar radicalmente a pele.

<sup>304</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 12-21.

binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade<sup>305</sup>. As dicas basilares e minuciosas das Enciclopédias comprovam isso, atrelando a mulher bela àquela que era também saudável. Se tivesse um rosto limpo e sadio, por exemplo, os efeitos maquiáveis seriam ainda melhores.

Na versão de 1968, os produtos de maquiagem foram divididos em quatro categorias: indispensável (I), útil (U), agradável (A) e para certos particulares (P). Os cosméticos a serem utilizados apareciam no dicionário dos produtos de beleza. Tinha-se os aliados da mulher, produtos como: “adstringente, base, baton, creme, delineador, depilatório, desodorante, detergente, lápis, leites, loções, máscaras, pós, removedores de maquiagem, rímel, rouge, soro e tônicos”. Os acessórios úteis para maquiagem como esponjas e pincéis e como lidar com as alergias provenientes de determinados produtos apareciam tão logo<sup>306</sup>.

Dos cuidados com o rosto, de modo geral, havia um detalhamento maior sobre as rugas e as rugas de expressão em relação a versão de 1958. Sobre as afecções da pele ocorreu o mesmo. Trazia-se os problemas das peles secas (caparrosa e queratose) e oleosas (acne), além das pequenas misérias (poros dilatados e herpes) e as marcas da pele – “sinais de beleza ou nervos”. Falava-se dos princípios da maquiagem, das cores utilizadas de acordo com os olhos, das correções para um rosto “muito longo e muito pontudo” ou ainda aproximar o “redondo, longo, quadrado...” da forma ideal: a oval. Os olhos, nos quais a pupila deveria ser “cintilante” e o branco “puro e límpido”, sem manchas ou vermelhos, também mereciam atenção. O complexo dos olhos havia sido deixado para trás – sabendo escolher a armação, os óculos não enfariam. A beleza dos olhos também dependia da “juventude das pálpebras”. Elas não deveriam estar inchadas ou empapuçadas. Na harmonia do olhar, a depilação das sobrancelhas era importantíssima: traço, pintura, cuidados. O nariz, quando de “forma desastrosa”, deveria ser submetido à cirurgia. Nariz vermelho ou luzido não era bonito. Na boca, “um dos principais elementos de beleza do rosto”, os lábios deveriam ser bem delineados e os dentes saudáveis, brancos. O uso da escova de cerdas e das pastas (desde que não tivessem substâncias que avermelhassem as gengivas) eram, para tanto, o mais eficaz. Sendo a beleza do pescoço e do queixo uma das mais efêmeras, aplicar todas as manhãs cremes emagrecedores – eliminando a retenção de gordura – e praticar exercícios mandibulares seriam formidáveis para a revitalização da região. À noite, nem pensar em dormir com travesseiro, para não enrugarem o pescoço ou

---

<sup>305</sup>DEL PRIORE, Op. Cit., 2014, p. 240.

<sup>306</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 12-20.

aproximar o queixo do peito. Não trabalhar com a cabeça baixa e retificar a posição corporal a todo momento, também faziam parte das regras da beleza<sup>307</sup>.

Imagem 8: A Maquiagem



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 27.

Os cuidados com os cabelos, o uso de xampus, a detecção de deficiências, oleosidades, ressecamentos, caspas, rebentados, quedas e como lidar com os “cabelos estragados”, estavam nas duas edições do manual. O modo de proceder com as tinturas, principalmente com a descoloração – em busca do visual loiro –, faziam parte da pauta. Os métodos para enrolar os cabelos a “arte de pentear-se bem” deveriam seguir “regras estritas”, afinal condizia com a “personalidade” da mulher. Era importante que o penteado escolhido pela leitora da Enciclopédia se tornasse “o seu penteado”, como se fizesse parte dela mesma a ponto de ser esquecido. Afinal, um penteado que a preocupasse e a fizesse apalpá-lo várias vezes, não havia de ser bem-sucedido<sup>308</sup>.

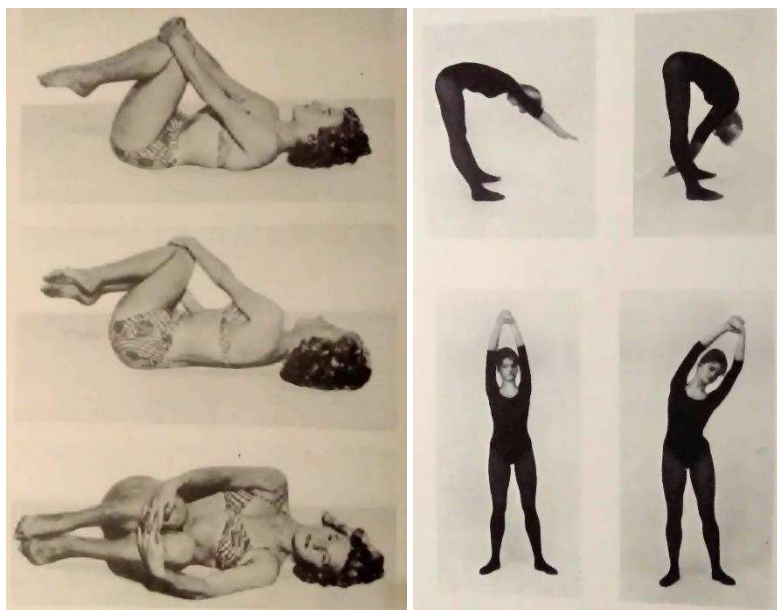
Na matéria corpo, as edições da Enciclopédia lançam mão de várias figuras ilustrativas, prevalecendo uma lição completa de ginástica:

---

<sup>307</sup>Ibidem, p. 20-36.

<sup>308</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 22-23. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 36-43.

### Imagem 9: Uma Lição Completa de Ginástica



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 28 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 46.

Um exercício para cada parte do corpo: braços e ombros, pernas, busto, para os rins, adelgaçamento da cintura, abdômen, glúteos, coxas, dorso e nádegas. Na sessão exercícios especiais, as flexões para possuir um “lindo busto”, um “belo porte”, uma “silhueta esbelta”, para engrossar ou afinar coxas e pernas, diminuir as nádegas e para ter mais flexibilidade<sup>309</sup>.

Para as “maníacas dos centímetros”, as Enciclopédias advertiam que as medidas perfeitas ou ideais dos quadros anteriormente expostos<sup>310</sup>, não necessitavam ser levados à risca – que passar dois ou três centímetros nas medidas ou de quatro a cinco quilos no peso, não deveria ser motivo para uma “verdadeira obsessão”. Mas, uma grande diferença de peso ou medidas “normais” deveria ser tomada como sinal de aviso. Nesse sentido, dependendo da meta a ser batida, o passo a passo exato ali estaria. A dúvida: emagrecer ou engordar? Se fosse a primeira opção a escolhida seria importante detectar os diferentes tipos de gorduras: o excesso de adiposidade, a retenção d’água e a celulite. Os regimes para emagrecimento possuíam “dados precisos”: suprimir o açúcar, as gorduras e o sal; não beber durante as refeições; deixar de fazer uma das refeições; ter bom senso, seguindo a dica – “restringa sua alimentação, em quantidade e em qualidade, mas conserve-a variada, equilibrada e suficiente” – e passando do consumo de 2000 a 2500 calorias por dia, para 1600 a 1800 calorias. Truques básicos como mastigar vagorosamente, realizar regimes de “desintoxicação e de choque” ou ainda comprar um traje

<sup>309</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 24-30. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 44-50.

<sup>310</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 10. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 4.

menor que seu número para incentivar a perda de peso, estavam presentes. Bem como o uso de medicamentos para cortar o apetite, para eliminar água, para queimar mais rápido as “reservas”, para celulite, tranquilizantes, injeções, “alimentos completos” e aparelhos de massagem emagrecedores. Se o objetivo por outro lado fosse engordar, a tarefa seria “simples”. Necessário era vencer a falta do apetite fazendo cinco refeições leves e três grandes durante o dia sem consumir, entretanto, alimentos que “se avolumam no estômago” – como molhos ricos em gorduras e sobremesas à base de farinhas e açúcar. Dicas para não ter perturbações digestivas e para assimilar melhor o regime, mantendo-o equilibrado, seguiam a lista<sup>311</sup>.

Na sequência dos dois livros, vinha o tópico conselhos à futura mãe. Presumindo que toda mulher passaria naturalmente por essa fase na vida, a Enciclopédia afirmava que se tratava do momento onde os cuidados com a beleza deviam ser redobrados. Mesmo porque, nos escritos dos manuais atestava-se que:

A maternidade não é uma provação temível, pois a mulher é feita para transmitir a vida, e as que são condenadas voluntária ou involuntariamente à esterilidade jamais terão o pleno desenvolvimento fisiológico nem atingirão o máximo de equilíbrio e beleza<sup>312</sup>.

Para manter tal equilíbrio e beleza que só a maternidade proporcionaria, um combo de cuidados para preservar o corpo “contra qualquer deformação estética”. Abstendo-se de exercícios “violentos”, a prática da ginástica no período continuava indispensável. Moderar o tempo a ficar de pé e em repouso, preveniria as varizes. O uso de lanolina ou óleo vegetal preveniria o aparecimento de vincos e rugas. A dica era passar essas substâncias no ventre, flancos e seios. Ir ao dentista evitando cáries, aliado ao consumo de alimentos ricos em sais minerais e cálcio deviam ser feitos. Escovar os cabelos várias vezes, sustentar os seios com bons soutiens, usar cintas especiais para manter a parede abdominal (sem comprimi-la), suprimir os saltos, o álcool e os excessos de modo geral, também estavam nas recomendações. Passado o parto e o resguardo, a cinta justa seria a melhor amiga. Ginástica e as massagens ajudariam a mulher a voltar a ser o que era antes da gestação, “ornada de uma beleza nova: a mais resplandecente de todas, a de uma jovem mãezinha”<sup>313</sup>.

Retomando a vida pós bebê, vinha o entendimento sobre o papel dos institutos de beleza, ou seja, o lugar onde eram mediadas as noções médicas com os cuidados que a mulher poderia

---

<sup>311</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 31-32. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 51-57.

<sup>312</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 32. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 56-57.

<sup>313</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 32-33. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 57-58.

ter com seu rosto e corpo. Cuidados estes que faziam parte do pequeno memento da mulher cuidadosa. Tempo dedicado ao cuidado das mãos e unhas e da depilação – que podia ser elétrica, à lâmina ou à pinça, com depiladores, com discos à base de esmeril, com cera fria ou ainda a descoloração. Todos os procedimentos com vantagens e desvantagens. A transpiração e o uso de desodorantes vinham na sequência. Os banhos de sol surgiam para fortificar e vivificar o organismo – mais que uma questão estética, condizia com a saúde. Escolher os melhores produtos para se bronzear sem sol ou ainda os antissolares, apareciam nas implicações<sup>314</sup>.

A Nova Enciclopédia da Mulher trazia alguns pontos discursivos a mais sobre a mulher e a beleza em relação à edição de 1958. Abordava as questões das adolescentes: os “complexos da idade”. As insatisfações da jovem com a pele, com os suores nas mãos, com as espinhas, os cabelos, o buço, com o busto que não desenvolve ou ao se achar muito gorda. A maleabilidade da mãe era essencial ao lidar com essas situações<sup>315</sup>.

O busto, em si, também era objeto a ser tratado. Com a influência marcante das estrelas de cinema, os seios, segundo o manual, passaram a ser a preocupação “número um” das mulheres. Truques com tiras e utilização de hormônios apareciam como opção ao encaixe dessa beleza, do busto belo. A cirurgia estética e a beleza expressa para mulheres apressadas eram as duas últimas pautas. Esta, em questão, problematizava o manter-se bela para aquelas que trabalham fora do lar ou as que possuem família demasiado numerosa, sem grande tempo para embelezar-se. Desse modo, oferecia-se truques básicos para: dissimular um rosto abatido, olheiras, olhos fundos e espinhas; distender traços crispados; descansar alguns minutos; fazer uma “mise en plise” rápida; não viver mal penteada (recorrendo às perucas); não faltar rouge e tônico para pele; clarear os dentes das fumantes, e tirar pulôver do vestido sem se desarrumar<sup>316</sup>.

Finalizando o capítulo sobre a beleza, ambas as edições traziam uma conclusão:

Conclusão: A faceirice eficiente baseia-se na inteligência e no bom-senso.  
Antes de mais nada, a mulher deve se esforçar por:  
Adaptar-se ao seu próprio tipo de beleza.  
Aprender a realçar o que tem de bonito e disfarçar jeitosamente os defeitos.  
Nunca imitar uma atriz de cinema ou de teatro.  
Adaptar a moda à sua personalidade, rejeitando formas e cores que não a favorecem.  
Ostentar a idade sem constrangimento, pois cada idade tem sua beleza.

---

<sup>314</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 33-34. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 58-62.

<sup>315</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 63-64.

<sup>316</sup>Ibidem, p. 67.

Nunca desesperar de agradar. As mulheres mais amadas nem sempre são as mais belas. Muitos exemplos célebres provaram que uma deformidade física muitas vezes se paga com encanto.

O encanto é um dom. Saiba merecê-lo. Fique certa de que tôda a sua pessoa, pela expressão do rosto, pelos gestos e atitudes, trai o que está dentro de você para refletir-se em você mesma. Uma mulher viva, alegre, sorridente, tem mais possibilidades de agradar, mesmo com um físico imperfeito, que outra com beleza formal mas fria, sem brilho.

Faça todo o possível para obter o máximo de seus dotes naturais, mas uma vez obtido êste máximo, não crie “complexos”, se êle permanece mais ou menos distante da perfeição, nem se hipnotize por sua pequena pessoa. Gosta-se ou não gosta em conjunto e não em por menores. Sua personalidade seduzirá ou não seduzirá. Quanto mais você a desenvolver, seja qual for o tipo, maiores serão suas possibilidades de agradar<sup>317</sup>.

Pontos divergentes surgiam em alguns momentos. Ao longo do capítulo, em ambas as edições, eram preconizados ideais de beleza nos quais manter-se jovem e saudável seria primordial. Ser quista, caber em roupas e padrões era o “normal” a ser feito. Na conclusão, entretanto, emergia a tentativa de “não agradar” e de ser a mulher ela mesma, porém dentro de um modelo que era vívido, alegre e sorridente, justamente para agradar – independentemente de ser ou não bela de fato, valorizando seus pontos positivos. Um discurso confuso. Próprio, talvez, do movimento histórico ambíguo vivenciado na época, como vimos anteriormente.

A Nova Enciclopédia recitava, ainda, um poema de Manoel Bandeira. O poema em si apontava para a ideia efêmera de beleza. No entanto, presumindo ser a beleza inspiração da arte, o manual conferia uma interpretação um pouco diferente. A estrofe final esboçava:

#### MADRIGAL MELANCÓLICO

O que adoro em tua natureza,  
Não é o profundo instinto maternal  
Em teu flanco aberto como uma ferida.  
Nem a tua pureza. Nem a tua impureza.  
O que adoro em ti – lastima-me e consola-me!  
O que adoro em ti, é a vida<sup>318</sup>.

Ao remeter o adjetivo “maternal” ao “instinto” da mulher, ou ainda, num trecho anterior, utilizar palavras como “graça” e “aérea” como próprias da beleza feminina, a escrita poética moldava-se através da Enciclopédia aos traços culturais de uma época. Pressupunha-se, ademais, as formas de ver e de lidar com a mulher: um ser delicado, frágil, que naturalmente deveria ser inteligentemente bela.

---

<sup>317</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 35. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 67.

<sup>318</sup>Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 68.

## A elegância e a moda

O segundo capítulo das edições da Enciclopédia da Mulher se chamava a elegância e a moda. O subtítulo da versão de 1958 prometia trazer as respostas sobre por que e como seguir a moda. Iniciando as arguições, um resumo histórico: a elegância através dos tempos. Nas primeiras linhas trazia:

A elegância e a moda: uma pequena frase, um grande problema. Sem dúvida, um grave problema que cada época procura solucionar, e cuja solução é sempre uma homenagem perpétua à eterna beleza. Desde sua origem até nossos dias, um rápido golpe de vista, nos mostra que cada época tem seu ideal, e cada ideal uma linha diferente. De etapa em etapa, ora audaciosa, ora tímida, a moda não será sempre uma eterna errante em busca de sua divisa “seduzir para conquistar”?<sup>319</sup>

Atendo-se à efemeridade da moda, as Enciclopédias apontavam para a eternidade da beleza. Sancionavam a busca do belo através das diferentes linhas e etapas que a moda conferiria às bases da sedução e da conquista. Ora audaciosa, ora tímida, a moda sempre teria feito parte da História. Para tanto, os manuais julgavam necessário fazer um apanhado temporal da antiguidade aos atualizados anos 1920 e 1930. Começando pela Tunísia e a “túnica apertada na cintura por um cinto de penduricalhos”, apontavam que a mesma peça era usada na Síria e na Pérsia recoberta com uma segunda túnica ornada de franjas e bordados. Uma tiara cônica ou um gorro de lã compunham o visual. No Egito, os vestidos colantes e estreitos, que moldavam o corpo, faziam parte da costura. Já na Grécia, o surgimento do drapeado no conjunto duplo de vestidos “chiton”, com franzido no ombro, tinha a cintura marcada por um cinto e grande adesão popular.

Afirmava-se nas Enciclopédias que da Era Romana ao princípio da Idade Média, poucos rastros da moda foram deixados<sup>320</sup>. No entanto, os manuais mencionavam uma vestimenta enfeitada de bordados, uma espécie de corpete que se prolongou por um longo tempo. No século XIV, por exemplo, o uso desses corpetes marcando bem a cintura, aliado ao alongamento das saias e aos penteados extravagantes ornados por véus e rendas, a estirpe capaz de apontar a escala social da pessoa.

---

<sup>319</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 37. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 71.

<sup>320</sup>Assimilar o período inicial da Idade Média como pouco fértil em relação à moda, reforçava, talvez, ideia de obscurantismo, de “idade das trevas”, atribuído ao período. Cf. PERNOUD, Régine. Luz sobre a Idade Média. Trad. Antônio Manoel de Almeida Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

Segundo a “lei do contraste”, períodos de vestimentas grandemente ornamentadas eram sucedidos por épocas de maior simplicidade, e vice-versa. Após o entremeio de elegância não rebuscada, a Renascença trouxe um “novo ímpeto” à moda. As elegâncias italianas e venezianas desenvolviam o gosto por tecidos cintilantes e trajés suntuosos na França. Passou-se a falar em corte, talhes e peralvilhos. As rendas da antiguidade retornaram acompanhadas de fitas, galões e passamanarias. As mangas, se justas ou largas, caracterizavam respectivamente se um vestido era italiano ou francês. Apesar do desconforto, as saias amplas levantadas por alças garantiam uma aparência mais simples. Surgiram as anáguas. Os leques compunham a imponências das “beldades” junto aos fios de pérolas pendurados na cintura. No século XVI, os ares renascentistas continuaram sem modificar a silhueta feminina. O aspecto de sino era a voga. O corpo acolchoado imperava. Isso, até a “nova era” vinda com Luís XIII. O busto passava a ser mostrado sem a deformidade causada pelo vestido. As ancas diminuíram permitindo uma largura moderada ao vestido. A “modéstia” prevaleceu, as mangas dos corpetes foram alargadas e prendidas aos cotovelos com fitas. Os cabelos, em formato “saca-rolha”, eram cacheados e estavam em evidência.

Chamado de “o grande século” pelas Enciclopédias<sup>321</sup>, os tempos de Luís XIV ganhavam ênfase nas linhas do manual. Pela primeira vez, havia se formado na França uma comunidade de costureiras – apenas os alfaiates, até então, tinham permissão para vestir mulheres<sup>322</sup>. Nomeava-se “três célebres mulheres”, todas com suposto envolvimento amoroso com o rei, e dedicava a elas três momentos da moda: Maria Mancini<sup>323</sup>, Madame de Montespan<sup>324</sup> e Madame de Maintenon<sup>325</sup>. Aos penteados amontoados de cachos, tufos e

---

<sup>321</sup>Referindo-se ao século XVII.

<sup>322</sup>Nesse trecho, de ambas as Enciclopédias, era feito um comentário sobre “feministas exaltadas”. Referindo-se à chancela das costureiras ao invés somente dos alfaiates é colocado: “Não verão nisto as feministas exaltadas, uma semelhança com o segundo período da moda que marca um incontestável debochar?”. O segundo período em questão, referia-se ao período de Madame de Montespan (1640-1707). A era da dama da corte francesa, ficou conhecida pelo luxo extravagante – o uso sem medidas das passamanarias de ouro, rendas e fitas. Nas Enciclopédias era apontada a “inveja e o escândalo da corte” em relação à Madame. Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 38. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 73.

<sup>323</sup>Princesa de Paliano (1639-1715). Considerada amante de Luís XIV. Na moda: vestidos decotados, corpetes com abas, saias compridas com pregas retas. As Enciclopédias destacam as poucas mudanças do período. Cf.: OLIVEIRA, Maria Izabel Barboza de Moraes. Precauções dos príncipes em seus amores: preocupações de Bossuet em relação às guerras civis na França. Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História, v. 9, n. 14, 2012. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/download/10/4](https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/download/10/4). Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>324</sup>Marquesa de Montespan (1640-1707). Dama da corte francesa, considerada amante de Luís XIV. Na moda: luxo e extravagância, suntuosidade, triunfo das passamanarias de ouro, das rendas e fitas, cores variadas, bordados e babados nos vestidos, longas caudas (cujo comprimento variava conforme a categoria social). Cf.: OLIVEIRA, Op. Cit., 2012, p. 56.

<sup>325</sup>Françoise d’Aubigné (1635-1719). Fundadora da Maison Royale de Saint-Louis (Casa Real de São-Luís). Teria casado secretamente com Luís XIV. Na moda: a “severidade” substitui as rendas e fitas. Simplicidade rigorosa e

mechas soltas, conferia-se referência a outras madames e mademoiselles do período. O mesmo fazia com a elegância, harmonia, graça, beleza e fantasia. À moda masculina atribuíam-se apenas uma peça inovadora: a jaqueta à francesa. Seria o “único traje masculino” contrapondo o livre curso da “faceirice feminina”.

Detalhando a “áurea” e a “frivolidade” de outras mulheres da corte, as Enciclopédias exploravam as configurações dos chapéus, das roupas “mais simples”, dos casaquinhos, das inspirações na moda inglesa, na polonesa e das interferências da Revolução Francesa nos guarda-roupas. Para os homens fora pensado no “traje nacional”<sup>326</sup>, que não logrou sucesso pela falta de simplicidade e utilitarismo. Já para as mulheres a seguinte explicação: “do lado feminino, o desejo de agradar, que foi sempre o eterno ideal das mulheres, transforma-se, durante algum tempo, no desejo de não desagradar”<sup>327</sup>. Assim, houve a retomada à antiga “linha clássica”, com as “linhas normais do corpo”, “à Romana, à Vestal, à Diana”, com o uso de vestidos leves e saias transparentes.

Convenção, Diretório e queda do Império: a cada etapa histórica as modelagens modificavam-se, conforme as regras e comportamentos sociais. Para cada evento um traje mais adequado seria indicado: passeio ou gala. Fraque e gravata para os homens, boinas turbantes e plumas para as mulheres. No século XIX, os tornozelos femininos estariam ousadamente à mostra. Embora nada comparado ao início do século XX, como barriga e pernas em evidência. Especificamente em 1925, o destaque ficou com “a descida da cintura até as cadeiras”. A tendência apenas não superaria “a sabedoria dos costureiros” que fizeram renascer nos anos 1930 a “moda clássica”. Mas, sobre a moda através dos tempos era necessário compreender que:

Em suma, o tempo que passa depressa e destrói nossos amôres, nos ensina igualmente que nesta espécie de amor que é a moda, o detalhe pouco importa. Em matéria de elegância, importa apenas a harmonia que se desprende de um vestido<sup>328</sup>.

Mesmo afirmando que pouca importância teria o detalhe, as descrições da “história da moda” formavam que: se para os homens o traje simples, como um todo, sem maiores

---

corpete bem apertado na cintura, dando aspecto pouco natural ao corpo das mulheres. No geral as mangas eram curtas, apesar dos modelos “sinuantes” (postiças) e “gritona” (enchimento e aspecto engomado). Cf.: OLIVEIRA, Op. Cit., Loc. Cit.

<sup>326</sup>Encomendado a Jacques-Louis David (1748-1825), pintor oficial da corte francesa e de Napoleão Bonaparte.

<sup>327</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 39. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 75.

<sup>328</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 42. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 78.

referências modistas seria o essencial; para as mulheres as configurações seriam outras. Os detalhes em rendas, babados, transparências, adereços, adornos fariam, sim, a diferença, demonstrando, inclusive, a classe social à qual a mulher pertenceria ou a posição a ela incumbida: entre o público e o privado<sup>329</sup>. A tentativa de copiar a moda da realeza, das damas da corte, revelavam a replicação de atitudes e gostos preconcebidos. E, nesse mesmo eixo de condicionamento de gostos e ações, as Enciclopédias traziam na sequência os aspectos fundamentais referentes à arte da elegância. As duas edições do livro, lançavam o axioma:

“Conhece-te a ti mesma”. Mulheres, sabeis que esta máxima da sabedoria antiga se impõe também a vós, como princípio da elegância? Ver-nos como somos, e tal como os outros nos vêem, nos permite saber a que “tipo de mulher” pertencemos, em que gênero de mulher nos devemos classificar. E em consequência, como nos vestirmos segundo nosso “tipo” feminino, em harmonia como nosso “gênero” de beleza<sup>330</sup>.

Diferenciando e ressaltando entre aspas “tipo” e “gênero”, os manuais compreendiam estes termos como: o primeiro sendo os traços do rosto e a linha do corpo, e o segundo se tratando da expressão do rosto e das atitudes do corpo. Ou seja, expressavam respectivamente a aparência e o comportamento, o modo de ser e de agir. Além disso, a ideia de gerenciar a elegância das mulheres, classificáveis em “tipos” e “gêneros”, remetiam-se à padronagem cabível ao ideal feminino. Para enquadrar-se em dada proporção, questionários a serem feitos diante do espelho num rito “investigatório silencioso”, eram propostos com observações detidamente específicas. Sobre o “tipo”:

1º A que tipo de mulher de mulher pertence você?  
É alta, baixa ou de estatura mediana?  
É magra ou gorda?  
É do tipo clássico, romântico, esportivo, intelectual, estrela de cinema ou “vamp”?  
(Note-se que são raras as mulheres perfeitamente belas, como também são raras as mulheres totalmente feias; alguns entendidos em matéria de amor asseguram que certas “feias” inspiram afetos mais ardentes e duradouros que muitas “belas”)<sup>331</sup>.

---

<sup>329</sup>CASTAN, Nicole. O público e o particular. In.: CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes, v. 3, 1986. p. 402-438.

<sup>330</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 42. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 78.

<sup>331</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 43. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 79.

Assim como as tabelas das medidas ideais trazidas no capítulo a mulher e a beleza<sup>332</sup>, esse questionário e os seguintes buscavam normatizar arquétipos para a mulher harmonizar-se de acordo com o que seria mais aprazível aos “entendidos em matéria de amor”, provavelmente referindo-se aos homens. Retomando Foucault, vemos que a construção da mulher, inclusive em relação ao ser bela feita a partir do homem, constitui-se em uma estratégia de poder. Corresponde às pretensões de universalidade de saberes sobre o sujeito, onde os homens definem-se e constroem a mulher como o ‘outro’, a partir deles mesmos<sup>333</sup>. Disciplinar as mulheres e dar um veredito a respeito delas “inspirarem afetos”, sendo feias ou belas, refletia os enquadramentos masculinos.

No questionário sobre “gênero”, as Enciclopédias traziam:

*2º Em que “gênero” de mulher você se enquadra?*

Aqui, a diversidade é quase infinita, como também são inumeráveis as expressões do rosto, as atrações e encantos do corpo da mulher. Pois a beleza não é a graça, e a graça não é o encanto... e encanto não são atrativos.

Você é a morena cativante ou a moreninha cativante?

Você é loura tocante ou a loirinha provocante?

Você é a ruiva triunfante ou a ruivinha sedutora?

Possui...:

Os olhos negros, castanhos cinzentos, côm de noz, azul-celeste, azul-miosótis?

O olhar doce, vivo, terno, brejeiro?...

O nariz reto, curvo, curto, pontudo, arrebicado, fino, largo, achatado?<sup>334</sup>

As próprias questões levavam a mulher ao “enquadramento” físico e comportamental, mesmo que o discurso apresentado nas Enciclopédias rumasse à “diversidade quase infinita”. A mulher negra, por exemplo, não é mencionada nas alusões à cor da pele. Talvez estivesse justaposta em “morena cativante”, ou negligenciada como nas imagens dos manuais: apenas de mulheres brancas.

Prosseguindo nos questionários, as seguintes indagações sobre o “caráter”:

1º Você é alegre, expansiva, um pouco tagarela? [...]

2º Você é esportiva, clássica, dinâmica? [...]

3º Você é sensível, romântica, tímida, reservada? [...]

4º Você é do estilo menina-môça? [...]<sup>335</sup>.

---

<sup>332</sup>Vide imagens 6 e 7.

<sup>333</sup>No entanto, o homem e mulher seriam criações e consequências de uma determinada estrutura de poder, fruto de construções e reconstruções sociais, culturais. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>334</sup>Ibidem.

<sup>335</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 43. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 80.

O “caráter” seria o conjunto de comportamentos e expressões modistas da mulher. Nas descrições dessas características, vinham as dicas de como se vestir, arrumar, portar e “salvaguardar a feminilidade”. Nesta última expressão, “salvaguardar a feminilidade”, atrelava-se a ideia de manutenção de certos comportamentos. De preservar e prolongar a existência de normas de conduta previamente estabelecidas, a fim de conservar propriedades da “identidade feminina”, mantidas nas ações e no pensamento coletivo<sup>336</sup>. Essas reafirmações do “ser mulher” por meio de ações elaboradas, estariam sutilmente impressas em posturas e saberes elementares: de apreciar o melhor uso dos sapatos de salto e chapéus, a aprender os “três grandes segredos” imprescindíveis:

1º Conhecer-se a si mesma.

2º Não procurar parecer diferente do que é.

3º Colaborar com a natureza para atingir a perfeição do seu “tipo” e seu gênero, em harmonia com seu caráter<sup>337</sup>.

Conhecendo esses preceitos básicos, a mulher atingiria a “tripla obra-prima”. Ou seja, poderia “ser bela, gozar a beleza e valer seu justo preço”. Somente por meio desta “meditação”, a mulher compreenderia que apenas ela mesma poderia “solucionar o problema de sinceridade que surge diante de seu legítimo desejo de agradar”. A subserviência e o aprumar-se para a sociedade, em especial para o homem, aparece como a chave que move a beleza. Discurso parecido com o presente nas revistas femininas, vistas anteriormente, produzidas em solo brasileiro no mesmo período (entre 1958 e 1968).

Na sequência, dicas mais particulares a cada modelagem corporal: se você é delgada, se você é baixa, se você é gorda ou se você é alta. Possuíam dez regras a serem postas em prática. Todas elas expressas em “adequação” e resoluções firmes: para as delgadas: “use corpetes fofos”; para as baixas: “evite vestidos de duas peças”; para as gordas: “não amolde o busto”; e para as altas: “use costumes clássicos”<sup>338</sup>. Era imprescindível, também, saber como vestir-se segundo as circunstâncias. Para cada estação do ano e para cada evento, o melhor traje.

---

<sup>336</sup>Nesse panorama, identificamos, de maneira ainda mais nítida, agentes memoriais e identitários nos discursos presentes na Enciclopédia da Mulher. Como vimos em Pollak, trata-se da impressão de um estilo de vida padronizado às mulheres num enquadramento social, ou, ao enquadramento da memória. A legitimidade desse enquadramento esbarraria, entretanto, na arbitrariedade com o qual é conduzido – através do olhar masculino, que fomenta sua manutenção. Cf. POLLAK, Op. Cit., 1989.

<sup>337</sup>Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 81.

<sup>338</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 44. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 81.

Imagem 10: A Elegância e a Moda



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 43 e 45 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 80 e 85.

Depois de regras categóricas, algumas generalidades (segundo o modo de vida da leitora) teriam a finalidade de “adaptar sua elegância em função de sua existência”. Por isso, recomendava: se você mora no campo, “deve antes de mais nada escolher uma moda prática e confortável”. Se você mora na cidade, “tudo depende do seu modo de vida e dos meios que dispõem”. Por exemplo: se você trabalha, “seja antes de tudo correta, impecável e sobriamente vestida”. Se você é dona de casa, “cubra-se com um blusão bem fechado, esconda o cabelo num lenço, e proteja as mãos com luvas”, mas “para sua vida social adote um guarda-roupas simples e prático”, ou “uma saia para a noite em cetim ou tafetá”. Se você é mundana, “seus meios permitem, tôdas as fantasias lhe são oferecidas, mas cuidado”, pois mais difícil que seguir a moda, é “lançá-la ou antecipá-la”<sup>339</sup>. Se você mora num país de clima quente, “não se encha de

---

<sup>339</sup>Perceberemos com o decorrer deste capítulo, em especial nos assuntos que rondavam a vida pública da mulher (no trabalho ou na sociedade), expressões pejorativas (mundana, leviana) ou desanimadoras (cansada, malvista)

coisas inúteis”, uma vez que praticamente “só usará algodão e linho”. Se você mora nos países nórdicos, “a lã será certamente a base de sua indumentária”. Para o fim de semana e as férias, os mesmos preceitos básicos, apenas lembrando que “os trajes usados durante as férias são fantasias de curta duração”. Já em caso de chuva, o “impermeável” seria “traje base no guarda-roupa feminino e masculino”, “tornando-se um casaco confortável, mesmo elegante”.

Após dissertar os trajes formidáveis a cada corpo e situação, a Nova Enciclopédia da Mulher falava ainda das cores e sua harmonia, que fariam das vestes e de seus adereços esplendorosamente consonantes. Mesmo porque:

Ainda aí, seu “tipo” e seu “gênero” entram novamente em jôgo, e é claro que se você fôr gorda, usará tecidos escuros que adelgam a silhueta, e se fôr magra, cores claras que avantajará. Se não tiver certeza de conseguir um belo efeito, não combine côres ousadas, pois em vez de chique e original, você ficará ridícula<sup>340</sup>.

Instaurando as cores escuras às gordas e as claras às magras, o objetivo seria tornar as silhuetas adelgadas ou avantajadas para parecerem “normais” – segundo o padrão tabelado. O medo maior em ousar na moda ocasionaria a chacota social, a exposição ao ridículo. Aspectos que envolveriam o sentimento de vergonha de si mesma, e provocariam desconforto alheio<sup>341</sup>. O efeito desejado pelas Enciclopédias seria exatamente o oposto. O pretendido era encaixar as mulheres em nichos onde normatizasse o belo, o aprazível aos olhos e aos modos. Para tanto, as cores das roupas ajudariam nesse sentido: “tons quentes e violentos” como vermelho vivo, branco, marrom, laranja, verde-cru e azul-elétrico, ficariam ótimas nas “morenas de tez escura”<sup>342</sup>. Para as “louras e ruivas de pele clara e nacarada”, as “cores suaves” e os tons pastéis como o azul, rosa, lilás, palha, cinza e framboesa seriam mais apropriados.

No entanto, falar de trajes e não mencionar a beca “mais sonhada” seria inconveniente. Pois bem, as roupas para o casamento. O cortejo que não deveria ser longo, contaria com “os pais dos noivos, as testemunhas, as damas e os cavalheiros de honra, pouco numerosos: em geral nunca mais de dez ou doze”. Destaque para o traje da noiva. O vestido branco longo, por sua “beleza simbólica”, proporcionaria “um encanto inigualável”. A futura esposa deveria

---

àquelas que se permitiam ou eram levadas por dados circunstanciais (“auxílio” na renda familiar, por exemplo) à vida extra-lar. Era, portanto, estabelecido e reforçado o “melhor padrão” a ser seguido: esposa bela, dona de casa presente, mãe zelosa.

<sup>340</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 85.

<sup>341</sup>BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). Cadernos Pagu, n.01, a 07. p. 111-148. 1993.

<sup>342</sup>Deixava subentendido, mais uma vez, estar referindo-se à mulher negra.

escolher um modelo simples, mandando incorporá-lo com cetim liso ou brocado. O molde ideal: “corpo bem justo e saia muito ampla”. A cauda, o véu de filó que não deveria cobrir o rosto, as luvas de pelica branca, os sapatos de salto bem alto em camurça ou tirinhas, além das meias claras e finas e poucas joias, firmariam o primor da vestimenta. Sobre os acessórios, “nada mais bonito que um ramo ou um buquê de flôres na mão esquerda”. Para aquelas noivas que não podiam fazer despesa com um vestido de noiva, um traje branco de passeio com um grande chapéu de palha no verão, ou ainda um toucado de plumas no inverno, embelezariam a moça. Sobre o penteado, o gênero de costume deveria ser mantido, embora com maior admiração, apenas prendendo o véu. Para a “maquilagem”, discríção, um pouco de rouge, pó-de-arroz cor da pele, vermelho não muito escuro nos lábios e pouco brilho nas pálpebras. A indumentária do noivo, deveria ser de tecido e corte impecáveis, resumindo-se no smoking: casaca, “colarinho de sêda opaca, colete de fustão branco, gravata branca, colarinhos de pontas quebradas, calça preta, cartola de sêda, luvas brancas”. O traje da mãe da noiva também ganhava descrição: curto ou longo, de sêda ou lã fina, dependendo do tipo cerimonial. A roupa das crianças, que deveriam ser oito, resumiam-se em: vestidos rodados e compridos com flores de acessórios para as meninas; calça de veludo preto com blusa de flanela ou seda, cinza ou branca, para os meninos.

Após o matrimônio, a cerimônia sucessora esperada era o batizado dos filhos do casal. Para a ocasião, o bebê deveria usar “a tradicional camisola” de batismo. A mãe, “um costume clássico alegrado por um bonito chapéu”. A madrinha, além do chapéu, um belo “vestido de passeio”. O pai e o padrinho, ternos escuros. Na primeira comunhão, os trajes repetir-se-iam. A Enciclopédia da Mulher, de 1958, traz ainda as vestes de luto e sua duração. Dependendo do grau de parentesco, as fases de luto fechado, luto e meio luto, poderiam durar de um ano (na perda de marido, esposa e pais) a uma ou seis semanas (primos). Vestes pretas e opacas, prevaleceriam nos armários de ambos os sexos.

A combinação dos acessórios era a temática seguinte. A mulher elegante, por seu “sensivelmente diferente”, faz-se “notar, pelo menos agradar e ser notada... por sua elegância, seu chique, sua distinção”. Nesse sentido, “os acessórios estão para a moda como os epítetos estão para o estilo: são indispensáveis, mas podem tornar-se perigosos”. Por serem complementos da elegância e da personalidade, os acessórios demandavam conservação. Os chapéus, fossem de fêltro ou palha; as luvas de pelica lavável, não-lavável, branca ou de fazenda; as joias: ouro, prata, platina, brilhantes, pérolas, coral, marfim – para cada item a melhor procedência e condução.

Nesses meandros, importante era conhecer e reconhecer os tecidos: lãs, sedas, algodão, linho. A questão a ser respondida pelas Enciclopédias: Como podemos determinar a composição de um tecido? Explicações mais detalhadas sobre o jérsei e os têxteis sintéticos. Tinha-se, inclusive, um espaço amplo de discussão sobre as peles. Uma extensa classificação em categorias, sua conservação, restauração e o importante alerta: embrulhe suas peles no verão. As explanações abrangentes sobre os casacos e vestimentas em pele de animais, demasiadamente quentes e úteis em países nórdicos, creditam que não fora considerado proporcionalmente o panorama tropical brasileiro na adaptação da versão europeia das Enciclopédias para a versão nacional. Entretanto, os dois tópicos seguintes tentavam redirecionar a moda para as leitoras latino-americanas em questão, embora a tentativa de torná-la contemporânea continuasse comprometida.

Em moda simples e prática, colocava-se que:

A vida movimentada de nossos dias e o trabalho da mulher exigem da moda que ela seja simples e prática, sem perder, no entanto, o toque de feminilidade e graça. Os modelistas, do vestir ao calçar, inovam constantemente, impõem criações exóticas, mas triunfa sempre, para grande parte das mulheres, aquele modelo que proporciona facilidades de uso<sup>343</sup>.

Mesmo conferindo agitação, vida pública e trabalho à mulher, prezando praticidade e simplicidade no vestir-se, a “feminilidade e a graça” não deveriam ser abandonadas. Apesar das novidades e extravagâncias do mundo estilista, a mulher também deviria prezar pelo clássico, uma forma de manter padronizado o arquétipo feminino pregado pela Enciclopédia e, conseqüentemente, pela classe social a quem se direcionava. Ao tratar de bom gosto e originalidade, esta análise se repetia:

A difusão da moda nos meios de informação, revistas, figurinos, cinema, etc., e a padronização dos modelos que a confecção moderna impõe, contribuem para dificultar a originalidade em sua forma de vestir. Entretanto, com bom-gosto, imaginação e personalidade definida – você poderá ser original<sup>344</sup>.

Repetia-se também as dicotomias discursivas, da Enciclopédia da Mulher. Ao propor tabelas, questionários, tipos e gêneros, a padronização criticada nesse trecho sobre as modelagens da confecção moderna, ocorria do mesmo modo. As explanações sobre a “definição

---

<sup>343</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 99.

<sup>344</sup>Ibidem, p 99.

da personalidade”, ou em termos mais atualizados, da “identidade” da mulher, soavam de maneira vaga e superficial. A imaginação rumo à originalidade esbarrava nas sugestivas tabelas numéricas, de coloração, acessórios e trajés, que nada mais faziam que disseminar o perfil adequado, o que poderíamos chamar de “mulher charmosamente normal”.

## **Trabalhos manuais**

Na parte intitulada trabalhos manuais, ungia-se uma espécie de confirmação da sublimação do uso das mãos por parte das mulheres, atestada pela psiquiatria: seriam elas exímias costureiras<sup>345</sup>. O primeiro tópico desse assunto em cada Enciclopédia se propunha a ensinar os pontos de costura. Bainhas, ponto de luvas, pontos de franzir, costura inglesa, costura rematada, chuleio, rouleauté, viés, abelha, casas (para costumes, roupa branca e debruada), alças (de cadarço e presilha), tudo explicado em poucas palavras e ilustrações. Depois de aprender a fazer um bom ponto era importante saber utilizar um molde comprado: dispô-lo sobre o tecido, prendê-lo com alfinetes, traçar duas linhas com um giz (uma rente ao molde, outra a dois centímetros dele), cortá-lo com uma tesoura grande, realizar os demais procedimentos de marca e corte, alinhavá-los. Feito isso, seria preciso reunir as peças de moldes diferentes para formar o traje desejado e realizar a prova. Para a confecção de mangas de blusa, detalhes sobre corte, prova e punho. Nos ensinamentos sobre saias simples, os métodos para uma cintura ajustada seguida de um caimento mais amplo.

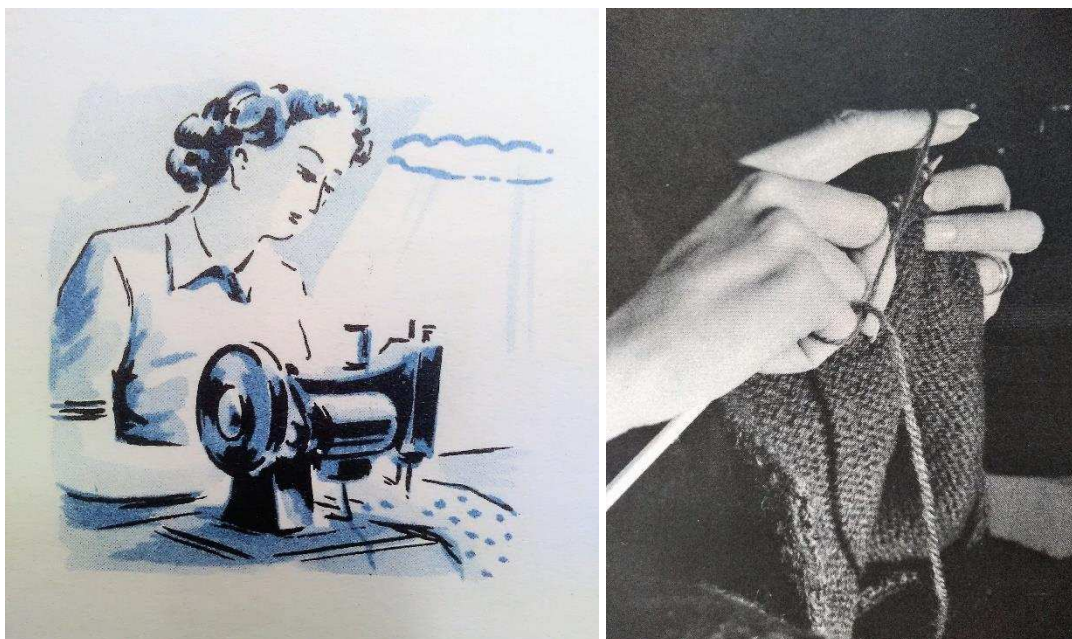
Os tipos de costura mais elaborados seriam: bordado, tricô, tapeçaria e crochê. Os dois últimos apareciam apenas na edição de 1968. A origem egípcia dos bordados dava a eles um status que ultrapassava o “belo ornamento”, tratava-se de uma obra de arte<sup>346</sup>. Passando pelas raízes macedônicas e húngaras, chegando aos bordados ingleses, tinha-se como referências atualizadas na Enciclopédias os modelos e modos de bordar europeus. Até mesmo as imagens de camponesas realizando esse tipo de trabalho e as vestes presentes na edição de 1958, remetiam às mulheres espanholas, italianas, russas, romenas, húngaras, albanesas, suecas, escocesas, norueguesas e inglesas. Os trajés ou maneiras de bordar realizados pela brasileira não estão presentes nas obras.

---

<sup>345</sup>CASTRO, Op. Cit., 2015.

<sup>346</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 64. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 105.

Imagem 11: Trabalhos Manuais



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 63 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 109.

No caso do tricô havia um apelo lúdico em sua caracterização. Se na versão de 1958 chamava-se a “senhora” para refletir sobre a possível origem de tal costura, na Nova edição a prosa convidava a “amiga” leitora. Independentemente do modo de tratamento (formal ou próximo) a idealizada criação costureira teria ocorrido, quem sabe, pelas mãos da fada ou pela própria Cinderela, que ainda no borralho via suas irmãs se aprontando para o baile. De volta ao mundo real, apontava-se para três grandes momentos das vestes feitas desse material: por volta de 1840, quando teriam sido inventados quase todos os pontos usados, prevalecendo a confecção de meias e soquetes; durante a Primeira Guerra Mundial quando “as mulheres recommçaram as agulhas com grande entusiasmo e carinho, em atenção àqueles que por elas combatiam nas trincheiras”, prevalecendo a costura de “meias grosseiras” que “lhes faziam evocar o lar distante e a cabeça loira ou morena, sob a lâmpada, inclinada sôbre o trabalho com o pensamento voltado para elês...” – com o fim da guerra, os maridos voltaram para casa “desejando” outros artigos em tricô, tarefa que as mulheres continuavam fazendo “cada vez com mais perfeição”, inclusive para elas próprias, com vestidos leves e quentes que habituaram-se a usar –; e à época da elaboração das próprias Enciclopédias fazendo parte dos “costumes” e conquistando “todos os lares”<sup>347</sup>.

---

<sup>347</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 66-69. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 105-113.

Sobre a tapeçaria, o suporte ao bordado chamado talagarça era imprescindível para o sucesso da confecção: a escolha da agulha (espeça, de ponta arredondada e orifício alongado), o bastidor<sup>348</sup>, o modo de marcação dos pontos, o arremate dos fios e a maneira de dar forma/goma ao trabalho eram as partes essenciais do processo que faziam da moça uma boa costureira. Já o crochê necessitava de uma agulha bem afilada e bico fundo para manter o fio firme. A posição dos dedos era ensinada, assim como os pontos principais. Naqueles em que era grande a “dificuldade de execução”, ilustrações e fotografias auxiliavam<sup>349</sup>. Seguindo o passo a passo, a primeira prenda doméstica ensinada pela Enciclopédia da Mulher não seria um entrave para a futura dona de casa.

## **A casa**

A partir daí iniciava-se um novo capítulo na Enciclopédia da Mulher. De nome simples e sugestivo, a casa conduzia os ensinamentos sobre o lugar no qual a mulher passaria a maior parte do seu tempo. Começavam também algumas diferenças fundamentais na disposição dos escritos e imagens dos materiais. Em 1958 a edição trazia como abertura desse assunto:

A casa é o habitat do homem, o ambiente no qual em grande, senão em maior parte, êle se desenvolve, adquire seus hábitos de vida e forma sua própria personalidade. Enquanto o habitat natural dos animais e plantas depende de causas exteriores que escapam à possibilidade de modificação por parte do homem (latitude, estações, etc.), o habitat do homem, a casa, depende d'êle próprio; assim, pois o problema fundamental, e da consciência mais ou menos clara que se tenha da responsabilidade de construção da própria habitação, depende em grande parte a vida da família e educação dos filhos. O velho adágio segundo o qual a casa é o santuário da família pode dar-se como superado enquanto propósito abstratamente idealista; o santuário era santuário, e aquêle santuário onde muitas vezes se reduzia a dona de casa à escravidão poderia ser um santuário, porém negligenciado<sup>350</sup>.

Afastando a visão de casa como santuário e aproximando-a ao “habitat natural” do homem, a Enciclopédia da Mulher tentava desassociá-la de um parâmetro “idealista” onde a mulher fosse reduzida à “escravidão”. Sem explicar melhor essa associação (presumimos que considerando uma analogia entre os sacrifícios sacerdotais devotos ao sagrado e os afazeres femininos devotos ao marido e filhos) prosseguia reforçando que o codinome “habitat”

---

<sup>348</sup>Suporte de madeira, de formas variadas, no qual se prende e se estica o tecido sobre o qual se faz bordado, pintura, entre outros.

<sup>349</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 113-117.

<sup>350</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 73.

remontava, exatamente, o significado biológico ao qual designava. Além desse sentido biológico desempenharia sentido poético, pois estaria de “acôrdo com o sentido da natureza e da ingenuidade das coisas; quer dizer ar luz flores, plantas e sobretudo o banimento da mesquinhez moral”. Mesquinhez relacionada às manias como abrir a sala de visitas apenas uma vez ao ano ou comer na cozinha quando tivesse sala de jantar<sup>351</sup>.

Considerando ter esclarecido “o ponto de vista ético geral sôbre habitação”, a escrita enciclopédica partia para explanações sobre as diferentes maneiras de habitar, ou seja, se em uma casa isolada ou em um apartamento. Iniciava-se uma série de ilustrações dos dois modelos. Casas projetadas por Lina Bo Bardi ganham espaço nas páginas, uma vez que a própria arquiteta havia auxiliado na adaptação deste capítulo. Nas imagens casas com um estilo contemporâneo, em cimento e aço, repletas de vidro e claridade. A vidraça auxiliava na “amplidão especial” da sala de estar. O pátio aéreo era pensado assegurando a ventilação. Até mesmo o design das calhas (formando duas pequenas “orelhas laterais”) e as cores em branco, cinza e vermelho nas partes metálicas contribuía na contemporaneidade pretendida. A forma e o tamanho da casa revelavam o modelo de família a ela pretendida:

A casa isolada ou apartamento podem ser para duas pessoas – um casal sem filhos por exemplo – para mais de duas pessoas, isto é, para um casal com um filho ou mais filhos do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ou para uma família numerosa composta, além do casal e dos filhos, de parentes. Existe ainda o caso do indivíduo sozinho, e o apartamento mínimo é hoje importantíssimo e estudado em todos os países do mundo. Êsses tipos de habitações naturalmente variáveis segundo as possibilidades financeiras dos habitantes, nós nos ateremos ao tipo médio, conquanto mais difundido e representativo, não da exceção, mas sim da regra. Tôdas as variantes da casa de praia, na montanha, etc. discrepam por menores, permanecendo inalteradas as bases constitutivas da casa moderna, a sua distribuição geral, o seu conceito normativo<sup>352</sup>.

Além do padrão familiar preconizado, ou seja, da casa direcionada ao casal, casal mais filhos, ou casal mais filhos e parentes, a Enciclopédia se atentava para os indivíduos que moravam sozinhos ou para pessoas que possuíssem condições financeiras diferentes daquelas que podiam ter uma casa ou apartamento considerado “tipo médio”. Entretanto, mesmo levando em consideração esses casos, optava por trabalhar “a regra” e não “a exceção”. Dizia-se ocupar essencialmente da casa “nova”, aquela a ser adaptada com móveis e objetos herdados. Ponderando os valores artísticos ou sentimentais estes objetos deveriam ser bem selecionados.

---

<sup>351</sup>Ibidem, p. 73.

<sup>352</sup>Ibidem, p. 75.

No caso dos artísticos não haveria problemas adicioná-los ao ambiente, já no caso dos sentimentais prevaleceria os de “maior significância”. Nesse último caso o discurso do manual apelava para a circunstância da “recordação” e da necessidade de passar para as crianças da casa o valor sentimental do determinado objeto.

Todos esses aspectos, no entanto, envoltos estavam por um denominador comum: o “bom gosto”. A questão da modernidade e da praticidade eram levadas em conta. Móveis portáteis para lugares pequenos e poltronas com designs diferenciados ganhavam as páginas ilustrativas e os referenciais do capítulo. A distribuição da casa deveria ser bem pensada, sobretudo visando o número de serviços que suas dimensões desencadeariam para a “cozinheira” e “dona-de-casa”. Ao mesmo tempo que a casa deveria ser “completa” em cômodos e artigos, precisava ser “econômica” e “transformável”, “com tôdas as possibilidades de conforto e comodidade”<sup>353</sup>.

Imagens de salas decoradas com riquíssimas obras de arte, demonstrativos de móvel bar criando um ambiente aberto, mesas compostas pelo “mármore brasileiro”, uso de carrinhos para coquetéis, quarto para o recém-nascido, quarto de menino, escritório, estantes e prateleiras com elementos dispostos, estúdios gêmeos ou individuais... tudo minimamente planejado. A disposição dos móveis na sala de estar, sala de jantar, estúdio, quarto de dormir, copa e cozinha, banheiro, passagens internas, jardim e terraço estavam divididos em subitens. Bem como os detalhes sobre móveis antigos, limpeza da casa, da roupa, das louças, dos sapatos, preparo das refeições, conservação e transporte das mesmas, jogo de pratos, copos, sorvetes, chás, cafés e talheres, tudo explicado em tabelas.

---

<sup>353</sup>Ibidem, p. 81.

Imagem 12: A Casa



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 72, 81, 89 e 97.

A sala de estar seria o ambiente que mais contribuiria para dar o “caráter da casa”. Nela, caprichos e frivolidades deveriam ser excluídos. O cômodo, possuindo uma atmosfera clara, não poderia contar com “entalhes escuros cheios de pó e certamente feios”, com “estofos tristes e escuros” ou “quadros de ínfima categoria nas paredes”. Os móveis teriam que ser leves e simples. As palavras-chave do capítulo eram “bom-gosto” e “moderno”. Imprescindível, portanto, seria fugir do “falso moderno”: “imitações de péssimo gosto, de péssimo desenho e de mau acabamento”. Um exemplo, os tecidos estampados. O melhor, móveis de couro natural. Rádio, televisão e vitrola deveriam ser colocados em um único móvel, de preferência naquele

em que se acrescentaria o bar na forma de pequeno armário com algumas garrafas e copos. Mesmo que estivesse na moda, o bar de balcão era absolutamente desaconselhável por ser de “péssimo gosto”. Caso não tivesse biblioteca ou escritório, os livros em pouca quantidade também poderiam compor o móvel. A vantagem de ocupar uma única parede com estes elementos, era deixar as demais livres para os quadros, desenhos ou fotografias. Mas as molduras precisavam ser de madeira clara natural ou pintadas de branco ou cinza. Cortinas simples e claras sem arrastar no chão, tapetes de lã ou persa autêntico, elementos em cerâmica e até mesmo plantas (citando o Brasil como lugar onde belíssimas trepadeiras crescem facilmente dentro de casa) confeririam uma decoração primorosa, sem “gastar muito”<sup>354</sup>.

A sala de jantar seguindo preceitos similares de clareza e organização deveria estar próxima à cozinha. Um móvel para pratos e talheres seria dispensável se a casa tivesse uma copa. Não tendo este cômodo, o móvel em questão ficaria na sala de jantar e poderia comportar também toalhas nas gavetas e flores em prateleiras abertas. As cadeiras de tecido lavável eram a melhor opção. Já a colocação de espelhos seria deslocada. A mesa em mármore ou matéria plástica garantiriam a conservação da mesma. Já o estúdio, ou seja, o “ambiente de estudo”, deveria ser convidativo com livros e estantes para eles. Nos pontos decorativos, as mesmas regras propostas nas salas. Os quartos de dormir não deveriam ter “estofos, almofadas e ornamentos esvoaçantes”. Apenas elementos indispensáveis comporiam o lugar: leito, mesa de cabeceira e guarda-roupa, caso a habitação não possuísse “quarto de vestir”. Não tendo este tipo de quarto, o “toucador da senhora” faria as vezes no quarto:

O toucador moderno pode ter mais um aspecto de um pequeno móvel científico do que um utensílio feminino desajeitado, estar mais próximo da ética da mulher contemporânea – ética que não exclui absolutamente a feminilidade e a poesia da mulher que se põe em evidência junto ao seu valor, sem necessidade de aparatos de pasta de cartão<sup>355</sup>.

Mesmo apostando em inovações e modernidade nos ambientes e nos móveis, algo de intrínseco à casa não poderia ser desmantelado, tratava-se daquilo que permitia à mulher garantir sua “ética”, sua feminilidade, seu valor sobreposto a um “toucador”. Na sequência das descrições estavam as camas que poderiam ser de madeira ou metal. As mesas seriam de material plástico, as cortinas brancas, limpas, simples e transparentes. A melhor orientação para o quarto era aquela que receberia o sol logo cedo. Guarda-roupas poderiam ser embutidos na

---

<sup>354</sup>Ibidem, p. 84-88.

<sup>355</sup>Ibidem, p. 99.

parede, otimizando espaço e garantindo organização. Itens como guardadores de ferramentas, melhores lugares para alocação de escadas móveis, também estavam ponderados.

Partindo para as explicações acerca da copa e da cozinha, um cuidado ainda mais rebuscado nas imagens dispostas e nas orientações endereçadas aquela que ali desenvolveria o seu “trabalho”: a mulher. Nesse sentido, a cozinha deveria ser considerada um “laboratório científico”, “um gabinete racional apto a suavizar o mais possível o trabalho da dona de casa, torná-lo um trabalho agradável”<sup>356</sup>. Como elementos fundamentais da composição apontava uma mesa ou balcão para limpar alimentos próximo à pia (que deveria possuir água filtrada, além de quente e fria), mesa ou balcão para o preparo dos alimentos e fogão. Preocupando-se com o armazenamento dos alimentos e com o recolhimento do lixo (de preferência adquirindo um incinerador automático), a Enciclopédia prosseguia nas descrições da cozinha ideal. As fotografias exclusivamente com mulheres desempenhando os serviços, bem como os textos que as seguiam como legenda apontando para a relevância de se adquirir eletrodomésticos para otimizar o tempo e facilitar o trabalho, chamavam atenção. A máquina de lavar, o triturador elétrico na pia e o frigorífero modelo americano seriam exímios exemplos dessa facilitada vida moderna. Além de descomplicar o trabalho doméstico, a mecanização da cozinha oferecia a relevante manutenção da higiene. Relembrando novamente os discursos médicos, vislumbramos as desinências sobre as quais a mulher além de garantir a harmonia manutenção da casa, também se preocuparia com as questões higiênicas e sanitárias do ambiente, garantindo a saúde e bem-estar de sua família.

Tratando do banheiro, materiais como mármore, vidro, cerâmica e plástico deveriam prevalecer na constituição dos aparelhos sanitários, pias (o ideal seria duas no mesmo ambiente) e chuveiro (de preferência separado do “banheiro propriamente dito” por se tratar de um lugar mais escorregadio). Prateleira, armarinho e espelho sobre a pia completavam o ornamento do espaço. Já as passagens internas na casa seriam convertidas à simplicidade de corredores “mais curtos possíveis”. Entradas inúteis tirariam a intimidade da casa. Jardins internos eram recomendados, diferentemente daqueles ligados à casa por caminhos calçados e cimentados, com canteiros isolados e “estátuas ridículas” (de ninfas, leõezinhos ou tanques de flores). Fotografias de plantas brasileiras retratavam as belas possibilidades de plantá-las no jardim. No caso de apartamentos, sem jardim, o terraço poderia ser cuidado e florido. Outro item do capítulo chamado detalhes trazia apetrechos e ornamentos a mais que poderiam compor o visual da casa. Diferentes tipos de lâmpadas, uso de tecidos refinados (com seda, linho e sisal),

---

<sup>356</sup>Ibidem, p. 99.

adornos e bibelôs de bom gosto, poltronas e cadeiras antigas e autênticas delinearão os retoques finais a serem dados ao habitat<sup>357</sup>.

O capítulo Casa na Nova Enciclopédia da Mulher (1968) trazia escopo e conteúdo mais organizados e diversificados em relação a edição anterior. Já no tópico de abertura, sua organização seu arranjo, a Nova Enciclopédia utilizava a palavra “lar” em vez de “habitat”, que nem é mencionada. Ao longo dos ensinamentos propostos nessa parte do manual, também eram levados em consideração de maneira mais concisa os diferentes tipos de moradia como podemos reparar no início do texto:

A casa, pequena ou grande, luxuosa ou modesta, deve ser, como disse Claudel, “o invólucro bem ajustado de uma vida”. O importante é que a pessoa se sinta bem em seu lar, seja ele uma mansão, um apartamento ou um simples *kitchenette*. É a dona de casa que cabe a tarefa de organizá-lo, de arranjá-lo em função de suas necessidades, de seus desejos, de sua personalidade de criar nêle aquela atmosfera – a cálida atmosfera do lar – sem a qual não é possível a existência de vida familiar harmoniosa<sup>358</sup>.

Mesmo atentando-se para as diferenças financeiras que poderiam fazer de um lar mais luxuoso ou modesto, a premissa de que a mulher seria a única responsável por seus cuidados, ornamentação e bom funcionamento prevaleciam e até mesmo acentuam-se. Estaria nas mãos da mulher fazer do lar um local aconchegante e bonito para assegurar a harmonia familiar. Nesse direcionamento, questões práticas precisavam ser consideradas como, por exemplo, as condições burocráticas do estágio anterior ao se ornamentar a casa, ou seja, o momento de sua construção. Era preciso analisar a situação do terreno, as permissões e licenças junto à prefeitura, escolha por uma empreiteira ou firma construtora, arquiteto e meios financeiros necessários para arcar com todas essas despesas. A possibilidade de se fazer um empréstimo bancário era explicada. Ensinava-se os cuidados e atenções para quem optasse pela compra de uma casa já construída, um apartamento ou quem fosse morar de aluguel.

Podemos dizer que a Nova Enciclopédia da Mulher trazia aspectos mais práticos do que sua versão anterior. Notamos isso ao ver em suas páginas preocupações acerca da segurança da casa, com as explanações sobre seguros (contra incêndio e roubo), com as dicas sobre conforto, seja evitando o calor (com o uso de ventilador ou condicionador de ar), seja priorizando o aquecimento<sup>359</sup> (com a construção de lareira ou estufas de carvão, gás ou eletricidade), ou ainda

---

<sup>357</sup>Ibidem, p. 102-120.

<sup>358</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 119.

<sup>359</sup>Neste momento de discussão sobre as possibilidades de aquecimento, o fato de ser reproduzida e veiculada no Brasil, faziam a Nova Enciclopédia da Mulher considerar que: “Dadas as dimensões continentais de nosso País,

pensando em isolamento (contra barulhos de escadas, exterior e vizinhos) e meios de detectar a causa e combater a umidade<sup>360</sup>.

Na ambientação da casa, a iluminação deveria receber grande cuidado. Para isso, os princípios da boa iluminação, os tipos de iluminação (florescente ou incandescente), os aparelhos de iluminação (aplique, projetores, lustres, lâmpadas, globo) e as peças de iluminação encontravam-se detidamente explicadas. As cores escolhidas para a pintura do lar necessitavam reflexão, pois “o ambiente colorido que escolhemos para viver tem uma grande importância sobre a nossa saúde, nosso caráter e, conseqüentemente, nossa felicidade”<sup>361</sup>. Cada cor despertaria ilusões físicas específicas, efeitos psicológicos diferenciados e particularidades. O vermelho, por exemplo, como “côr fundamental, quente” daria a ilusão física de aumento de volume, de peso; como efeitos psicológicos seria estimulante, dominador, excitante, cor da coragem, violência e anarquia; em suas particularidades, aumentaria as pulsações e tensões sanguíneas, incitando a beber, ao apetite. Já o azul, sendo “côr fundamental, fria” traria como ilusão física uma sensação refrescante, diminuindo a fadiga, aparentando distância, ampliação; nos efeitos psicológicos provocaria sensação repousante, acalmaria os nervos, restauraria a vitalidade, favoreceria o otimismo; nas particularidades, afastaria moscas e insetos e seria pouco resistente à luz. Amarelo, laranja, verde, violeta, preto e branco prosseguiram nas explicações que ainda ganhavam uma tabela demonstrativa com outras tonalidades variantes dessas (como o verde-pálido, verde-oliva, azul-pálido), cores acrescentadas (rosa, turquesa, cinza), combinações harmoniosas (laranja com amarelo, verde com ameixa, violeta com rosa, vermelho e branco-quebrado ,etc.) e ainda aquelas associações que “jamais” deveriam ser feitas (marrom e vermelho, bege e cinza, azul-marinho e marrom, violeta e bege). As cores dos tapetes, cortinas e do forro das cadeiras poderiam servir como base para a escolha de uma cor que agradasse. As leis da côr, os revestimentos, as tintas, os revestimentos sólidos (metálicos, fibrocimento, madeira, matéria plástica) e flexíveis (papéis pintados), os tapetes (forrações, escolhas, qualidade), as cortinas (cortinados, cortinados duplos, tipos de matérias e tamanhos de janelas), tudo deveria ser levado em conta<sup>362</sup>.

---

apesar de todo o calor ser a nota dominante do clima brasileiro, em algumas regiões deparamos com invernos bastante rigorosos, que exigem a utilização de meios para o aquecimento dos ambientes”. Ibidem, p. 122.

<sup>360</sup>Ibidem, p. 121-124.

<sup>361</sup>Ibidem, p. 128.

<sup>362</sup>Ibidem, p. 128-138.

Imagem 13: A Nova Casa



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 118, 143, 149 e 151.

Sobre o arranjo da casa, as regras para uma boa arrumação vinham tabeladas e prometiam impedir que a dona de casa sofresse cotidianamente. A utilização mínima de “cantos perdidos” e a escolha por armários embutidos estavam entre as dicas. Em outra tabela, algumas ideias de “arrumação racional” separando os objetos por local de acomodamento. A escolha da mobília dependeria do orçamento, no entanto, a opção por móveis antigos (com seus prós e contras), móveis rústicos ou modernos, dadas as dicas de bom gosto, fariam do lar um encanto. A disposição das peças em cada ambiente exigiria uma imaginação apoiada nas realidades da casa, uma vez que esta seria constituída de “mil pormenores, todos importantes”<sup>363</sup>.

A entrada da casa, lugar de receber as pessoas, deveria ser iluminada e com tons sóbrios, possuindo apenas “uma nota mais viva”, com uma parede em amarelo-pálido, por exemplo. A

---

<sup>363</sup>Ibidem, p. 138-148.

sala de estar merecia atenção redobrada, uma vez que “é a união de várias peças: sala, sala de jantar, escritório, sala de jogos e, às vezes, dormitórios”. Também “é a peça que testemunha nossas atividades: nela a família vive, em conjunto, as melhores horas da vida comum”. Portanto, deveria ser a parte maior e mais clara da casa. Este cômodo deveria ser pensado em três aspectos: canto de refeições, canto de trabalho e canto de repouso<sup>364</sup>.

Partindo para os quartos, o cômodo destinado ao casal teria de ser “a peça mais isolada do barulho e do movimento da casa e, também, a mais próxima do quarto de banho”. “O leito de casal deve ser colocado no meio da peça, a fim de que cada um possa se levantar sem perturbar o outro”. As obrigações da mulher com a casa e o trabalho do marido fora do lar empunha ambos a uma rotina diferenciada. Diferente inclusive dos outros moradores componentes da estrutura familiar desejada: os filhos. O quarto destes deveria ser claro e alegre, um espaço que pudessem brincar bastante. Em relação à higiene, tudo deveria ser lavável: chão, tapetes, paredes, móveis. No espaço, o mínimo de móveis possível, de preferência, camas elevadas e armários suspensos. Os móveis teriam de ser sólidos e estáveis, deveria haver uma pequena barreira diante da porta, grades nas janelas, tomadas fora do alcance dos pequeninos e evitação de corrente de ar, medidas que garantiriam a segurança. Alegria, brinquedos e iluminação planejada, comporiam o lugar das crianças<sup>365</sup>.

No tópico destinado à cozinha, sua relevância impressa na primeira linha: “é nessa peça que a dona de casa passa a maior parte do tempo, e onde sua alegria de viver encontra sua fonte”. Presumindo que a mulher leitora da Nova Enciclopédia passasse o dia inteiro em casa, seria no cômodo de preparo dos quitutes para garantia da boa nutrição e satisfação de seus entes queridos, o local de maior apreço e contentamento para ela. Afinal, servir era seu mais grandioso e gratificante papel. E quanto mais organizada fosse, mais agradável seria a rotina da cozinheira. Para tanto, subdivisões no arranjo auxiliariam: centro de preparação (armário e refrigerador), centro de limpeza (pia e banca), centro de cozimento (fogão e demais aparelhos elétricos). Quando o marido não estivesse em casa, uma opção extra na cozinha: “tôdas as donas de casa desejam dispor de um canto para refeições na cozinha para dar de comer às crianças ou fazerem as refeições quando estão sós”. Medida que tornava o ambiente mais dinâmico e multiúso. Em relação a banheiro, passagens internas, jardim e terraço, a Nova Enciclopédia reproduzia fielmente os por menores da edição passada (1958).

---

<sup>364</sup>Ibidem, p. 149-150.

<sup>365</sup>Ibidem, p. 150-151.

## **A mulher e os trabalhos domésticos**

Adentrando ainda mais a esfera privada e tarefa da mulher, o capítulo seguinte das Enciclopédias também tratava dos assuntos relacionados à casa. Não mais sobre sua construção e ornamentação, mas sobre os trabalhos diários de limpeza que a mulher deveria desempenhar no lar. Enquanto na Enciclopédia da Mulher o título ficou a conservação da casa e os trabalhos domésticos, na Nova Enciclopédia da Mulher chamava-se a mulher e os trabalhos domésticos. Mesmo que na segunda edição a funcionalidade da mulher estivesse mais explícita no título, nos conteúdos essa função se expressou igualmente. Assim como no tema anterior, a divisão dos tópicos enciclopédicos ocorreu de maneira um pouco diferenciada. A versão de 1958 começava:

A manutenção do lar e a conservação em bom estado de tudo que se encontra no interior do mesmo, compreende por sua vez a limpeza e a preservação do que contém. Êste trabalho tornou-se pesadelo das donas de casa, dando-lhes a impressão de devorar-lhes o tempo e a saúde. No entanto é indispensável e constitui inegavelmente um fator de saúde para toda a família, de beleza para o lar e de economia geral. Os problemas de conservação do lar existem para tôdas as mulheres, quaisquer que sejam sua situação e seus encargos de família, eles se apresentam sob diversas formas dependendo da perspicácia e finura de cada caso particular; e tudo que auxilie a dona de casa a resolver êsses problemas será bem-vindo<sup>366</sup>.

Já a edição de 1968 trazia:

Uma casa mal-arranjada, sempre dá uma impressão desagradável enquanto que um interior bem cuidado dá prazer, sensação de bem-estar e alegria. Para isso não é necessário trabalhar o dia inteiro. Ê sempre interessante estabelecer um plano de limpeza para não desperdiçar tempo. Terá dispensado um trabalho inútil se observar os seguintes preceitos: Não limpe o que estiver limpo. Não desarrume o que estiver arrumado<sup>367</sup>.

Os dois materiais associavam a boa execução dos trabalhos domésticos à questão da conservação do espaço e bem-estar daqueles que dele usufruíam. Se por um lado a Enciclopédia da Mulher (1958) apelava novamente para questões da saúde da família, a beleza do ambiente e uma “economia geral”, a Nova Enciclopédia (1968) apostava na sensação de prazer e alegria que só seria alcançado se a mulher não dispensasse inutilmente seu trabalho.

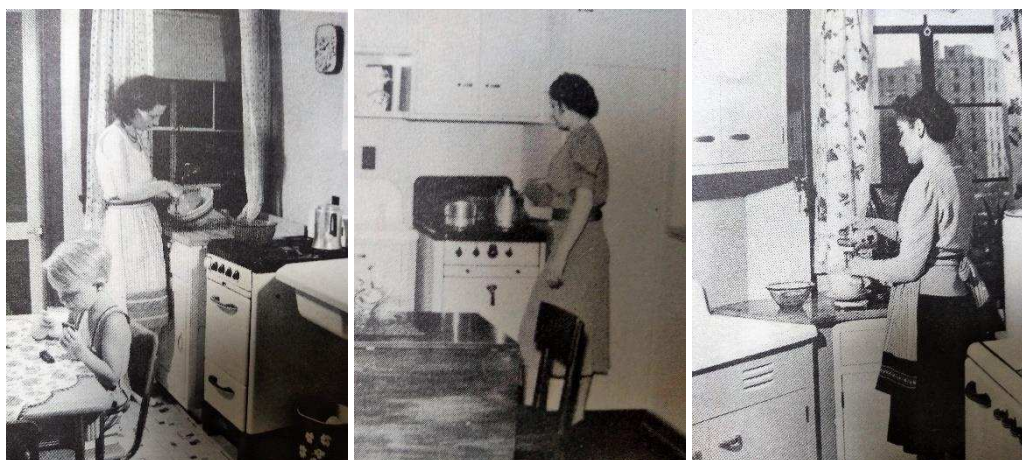
---

<sup>366</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 121.

<sup>367</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 154.

A Enciclopédia da Mulher iniciava seus ensinamentos pela conservação do apartamento, ou seja, a lida com paredes manchadas, papéis de parede, restauração do teto e utilização de brochas nesse tipo de serviço. Ser versátil, “colocando a mão na massa”, era proponente de uma esposa e mãe zelosa que pensando em seus queridos não mediria esforços para propiciá-los um ambiente limpo e preservado. Manter a luminosidade e higiene da casa permeava todo o discurso sobre esses aspectos. As explicações sobre a limpeza de vidros, conservação de móveis, assoalho, limpezas diárias e limpeza geral, conservação da cozinha, da roupa branca, lixívia, conservação do vestuário, tintura de roupa feita em casa, passagem a ferro, conserto de roupas, cuidado com calçados e organização de armários, estavam expressos em artigos estendidos ilustrados com mulheres realizando cada uma dessas tarefas. Ao tratar de “alguns processos práticos de limpeza” e “as lidas da dona de casa”, fotografias de delicadas mãos com unhas pintadas ou senhoras por inteiro sorrindo pela realização daquilo que, nos preceitos do manual, era próprio de sua natureza<sup>368</sup>.

Imagem 14: Trabalhos Domésticos



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 97.

No uso dos eletrodomésticos e materiais de limpeza, frases que remetiam à modernidade e a praticidade de uma vida sem suplícios: “máquina de lavar roupa, moderna”, “o ferro elétrico, simplifica o problema de passar a roupa a ferro”, “uma torneira de água quente e outra de água fria, simplificam o trabalho de limpeza”, “o aspirador é prático e próprio”, “lave, sem muito

---

<sup>368</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 122-130.

trabalho, os vasilhames engordurados com água quente à qual adicionou soda cáustica. Evite mergulhar as mãos diretamente nessa água”<sup>369</sup>.

Na Nova Enciclopédia encontrava-se dicas similares para limpeza diária, semanal e para em cada fim de estação. Também se recomendava a vestimenta da dona de casa que deveria ser composta por “avental amplo com grandes bolsos; um lenço amarrado na cabeça para proteger os cabelos; luvas de borracha para a limpeza com água; luvas velhas de tecido ou couro para os trabalhos grosseiros”. Por mais que a limpeza da casa fosse imprescindível, proteger as partes mais expostas durante o trabalho para manter-se bela era fundamental. Na limpeza em si, os pormenores explicados detidamente: tiragem de pó, limpeza do assoalho – que mesclado com o uso de uma enceradeira elétrica, “aliada número um de uma mulher moderna”, ficaria ainda melhor –, trato com os tapetes, paredes, tetos, janelas, vidraças – com limpa-vidros Aerosol Rhodia Lim Conserva<sup>370</sup> –, espelhos, lareiras, móveis, quadros, painéis, metais, camas e louças<sup>371</sup>.

Imagem 15: Novos Trabalhos Domésticos



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 155, 156 e 162.

Sobre a lavagem da roupa, o material, os produtos, a operação lixívia (considerando as roupas que poderiam ou não serem fervidas) e a lavagem na máquina eram delineados. As maneiras de passar a ferro e dicas de conservação do vestuário revelavam a preocupação no trato dos vestidos para as mulheres e das roupas sociais para os homens – definindo as

---

<sup>369</sup>Ibidem, p. 130<sup>a</sup>-130<sup>b</sup>.

<sup>370</sup>Na legenda desta propaganda, os dizeres: “os produtos modernos facilitam a limpeza das vidraças e diminuem o trabalho da dona de casa”. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 156.

<sup>371</sup>Ibidem, p. 154-160.

referências de guarda-roupa “próprios” para cada sexo. A revisão da roupa ao fim de cada estação seria primordial, bem como aprender os cuidados com calçado e tintura de roupa. Ao tratar dos pequenos consertos, uma advertência para a mulher: “procure executar você mesma pequenas reparações de urgência que estão afeitas a marceneiro, soldador, eletricista, vidraceiro, etc.”. Além de evitar o deslocamento da peça a ser consertada, a dona de casa teria um gasto que se não fosse bem atendido poderia “deixá-la em apuros”<sup>372</sup>. Para tanto, eram ensinadas coisas como soldas, troca de vidraças quebradas (sendo o vidraceiro necessário apenas no corte do novo vidro), localização e reparação de escapamento de gás, além de “pequenos trabalhos” envolvendo tarraxas, fechaduras que funcionassem mal, gavetas que não corresse, portas que rangessem ou roçassem e panes elétricas, com dicas de “como consertar um curto-circuito”, “um fio simples ou encompridá-lo”, corte de fio, reposição de flecha, conhecimento do contador de eletricidade<sup>373</sup>. Ensinamentos fundamentais à mulher moderna que não gastaria à toa, nem incomodaria o marido com os pequenos problemas do dia a dia. Uma mulher versátil, multitarefa, que se manteria bonita e sorridente encarando todo tipo de contratempo doméstico.

## **A arte culinária**

O capítulo mais longo das duas edições da Enciclopédia da Mulher tratava dos ensinamentos sobre a cozinha prática e a arte culinária. Dedicada ao preparo de receitas, cardápios e sugestões de menus para festas, a organização e conteúdos presentes em 1968 eram basicamente os mesmos de 1958. No tópico de abertura, chamado generalidades, afirmava-se que “a cozinha de uma casa ou apartamento é, sem dúvida nenhuma, a peça mais importante; é nela que a dona de casa passa uma grande parte de seu tempo, pois é ali que se preparam as refeições para toda a família”<sup>374</sup>. Presumindo o local mais dispendioso de tempo e deixando a cargo da mulher o preparo de toda a alimentação da família, as Enciclopédias lançavam recomendações imprescindíveis para que a dona de casa fizesse bem-feito seu trabalho.

Para começo de conversa, uma lista com os utensílios de cozinha indispensáveis para uma família composta de 6 pessoas, modelo ideal constituído pelo casal, filhos e, talvez, algum parente. Para aquelas que não dispunham de balança para pesagem dos alimentos, uma lista

---

<sup>372</sup>Ibidem, p. 167.

<sup>373</sup>Ibidem, p. 167-169.

<sup>374</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 131. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 170.

ensinava medições através de colheres, xícaras, copos, tigela e prato. O importante era adaptar racionalmente de acordo com as possibilidades para não errar a mão nas receitas ou deixar de prepará-las por falta de um utensílio. O importante era seguir o passo a passo das preparações, uma vez que cozinhar seria “uma verdadeira ciência que algumas pessoas classificam como arte e que exige um certo número de operações”<sup>375</sup>. Nesse sentido, as Enciclopédias propunham-se a indicá-las.

Explicações sobre cozimentos, termos usuais empregados na cozinha (como banho-maria, escalfar, marinada e miúdos) e termos usuais empregados em pastelaria (amassar, besuntar, dourar, enformar e glaçar) faziam parte das primeiras lições. Na sequência, os condimentos e molhos dariam um sabor a mais nos pratos preparados. Molhos brancos, claros, escuros, frios, a base de ovos, geleia, estavam presentes junto às suas derivações, que poderiam ser com cogumelos, tomates, maionese, musselina ou “toicinho” de boi. As medidas indicadas nas preparações de massas também visavam a alimentação de seis pessoas, fosse massa podre, folhada, para brioques, bombas, panquecas ou para fritar<sup>376</sup>.

*Hors-d'oeuvre*<sup>377</sup> e entradas frias figuravam entre os exercícios da cozinheira. Caldos e sopas eram os próximos itens, sendo que as sopas estavam divididas entre gordas e magras, a primeira à base de carnes e a segunda de legumes. Cada preparação recebia atenção minuciosa, tudo para a mulher aprender a fazer ovos, entradas quentes, miúdos, peixes, crustáceos e mariscos, rês, carneiros, porco, vitela, aves, caça, hortaliças (subdividida em saladas e saladas compostas), batatas, cogumelos, legume secos, arroz, pastelões, empadas, cremes e entremeios, entremeios de frutas, doces de massa (bolos, massas lêvedas, massa podre, massa folhada, bolo em camadas, docinhos e petits-fours<sup>378</sup>), doces diversos, sorvetes, canapés e sanduíches. Receitas tipicamente francesas enchiam as páginas, pois, para além de ser uma produção originalmente da França e a fama da culinária desse país ter alcançado patamar mundial, seria refinadíssimo para a dona de casa saber preparar molho roux, consomme aveludado, batatas au gratin, chaudfroid de ave, vol-au-vent, creme pâtissière, dentre tantos outros<sup>379</sup>.

---

<sup>375</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 132. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 171.

<sup>376</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 135-137. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 173-176.

<sup>377</sup>Pode ser traduzido por aperitivo, entrada, antepasto, petisco. Nas Enciclopédias é explicado como “iguarias leves destinadas a dar início a uma refeição”. Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 137. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 176.

<sup>378</sup>Doces pequenos de massa fina.

<sup>379</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 137-169. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 176-218.

Imagem 16: A Arte Culinária



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 129, 143, 175 e  
Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 177, 209, 225.

Na seção das bebidas, fossem quentes ou frias, chás medicinais ou coquetéis, encontrava-se modos de preparos diversificados. A mulher deveria ser consciente e não desperdiçar comida, por isso, receitas do que fazer com as sobras estavam lá: sobras de carne, peixe, aves e doces. No tópico especialidades, receitas regionais da França como coelho com ameixas à moda do norte, mexilhões à Normanda, ratatouille de Nice. Na parte dedicada às sobremesas, belas tortas em papel colorido mostravam que além de saboroso o prato deveria saltar aos olhos. Conservas e compotas de legumes, frutas e frutas em álcool estavam presentes, bem como os tipos e escolhas de vinho (tinto ou branco) de acordo com o tipo de refeição<sup>380</sup>.

Tendo absorvido o conhecimento sobre as receitas, outros quesitos deveriam ser considerados como, por exemplo, o cuidado com as provisões, os mantimentos:

---

<sup>380</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 169-177. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 218-231.

É de grande interêsse da dona de casa, encarregar-se ela própria da compra dos mantimentos e dos artigos domésticos. Conhecendo o preço de cada gênero, ela poderá estabelecer melhor seu orçamento. Entrando em contato com os fornecedores, ela terá ocasião de observar o curso da alta e da baixa dos preços, procurando tirar proveito dessas oscilações, isto é, comprando em maior escala os artigos que sofreram barateamento e aprovizionando-se, quanto possível<sup>381</sup>.

As notas enciclopédicas que levavam em conta o bom trato da mulher com as contabilidades do lar, estendiam-se às noções de quantidade alimentícia necessária. Para tanto, a relevância de saber por meio de uma tabela a média de alimentos consumidos por pessoa para que não faltasse comida à mesa. Os cardápios deveriam ser elaborados de acordo com a estação do ano, portanto, seriam diferentes os menus de primavera, verão, outono e inverno. Mantendo uma consciência financeira do lar, a mulher precisava ter controle do orçamento. Assim, precisava ter ciência de como estabelecer as finanças e controlar suas contas, uma vez que esta seria “a única maneira de equilibrar a receita e a despesa mensal, organizando harmoniosamente o setor econômico da vida e do lar”<sup>382</sup>.

As recepções faziam parte primordial desse enlevo, afinal:

Receber os amigos é uma obrigação da vida social. Nossas avós esmeravam-se nesta arte hospitaleira e consagravam a maior parte de seus dias aos amáveis passatempos da sociabilidade. A vida moderna, mais agitada e mais absorvente, tem afastado em grande parte a mulher da vida calma do lar; ela não tem tantos mais lazeres que lhe permitiam preparar as grandes recepções que encantavam seus antepassados; geralmente, ela deve fazer todo o trabalho da casa e, caso possa ter uma auxiliar, esta quase sempre oferece apenas uma ajuda temporária. Renunciará ela, portanto, ao prazer de abrir a sua casa a seus amigos e aos do marido, reunindo-os, de vez em quando, em volta de sua mesa? Viverá em reclusa, confinada aos cuidados fastidiosos da casa? Ou o casal, mais emancipado, passará os momentos de lazer nos cinemas, restaurantes, bares ou casas de chá? Em tais meios, êles farão relações casuais que, em geral, não substituirão os amigos que receberiam em casa; neste quadro artificial, a jovem dona de casa perderá uma grande parte de seu encanto e de sua personalidade. Faltarão sempre de calor que irradia de um lar feliz, sãbiamente mantido por uma dona de casa, que sente alegria em embelezá-lo para os seus convidados<sup>383</sup>.

Este trecho nos ajuda a dimensionar importantes aspectos. O primeiro deles diz respeito à dimensão da tradição, ou melhor, da manutenção e prosseguimento de um modo autêntico de fazer as coisas, nesse caso, o comportamento hospitaleiro e sociável das avós das leitoras. Joël

---

<sup>381</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 177. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 231.

<sup>382</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 179. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 235.

<sup>383</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 179. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 235.

Candau afirma que “o imaginário da autenticidade passa pela inscrição em uma tradição que, de acordo com o senso comum, remete a representação de um conteúdo, isto é, aqui ainda, de uma essência”. Trata-se de uma representação porque “o essencial não é que a reiteração do passado seja fiel, mas acreditar que está de acordo com a tradição”<sup>384</sup>. Inferia-se na Enciclopédia que a vida moderna havia ocasionado “perdas” à mulher, na qual a ajuda de outrem para realizar suas tarefas, caso ocorresse por exemplo, deveria ser temporária, afinal sua obrigação era dar conta de todo recado sendo hospitaleira e sociável com as visitas que receberia.

O segundo aspecto condiz, justamente, com a necessidade interativa do jovem casal com seus amigos, em especial aqueles que poderiam convidar para reuniões em sua casa. Tratava-se da necessidade de entrosamento, reafirmação como casal, e aprovação do coletivo sobre a vida que levavam. Trazendo para discussão Norbert Elias, podemos dizer que “os códigos que regulam” a conduta das pessoas relacionam-se aos “medos que as motivam”<sup>385</sup>. Ou seja, o comportamento das pessoas é determinado pela estrutura das suas relações com outras pessoas, canalizando as pulsões e emoções dos indivíduos, oferecendo um controle não muito específico de seus comportamentos. Das relações de coexistência e entrosamento social nasce a necessidade aprovação – ensinamento que a Enciclopédia oferece à sua leitora.

Já o terceiro ponto liga-se a noção de identidade feminina. Ao associar a reclusa fastidiosa ou os hobbies antissociais da mulher à perda de seu encanto e personalidade expõe, mais uma vez, as características que auxiliavam na reafirmação da mulher enquanto feminina, ou seja, enquanto praticante de suas condições naturais. Amparados novamente em Candau e em seu entendimento de que “a identidade, é uma construção social, de uma certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o outro”<sup>386</sup>, compreendemos o apelo enciclopédico à concepção da “identidade feminina” vinculada às heranças culturais que confeririam a um determinado tipo de comportamento a “essência feminina” – nesse caso, referindo-se a capacidade de socializar com os amigos.

No entanto, se o casal fizesse a excelente escolha de receber os mais chegados em casa seria fundamental “um pouco de organização e bom-senso”, itens que a Enciclopédia teria a oferecer com suas dicas. Para recepções íntimas, almoços e jantares específicos. Para refeições

---

<sup>384</sup>CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial. Memória, tradição e identidade. Memória em Rede, Universidade Federal de Pelotas, 2009, p. 48. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01723634/document>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>385</sup>ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador 2: formação do Estado e civilização. Zahar, 1993, p. 269-270.

<sup>386</sup>CANDAU, Op. Cit., 2009, p. 45.

de cerimônia, cardápios de cerimônia. Caso fossem feitas recepções a tarde tinha-se como opções: a merenda, o chá das seis as oito, coquetéis, serões e buffet. Na composição de um buffet para 25 a 30 pessoas, uma centena de sanduíches e pãezinhos recheados abririam os degustes, seguidos de uma série de pequenos quitutes e bebidas. Para lanche e ceia outras opções. Se chegassem visitas de última hora a dona de casa não estaria em apuros, pois no desfecho do capítulo havia um precioso cardápio com pratos de rápido preparo, coisas de cinco minutos<sup>387</sup>.

Após este capítulo, as disposições nas Enciclopédias ganharam maiores diferenças. Além da mudança na ordem dos temas, houve substituição de dois deles por outros dois temas: a mulher na História deu lugar para a mulher e o trabalho; e a mulher e a arte foi alterado para a mulher e as férias. Apesar dessas mudanças, veremos que as permanências nas abordagens se processaram constantes. O que ocorreu foi uma redistribuição das temáticas em tópicos similares, por exemplo, os conteúdos sobre as férias foram realocados nas folgas ou esportes.

## **A mãe e a criança**

No capítulo destinado ao tema a mãe e a criança das duas Enciclopédias, a presença dos preceitos médicos estão bem presentes. O próprio fato de médicas serem as autoras e tradutoras/adaptadoras dá indícios da relevância de absorção do discurso proveniente da medicina na manutenção de um lar saudável e nutrido. Sendo a maternidade um dos maiores enlevos para a condição existencial da mulher e fonte de apelo para seus cuidados e esmeros com os filhos, a Enciclopédia da Mulher abria o artigo colocando que:

A maternidade tem sido considerada sempre, por nossos antigos mestres, como o estado normal da mulher entre os vinte e os quarenta anos. Realmente, para a maioria delas constitui uma fase de euforia e de boa saúde; no entanto, a vida mais difícil dos derradeiros anos, a existência de outras crianças pequenas, e a escassez cada vez maior de boas empregadas para as tarefas caseiras contribuem para tornar as condições atuais menos favoráveis para as mães de hoje, fazendo-as suportar com maior dificuldade do que suas avós as repetidas gestações. Por tôdos esses motivos, é necessário que as mulheres que vão ser mães adotem maiores precauções, a fim de que sua saúde se mantenha inalterada, e possam dar à luz uma criança perfeitamente sadia, à qual sejam capazes de nutrir<sup>388</sup>.

---

<sup>387</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 179-186. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 235-240.

<sup>388</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 187.

Prezando por sua boa saúde durante a gravidez, a mulher garantiria o nascimento de um filho “perfeito”, seria capaz de nutri-lo (amamentá-lo) e não teria problemas em gestações futuras. Tratava-se de um “nobre objetivo” que merecia conselhos gerais. Longe de serem “sacrifícios”, medidas como a redução da ingestão de café ou chá, ou o número de cigarros (que dada “repugnância” deveriam ser evitados por completo), acabariam se convertendo em prazer. Repouso, regime alimentar, exercícios físicos, uso de roupas amplas e leves, e cuidados com possíveis varizes faziam parte das regras gerais<sup>389</sup>.

A higiene da mulher grávida era o nome de outro item. Além de tratar de possíveis perdas sanguíneas durante a gravidez, gravidez uterina, dores e vômitos incoercíveis, colocava-se na figura do médico e da parteira fonte de segurança na saúde da mulher gestante. Consulta, diagnóstico e tratamento eram as palavras-chave. Evocava-se que:

Tôda mulher grávida deve fazer-se examinar pelo médico ou pela parteira, o mais tardar durante o sexto mês, ou, de preferência, desde o quinto. Mensalmente deverão ser praticados exames de urina, entre o quinto e oitavo mês, e daí por diante cada quinze dias. Durante a gravidez, é necessário evitar os trabalhos muito pesados, bem assim os exercícios violentos [...] <sup>390</sup>.

O momento do parto, que poderia ser em casa ou na maternidade, também deveria ser bem pensado. Caso a opção fosse caseira, aspectos como acessórios, o quarto e o calor deveriam ser analisados. Os primeiros cuidados seriam proporcionados pelo médico ou a parteira, como a ligadura do cordão umbilical e a colocação de curativo no bebê. Caso o parto ocorresse na maternidade, os benefícios seriam maiores para a mulher:

É muito mais lógico e confortável que o parto se processe numa casa de saúde, sempre que isso seja possível. Pelo menos nas cidades, não é difícil que a mulher permaneça na maternidade, durante dois ou três dias, e, em seguida, retorne ao lar, em ambulância. Esta prática oferece tôdas as garantias, permitindo à mãe, que tem outros filhos a cuidar, um afastamento mínimo do lar <sup>391</sup>.

Até mesmo o pouco tempo em que ficaria na maternidade era visto como benefício, afinal seu retorno ao lar e aos demais filhos deveria ser rápido e imprescindível. As primeiras roupinhas da criança, e a volta para a casa, marcam a sequência. Assim como o repouso, a

---

<sup>389</sup>Ibidem, p. 188.

<sup>390</sup>Ibidem, p. 188.

<sup>391</sup>Ibidem, p. 188.

subida do leite, cuidados com os mamilos, retirada do leite, e o levante precoce (considerada uma inovada recomendação médica em comparação às gerações antecessoras que achavam arriscado a mulher pôr os pés no chão).

Imagem 17: A Mãe e a Criança



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 196 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 261.

Seguindo os preceitos médicos da importância da amamentação, a Enciclopédia da Mulher afirmava que nenhum outro alimento se compararia ou valeria para a criança do que o leite materno. Por isso, nenhum sacrifício seria “demasiado pesado para mãe, desde que se destine a assegurar ao filho êsse tipo de alimentação”. Entregue aos cuidados do médico, uma mulher também saberia se estivesse grávida de gêmeos, isso “bem antes” do parto, na segunda metade da gestação, com o auxílio da radiografia. Caso o bebê nascesse prematuro, esmeros a mais deveriam existir como a “enfermagem dedicada e competente, aquecimento, alimentação adequada e resguardo contra as infecções”<sup>392</sup>.

Ao tratar da puericultura, o enxoval do bebê corria as páginas. Acessórios indispensáveis como balança, banheira, cesto, cercado e cadeirinha, contrapunham-se aos dispensáveis como cadeira sentina e carro de passeio. A higiene da primeira infância era essencial para o desenvolvimento da criança, portanto, regularidade, luz, ar, sono, calma,

---

<sup>392</sup>Ibidem, p. 190.

higiene cutânea, alimentação e vigilância médica (com consultas mensais, quinzenais ou semanais de acordo com o desenvolvimento do peso) deveriam ser resguardadas<sup>393</sup>.

Imagem 18: Cuidados Médicos



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 286.

Pensando nas fases da criança, a Enciclopédia da Mulher elencava o que estaria de acordo para cada idade: do nascimento aos dois anos. O esquema prático para os quatro primeiros meses condizia com a observação, posição da mamada, duração e regularidade das mamadas, pulsação de ar, evacuações, alimentação durante os primeiros quatro meses, técnica de alimentação ao seio, primeiras mamadas, horário, quantidade de leite, aleitamento misto, alimento artificial (leite de vaca, condensado, em pó), preparo das mamadeiras. No quarto e quinto mês a mãe deveria atentar-se à escolha das farinhas, líquidos para preparo do mingau, sopa de legumes, primeira papa, tudo dentro de horários estabelecidos. Durante o sexto e sétimo mês sopas e pirões de legumes, frutas cozidas e cruas, poderiam ser introduzidos na alimentação do bebê. Dos oito aos doze meses, gema de ovo e carne. Com a chegada do primeiro ano, vinha a primeira vela e os primeiros molares. Entre o 5º e o 12º mês, a vigilância do peso e do crescimento da criança deveriam seguir o quadro sinóptico do regime. Tabelas com as normalidades para cada fase, mês a mês, auxiliariam a mãe na averiguação de uma primeira infância saudável para seu filho<sup>394</sup>.

---

<sup>393</sup>Ibidem, p. 190-195.

<sup>394</sup>Ibidem, p. 195-205.

Reforçando a relevância de uma boa higiene cutânea, mais dicas sobre banho, banho de sol, roupas, ventilação, saídas (a partir da segunda semana se os dias estiverem quentes e firmes), e a preferência entre chupeta ou dedo (chupeta natural a ser evitada). Para a criança dos 12 aos 18 meses, mais uma tabela de peso e estatura. Para aquelas de 18 meses a 2 anos, fase em que aprenderiam a levantar sozinhas, as brincadeiras com jogos de atenção seriam as mais indicadas. Afirmava-se e importância de um bebê em contato com o mundo: colocando-o desde muito cedo dentro de um cercado, permitindo que fizesse a ginástica necessária para o desenvolvimento do seu organismo. Recomendava-se que a criança passasse o máximo de tempo sozinha, para ser poupada da superexcitação provocada pelos adultos que não tinham o mesmo ritmo de vida. Contato com estranhos ou animais, nem pensar. Tampouco obrigá-la a repetir gestos ou mímicas espontâneas para outras pessoas. Assim, a criança cresceria com confiança em si mesma, convencendo-se de suas habilidades e garantido oportunidades futuras sem timidez. Nesse percurso, a utilização dos jogos de atenção como caixa de pesos da balança da cozinha, cubos ocos, peças geométricas, dominós, jogos de kim, deveria ser associado a uma alimentação balanceada selecionando legumes secos e cereais<sup>395</sup>.

Discorrendo sobre a arte de contar histórias, uma crítica às mães que, não gostando de fazê-la, “ignoram o quão maravilhoso é o poder de que se privam”, pois não existiria encanto maior para crianças de três a seis anos do que escutá-las. As obras de Monteiro Lobato e Walt Disney aguçariam a sensibilidade viva e delicada presente nas crianças. Os contos de fadas, seus preferidos, deveriam ser afastados daquelas histórias perigosas que poderiam ferir ou fazer medo. A gata borralheira faria o maior sucesso mesmo em face aos três porquinhos. A dica era aproximar as histórias da “vida corrente” da criança, explorando o gosto pelos animais e acontecimentos alegres. Por isso, sempre deveria ser evitado que o lobo mau comesse a vovó ou a Chapeuzinho<sup>396</sup>.

Saindo do universo lúdico, a Enciclopédia se propunha a falar da “reeducação de tôdas as anomalias” e o papel da mãe “educadora” diante delas. Segundo o manual, essas anomalias seriam surdez e canhotismo. Advertia que “uma criança que não começa a falar, aos 18 meses, e dá, entretanto, provas de ter uma inteligência normal, com grande probabilidade será surda”. Dessa maneira prosseguia colocando como inteira responsabilidade da mãe desenvolver os demais sentidos da criança:

---

<sup>395</sup>Ibidem, 1958, p. 201-208.

<sup>396</sup>Ibidem, p. 208-209.

[...] não há por que desesperar; atualmente, nossos surdos-mudos falam, e desenvolvem-se tão bem, que não é mais possível falar de enfermidade. Tudo dependerá da mãe. Desde o momento que ela adquiriu essa certeza, todos os seus esforços deverão ser dirigidos para o desenvolvimento dos outros sentidos da criança e, sobretudo, de sua atenção, da concentração de seu espírito. O que para as outras é um excelente exercício, para ela se torna uma necessidade vital<sup>397</sup>.

Apesar da “paciência infinita” aliada a uma “justa severidade”, a mãe deveria considerar a criança surda com uma “criança normal”. Caso a dedicação e devoção fossem bem conduzidas após os “conselhos esclarecidos”, a criança lograria êxito podendo “frequentar a escola maternal, depois a escola primária e mesmo a secundária”. A outra anomalia explicada, o canhotismo, também poderia amenizada, apesar de não se dever obrigar ao canhoto se tornar destro. Tomar essa errônea decisão poderia “provocar não somente distúrbios do caráter, como também perturbações da escrita (escrita sem espelho), da leitura, e muitas vezes da gagueira”<sup>398</sup>.

A Enciclopédia também apresentava as interferências de uma “boa atmosfera familiar” na vida dos filhos. Colocava o sentimento de união entre pais e filhos como indispensável, e a separação dos cônjuges como algo inadmissível. O primeiro justificado através da troca, ou seja, o cuidado com os filhos ao longo da vida seria invertido durante a velhice dos pais. No segundo caso, pois a separação do casal implicaria num futuro comprometido para os filhos, “atirados daí por diante para novos lares”, “desacreditando na unidade da família”<sup>399</sup>.

O tópico seguinte tratava da relação da mãe com os vários filhos. Expunha as vantagens e inconvenientes do primeiro filho (dificuldades no estabelecimento de horários e regras), as relações entre irmãos e irmãs nas diferenças de temperamentos, e questões envolvendo o trabalho das crianças, quer dizer, as ajudas que poderiam dar dentro de casa: por a toalha à mesa, sair para comprar pão e leite, tratar da horta, enfim, atividades que preencheriam a boa vontade que teriam em ajudar. Essas atividades deveriam ser distribuídas igualmente entre as crianças, fazendo com que a atmosfera familiar fosse de equilíbrio e prosperidade.

Nos quatro tópicos seguintes, intitulados a mãe e suas filhas, educação de filhas, desenvolvimento do bom gosto e trabalhos caseiros, essa igualdade de tratamento, no entanto, se desfazia. Isso porque a menina deveria ser conduzida de uma maneira diferenciada. Mesmo tratando também da relação entre a mãe e os meninos e apontando para o não diferimento das

---

<sup>397</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 209.

<sup>398</sup>Ibidem, p. 210.

<sup>399</sup>Ibidem, p. 210.

atitudes em relação a eles com as filhas, notamos o oposto. Na realidade deveria haver maior esmero altruísta e nas execuções dos afazeres domésticos, por exemplo, por parte das mulheres:

A mãe e suas filhas – Durante os primeiros anos, a mãe não deve estabelecer diferença entre filhos e filhas, a não ser nas escolhas das vestes, sempre simples para uns e outros, e ainda mais sóbrias para os meninos, que devem, antes de tudo, passar despercebidos. Para que as crianças não ofereçam um conjunto muito disparatado, convém manter a mesma gama de côres (cinza claro e azul marinho, ou bege e marrom). É preciso não esquecer que o sofrimento da criança pode ser enorme, quando vestida numa vestimenta ridícula<sup>400</sup>.

Como trouxemos em outro momento, a educação das filhas (sequência desse trecho) reportava-se para o estímulo ao comportamento mais altruísta. Isso ocorreria pelo fato de o papel feminino na vida ser o de promover conforto, alegria, beleza, bom humor, esmero e sorrisos àqueles ao seu entorno. A tarefa seria pesada, mas ensinando desde cedo às meninas, conduzir-se-ia em uma renúncia feliz. A continuidade trazia:

Desenvolvimento do gosto – É necessário desenvolver desde cedo na mulher o gosto do belo, habituando-a a se vestir com côres claras, modelos simples e bem assentados, sem exageros e sem vaidade. O gosto que lhe provocam os conjuntos belos e bem compostos, ela o transportará para sua vida interior, aprendendo a criar, em seu trabalho e em torno de si, um ambiente agradável, que influirá no estado de espírito daqueles em cuja companhia irá viver.

Trabalhos caseiros – A mulher deve saber fazer tudo em casa: trabalhos caseiros, cozinha, lavagem de roupa, costura, consertos, tricô, etc. Ela terá mais ou menos tempo para cada coisa, mas se necessita de ajuda, mais cedo ou mais tarde, deverá ir ensinando para a vida futura com inteligência, cuidado e método [...] Não há necessidade de ensinar trabalhos caseiros a uma moça cuja a mãe é boa dona de casa; se esta aproveita a ajuda da filha, desde a mais terna a idade, fazendo-a transportar a primeira cesta de pão, depois a de laranja, mais tarde a garrafa d'água, acabará por lhe haver ensinado tudo quanto é de se desejar que uma mulher saiba; e se a jovem quiser, mais tarde, fazer um curso de economia doméstica, será apenas para completar teoricamente as sólidas noções práticas que já possui<sup>401</sup>.

O bandeirantismo para as filhas garantiria o desenvolvimento do espírito de equipe e a educação segundo “princípios clássicos”. Leituras, jornais e filmes bem escolhidos (de preferências documentários e não filmes “estúpidos”) alimentaria a imaginação dos jovens. Outro elemento no qual seria fundamental fazer boas escolhas era as amizades e companhias dos filhos, e ainda mais das filhas:

---

<sup>400</sup>Ibidem, p. 211.

<sup>401</sup>Ibidem, p. 211.

[...] convém que a mãe conheça as amigas de suas filhas, se necessário recebendo-as em casa. Sem parecer muito ciumenta ou arbitrária, a mãe tratará de agir do mesmo modo, quando a menina se tornar moça, em relação aos companheiros do outro sexo. Poderá deixá-la sair com uns e outros, sem muita liberdade, mas também sem suspeitas infundadas. É preciso lembrar que as saídas não devem prolongar-se até muito tarde, nem devem ser muito freqüentes, para que a saúde, os estudos e o equilíbrio não sejam prejudicados. Se há perfeita intimidade entre mãe e filha, é difícil que se insinuem entre elas pequenas mentiras, tantas vezes de más conseqüências<sup>402</sup>.

Evitando que a filha ficasse mal falada ou ainda sofresse as mazelas de uma defloração, gravidez ou contágio por alguma doença, a Enciclopédia afirmava ainda que se educada com cuidado, afeto e inteligência, a criança acharia natural cumprir seus “deveres” religiosos e morais. Através do seu afeto e confiança na mãe, a menina não seria capaz de, voluntariamente, se afastar da “linha de conduta que lhe foi ensinada”. Como abordamos em outro momento, assuntos como educação sexual e puberdade também foram tratados, apesar da superficialidade nos comentários sobre eles. Quando no tema sexualidade, a Enciclopédia da Mulher enfocava apenas na fase jovem referindo-se às curiosidades, proposições errôneas ou mudanças fisiológicas, de modo bem sutil.

Educação sexual – É, às vezes, muito difícil ventilar perante a criança tôdas as questões relacionadas com a vida sexual. Quando ela é muito viva, e formula espontaneamente certas perguntas, é relativamente fácil responder, só dizendo a verdade, embora sem dizer tôda a verdade; o perigo é maior, quando a criança, tendo surpreendido conversas entre companheiros, não ousa falar aos pais, e em seu espírito se vão insinuando interpretações errôneas, que podem assumir proposições pouco desejáveis. Nesse momento, é preciso muito tato para dirigir a conversa para o terreno que se deseja abordar, levando a criança a formular perguntas, para as quais deve haver respostas sempre prontas. No campo, as coisas são mais fáceis; as crianças têm diante dos olhos os exemplos dos animais, e o ato de reprodução passa a ser muito simples e normal para eles.

Puberdade – É a idade em que aparecem as primeiras regras e, nas meninas, se prolonga por cerca de dois anos. A criança se põe a crescer bruscamente, aumenta de peso, e ao cabo desse desenvolvimento, surgem as primeiras regras. Este desenvolvimento começa aos 11 anos para terminar aos 13, em média, podendo, contudo, aparecer desde os 9 anos, ou retarda-se até os 15. Nos períodos de carência alimentar, não é raro encontrar moças de 19 anos ainda não regradas, embora, em geral, já houvessem, há muito tempo, completado o seu desenvolvimento, exceção feita do peso, que se conserva insuficiente<sup>403</sup>.

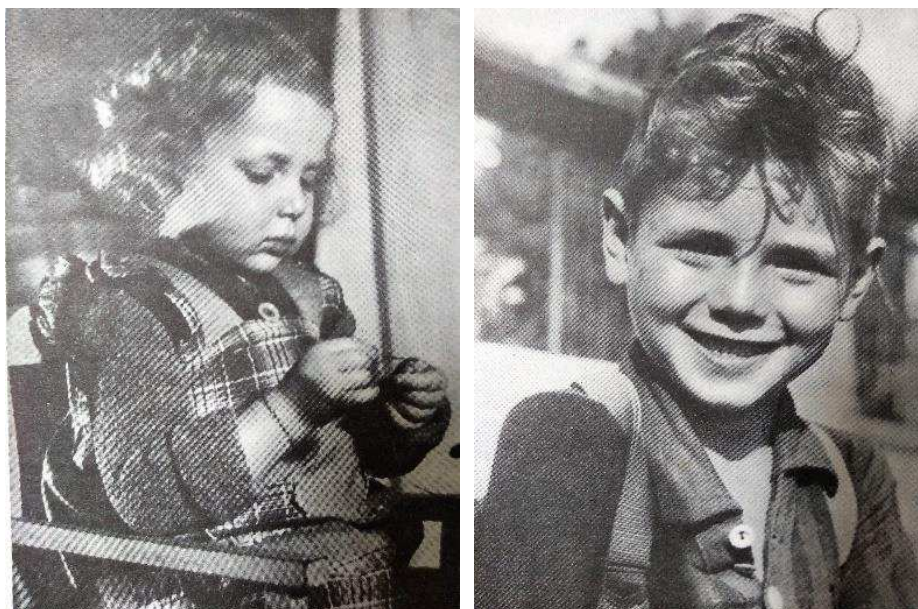
---

<sup>402</sup>Ibidem, p. 212.

<sup>403</sup>Ibidem, p. 212.

Se o surgimento das perguntas te teor sexual era uma fase de desconforto, a concomitante puberdade feminina também era tratada com certa reserva. Restringindo-se ao surgimento das regras, aumento da altura e do peso, a Enciclopédia da Mulher não entrava em maiores detalhes. Ao tratar dos meninos, a ideia de igualdade com as meninas, como mencionamos, fazia-se presente. No entanto, o comportamento que pregava o auxílio nos afazeres domésticos exclusivo às moças ou a ligação maior delas à vida privada colocava os tratamentos como diferenciados de acordo com o sexo.

Imagem 19: Menina e Menino



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 210 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 290.

Aquilo que para as meninas era obrigação, para os meninos era convite. O escotismo e a puberdade eram abordados dando espaço para o aprendizado vindo do espaço público. Além disso, reforçava a ideia de um homem criado para ter personalidade, força física e contatos sexuais conscientes.

A mãe e os meninos – A atitude para com os filhos não difere sensivelmente da que adota com relação às filhas. Se ela não lhes pode pedir que colaborem nos trabalhos caseiros, é necessário, todavia, que os convide a tomar parte no conjunto de tarefas familiares, para que não seja pesada a carga repartida entre a mãe e as filhas, e para que êles sintam também que são uma parte íntima desse conjunto que é a família.

O escotismo e os meninos – Também os meninos devem aprender a dar um pouco do seu tempo, de seus divertimentos, e a sacrificar o seu conforto, e daí

grande valor que para eles possui o escotismo. Em casa, o menino tem a tendência de se encostar na mãe ou na irmã, para os pequenos serviços de costura ou de cozinha, que, entretanto, será obrigado a fazer no campo. O desenvolvimento de um espírito de iniciativa e de equipe, de altruísmo e de personalidade, representa um dos benefícios do escotismo, e dêle não se devem privar os meninos, que na cidade, não tem ocasião de viver em contato com a natureza. Entre mães e filhos deve existir a mesma intimidade intelectual que existe entre ela e as filhas. O que foi dito acima sobre leituras, cinemas, companheiros de um e de outro sexo, é em tudo semelhante.

A puberdade nos meninos – Os meninos têm, como as meninas, um crescimento brusco, e em dois anos atingem o seu tamanho definitivo, e adquirem um pêso avantajado. Em geral, a puberdade começa dois anos mais tarde nos rapazes do que nas moças, ou seja, entre 13 e 15 anos. [...] Todavia, nessa época de desenvolvimento máximo, é de grande importância assegurar um regime alimentar rico de proteínas e hidratos de carbono<sup>404</sup>.

Ainda tratando dos filhos, conselhos de atitudes da mãe que casaria os seus. Tendo em mente que a criação dos filhos era para eles, e não para si, tornava-se necessário se conscientizar sobre o momento em que os herdeiros deixariam a mãe para constituir uma nova família. Nessa família, a sogra teria papel secundário, afinal genro e nora seriam as figuras primordiais do lar. À sogra caberia ser afetuosa, simpática e compreensiva, assistindo tudo sem intervir. Caso fosse solicitado algum serviço ela auxiliaria, mas depois voltaria à “penumbra tão depressa quanto possível”. Jamais deveria viver com os filhos. Poderia levar os netos para um passeio enquanto os pais estivessem ausentes, ou então, tricotar e coser. Ela deveria auxiliar e nunca ser intrusa. Diante de uma discussão dos cônjuges deveria se retirar ou manter silêncio apaziguador. Nesse caso, as lembranças pessoais da lida com a sogra, durante seu primeiro ano de casada, deveriam ser lembradas a fim de evitar os mesmos conflitos com a nora.

Retornando ao nascimento do bebê, medidas preventivas na primeira infância focalizavam-se nas vacinações, em especial na BCG<sup>405</sup>. Era preciso prevenir também a varíola, difteria, sarampo, entre outros males. Desde os primeiros dias de nascido, a mãe deveria certificar se o menino precisaria passar por circuncisão. No tópicos malformações congênicas apareciam as manchas pigmentares, hérnias, pés chatos, lábio leporino e orelhas de abanos. Para cada “problema” uma “solução”.

Trabalhando a higiene familiar e alimentar abordava as conservas, legumes e frutas ácidas, regime equilibrado e alimentos excitantes. Já sobre os cuidados com os diferentes órgãos e seu funcionamento, uma aula completa de cada parte do corpo e possíveis anormalidades: dentição, esqueleto, pernas arqueadas, escoliose e cifose, ectopia testicular, enurese, respiração,

---

<sup>404</sup>Ibidem, p. 212.

<sup>405</sup>Bacillus Calmette-Guérin. Vacina administrada em recém-nascidos, indicada para a prevenção da tuberculose.

visão, audição, funções intestinais e infecções. Outras tantas moléstias do lactente e tratamentos de urgência vinham na sequência. A mãe deveria saber o que fazer enquanto aguardava a chegada do médico, precisava ter noções de primeiros socorros, principalmente no caso de queimaduras e feridas. Para tanto, deveria ter uma farmácia doméstica com os medicamentos fundamentais para curativos e diversos<sup>406</sup>.

Ao final do capítulo, as moléstias essencialmente femininas. Uma abordagem sobre as perturbações das regras, os sintomas da menopausa, as perdas brancas, o câncer de útero, fibroma, afecções mamárias, relaxamento do períneo e moléstias venéreas. Relacionando os problemas menstruais aos distúrbios no endométrio ou excesso de peso, indicando a operação na descoberta precoce do câncer de útero e mama, a Enciclopédia da Mulher apontava a relevância de acompanhamento e submissão aos exames ginecológicos<sup>407</sup>. Com a implantação especializada da ginecologia nas grandes cidades em meados do século XX, associados aos discursos médicos aliados da mulher, o sentido desses apontamentos fazia-se relevante.

A organização do capítulo a mãe e a criança na Nova Enciclopédia da Mulher ocorreu de maneira, mais os menos, similar à versão que acabamos de analisar. Entretanto, as questões pediátricas, obstétricas e ginecológicas foram trazidas com mais detalhes e acréscimos. Já as questões envolvendo a educação das crianças foram realocados no capítulo chamado a mulher e o trabalho, como veremos mais a diante. Na introdução deste trabalho havíamos mencionado o quanto a gravidez e a maternidade eram tomadas como parte fundamental de uma fase natural da vida feminina. Seguindo esse viés, a Nova Enciclopédia tenta afastar os medos da futura mamãe em relação a esse período que poderia desencadear alguns incômodos nos três primeiros meses ou próximo ao parto. As preocupações com a hora de parir, se o bebê nasceria “perfeito”, se daria conta do recém-nascido, do lar e do marido, ou ainda, o que aconteceria se adoentasse e precisasse ficar de cama, uma vez que era “a responsável pela família”, demandariam compreensão, afeto e entendimento das pessoas que a cercavam. Por isso, nada mais “nocivo que ouvir histórias de partos difíceis, que certas amigas não podem resistir o desejo de contar”<sup>408</sup>.

O parto sem dor poderia ocorrer se a mulher fosse preparada psicologicamente. Os cuidados médicos tradicionais não auxiliavam contra o medo da dor. Essa realidade poderia ser modificada com os métodos pesquisados por dois grupos médicos da Inglaterra e Rússia, nos

---

<sup>406</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 212-220.

<sup>407</sup>Ibidem, p. 220.

<sup>408</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 252.

quais a mulher entenderia o trabalho muscular realizado por seu corpo, assimilando a necessária dor apenas das contrações, podendo se sentir animada, assistida e acalmada:

Qualquer das duas teorias prepara a parturiente com bastante antecedência. Através de palestras e de filmes são ministradas as explicações necessárias: a futura mãe aprende como se dá a fecundação, como a criança se desenvolve; depois como os órgãos de distendem, como a criança se coloca na posição adequada e como os músculos trabalham para fazê-la progredir. A futura mãe compreende então o interesse que tem em aprender a controlar e agir sobre certos músculos, a respirar de diferentes maneiras para ajustar a pressão muscular, enfim, a se distender para que o trabalho se faça sem resistência. Outro ponto importante do método consiste em permitir que a mulher visite com antecedência a maternidade onde se dará o parto; assim, poderá estabelecer um bom contato de simpatia e de confiança com o ambiente e com o pessoal que atenderá no momento necessário. Além disto, o marido poderá instruir-se juntamente com ela, se ambos desejarem; desta maneira sentir-se-ão mais profundamente unidos<sup>409</sup>.

Diferente da edição de 1958, a figura da parteira ou a ideia de parir em casa não aparece. Todo o acompanhamento seria realizado por uma equipe médico-hospitalar. O sucesso desse percurso gestacional estaria, portanto, fundamentalmente ligado a “higiene da futura mãe”, ou seja, aos três exames obrigatórios (aos três, seis e oito meses) que deveriam ser realizados para que a gravidez ocorresse normalmente. O primeiro, chamado de exame geral, constataria a presença de alguma doença na mãe, verificando rins, sistema nervoso, aparelho digestivo, pulmões (por meio de radiografia, que poderia indicar tuberculose e evitar que a mãe contaminasse o bebê no contato pós-parto) e exames de sangue para detecção e tratamento de possíveis moléstias como a sífilis. O segundo exame seria contra os riscos de toxemia (pré-eclâmpsia). E o terceiro permitiria saber se a criança estaria em posição adequada a um parto fácil, bem como a normalidade da bacia materna. Caso fosse necessário, o médico ajeitaria a criança ou preveria a necessidade de uma cesariana<sup>410</sup>.

Inferindo que “a futura mamãe deve comer para dois, e não como dois”, a Nova Enciclopédia dava dicas para uma alimentação variada rica em minerais, vitaminas e cálcio. No vestuário, a cinta que a mulher estava “habituada” poderia ser usada nos três primeiros meses de gravidez. A partir do quarto, uma cinta especial ajudaria na sustentação do útero dando conforto. Soutiens com cavidades profundas e largas, além de calçados com saltos mais baixos, eram recomendados. Sobre higiene corporal, duchas frias e lavagens vaginais não poderiam

---

<sup>409</sup>Ibidem, p. 253.

<sup>410</sup>Ibidem, p. 253-245.

ocorrer. Sobre a “vida íntima”, “uma certa moderação e prudência aprecem lógicas, mas tudo depende do caso individual”. Nesse momento, o sexo era assimilado como possível durante a gravidez, remetendo-se a questões de afeto e prazer entre o casal, e não meramente com o objetivo reprodutivo. A realização de viagens também dependeria de cada caso, não seria indicada para uma gestante em estado delicado, frágil ou aos nove meses. Esportes como equitação, tênis e natação não seriam ideais. A ginástica para as habituadas a ela e os pequenos trajetos de bicicleta estavam liberados, diferentemente das longas exposições ao sol. O trabalho (considerando aqui a mulher que trabalha fora e dentro do lar) poderia ocorrer normalmente até o sétimo mês, evitando a permanência em pé, esforços que gerassem fadiga ou grandes tarefas de casa. O fator RH, de compatibilidade entre o sangue da mãe e do bebê, também era explicado. Sugeria-se o parto prematuro, por poupar a criança. Intervenção cirúrgica, no caso de gravidez extrauterina, era outra recomendação.

Assim como a edição de 1958, as doenças femininas são abordadas: corrimentos, fibroma, salpingite (inflamação nas trompas), perturbações nas regras, menopausa (seguida dos dizeres: “ela não é nem uma doença nem uma perda de feminilidade”), órgãos caídos e períneo enfraquecido, o temor de todas as mulheres (fazendo referência ao câncer), varizes e aumento ou flacidez dos seios. Na sequência, espaços especiais para o futuro pai e o manifesto do bebê<sup>411</sup>.

Ao tratar da amamentação, os mesmos preceitos fundamentais da Enciclopédia da Mulher, uma vez que essa fonte de alimentação natural “é reconhecida por todos os médicos como a melhor”. Além disso, ela apresentaria vantagens para mãe e bebê. Para elas, auxiliaria na retração para as dimensões normais do útero (através das contrações vigorosas provocadas durante o aleitamento dos primeiros dias), além da apreciação que as jovens mães teriam ao nutrir seu pequeno, afinal “não há nada mais belo, nada mais comovente do que uma jovem mãe amamentando seu bebê”. Para a criança, as substâncias protetoras do leite materno e o pacto estabelecido entre ela e a mãe eram apontados como principais benefícios<sup>412</sup>.

O período de adaptação da lactante seria de, pelo menos, dez dias. Em nota interrogatória: “escrava” da alimentação de seu filho? A resposta, não. Pois mamadeiras

---

<sup>411</sup>Os mandamentos do futuro pai continham regras mínimas de atenção para com a criança. Eram elas: não abrir a porta bruscamente, medir gestos e impulsos, olhar mais para baixo para não pisar no pequenino, ter cuidado ao fechar gavetas para não prender uma mãozinha, não ter sono profundo, não ascender fogo sem pensar, renunciar coleções de bibelôs, não comer com gulodice para dar bom exemplo, ser silencioso, trocar a segurança na marcação de compromissos pelo “talvez”. Já o manifesto do bebê proibia abraços, barulho durante seu sono e contato com pessoas resfriadas; solicitava o afastamento de lugares com correntes de ar, fumantes e gatos; luvas, chaves e pegadores não poderiam estar em suas pequenas mãos; não colocariam pregadores em sua fraldinha; e, se gostavam dele enquanto sorria, deveriam fazer o mesmo quando estivesse chorando. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 260.

<sup>412</sup>Ibidem, p. 261.

alternadas com o leite materno poderiam ser ministradas pela babá. Sem excessos, a mãe não ficaria fadigada. Usando um bom soutien durante essa fase, também não precisava temer a queda dos seios. Mas, se houvesse um aborto ou interrupção brusca da amamentação, o “perigo” da flacidez seria eminente. Não precisava se desesperar se os seios crescessem demais. O foco estaria em questões mais essenciais, como saber da “fabricação do leite materno”, ou seja, do “extraordinário mecanismo” entre seios, placenta, ovários e glândulas do cérebro. A vida da “mãe que alimenta” deveria ser bem regrada, com visitas ao médico, boa noite de sono, repouso, tomadas de ar livre, caminhadas, ajuda do marido, amigas e vizinhas, evitação de resfriados, distrações com a televisão, livros ou conversa com uma amiga, e moderação no cigarro. Outras recomendações sobre mamadas e substituições seguiam a edição de 1958<sup>413</sup>.

Para mudar a alimentação da criança, “sete regras de ouro”: começar cedo; progredir lentamente; jamais impor; espaçar as refeições; utilizar a colher; evitar misturas; variar o mais possível. A regra básica maior era: durante as refeições do bebê “a paciência aliada ao bom humor”. Precauções indispensáveis como o cardápio do neném aos sete meses e tudo o que a criança poderia comer da mamadeira ao garfo seguiam a obra. Ensinava-se o passo a passo relacionado ao enxoval, banho, higiene da criança, acomodações, sono, dentição, aprendizado, crescimento, primeiro ano, cuidados, vacinação, doenças e ministração de remédios<sup>414</sup>. Ou então, discorria-se sobre os primeiros socorros em casos especiais, os “treze acidentes clássicos”: “se Tânia (1 ano) engoliu um alfinete”, “se João Luís (6 anos) se queimou”, “se Cláudia (2 anos) enfiou uma pedra no nariz”, “se Ricardo (5 anos) se cortou”, e assim por diante tratando do que era preciso fazer e do que não se devia fazer em casos de demasiada exposição ao sol, picada de serpente, envenenamento, galos, colocação de dedo na tomada, mordida de cachorro, picada de vespa, queda de bicicleta ou de árvore. Mais uma vez, a mãe aliada do médico deveria possuir uma farmácia doméstica, com curativos e medicamento. Uma mãe zelosa, saberia exatamente o procedimento correto a ser tomado em qualquer circunstância vivenciada por seus pupilos<sup>415</sup>.

---

<sup>413</sup>Ibidem, p. 262-266.

<sup>414</sup>Ibidem, p. 267-290.

<sup>415</sup>Ibidem, p. 291-293.

## A sociedade e seus costumes

O capítulo dedicado à sociedade e seus costumes na Enciclopédia da Mulher e na Nova Enciclopédia da Mulher abarcava, de forma geral, os mesmos elementos: sobre formas de tratamento e modos de recepções em eventos sociais. Ou seja, essa parte dos manuais era dedicada à mulher que, interagindo com outras pessoas e autoridades, não cometeria indelicadezas ou agiria com desleixo, pois seria polida. Mais que isso, não passaria constrangimentos e nem o faria com aqueles ao seu redor, em especial o marido, no caso das casadas. Para isso, desde bem moça deveria tratar e aparar as regras para, segundo a versão de 1958, “tornar-se uma perfeita mulher de sociedade”. Os textos de abertura de cada edição, por serem bem similares, tinham alterado apenas algumas expressões. A Enciclopédia da Mulher trazia:

Um antigo preconceito exigia que a urbanidade fôsse apanágio sòmente das pessoas de alta condição social. Em nossos dias, qualquer um, seja qual fôr a sua classe social, tem obrigação de conhecer os costumes e regras fundamentais do código humano. Nessas poucas páginas tentaremos resumir as circunstâncias mais marcantes da vida, onde a aplicação destas ditas “leis da polidez” facilitarão as relações familiares, amigáveis ou sociais, libertando de todo o embaraço ou timidez aquela que fôr chamada a freqüentar um meio social diferente do seu, ou que deverá em breve manter o mesmo papel de dona de casa. Seguir os conselhos que aqui damos, é fazer uma espécie de seguro contra a indelicadeza, a impolidez e o desleixo<sup>416</sup>.

Em primeiro lugar, era necessário conhecer os principais títulos ou distinções honoríficas na possibilidade de um dia precisar “se inclinar diante de um soberano ou de alguma importante personalidade”, ou ter ciência de qual título atribuir aos altos dignitários. Assim, a edição de 1958 mostrava um quadro com os principais modos de tratamento as tais personalidades: marechal, general do exército, general de brigada ou divisão, coronel, tenente-coronel, almirante de esquadra, vice e contra-almirante, capitão-de-mar-e-guerra, capitão-de-corveta, capitão-de-fragata, médico, advogado, tabelião, bispo, ministro, presidente, duque, príncipe, princesa e rei. A Nova Enciclopédia da Mulher acrescentava algumas distinções religiosas: cardeal, arcebispo, padre e pastor. Além disso, nos tratamentos cotidianos, as duas edições advertiam: “jamais diga sua senhora, suas senhoritas”, o correto, “sua mulher, suas filhas”. Caso a pessoa não fosse muito íntima, o modo conveniente seria “a senhora X e as

---

<sup>416</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 249. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 242.

senhoritas suas filhas”. Tratando-se do marido: “meu marido, e a êle se referindo aos empregados diga o Doutor fulano ou o Senhor fulano”. O importante seria nunca dizer “meu espôso”. Já a palavra ‘senhorita’ deveria ser “otimizada”, utilizada apenas quando a criatura fosse “bem jovenzinha”<sup>417</sup>.

Como fazer apresentações em salões ou na rua era correto e cortês em ocasiões nas quais duas pessoas não se conhecessem: “nada mais penoso e embaraçante, numa reunião ou mesmo em plena rua, do que estar plantado ao lado da sua amiga X, conversando animadamente com ela, enquanto você esquece de apresentá-la”. Nesse sentido, as apresentações teriam de ter uma ordem: um homem a uma mulher; uma pessoa jovem a uma pessoa mais idosa; um homem ou uma mulher a outro ou outra que fosse mais importante “por categoria ou mérito”, “por posição ou pelo nascimento”. Na sequência, advertia-se:

Uma mulher nunca se levanta, se estiver sentada, para cumprimentar um homem ou uma outra mulher, a não ser que sejam êles de avançada idade ou de posição social altamente importante. Quando uma mulher encontra um homem conhecido na rua, ela poderá saldá-lo com um sinal de cabeça e seguir o caminho, se assim o desejar. Se se encontra com outra mulher, na rua, mais jovem ou a menos importante é que deve cumprimentar a outra, mas é esta quem deve parar a primeira, se quiser estabelecer um diálogo ali<sup>418</sup>.

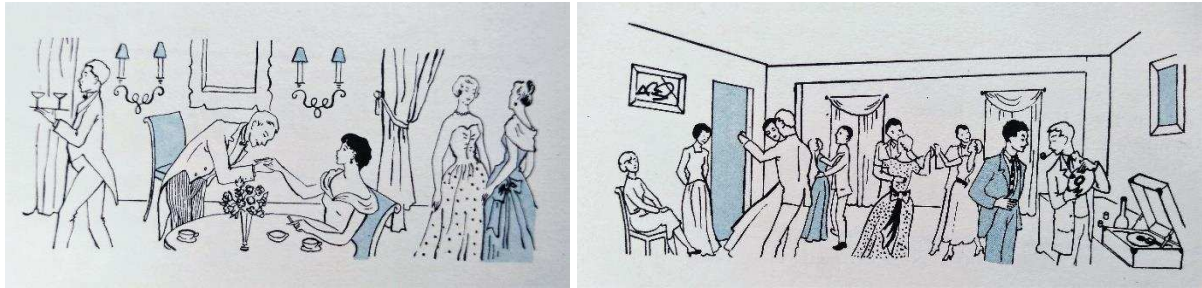
O contato físico era bem restrito se tratando da mulher. Só ocorreria com pessoas de idade mais avançada, de maior altivez social ou com outras mulheres conhecidas. O “beijamão” de um cavalheiro não seria permitido às moças solteiras. Às casadas, esse cumprimento deveria ser recebido sem maiores constrangimentos pois seria um gesto de gentileza. O “ar de profunda surpresa ao ver o cavalheiro levar a sua mão aos lábios” estava proibido diante desse tipo de “ataque”. Após uma apresentação, os minutos seguintes deveriam ser “mais cerimoniais”, com certos cuidados, pois ao ir descobrindo pontos de vista semelhantes e ir aumentando a intimidade, alguma mulheres (querendo parecer “acessíveis, despreziosas, sem luxo ou simples”) dariam toda a “ficha de sua vida particular”, contando até mesmo da última briga com noivo ou marido. Fazendo isso, incorreriam ao perigo de serem mal interpretadas deixando uma “impressão não muito boa a seu respeito”.

---

<sup>417</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 250. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 243.

<sup>418</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 250. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 243.

Imagem 20: A Sociedade e seus Costumes



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 250-251.

Os tempos modernos sugeriam, ademais, outras formas de cortesia. Um telefonema, por exemplo, nunca deveria ser realizado na hora das refeições, antes das onze da manhã ou após as dez da noite. Não querendo importunar amigos e conhecidos, as conversas deveriam ser abreviadas, jamais feitas quando se estivesse recebendo visitas ou usando aparelhos de outras pessoas sem motivo importante. Nos transportes públicos, não deveria esquecer de ceder o lugar aos mais velhos ou doentes, o que deveria ser feito de bom grado. Caso um homem oferecesse o lugar, a mulher aceitaria e o agradeceria amavelmente. No teatro, seria uma gafe chegar após o início da apresentação. Se isso acontecesse, por ventura, ao passar diante de cada pessoa murmuraria “perdão” ou “com licença”. Reflexões em voz alta ou no ouvido do vizinho, chapéus grandes e roupas inadequadas à ocasião, nem pensar. Roupas extravagantes demais com cores chamativas, durante uma exposição de quadros, tirariam a atenção e perturbariam a visão dos expectadores das obras. No falar e no vestir, discrição. Se a ocasião fosse a recepção de amigos, com a intenção de organizar uma dança, deveria ser equilibrado o número de moças e rapazes. O horário da música teria de ser controlado e a dona da casa, mãe da moça organizadora do encontro faria uma breve aparição para ser apresentada às amigas da filha. As moças eram as responsáveis pelas comidas e os rapazes pelas bebidas<sup>419</sup>.

Para o ambiente de trabalho, outras regras preciosas. A Enciclopédia da Mulher pontuava que:

Hoje em dia, tôda moça pertencente a qualquer meio social, procura ocupar seus momentos de lazer. Em geral, os pais vêem com bons olhos a boa vontade da filha em trabalhar em obras de assistência social, cuidando de crianças ou ocupando um pôsto seja em escritório comercial ou repartição pública. Como encarar as relações com os companheiros de trabalho? É preferível não mostrar muita familiaridade, não fazer nunca perguntas indiscretas e falar o menos possível sôbre sua vida privada, procurando permanecer estritamente

---

<sup>419</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 251. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 244.

no plano “trabalho”. Quanto aos chefes, deve respeitar as relações de superior a inferior, sem todavia mostrar-se servil, e deve sobretudo ter sempre em mente que a mais elementar urbanidade no trabalho recomenda bom humor, amabilidade e paciência<sup>420</sup>.

Já a Nova Enciclopédia advertia que a busca pelo trabalho era a oportunidade de a jovem realizar algo de útil, rendendo-lhe certa quantia capaz de livrá-la da mesada. Acrescentava outras regras de decoro, por exemplo, ao agradecer e negar uma carona, um convite para almoçar ou um perfume de presente. “Trajes adequados” seguidos do “mínimo de maquiagem, mínimo de decotes, mínimo de joelhos e pernas a mostra” eram indicados<sup>421</sup>.

No decorrer do capítulo mais listas de boa conduta durante um jantar dependendo da posição ocupada: de anfitriã ou convidada. Do momento do convite, passando pelo serviço à mesa, pelas possíveis ajudas na limpeza da louça (seguindo a moda americana), pelo cafezinho, chegando à hora de se levantar. Se fosse convidada deveria aceitar ou rejeitar a gentileza de imediato durante o telefonema convite. Caso recusasse, ofereceria uma “desculpa plausível”. Se o encontro acontecesse na casa de campo, a anfitriã especificaria bem o tempo de estadia e os nomes dos outros convidados – isso evitaria “encontros catastróficos”. Para que as pessoas recebidas se sentissem à vontade, nada de forçar pescas, caminhadas ou leituras. Tudo deveria ser oferecido conforme o gosto do convidado. Elogios contínuos à casa, ao parque ou às frutas, evitados seriam. Querer oferecer goiaba ou ouvir jazz, não sendo estes do gosto do recepcionado, causariam desconforto. Nada seria sinal maior de hospitalidade do que a cortesia. Por parte da convidada, seus hábitos não deveriam importunar os anfitriões, principalmente no que diz respeito às refeições e seus horários:

Mostre-se amável, simpática e cheia de animação, sem contudo cansar os anfitriões com uma agitação exagerada; saiba tornar-se útil quando fôr necessário, não fuja de pequenas tarefas e não esqueça as gorjetas aos funcionários, quando os há. Assim sendo, a hóspede ao partir deixará saudades<sup>422</sup>.

De volta à cidade, o infalível coquetel teria um belo buffet e champanhe seco. A dona de casa deveria se preparar para as visitas obrigatórias, em datas comemorativas ou velórios. O comportamento com os empregados não seria arrogante, mas preservaria a “sua categoria” evitando mexericos. A arte de escrever bem em qualquer circunstância era outro imperativo.

---

<sup>420</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 251.

<sup>421</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 244.

<sup>422</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 252. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 246.

Para tanto, a Enciclopédia da Mulher trazia imagens com figuras postais – fossem cartas ou convites. Na Nova Enciclopédia encontrávamos modelos de cartões de visita – pessoais ou da firma. No caso das cartas, seria importante que papel e envelope fossem da mesma cor; a letra legível; no exterior, selo no topo à direita; no interior data e lugar de onde se escrevia. As denominações seguiram as regras de tratamento. Nas “fórmulas finais”, um “abraço” entre amigos, um “cordialmente” ou “lembranças”. Entre parentes, “beijos” e “sincero afeto”. Entre iguais desconhecidos, “cordiais saudações” ou “meus sentimentos”. Aos superiores, “alta estima e mui sincera consideração”. E a um soberano, “honra” de “seu humilde criado”. Para ocasiões especiais, modelos especiais: natal, ano novo, noivados, casamentos, nascimentos, pêsames, jantar, chá, estadia no campo, agradecimento de presentes, carta comercial, pedidos de documentos e informações<sup>423</sup>.

Além dessas compilações, a Nova Enciclopédia da Mulher trazia mais alguns códigos de comportamento. Ensinava sobre a disposição de talheres, copos e guardanapos na mesa e explicava a importância na escolha das flores, que deveriam ser preferencialmente naturais e misturadas somente se fossem flores do campo – rosas e palmas ou margaridas e rosas, juntas num mesmo vaso, era de péssimo gosto. Mas são outros itens acrescentados na edição de 1968 que nos chamam mais a atenção. O primeiro explicava sobre a maneira agradável de a mulher usar perfume:

PERFUME: não adianta estar na moda o “Vivara”, de Pucci, ou o “L”, da Givenchy, ou ser fiel ao Marilyn Monroe que usava “Chanel N.º 5”. Adianta é saber que espécie de perfume fica bem com sua pele. Há essências que entram em choque com ela. Um maquiador, ou conselheiro de beleza, pode evitar o desagradável da criatura que, usando perfume inadequado, entra numa sala e faz os presentes quase desmaiarem com as suas exalações<sup>424</sup>.

Devendo ser perfumadamente agradável aos olfatos alheios, a mulher poderia recorrer aos conhecimentos de seu maquiador ou consultor de beleza, ou seja, opiniões personificadas em figuras masculinas. Eles, embutidos de bom gosto, apontá-la-iam a fragrância ideal à sua pele e à sua vida social. A prática do “não exagero” seguia valendo. O modo de se expressar gestualmente e verbalmente compunham o trecho denominado fácil de aprender. Um aperto de mão dado molemente era sinal de “caráter fraco”. Já o uso de gírias deveria ficar restrito a “algum comico de televisão em programa humorístico”. Isso porque “a gíria chega a doer em

---

<sup>423</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 252-256. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 246-250.

<sup>424</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 248.

certos ouvidos menos preparados para perdoá-la”. Utilizando essa linguagem, de nada adiantaria à senhora ser viajada, faladora de três idiomas, com curso na Sorbonne, penteada pelo melhor cabeleireiro e vestida de etiquetas estrangeiras. Maneirismos e estrangeirismos no vocabulário eram pontos negativos. A melhor opção: fazer uso das tantas palavras em bom português.

## **A mulher e seus direitos**

Com o subtítulo seus direitos, suas responsabilidades, seus deveres, a Enciclopédia da Mulher de 1958 conduzia o capítulo a mulher e seus direitos. Trazia como tópico inicial os direitos e deveres dos pais para com os filhos, no qual o primeiro dever dos pais era a educação e manutenção das crianças. Embasada nos artigos da Constituição Federal de 1946, apontava para obrigatoriedade da instituição primária para meninos e meninas. Afirmava que para educar a criança, o cônjuge que detivesse poder pátrio teria o direito de mantê-la em sua companhia, inclusive em caso de desquite. Outras circunstâncias como o abandono material ou moral de pai ou mãe, também estavam expressados e circunscritos na lei:

O abandono dos filhos pelos pais é delito grave, previsto em lei. Se o abandono é material, isto é, se o pai, ou a mãe, quando esta é responsável pelos filhos (se o pai já tiver falecido, fôr incapaz, estiver ausente ou na prisão), deixa de prover à subsistência do filho menor de dezoito anos ou inapto para o trabalho, não lhe proporcionando os recursos necessários sem justo motivo, a pena é de detenção de 3 meses a um ano ou multa de mil a dez mil cruzeiros (Cód. Penal, art. 244). Se o abandono, entretanto, é principalmente moral (isto é, quando o pai, ou a mãe, entrega o filho menor de dezoito anos a pessoa inidônea, com a qual saiba ou deva saber que o menor fica em perigo moral ou material), a pena é de detenção por um a seis meses, podendo ser aumentada se o gesto criminoso foi movido por intuito de lucro (Cód. Penal, art. 245). Quanto às mães solteiras que, por uma falsa e condenável noção de honra, abandona ou expõem o filho recém nascido com o fim de ocultar a própria maternidade, sujeitam-se à pena de detenção de seis meses a 2 anos, a qual pode ser aumentada até três anos, se o abandono resulta lesão grave para a criança, e até 6 anos se resulta em morte. À mesmas penas estão sujeitas as mães viúvas ou adúlteras, que procedem com a mesma finalidade. (Cód. Penal, art. 134 e seus parágrafos)<sup>425</sup>.

Mesmo cometendo o mesmo crime de abandono do filho, a mãe solteira, viúva ou adúltera sofreria uma pena maior que o pai. Se as responsabilidades financeiras com a criança

---

<sup>425</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 227.

peregrinavam o lado paterno, a moral encarnava-se na figura materna. E por ser mulher, mãe por natureza, deveria honrar seus filhos com zelo e dedicação total. Essa dedicação, às vezes, penderia para o direito de correção. A Nova Enciclopédia da Mulher cravava: “educação da criança: um dever dos pais – A correção: um direito”. Na versão anterior, o tópico da mesma temática ilustrado com uma chibata, afirmava que os castigos corporais na criança estariam reservados ao pai e à mãe, professores preceptores e governantes não poderiam o fazer. Em relação aos pais, esses castigos poderiam ser aplicados desde que não ocorressem de maneira imoderada ou cruel, ou colocasse em perigo a vida ou saúde do menor, causando-lhe graves traumas psíquicos. Procedendo mal, perderiam a guarda do filho. Frisava que os pais não poderiam esquecer suas funções de guardiões do filho, e não donos. Guardando o filho, a manutenção e prestação de alimentos eram itens primeiros. Em caso de afastamento de um dos dois cônjuges (por maus-tratos ou imoralidade), deveria ser fornecido uma pensão alimentícia por parte do membro faltoso<sup>426</sup>.

Mudando o assunto para a fixação de dote e auxílios pecuniários, era trabalhada a possibilidade da noiva – através de seu dote – ou demais membros da família, auxiliarem financeiramente o homem nas despesas do casal. No caso do dinheiro herdado antes do casamento, previa-se que: “o dote é feito à mulher, embora se destine a auxiliar o casal. Não se pode dotar um filho varão”. Normalmente oferecidos pelo pai e mãe da noiva, o dote não poderia ser exigido por parte do noivo aos seus pais. Pelo fato de ser homem e propor-se ao casamento, deveria gerar seus recursos por meio de sua atividade profissional. Isso ocorria na própria aquisição dos bens imóveis. Seria ele o administrador, inclusive, dos bens dotais, móveis e imóveis. No entanto, era obrigação do marido restituir o dote à mulher e aos seus herdeiros, “imediatamente após a dissolução da sociedade conjugal (desquite, morte, anulação do casamento)”. Além destes termos, apontava-se para o poder de requerimento da mulher em prol da administração de seu dote, previsto nos artigos 308 e 309 do código civil.

Eram explicados os aspectos da filiação legítima (natural, fruto de uma união legal), da legitimação dos filhos (reconhecimento dos frutos gerados fora do casamento) e da adoção. Sobre esta última, informava-se que poderia ser realizada por homem ou mulher, casado ou não, brasileiro ou estrangeiro. Também advertia uma possível dissolução futura por parte do adotante, caso o adotado cometesse “ingratidão” contra ele. Ademais, dissertava-se a respeito da emancipação garantida através do casamento, do exercício de cargo público, da colação de

---

<sup>426</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 228-229. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 294-295.

grau em nível superior ou do estabelecimento de economia própria, civil ou comercial. Lembrava-se que a menoridade iria até os 21 anos, e do ponto de vista penal até os 18 anos<sup>427</sup>.

Ao tratar da tutela dos filhos, ambas as edições se calcavam na projeção de que a mulher, casada ou solteira, poderia ser tutora. No entanto, clarificava que essa condição dificilmente se estabelecia, pois de acordo com a lei, as condições de preferência tutelar antepunham o sexo masculino ao feminino. O mesmo ocorria na ausência de ambos os pais: a ordem tutelar baseada na estrutura familiar ocorreria dando preferência ao avô paterno, avô materno, avó paterna, avó materna, irmão bilateral do sexo masculino mais velho, e assim por diante. Acrescentavam que não havia impedimento legal para que o padrasto fosse tutor. Mas, a mulher casada pela segunda vez não poderia ser tutora dos filhos do primeiro casamento. Entravam na pauta outras abordagens referentes à ausência de direitos da mulher em uma união livre ou a investigação de maternidade (em casos de adultério da mulher casada ou incesto da solteira). A investigação da paternidade estava no setor de assuntos jurídicos que interessam à mulher. Para comprovação dos laços paternos, a concubina deveria mostrar através da idade do filho e do relacionamento com o adúltero, a ligação existente. Isso poderia ocorrer por meio de correspondências trocadas, dedicatórias ou fotografias. Uma vez reconhecido, o filho adúlterino passaria a ter os mesmos direitos que os legítimos, inclusive em herança. Era considerado filho adúlterino, por exemplo, o fruto das relações sexuais entre um homem desquitado com uma mulher solteira. Nesse caso, provavelmente aconteceria o reconhecimento voluntário dos filhos ilegítimos<sup>428</sup>.

Tratando-se das formas de união entre homem e mulher, noivado e casamento entravam na pauta. O noivado, por não possuir contrato sancionado nas vias legais, poderia ser desmanchado. Entretanto, a noiva teria o direito de pedir reembolso ao noivo (comprovando sua culpa no desenlace) pelos gastos com confecção do enxoval, compra de mobília, locação ou compra de casa ou apartamento, dentre outras despesas. Já o noivo teria de volta todos os presentes dados à moça, inclusive a aliança de compromisso – segundo a Enciclopédia da Mulher, a ação judicial quando houvesse “bons elementos de prova” e quando o caso fosse “realmente sério” teria “boas probabilidades de vitória”. Daí um motivo ainda mais sólido para oficializar o noivado.

O casamento, por sua vez, poderia ser realizado aos dezoito anos completos do rapaz e dezesseis da moça. Mas, antes de completarem vinte e um, a autorização dos pais fazia-se

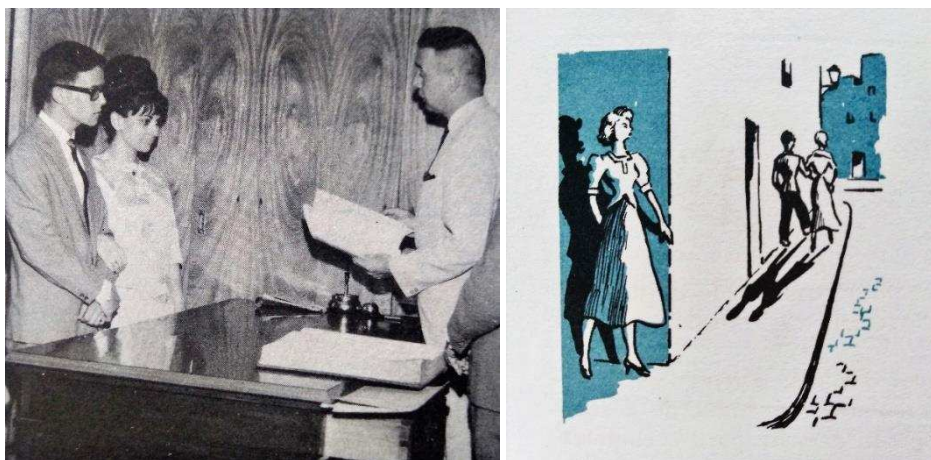
---

<sup>427</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 230. Nova Enciclopédia da Mulher, 296-297.

<sup>428</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 230-232. Nova Enciclopédia da Mulher, 297-301.

necessária. Caso fosse negado por alguma das partes, um juiz poderia ser recorrido e conferir o consentimento. Além do magistrado, um oficial do registro civil e os parentes dos noivos participariam e seriam testemunhas da não existência de impedimentos aos pretendidos. Vínculo parental, pessoas casadas, adúlteros, raptos, mulheres menores de 16 com homens maiores de 18, viúva ou mulher com casamento anulado, dentre outros motivos, eram casos previstos para anulação. A nacionalidade da mulher (se estrangeira casada com brasileiro ou brasileira casada com estrangeiro) seria mantida, a não ser em caso de formulação do processo de naturalização. As formas de regimes matrimoniais, como os pactos antinupciais, regime de comunhão universal e comunhão parcial, estavam explicados. O maior inconveniente para um regime de comunhão era a ocorrência do desquite. Isso porque um marido “sem escrúpulos”, tendo amplos poderes sobre os bens comuns e os bens da mulher, poderia desaparecer com o que havia de valor, deixando a desquitada em precária situação. Para que isso não ocorresse, “precauções de ordem judicial”, através de um advogado, deveriam ser tomadas no momento do desquite. Sob esse ponto de vista, preferível seria o regime de separação.

Imagem 21: Casamento e Desquite



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 239 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p 299.

Na condição de separação de bens, a mulher teria exclusiva e total administração de suas posses, exceto na venda de imóveis, situação na qual dependeria da outorga marital. O regime de separação poderia ocorrer pelas vias legais ou voluntárias. A separação obrigatória, por exemplo, ocorreria quando a mulher enviuvada de seu primeiro marido, a menos de dez meses, resolvesse se casar novamente. Assim, o fim do regime matrimonial ocorreria de três modos: quando ocorresse a morte de um dos cônjuges, quando houvesse uma sentença anulando o

casamento, ou pelo desquite. Nesse processo, o nome da mulher sofreria alterações, bem como sua condição social:

Ao casar, a mulher assume o nome do marido. Por ocasião do desquite, sendo a mulher culpada, ficará, por sentença, proibida de usar o nome do marido. Mesmo que não seja culpada, entretanto, torna normalmente a usar o seu nome de solteira, e isto voluntariamente, mesmo que não haja proibição formal a respeito. No desquite amigável os cônjuges acordam, como em tudo mais, também sobre a questão do nome da mulher, que continuará a usá-lo, ou não<sup>429</sup>.

Como à época das duas edições da Enciclopédia da Mulher, o divórcio não havia sido institucionalizado no Brasil, as dissoluções da sociedade conjugal eram realizadas por meio do desquite. Como dissemos, além dos aspectos relacionados à nomeação da mulher durante o processo, sua relação social também era alterada. Tratava-se dos efeitos do desquite para a mulher:

Os efeitos do desquite, para a mulher, são os seguintes: recupera sua completa liberdade, tal como se fôsse solteira e maior (menos, evidentemente, para casar), podendo realizar qualquer ato jurídico, negócio ou transação sem assistência de pessoa alguma; recupera o seu nome de solteira, não sendo obrigada a assinar mais o nome do seu ex-marido; não pode entretanto, como já vimos, ligar-se a outro homem; tal relação não passará de concubinato (ainda que tenha sido celebrado algum “casamento” em país estrangeiro), e nenhum direito terá com relação aos bens patrimoniais do seu companheiro<sup>430</sup>.

As Enciclopédias apontavam também para a possibilidade de reconciliação entre os desquitados. Nesse caso, o casal retomaria normalmente os precedentes que tinham, independentemente do motivo do desquite processado. No caso de mulheres pobres que não teriam recursos para contratação de um advogado, os manuais sugeriam o requerimento da assistência judicial gratuita.

Se o marido tivesse sonegado bens ou depilado a fortuna do casal, a mulher protestaria em juízo tais formas de alienação com a medida prévia de “seqüestro geral dos bens”. Além disso, eram expressadas aquelas ocorrências em que a mulher dependeria ou não da permissão do marido, e vice-versa. Entre os impedimentos de ambos, estaria: alienar, hipotecar ou tomar para si imóveis alheios. Sem autorização, poderiam: exercer direitos sobre filhos de relações anteriores, reivindicar bens e imóveis do casal, anular fianças e doações, propor anulação do casamento, pedir prestação alimentícia e fazer testamentos. No entanto, uma das ações não

---

<sup>429</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 236. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, 306.

<sup>430</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 240. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, 310.

recíprocas na qual a mulher teria de ter permissão do marido, condizia com o exercício de uma profissão:

Exercer profissão. (Entende-se exercer profissão fora do lar conjugal; aí a lei considera que a mulher se submete à direção e comando de outros homens ou entra em contato diário e muitas vêzes de certa intimidade com os mesmos, o que nem sempre – de acôrdo com o caráter da mulher, seus princípios, ou grau de confiança que o marido pode justificadamente depositar, - favorece integralmente o clima moral ou pelo menos psicológico que deve reinar entre o casal. O marido, como chefe da sociedade conjugal, é autorizado pela lei a dar ou recusar o seu consentimento para que a mulher exerça profissão ou comércio fora do lar. Mas quando a recusa fôr meramente arbitrária ou caprichosa e quando a mulher tiver a real necessidade de auferir provento para o sustento próprio ou dos filhos – que lhe seja recusado pelo marido – pode pedir ao juiz competente que supra a outorga marital)<sup>431</sup>.

Como vimos em outro momento desta dissertação, o discurso presente na revista O Cruzeiro, em que a fraqueza moral feminina num ambiente externo de trabalho vigoraria, reproduzia-se na lei e na Enciclopédia da Mulher. O mesmo não ocorria com o marido, que não precisava de autorização da esposa para desempenhar quaisquer funções ou profissões. A condição de “ajuda” e não de “provedora” a qual a mulher era submetida, reverberavam no poder pátrio um domínio amplo sobre as movimentações femininas. Caso ela incorresse contra esse sistema, teria sua projeção associada ao comportamento descompensado, ou colheria frutos “amargurados”, como a dissolução matrimonial.

Outras temáticas acompanhavam o desenrolar desse capítulo. Tratava-se, justamente, da relação entre a dona de casa e suas empregadas, e os pontos da legislação social sobre os direitos da mulher trabalhista. No tocante às empregadas, as Enciclopédias traziam que as Leis do Trabalho de 1943 previam que a empregada doméstica possuísse carteira profissional, no entanto, a lei havia sido “desconhecida e inaplicada”<sup>432</sup>. Na ocasião, eram requisitos para a expedição de carteira: prova de identidade, atestado de boa conduta (por autoridade policial), atestado de vacina e saúde (fornecido por médico ou firma conhecida), e comprometimento envolvendo aviso prévio. Os manuais incentivavam a mulher a cumprir as demandas legislativas, a fim de “evitarem abusos ou reclamações injustificáveis de muitas empregadas”<sup>433</sup>.

---

<sup>431</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 236.

<sup>432</sup>Apenas em 2015, no governo de Dilma Rousseff, foi sancionada a lei complementar número 150 visando regularizar as disposições sobre o contrato de trabalho doméstico. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp150.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm). Acesso em: 11 jan. 2019.

<sup>433</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 237. Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p 306.

Referente aos direitos da mulher trabalhadora, incluindo os tratamentos “especiais” no caso das gestantes com auxílio-maternidade, as Enciclopédias da Mulher afirmam que as situações procederiam, em geral, de maneira idêntica ao homem. Assim, o limite de trabalho por dia seria de oito horas. Em trabalhos noturnos, as mulheres receberiam um adicional mínimo de 20% sobre seu salário habitual. No entanto, “a fim de melhor protegê-las”, a lei previa o trabalho feminino noturno em apenas três casos: quando ocupassem cargo de direção, não realizando trabalho contínuo; quando maiores de vinte e um anos e empregadas em “casas de diversões, hotéis, restaurantes e estabelecimentos similares”, desde que obtivessem atestado (por autoridades competentes) de bons antecedentes e boa capacidade física e mental; ou, quando maiores de dezoito anos, trabalhadoras de empresa telefônica, radiotelegrafia, radiotelegrafia, ou em hospitais, maternidades, casas de saúde e enfermagem.

A proteção à mãe trabalhadora também estaria garantida. Os locais de trabalho com trinta mulheres ou mais, maiores de dezesseis anos, deveria ter um lugar adequado para o período de amamentação. O empregador estaria proibido de abster o salário auxílio ou demitir a mulher por conta da maternidade. Os doze meses de licença (seis antes e seis após o parto – podendo haver prorrogativa médica) seriam respeitados. Ocorrendo “aborto não-criminoso”, o repouso remunerado estaria assegurado. Auxílio-doença não excluiria o subsídio maternidade. Caso o médico considerasse a profissão um risco a gravidez, a mulher pediria dispensa sem necessidade de aviso prévio. O empregador que descumprisse as regras seria processado e multado.

Além dos aspectos mencionados, a Enciclopédia trazia como complemento à proteção especial ao trabalho da mulher, as atividades proibidas. Dentre elas estavam os serviços subterrâneos, em pedreiras ou minerações no subsolo, obras de construção ou em “atividades perigosas ou insalubres”. Acrescentava que nenhum empregador deveria admitir uma mulher em trabalhos que exigissem o uso da força muscular superior a vinte quilos, no trabalho contínuo, ou vinte e cinco, no serviço ocasional. A proposição sobre a fragilidade física feminina ou sobre os perigos de serviços inóspitos a causarem masculinização e infertilidade, repetiam-se. O movimento de avanços e continuidades em relação à mulher trabalhadora, traria conflitos semelhantes no capítulo dedicado à sua vida no trabalho.

## **A mulher e a vida social**

Prometendo abordar sua vocação, sua função e atividades femininas, a Enciclopédia da Mulher discutia a mulher e a vida social. Podemos dizer que este é um dos principais capítulos

para compreendermos as representações do feminino na edição de 1958. Na abertura do tema, uma ampla ponderação sobre a jovem dentro da família:

Tratando-se de uma jovem, parece inútil evocar o encanto que dela deve desprender, bem como as qualidades que ela deve aperfeiçoar, para torna-se graciosa e agradável. Vamos limitar-nos aqui a indicar-lhe o comportamento ideal, que ela deve aprimorar, tanto em atenção à sua família e seus amigos, como em atenção a si mesma. Deve ter respeito e consideração para com seus pais e bom humor em suas relações com os irmãos, irmãs e demais parentes. Com esforço e boa vontade, ela conseguirá manter uma atmosfera agradável em sua família. Que a jovem de hoje não se esqueça que tudo se pode conseguir com um sorriso e que mesmo as mais graves complicações familiares não resistem a vontade de fazer o bem e apaziguar contendas. Resista ao desejo de tomar partido por êste ou aquê, nem entre conflitos, por leves que sejam. É necessário que a jovem se preocupe com tudo que concerne ao arranjo da casa, à administração do lar e à cozinha. Todos os elementos que formam uma boa dona de casa lhe devem ser familiares. Ela muito aproveitará ao interessar-se pelo desenvolvimento e pela educação das crianças. Muitas mulheres pensam ser fácil educar crianças. A puericultura conseguiu grandes progressos neste sentido. Aquelas que aspiram ao casamento e à maternidade, nada devem ignorar sobre os cuidados devidos aos bebês; dêste modo estarão trabalhando pelo futuro dos filhos. E insistimos para que tôda moça adquira e desenvolva o espírito de ordem e de método. Seu quarto, que revelará seu gosto artístico, deve ser bem arrumado diariamente. Por êle, será ela julgada. Tôda jovem deve interessar-se pelos esportes femininos, sem imitar os rapazes; deve aprender respirar bem e a formar músculos sólidos e resistentes. O banho matinal é imprescindível, sobretudo a ducha fria, que deve ser tomada após alguns exercícios de cultura física, de preferência exercícios de distensão e não de força, respirando pausadamente, diante de uma janela aberta. Depois do banho (de chuveiro ou imersão), friccione o corpo com uma luva de crina, e faça em seguida sua toilette. O rosto, que passou tôda a noite recoberto com uma camada de creme nutritivo, depois enxuto é protegido ligeiramente com uma base (creme de beleza) e pó de arroz. A pintura deve ser muito discreta. Ela não embeleza as jovens, pelo contrário, envelhece-as antes do tempo, deixando-lhes a pele seca e enrugada prematuramente. Pela manhã, ao despertar, medite sèriamente sobre o dia que tem pela frente. Cada manhã é uma renovação. Cada dia traz satisfações e um pouco de felicidade. Esqueça seus ressentimento e inimizades, pensando sòmente no que é bom, agradável e saudável. Se observar nossos conselhos, seu caráter, bem como sua saúde, irá aos poucos melhorando. Um bom estado moral, francamente alegre, comunica coragem e repousa os nervos. Dêsse modo, a alegria de viver se exterioriza e contagia os outros. No início, talvez se admirem de sua atividade sorridente, mas depois agirão como você e suas relações tornar-se-ão, aos poucos, muito mais cordiais<sup>434</sup>.

A moça deveria ser neutra, mas cativante. Teria que se preocupar com a saúde e a manutenção da jovialidade, mas sem exageros. Poderia alcançar sucesso profissional, mas não

---

<sup>434</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 221.

mais que o homem. Seria naturalmente mãe, mas precisaria aprender a desempenhar esse papel com destreza. Deveria ser feliz e sorridente, mas sem chamar muita atenção. Não poderia manifestar ou ter pensamentos polêmicos, mas deveria se instruir e se informar sobre todos os assuntos. Todos esses preceitos deveriam seguir, inclusive, aquela jovem que escolhesse trabalhar fora de casa, ou seja, exercer uma profissão em âmbito público. No item a jovem no seu trabalho, afirmava-se que “a escolha da profissão certa é uma das mais importantes questões a ser resolvida por uma jovem”. Associando a vida profissional à mulher jovem e solteira, sugeria-se a ida em departamentos de orientação profissional para aquelas moças que não se sentiam certas sobre uma profissão, e que seria recomendável mudar quantas vezes fossem necessárias até descobrir a vocação que atendesse “plenamente seus gostos e suas aptidões”. Portanto, alertava que a vida no trabalho seria intensiva e por isso o amor pela profissão seria fundamental a fim de “suportar as dificuldades da existência”. Assim:

A jovem, no trabalho deve desenvolver suas qualidades de ordem e regularidade; então, aos poucos, se irá habituando a uma disciplina indispensável. Deve procurar sempre ser pontual e correta no seu porte e atitudes; não se deve tomar partido só para lisonjear êste ou aquêle colega; será discreta e silenciosa. Seu trabalho e sua reputação lucrarão com isso<sup>435</sup>.

Almejar mais do que desempenhar bem sua função, enquanto funcionária e mulher que desejava manter sua reputação, não fazia parte dos ensinamentos. As relações com os colegas de trabalho deveriam ser comedidas, jamais deveria manifestar intimidade com um ou outro. Não poderia esquecer do seu lugar de “empregada do padrão”, devendo compensar seu pagamento apenas executando um bom trabalho, sem conversas inúteis ou ruídos, apenas o silêncio rigoroso. Contrastando-se à vida profissional, “o ponto mais importante na vida social de uma jovem é a escolha de suas amigas”, afinal, já advertia o provérbio: “dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és”. Companhias grosseiras e vulgares não fariam parte do convívio da moça, que deveria frequentar um meio inteligente que estimulasse sua “curiosidade por aprender e progredir”. Por isso, a jovem precisava ser exigente nas escolhas das amigas, não concedendo confiança a quem não merecesse. Dessa maneira, conseguiria tirar proveito de tudo o que a vida lhe concedesse, como distrações, passeios, viagens que não prejudicassem sua economia, teatro com “boas peças” e cinema com “filmes interessantes”. Para não perder tempo e dinheiro, após a ida nos espetáculos, os amigos discutiriam o valor de cada atração. O mesmo

---

<sup>435</sup>Ibidem, p. 222.

aconteceria com os concertos musicais. O enriquecimento cultural também poderia ser proporcionado pela leitura de livros, revistas e jornais. Nesse caso, as reflexões sobre essas formas de entretenimento tornariam as conversas entre amigos mais vivas e interessantes.

Tudo aquilo que fosse proveitoso ao desenvolvimento intelectual deixaria a jovem mais agradável e atraente no ambiente vivido. Procurar o lado bom de cada pessoa, não permitindo que seu senso crítico enxergasse apenas os defeitos, fariam com que ela demonstrasse bondade e contribuísse para a harmonia ao seu redor. Seu exemplo seria imitado e teria “recompensa”:

É evidente que tôda moça, conscientemente ou não, procura ser agradável, com o objetivo de encontrar um dia o homem que será seu marido. Conquistar um marido é o desejo de tôdas as jovens. Isto é muito natural e não há motivo para escondê-lo. A natureza, que dirige nossos atos, atrai a moça para o amor e para aquêle que lhe agrada. Não há dúvida de que ela encontrará seu eleito. Para isso, não é necessário ser muito bela, nem rica, nem vaidosa. Basta ser agradável, cuidadosa, de maneira simples e atitudes concretas. Dêsse modo, ela encantará todos que a rodeiam e encontrará certamente o rapaz que saberá apreciá-la e compreendê-la<sup>436</sup>.

Maria Teresa, colunista de O Cruzeiro, assinaria em baixo dizeres como esses. Afinal, a vontade de “conquistar um marido” seria um desejo espontâneo da mulher. A própria natureza feminina a conduziria ao matrimônio. Encontrar o par ideal seria questão de tempo e boa vontade, assim, não teria porquê atirar-se cegamente em uma aventura sem futuro. Enganoso era o discurso dos “maus moralistas” sobre a admissão da união livre. Se a moça enveredasse por esse difícil caminho não teria as garantias oferecidas pelo casamento. Por isso, precavia-se que “por mais difícil que seja, evite a aventura romanesca que não leva a nada, decepciona e entrava a vida”. A própria lei não consagraria essas uniões que só causariam “amargura, desilusões e desespero”. Se desde os tempos mais remotos o casamento era admissível, haveria “razões primordiais” para isso. Ir contra o comprometimento resultaria em aventuras desastrosas.

Como assinalamos em outro ponto deste trabalho, a Enciclopédia da Mulher equiparava os direitos de uma moça, depois dos vinte e um anos, aos concedidos a um rapaz. Colocava como exemplo a questão do voto e da ocupação em “todos os setores de atividade”, inclusive, profissional. Apontava para necessidade de iluminação da vivência feminina através da busca por um marido e filhos. No entanto, se essa busca por um parceiro fosse mal procedida, a moça

---

<sup>436</sup>Ibidem, p. 222.

se tornaria amante e, mais cedo ou mais tarde, seria abandonada, vivendo “só e desiludida”. Se essa relação tivesse como fruto um filho, a “mãe solteira” teria dificuldades ainda mais severas:

Muitas vezes acontece que, antes ou depois de ter sido abandonada, ela percebe que vai ser mãe. Sua situação torna-se então bastante crítica. Nas grandes cidades os preconceitos sobre a mãe solteira, quase não existem. Não acontece o mesmo em algumas cidades do interior onde a mãe-solteira é uma repudiada. É por este motivo que os abortos são praticados entre nós; ele constitui um delito punido pela lei. As mães solteiras têm direitos que não devem ser desprezados; os filhos reconhecidos por elas também têm direitos<sup>437</sup>.

Os preconceitos sofridos por uma mulher com filho, mas sem marido, eram associados à interiorana. Por ser repudiada, a moça recorreria ao aborto, o que configuraria crime. No entanto, àquela que decidisse proceder com a gestação e com os cuidados da criança teria direitos, embora não os mesmos que a “mãe casada”. Mas, esse assunto seria tratado com mais detalhes em outro capítulo, relacionado à parte jurídica.

Depois de trazer as possibilidades da moça solteira, tratava-se do momento em que a jovem encontrava aquele que se tornaria seu esposo. Era o noivado, ou seja, o comprometimento em se casar. Sugeria-se que o recebimento da aliança, “testemunho do compromisso”, ocorresse num jantar ou recepção em família. Os presentes que o novo casal ganhasse deveriam ser agradecidos prontamente. O período do noivado, por não comprometer os jovens de maneira definitiva, poderia ser rompido sem constrangimentos, por exemplo se durante essa fase de conhecimento mútuo fosse revelado algum defeito grave à moça. A opinião pública nada teria a ver com isso, afinal “é melhor romper um noivado do que contrair um casamento que, com antecedência, se revela inconveniente”. Para tanto, a mulher deveria se aliar à família do futuro marido, coletando o máximo de informações possíveis, “tanto do ponto de vista da saúde, como da moral”:

É preciso nunca esquecer que a noiva tem o seu futuro comprometido, pois o casamento é o ato de maior importância na vida de uma jovem, que será obrigada a mudar de família e de hábitos. A família do futuro marido exercerá muita influência, sobre a vida da jovem. Certamente você já ouviu dizer “Não casei com a família dêle!”. Grande erro! A família do marido sempre interessa à vida do lar; o importante é estar em cordialidade com ela<sup>438</sup>.

---

<sup>437</sup>Ibidem, p. 223.

<sup>438</sup>Ibidem, p. 223.

Uma vez que o homem seria considerado o chefe da família, a mulher é quem migraria na órbita parental. Assim, quanto melhor fosse sua relação com a família do marido, mais fácil e agradável seria sua vida. Além desses laços, o casal tomaria como ponto importante, antes do casório, a garantia de que a saúde de ambos estava bem através do exame pré-nupcial. No mais:

Outro ponto importante é o entendimento que deve existir entre a moça e o rapaz, tanto durante o noivado como depois de casados. Não é essencial que eles possuam gostos e tendências iguais, mas que se compreendam e se completem mutuamente. O noivado não deve ser demasiadamente longo, pois pode tornar-se prejudicial pela natural tendência que sofrem as relações entre o noivo e a noiva, de se tornarem dia a dia mais íntimas. No momento em que os noivos verificarem que se amam e se compreendem verdadeiramente, devem casar-se logo<sup>439</sup>.

Antes que o desejo do contato sexual fosse inevitável, os noivos deveriam se casar. Certas intimidades estariam ser reservadas e preservadas ao matrimônio. Daí o assunto seguinte na Enciclopédia da Mulher, o casamento. Os detalhes burocráticos eram explicados: os documentos necessários ao cartório, o certificado pré-nupcial atestando “o bom estado físico dos futuros cônjuges” concedido por um médico, e outros documentos concedidos por autoridades competentes<sup>440</sup>. Assuntos como o casamento no religioso procedendo o no civil, agradecimentos aos presenteadores e a possibilidade financeira para uma viagem de núpcias vinham na sequência.

Dicas para a vida de casados em si, depois das comemorações e da “deliciosa recordação para toda existência” proporcionada pelas férias, estavam em a vida conjugal. Partindo da premissa de que depois do casamento é que a existência da moça como mulher começaria, exaltava-se que “a felicidade do lar constitui o único alvo para o qual ela deve dirigir todos os seus esforços”. A partir disso, algumas questões e, principalmente, muitas concessões à mulher deveriam estar a par. Retomando vários pontos sobre os modos de agir guiados pela natureza feminina ou masculina, o discurso da Enciclopédia reforçava, uma vez mais, essas qualificações predispostas:

Como conseguir a alegria de viver? Simplesmente procurando em si mesma todas as possibilidades de compreensão. Todas as concessões deverão ser feitas pela jovem esposa que, por sua vez, deverá interdita-se o amor próprio, o orgulho, a dignidade ofendida, suscetibilidades e rancores; ela deverá evitar

---

<sup>439</sup>Ibidem, p. 223.

<sup>440</sup>Referindo-se a “autorização dos pais, certificado de publicações em editais, certidão de nascimento, etc.”. Ibidem, p. 223.

discussões e rixas, procurando sempre o que é justo. A jovem espôsa, tôdas as manhãs, deve refletir sôbre o que vai fazer durante o dia. Que ela seja benevolente, indulgente, consciente de tôdas as qualidades de seu marido e fique bem persuadida de que êle, em geral, tem razão quando se queixa de alguma coisa. A ventura de seu lar dependerá inteiramente da atitude que ela tomar<sup>441</sup>.

Abstraindo-se de qualquer posição minimamente afrontosa, a mulher teria de “obedecer” ao seu marido. A razão, estando do lado do homem, deveria guiar atitudes ponderadas e nada ofensivas da esposa. Um comportamento resignado garantiria a manutenção do casamento e da vida harmoniosa do casal. Nas linhas seguintes prosseguia-se reforçando essas ideias, inclusive falando brevemente sobre o sexo. Na relação íntima a mulher deveria manter-se equilibrada como nas demais circunstâncias: nem exagerando, nem sendo indiferente:

Os primeiros meses de casada geralmente são felizes porque são iluminados pelo amor. Para que êste sentimento resista às dificuldades da vida cotidiana, é necessário que a jovem espôsa saiba despertar sempre felizes lembranças em seu marido, criando em tôrno dêle uma atmosfera de satisfação e confiança. É por êste preço que ela conservará nêle o frescor de um sentimento que se transformará, pouco a pouco, em uma afeição duradoura e consciente. O homem é, por natureza, mais egoísta do que a mulher; ela não deve escandalizar-se por isto, ao contrário, deve desenvolver suas qualidades de devotamento e altruísmo. Aos poucos, o marido compreenderá e fará esforços para tornar-se igual à sua mulher. A questão mais delicada é a da união sexual. “Tudo se arranja no travesseiro” diz o ditado. Isto é um fato. O acôrdo físico dos cônjuges está fora do objetivo dêste capítulo. Que a jovem senhora saiba contudo que não há nenhum interêsse em exagerar nesse sentido e, por outro lado, ser-lhe-á prejudicial adotar uma atitude fria ou indiferente. O casamento é recomendado por natureza. A jovem espôsa deve saber qual o seu papel. Ninguém, nem coisa alguma, deve jamais entrar seu sentimento pelo homem ao qual está ligada.

Clarificando que não caberia a ela discutir questões relacionadas às intimidades do casal, a Enciclopédia deixava subentendido a importância de uma vida sexual sem excessos ou comedimentos. Aliado a isso, retomava a importância de a mulher saber “o seu papel”, não permitindo que casos extraconjugais ou situações rotineiras de conflitos, por ela evitáveis, esfacelassem a união. Cuidar da beleza e manter o equilíbrio físico, por exemplo, eram estratégias preciosas para a manutenção do casamento. Este tipo de conselho, frisado em demasia, fazia parte do jardim secreto da mulher:

---

<sup>441</sup>Ibidem, p. 223.

Não cessamos de recomendar, às jovens esposas, sinceridade e modéstia. Portanto, este capítulo estará fechado para o marido. Mesmo na intimidade conjugal é necessário às vezes saber fechar brandamente uma porta e isolar-se para refletir e tomar cuidados indispensáveis; referimo-nos ao asseio, aos cuidados de beleza e equilíbrio físico<sup>442</sup>.

O pudor com o corpo, em relação à presença do marido, deveria prevalecer. Para a leitora da Enciclopédia da Mulher, não seria nada conveniente aprumar-se, tomar banho, fazer sua higiene ou seus cuidados de beleza na frente do cônjuge. Para tanto, recomendava-se que esses momentos pessoais fossem realizados em determinadas horas do dia:

A higiene pessoal (abluições, banhos, etc.) deve ser completamente ignorada pelo marido. A esposa deve ter o maior interesse em tomar esses cuidados logo que seu marido deixe a casa para ir ao trabalho, ou então, à noite antes de deitar-se. É inútil a presença do marido. Recomenda-se sempre o pudor. A mulher casada jamais deve deixar que o marido presencie tais arranjos, pois ele deve ignorar toda a atenção que ela dispensa ao seu corpo, à sua saúde e à sua higiene; deve maquilar-se às ocultas do marido e, sobretudo, nunca deve dizer que se acha feia, gorda ou envelhecida<sup>443</sup>.

Não falar dos seus “defeitos” também fazia parte dos segredos da mulher. Se ela não os replicasse ao marido, que por ser homem não repararia por si só, não chamariam atenção. Pelo contrário, enquanto mulher queixosa, expressaria mau humor e mal-estar consigo. Complementando essas regras, a jovem senhora deveria falar o menos possível “de suas indisposições, de suas doenças ou de suas inquietações ocasionadas pelo estado físico”. Por serem assuntos extremamente pessoais, não diriam respeito ao marido. Do contrário, poderiam deixá-lo irritado e ranzinza:

O homem, de natureza diferente, não compreende o cansaço e as indisposições que a mulher pode sentir. Entretanto, isto não o impede de inquietar-se vivamente em caso de doença ou gravidez. A compaixão do esposo por todas as pequenas misérias físicas de sua mulher são por conseguinte superficiais. Tal compaixão é inútil e pode irritá-lo e torná-lo rabugento. É melhor ocultar e guardar em segredo os males dos quais todas nós sofremos<sup>444</sup>.

Uma vez que no amor “nada está definitivamente conquistado e tudo deve ser ganho”, a mulher, mais do que o homem, deveria estar consciente disso e não permitir que as coisas

---

<sup>442</sup>Ibidem, p. 224.

<sup>443</sup>Ibidem, p. 224.

<sup>444</sup>Ibidem, p. 224.

acontecessem à revelia. Afinal, a grande aventura do amor não deveria ser deixada ao acaso. A frutificação do relacionamento estaria basicamente sob tutela e poder de manutenção da mulher. O marido representaria a peça fundamental que, secretamente, seria conduzido com jeitinho afastado que qualquer problema. Aborrecê-lo com a administração do lar não seria nada conveniente, afinal, a administração da economia caseira caberia mais à mulher do que o homem, pois “a êle compete a direção geral do lar. As pequenas contas relativas às compras diárias dever ser feitas pela mulher”. Mesmo economizando em roupas, passeios e restaurantes, a dona de casa não deveria ser mesquinha, sabendo receber e dar, pois, economias inúteis prejudicariam a harmonia do casal. Sobre as “ajudas” do marido, deveriam ser aceitas, mas não obrigadas. Dizeres similares ao pode o marido ajudar? de O Cruzeiro<sup>445</sup>.

A jovem casada também poderia tirar férias, sem gastar muito. Os fins de semana e feriados seriam ótimas oportunidades para mudança de ares. Assim, caberia à mulher “preocupar-se com esta questão e convencer o marido a deixar a cidade para descascar e distrair-se”. Isso criaria uma “atmosfera amena e de confiança”. Bem como a rotina de cuidados e zelo com a casa, na qual limpeza, cores vivas e flores não representariam um luxo inútil. Por se tratar de uma tarefa delicada, a administração do lar exigiria a criação de um ambiente agradável, um lugar de repouso e paz. Caso fosse um imóvel alugado, o ideal seria que estivesse no nome da esposa ou do casal. A Enciclopédia atribuía essa necessidade a possíveis questões de reivindicação de imóvel ou de separação do casal.

Fazendo menções ao capítulo que tratava das questões jurídicas, a mulher e seus direitos, a Enciclopédia prosseguia discorrendo sobre a relação entre a mãe e os filhos. Referenciando o passado de total poder tutelar do pai, credenciava às feministas os avanços em direitos da mãe:

Há alguns anos ainda, a mãe tinha poucos direitos sobre os filhos; ao pai cabia todo o poder e autoridade. Êle só não exercia a referida autoridade quando morto, louco ou ausente. Hoje em dia, graças às feministas, que durante longos anos não cessaram de reclamar os direitos da mãe, as leis foram promulgadas e a situação da mulher melhorou, tanto em relação ao marido como aos filhos<sup>446</sup>.

Mesmo conferindo uma conotação positiva em relação aos avanços de direitos da mãe advindos através do feminismo, a pauta da Enciclopédia rondava estritamente os aspectos

---

<sup>445</sup>O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. Novembro (4), 1958.

<sup>446</sup>Ibidem.

intrínsecos a qualidade materna. Na sequência da consideração feminista dizia que “quando as mulheres se casam, elas esperam pôr criança no mundo, constituindo assim o seu lar”, afinal, “uma casa sem criança é um sino sem badalo”. Quando os filhos nasciam, a mãe deveria articular e pensar bem sobre o modo com o qual seriam criados e conduzidos, mesmo porque, as condições físicas e comportamentais das crianças seriam responsabilidades inteiramente dela:

Será necessário insistir sôbre o papel primordial da mãe com relação à criança que vai pôr no mundo? Ela lhe dá, ao mesmo tempo, saúde e vida. Transmite uma boa ou má hereditariedade, suas qualidades e seus defeitos, seus gôstos e suas aversões. As mães devem ser, a um tempo, indulgentes e firmes com seus filhos, procurando descobrir suas más inclinações e lutar contra elas. A educação da criança começa no dia de seu nascimento. Ela deve ser feita com atenção, justiça, benevolência e firmeza<sup>447</sup>.

Era dever da mãe moldar os filhos. Os desvios de conduta, as prerrogativas hereditárias e os gostos duvidosos seriam encarnados na detentora da educação familiar. Portanto, entender tudo aquilo que rondava o universo materno era primordial para que a mulher oferecesse a melhor criação. Compreender os direitos da mulher grávida, ao abono pré-natal, a periculosidade microbiana que envolvia visitas e presentes ao bebê, o abono maternidade, e os deveres recíprocos dos pais e dos filhos, conduziriam esse processo de educação de uma forma regrada e saudável. Caso fossem negligenciados, a educação materna falharia e a delinquência seria o triste caminho de suas crias. Nesse sentido, a Enciclopédia calcava na família (incluindo aí a figura paterna) a vida e o futuro dos filhos:

Estatísticas sôbre a delinquência infantil têm demonstrado que a maior parte das crianças delinqüentes foram negligenciadas pela família, ou ficaram órfãs muito cedo, ou foram abandonadas pelos pais. Cremos não ser preciso insistir sôbre a importância do exemplo dado pela família e sôbre o perigo de mimar demasiadamente os filhos, sem nada exigir deles. É necessário uma educação sólida, disciplinada, sem excesso de tolerância<sup>448</sup>.

Considerando como base familiar sólida a união entre homem, mulher e filhos, a Enciclopédia expressava a relevância dessa congregação para o bom desenvolvimento das crianças. No entanto, atinando que separações e disquetes poderiam ocorrer, aconselhava a mulher, principal responsável pela manutenção do casamento, a tomar atitudes em relação à sua

---

<sup>447</sup>Ibidem, p. 225.

<sup>448</sup>Ibidem.

continuação. Somente nos casos onde todas as tentativas de conciliação fossem feitas com insucesso, sugeria que a mulher pedisse a separação. Versava, assim, a ruptura dos laços conjugais:

Há casos de infelicidade no casamento. Já tivemos ocasião de falar em separação e, quando o espectro do divórcio penetra num lar, não o abandona mais. Note-se que, salvo casos muito graves como por exemplo: abandono do lar por causa de outro amor, a culpa da cisão cabe aos dois esposos. Os cônjuges defrontam-se como dois inimigos; não querem perdoar nem fazer concessões. É uma pena! É preciso que a espôsa esteja consciente das dificuldades que lhe surgirão. É indispensável que ela abandone todo e qualquer ressentimento e procure encontrar desculpas para seu espôso. Está ela certa de ter sempre agido dentro do bom senso e de que nada tem a se reprovar? O marido pode ser incapaz, ou muito negligente, amar o jôgo a bebida ou ser leviano. Todos êsses graves defeitos podem ser corrigidos se a espôsa tiver a coragem de suportá-los e procurar o meio de remediá-los; ela encontrará êsse meio se ainda lhe tem amor suficiente para tentar a prova. Para isso, é necessário muita paciência e abnegação. Frequentemente vemos mulheres que triunfam. Nesse período, elas devem considerar o marido como um doente, que precisa ser tratado, a fim de curar-se. Devem também estar certas de que encontrarão em si mesmas o remédio e a energia necessários para resistir. Isso requer muito tempo e até mesmo anos. Quando se acredita ter ganho a partida, às vezes é preciso recomeçar. Mas, que importa? Tudo será melhor do que a separação, sobretudo se há filhos. Se, por ventura, tais tentativas forem vãs, ela que procure a separação pelo divórcio (desquite em nosso país) ou mesmo pela separação de corpos. Quando o marido não contribui com o dinheiro para o lar é preciso reclamar perante o juiz de paz do distrito em que a pessoa habita, uma contribuição para as despesas caseiras. O divórcio rompe totalmente o laço conjugal. A separação de corpos apenas serve para afrouxá-lo. O divórcio é proibido pela Igreja, mas a separação de corpos é permitida<sup>449</sup>.

Analisando o contexto sociocultural dos anos 1950 e 1960, tendo em mãos os dados anuários do IBGE sobre separações e desquites, vemos a reflexão dessa moral expressa num panorama dominante. Isso, não somente pelos números de ocorrências de separações ou desquites, mas pelos próprios títulos das tabelas e classificações do evento. Até 1954 o termo desquite não era utilizado e as separações eram tratadas na seção de “fenômenos culturais”, assim como as bibliotecas e museus. Entre 1954 e 1962 os casos de desquite passaram a ser associados a temática “aspectos negativos ou patológicos”, ao lado das tabelas sobre suicídios e tentativas de suicídio<sup>450</sup>.

---

<sup>449</sup>Ibidem.

<sup>450</sup>O material produzido pelo IBGE, completa esses dados afirmando que “mesmo depois da separação entre a Igreja e o Estado foi, durante um longo período, inquestionável a influência dos valores religiosos na moral pública. A forma como os rompimentos entre casais está classificada nos anuários demonstra esta força. Desquites são tão inaceitáveis que têm um enquadramento difícil”. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia; Centro de

Os desquites eram, por assim dizer, tomados como excepcionalidade e doença. Nas tabelas do IBGE, esse tipo de processo era classificado em processos concluídos, amigáveis e litigiosos, por unidade da federação. Contemporâneos à época da primeira Enciclopédia da Mulher, em 1956 houve 2734 casos de desquite, em 1957 foram 2785, e em 1958 esse número foi de 3083<sup>451</sup>. Em especial no ano de 1958, 2287 ocorrências foram amigáveis, 221 por conta de adultério, 10 por tentativa de morte, 190 por sevícia ou injúria grave, 376 por abandono de lar, e 13 sem declaração. Em 1501 casos o casamento tinha menos de dois anos. Em 852 ocorrências o casal ainda não possuía filhos. A faixa etária com maior número de desquitados do sexo masculino estava entre 31 e 45 anos, com 1563 casos. Já com as mulheres, essa zona se ampliava, com 1221 casos naquelas de até 30 anos, e 1274 nas de 31 a 45 anos. Um número expressivo de desquitadas, 2235, era qualificada como realizadora de “prezadas domésticas”, e 796 alocadas em “outras profissões”. Já entre os homens, a maioria, 945 casos, concentravam-se no ramo “trabalhadores do comércio e crédito”<sup>452</sup>.

Esses números aliados aos ensinamentos da Enciclopédia ajudam a demonstrar a difícil decisão envolta num processo de separação do casal daquela época. Além das questões legais não facilitarem os trâmites circunstanciais, as pressões culturais que rondavam a mulher desquitada faziam dessa decisão ainda mais dramática. Drama parecido viveria a mulher idosa. Não necessariamente pela “falta” do marido, mas pela “ausência de beleza e juventude”. Tratava-se da desgostosa condição da mulher idosa na família:

Uma das coisas mais desagradáveis para uma mulher é envelhecer. Em toda a parte, a mulher jovem e bonita desempenha um papel primordial. Os homens a examinam, dão-lhe atenção e são seus servos. A mulher que envelhece perde todo seu prestígio e sente cruelmente esta indiferença a seu respeito. Será deplorável se ela se deixar vencer pelo pessimismo e pela amargura. Tornar-se-á então uma velha indesejável, rixenta e maldosa, da qual todas as pessoas jovens se afastarão. Se ela seguir nossos conselhos e permanecer alegre, otimista e sorridente, atrairá os jovens e lhes servirá de exemplo. Envelhecer é natural e tudo o que é natural é bom. A juventude não é apenas um período da vida; é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez do gosto da aventura sobre o amor do conforto. Uma pessoa não fica velha por ter vivido um certo número de anos, mas sim por ter abandonado seu ideal.

---

Documentação; Disseminação de Informações. Estatísticas do século XX. IBGE, Brasil, 2003, p. 158. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv37312.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

<sup>451</sup>Números pequenos se comparados aos atingidos após a lei do divórcio. Em 1984, as separações jurídicas chegaram a 63698. Grande parte delas era de origem consensual (54843), mas em casos litigiosos as mulheres eram maioria em requerentes, uma proporção de 4510 mulheres para 1900 homens. Fonte: IBGE. Diretoria de População e Social, Departamento de Estatísticas Vitais e Sociais, pesquisa Registro Civil. Tabela extraída de: Anuário Estatístico do Brasil 1985. Rio de Janeiro: IBGE, v. 46, 1986.

<sup>452</sup>IBGE, *Ibidem*, p. 159-162.

Permaneceremos jovens enquanto formos receptivas a tudo o que é belo, bom e grande<sup>453</sup>.

Não atrair os olhares e desejos masculinos como antes seria inevitável. No entanto, a mulher idosa não deveria se tornar pessimista e amargurada. Aquelas que conseguissem manter a alegria e o otimismo seriam exemplo para os jovens. O vigor juvenil daria espaço para o ideal jovializado. Assim, a mulher deveria ser receptiva com as situações boas ao seu redor. Receptividade deveria ter também ao longo de sua vida em relação aos compromissos enquanto cidadã. Discorrendo brevemente sobre o assunto intitulado a responsabilidade da mulher perante a pátria, o aspecto mais tocante em relação ao seu dever rondava a obrigação política do voto:

No Brasil, as mulheres votam desde que tenham no mínimo 18 anos. Elas contribuem efetivamente na organização e na direção dos negócios do país. Têm um papel capital a desempenhar tanto do ponto de vista nacional como internacional. Estarão bem conscientes de que delas depende a sorte da nossa existência? Numerosas são as mulheres que se desinteressam do voto. Elas devem formar sua opinião, conhecer o programa dos partidos políticos e refletir sobre as conseqüências de uma indiferença culpável. Quem não vota é alheio ao país. Não há obrigação de tomar parte ativa na política, mas é preciso, indiscutivelmente, tomar parte em tôdas as eleições e procurar a solução mais favorável para o bem-estar de tôdos<sup>454</sup>.

Incorporado à Constituição de 1934, fruto de um decreto de 1932<sup>455</sup>, o sufrágio feminino, segundo a Enciclopédia, fazia parte do contexto ativo da mulher na política. Conhecer o cenário partidário do país e expressar suas reflexões sobre ele através do voto, condizia com sua obrigação maior de continuar garantindo o bem-estar geral da nação, agora em esfera e proporções maiores do que o âmbito familiar e de amizades. Talvez nesse momento, a intenção do discurso na Enciclopédia fosse aproximar a mulher do exercício cidadão mais expressivo, ou seja, a seriedade e relevância na escolha dos representantes da esfera político-administrativa. No entanto, o fato de não explorar o lado que vislumbrasse a mulher candidatando-se ou ocupando um desses cargos, acabava conferindo um teto às aspirações contribuintes da mulher

---

<sup>453</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 225.

<sup>454</sup>Ibidem, p. 225.

<sup>455</sup>Ocorrido durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), através do Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, no qual, de acordo com o Art. 2º “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código”. Fonte: Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 jan. 2019.

dentro da nação<sup>456</sup>. Da mesma maneira que não assimilava a pessoa do sexo feminino em colocações trabalhistas de chefia, o faz com a política. Como trouxemos outrora, a posição política mais cabível à mulher no contexto dos 1950 e 1960 expressava-se na figura das primeiras-damas<sup>457</sup>.

O capítulo a mulher e a vida social da Nova Enciclopédia da Mulher, apresentava aspectos muito similares aos da edição de 1958: as mesmas preocupações com as amizades da jovem, as dicas sobre orientação profissional, a importante escolha das amizades, as diversões moderadas, a vocação natural ao casamento, o projeto delineado em prol de uma união marital feliz, a razão de ser e de administração do lar da mulher casada, o caráter rígido e amoroso de educação dispensada aos filhos e a difícil chegada à velhice. Porém, alguns elementos são incorporados nesses entremeios ou fora deles, como o caso discursivo a respeito da mulher só. Partindo das afirmativas de que “nem tôdas as moças se casam”, “nem tôdas as uniões são felizes” e que “muitas mulheres ficam viúvas”, tecia a possibilidade de uma vida só e independente. Pontuava que:

Tais mulheres ganham sua vida: tôdas as atividades estão abertas para elas. Uma grande parte do tesouro nacional gira em suas mãos: proprietárias de imóveis, de bens móveis, dirigem seus próprios interesses. Reencontram os prazeres da juventude, se interessam por arte, música, literatura; viajam, algumas vezes sòzinhas, outras vezes em grupos; têm amigos, fazem festinhas em suas casas, se divertem como podem. Uma mulher só, hoje em dia, não está deslocada em lugar algum<sup>458</sup>.

A “mulher só” poderia ainda dedicar-se ao inesgotável campo de atividades oferecidas pelas obras de caridade. Às moças nessa condição, era sugerido o enriquecimento da personalidade, uma vez que, não pretendendo o casamento teriam outras possibilidades para no futuro não considerarem sua vida sem sentido. Possibilidades estas não exclusivas à formação profissional, “mas também uma cultura suficiente para saber apreciar as alegrias do espírito”:

---

<sup>456</sup>Antes da década de 1950, poucos foram os casos de mulheres a frente de agremiações com caráter político-partidário. Entre os casos mais célebres, podemos citar Leolinda Daltro e Gilka Machado, em 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino (PRF) no Rio de Janeiro (a intenção era a luta por condições de trabalho e sufrágio); em 1922 com Bertha Lutz e a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha objetivos similares ao PRF acrescido de articulações políticas e lançamento de candidaturas femininas; tivemos também, em 1931, a sufragista Natércia da Silveira, gaúcha e dissidente da “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, fundadora da Aliança Nacional de Mulheres. Cf. COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. Revista Psicologia Política, v. 9, n. 17, p. 85-99, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v9n17/v9n17a06.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.

<sup>457</sup>FERREIRA & GOMES, Op. Cit., 2014.

<sup>458</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 318.

Quanto às mulheres sós, gozando desta independência invejada pelas espôsas mais sobrecarregadas, devem ainda saber que a vida é inesgotável e que nunca se sabe o que pode acontecer. Devem saber, por fim, que a única solidão é o egoísmo<sup>459</sup>.

Um sentimento que ia contra a natureza da mulher: o egoísmo. Apesar do poder emancipatório que havia galgado, ela deveria ser agradável e pensar naqueles que estavam a sua volta, em sua família. Para que tivesse bem definido seu papel na vida social precisava entender os “domínios cada vez mais surpreendentes” que a vida moderna teria a lhe oferecer:

Dia a dia cresce o número de mças que freqüentam a Universidade e, nas Faculdades de Filosofia, chegam a um número maior do que os rapazes. As publicações que se destinam às leitoras femininas multiplicam constantemente suas tiragens. Não está longe o tempo em que não nos surpreenderemos em ver a mulher em tôdas as profissões<sup>460</sup>.

A expectativa de, um dia, ser comum a presença das mulheres em qualquer tipo de profissão, demonstrava as projeções em relação aos avanços de direitos e de conquistas do espaço público, principalmente através da movimentação feminista. Essa perspectiva era acrescida ao “rejuvenescimento” das mulheres desempenhando essas funções, tanto na idade (dando exemplo das jovens escritoras que publicavam romances de sucessos), quanto na aparência:

As menos jovens não deixam aparecer as rugas: esportes, cuidados higiênicos e beleza não são suficientes para explicar o prolongamento da juventude e o desabrochar da idade madura; é preciso, sem dúvida, atribuí-lo antes de mais nada a um milagre da vontade. Outro milagre evidente é a multiplicação repentina de atividades femininas não ter feito perder, de forma nenhuma, sua feminilidade. O espetáculo é cotidiano e já não surpreende ninguém hoje em dia: as mulheres que se realizam na vida profissional e na vida familiar e não são mães menos solícitas ou donas de casas menos capazes do que as que se dedicam inteiramente às tarefas domésticas. É claro, uma vitória como esta não é obtida sem esforço; o aperfeiçoamento moderno dos aparelhos domésticos e dos produtos de beleza são apenas recursos secundários, porque o que realmente influi é o desaparecimento total da preguiça<sup>461</sup>.

A função multitarefas da mulher estava lançada. Além de desempenhar brilhantemente seu papel no mercado de trabalho, daria conta na mesma proporção da casa e da vida familiar.

---

<sup>459</sup>Ibidem, p. 318.

<sup>460</sup>Ibidem, p. 313.

<sup>461</sup>Ibidem, p. 313.

Aquelas que não lograssem êxito conviveriam com o estigma da preguiça, mesmo porque as facilidades trazidas pelo setor cosmético (para manter-se bela) e eletrodoméstico (conferindo agilidade nos afazeres do lar) não permitiriam a desculpa da “falta de tempo”. Por mais desgastante que fosse, fazer tudo com perfeição seria possível.

Outros três pontos relacionados às mudanças no discurso da Enciclopédia da Mulher para a Nova Enciclopédia da Mulher, condizem com as oportunidades da jovem, da mulher casada e o acréscimo de circunstâncias para a mulher idosa. No caso da jovem, era exemplificado o caso de moças interioranas que, ao irem estudar em faculdades de centros maiores, deveriam alugar um quarto numa casa de família ou viver em pensionatos para moças. Precisariam aprender uma ou várias línguas estrangeiras para terem o prazer de ler livros na língua original ou saberem se expressar em viagens internacionais com uma possível bolsa de estudos. Carreiras de “realização sensacional” fadadas ao fracasso, deveriam ser evitadas: entre elas, dança, teatro, cinema e televisão. Era importante manter os pés no chão e ter em mãos uma profissão sólida, não bastando apenas a espera pelo “príncipe encantado”. Quando conseguisse um par, poderia optar em prosseguir ou não sua carreira. Mas, uma coisa era certa: seria no trabalho que a jovem tomaria contato pela primeira vez com “as realidades da vida”, aprendendo “a aceitar as relações cotidianas com os colegas e superiores”.

As “mimadas” não teriam vez, pois, certas tradições como as vantagens em se aprender a ser dona de casa e a passagem das receitas de mãe para filha deveriam continuar sendo valorizadas e preservadas. Os momentos de diversão, assim como a amizade entre rapazes e moças, estariam liberados, entretanto, caberia aos pais dosar de acordo com cada circunstância, os níveis de liberdade. Além deles, o discernimento da própria jovem era fundamental para saber o que poderia ou não fazer. No mais, todos os movimentos e pensamentos levavam para o mesmo caminho expresso na maioria dos capítulos enciclopédicos: o encontro daquele que viria a ser o sonhado marido:

É normal que uma môça procure se divertir; não se pode exigir de uma jovem que não seja vaidosa, é preciso encorajar as que são tímidas e têm tendências ao complexo de inferioridade, mostrando-lhes a salientar seus valores. Seria enganar as môças tentar fazê-las crer que agradarão por suas qualidades; agrada quem agrada, mas para isso não é preciso ser bonita – qualquer jovem pode ser encantadora, se alegre e cuidadosa com sua aparência. E as qualidades, se não são suficientes para agradar aos rapazes, talvez sirvam para retê-los...<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup>Ibidem, p. 315.

A presumível conclusão dessa argumentação era a assertiva recorrente: “a vocação natural das jovens é, sem dúvida, encontrar um marido”. Deveria ela procurar um rapaz honesto que pretendesse “fundar um lar”. Aos galanteios de homens casados deveria afastar-se com firmeza e sem hesitações. Ter filho de uma união ilegítima seria deplorável, pois a criança fruto dessa situação teria de lutar sempre “contra os velhos preconceitos” sendo uma inocente vítima.

Sobre a mulher casada, a Nova edição trazia que “o velho costume de não caber ao homem as tarefas domésticas ainda não desapareceram”, mesmo que a tendência dos novos casais fosse “instaura-se uma colaboração mútua”. Mas, independentemente disso, “quaisquer que sejam suas atividades exteriores, a mulher permanece dona de casa”. Daí uma explicação mais nítida para a jovem seguir a tradição doméstica e culinária de sua mãe. Trazendo aspectos em relação à administração do orçamento doméstico, possuindo bom gosto, as mulheres não se deixariam levar pelas excentricidades, mesmo que as agências de publicidade – sabendo da posição da mulher como “grande compradora do mundo” – distribuíssem uma carga maior de anúncios. A Nova Enciclopédia constatava ainda que “as grandes correntes industriais” estariam “condicionadas aos efeitos da publicidade sobre a mulher”. Isso ocorreria pelo fato de os homens não terem muitas necessidades, e elas, frente a vida moderna, terem transformado o saber comprar em uma arte.

Primoroso seria se essa mulher consciente e de bom gosto desempenhasse o papel mais importante ao lado do marido em sua carreira profissional, pois “não há carreira masculina que não possa ser favorecida pelos esforços da esposa”. Se ele fosse operário, ela ajudaria na preparação da marmita e de um ambiente confortável para descanso. Caso fosse médico, nenhuma secretária ou enfermeira conseguiria substituir o papel de uma esposa que seria ela própria “um pouco médica também”. O mesmo ocorreria com a esposa do comerciante e o trato com as contabilidades do estabelecimento. O que nunca deveria faltar era o apoio no plano moral. A dica: “ouvir, ouvir, somente, já é muito”, mesmo que não tivesse respostas (e, talvez, o marido nem as quisesse). Mas se conseguisse aconselhar, teria duas qualidades capazes de triunfar sobre qualquer obstáculo. Mesmo tendo a mulher “menos equilíbrio que o homem, menos objetividade” possuiria “incontestavelmente mais intuição, mais espontaneidade e reações mais rápidas e estas tendências profundas de sua natureza” se encontrariam em “tôdas as suas ações”<sup>463</sup>.

---

<sup>463</sup>Ibidem, p. 316-317.

Finalmente, sobre a mulher idosa, além de ressaltar a sofreguidão com a chegada da velhice, a Nova Enciclopédia sugestionava que com o fim da beleza do rosto, as rugas, cabelos brancos e amargura tendiam a fazer da senhora uma “idosa implicante de quem os jovens se afastam”. Para tanto, jornais, televisão e rádio seriam uma boa forma de entretenimento e atualização nessa etapa da vida. Além disso, o esforço e compreensão mútua dos familiares (em especial, filhos, genros e noras) convivendo com a vovó criaria um ambiente de bastante mimo. Em casos de “difícil entrosamento familiar”, era recomendado a procura por “organizações de recolhimento de ancião”. Os asilos e casas com instalações hospitalares eram apontados como lugares de crescente busca. No entanto, “lembrar-se que um dia será também velhinha frágil e que se sentirá grata aos que a rodeiam, se tiverem um lugar para você em seu seio familiar”, era a reflexão que encerrava o capítulo remetendo ao “ciclo insuperável” da vida.

## **A mulher e o trabalho**

A mulher e o trabalho aparecia como capítulo exclusivo da Nova Enciclopédia da Mulher. Nele, abordava-se as profissões que seriam ideais à noção de feminino e as possíveis circunstâncias envolvendo a mulher nos ramos profissionais. Ter um espaço dedicado às discussões trabalhistas, mesmo priorizando as conotações “*vocação feminina*” e “*enquadramento feminino*”, demonstrava a necessidade da edição de 1968 em adaptar-se às demandas sociais de seu tempo. Nesse rumo, partia problematizando a linguagem corriqueira que classificava as mulheres entre “as que trabalhavam” e “as que não trabalhavam”, ou seja, as que exerciam uma profissão externa ao lar e as que eram donas de casa:

Mulheres que trabalham... Mulheres que não trabalham... Classificação rígida que exclui aquelas que de manhã cedo até tarde da noite se desgastam em sua casa, fazendo limpeza, cozinhando, pondo tudo em ordem, realizando enfim uma tarefa considerável, mais de pé que sentadas, com maior número de horas de trabalho do que uma operária, e tanta responsabilidade como um diretor de empresa<sup>464</sup>.

Utilizando-se da linguagem social empregada para definir o lugar ocupado pela mulher, a Nova Enciclopédia afirmava que certas fórmulas consagradas, como a “mulher que trabalha”, tangenciavam-se àquelas que deixavam suas casas nos dias úteis para realizar um trabalho exterior ao lar e recebiam uma remuneração por isso. Do outro lado, estavam as “sem profissão”

---

<sup>464</sup>Ibidem, p. 319.

ou “domésticas”, que mesmo não tendo uma atividade profissional não deveriam ser vistas como “as outras que não fazem nada”. No entanto, a Enciclopédia fazia questão de frisar as mudanças advindas com a modernidade e, por conseguinte, os lugares que as mulheres haviam galgado:

Após o comêço dêste século, um grande número de mulheres passou a exercer uma atividade remunerada. Segundo as estatísticas, cada vez mais se intensifica o trabalho feminino. Quando mais desenvolvido o país, maior o número de mulheres que trabalham fora de casa. Tem se observado também que há uma tendência de maior especialização com o incremento de estudos médicos e superiores. Hoje as Universidades brasileiras provam que a mulher estuda mais e se especializa em campos que outrora não lhe eram acessíveis. Esta evolução no plano mundial, é favorável à mulher, que no decorrer dêste século, tem-se elevado na escala profissional. Por exemplo, na França, recenseamentos recentes demonstram que o índice de atividade das mulheres aumenta com o nível de instrução: 41% das mulheres em idade de trabalhar, sem nenhum diploma, trabalham fora de casa; êste índice sobe para 65% para as que têm estudos superiores e são titulares de um diploma. Claro que a realidade francesa está um pouco distante da nossa, mas mesmo nos países em desenvolvimento como o nosso, as tendências são semelhantes<sup>465</sup>.

A conquista de espaço, nos setores acadêmico e trabalhista, estava relacionada aos avanços possibilitados pelo cenário desenvolvido ou em desenvolvimento dos países. O exemplo da França e as considerações sobre as diferenças existentes entre a condição estudantil e profissional das francesas e brasileiras, dava indícios das perspectivas acerca da continuidade de um processo, ou seja, da especialização e alocação feminina cada vez maior e mais concisa nos postos de trabalho. A relação estabelecida entre o grau de instrução e a maior porcentagem de trabalhadoras fora de casa, retomavam as considerações “culturais” de outros capítulos – nos quais, timidamente e com intuito exclusivo de saber se portar no âmbito social e na conquista de um marido, ter “conhecimento de mundo” com a aprendizagem artística, econômica e de línguas estrangeiras, era primordial. No entanto, ao tratar das profissões enquadradas com a vocação feminina voltava a restringir essa ampliação participativa das mulheres:

Certas profissões têm um caráter de tal forma feminino que são praticamente exercidas na totalidade por mulheres. Isso ocorre nitidamente na profissão de enfermeira e no secretariado. Outras tendem a se feminilizar, porque exigem qualidades que são seguidamente o apanágio das mulheres: ensino, trabalho de escritório. Outras, por fim, que permaneceram fechadas até há bem pouco tempo para o sexo chamado fraco, estão aceitando as mulheres que provam um caráter suficientemente viril para realizarem aí um bom trabalho. Assim

---

<sup>465</sup>Ibidem, p. 319.

vemos mulheres no campo da indústria, engenharia, decorações, tabelionato e mais recentemente na cirurgia<sup>466</sup>.

Quanto mais “masculina” fosse a profissão, mais “virilidade” teria de apresentar a mulher para “provar” sua capacidade de operacionalizá-la. Como vimos nas discussões de moda, até o vestuário interferiria nessa imagem – com neutralidade e sobriedade. Em contraponto, as profissões de enfermeira, auxiliar de puericultura, massagista e parteira, ou seja, trabalhos ligados aos cuidados e à intimidade feminina, por não contarem com participação preponderante masculina, representavam um setor essencialmente dedicado a elas. A ortofonia (“reeducação da voz”) ortoptia (“reeducação dos olhos”) e ergoterapia (“reeducação dos dentes”), eram tratadas como os “novos campos de reeducação” com “recrutamento feminino em massa”. Dizia-se, ainda, que nos países desenvolvidos as mulheres vinham ocupando lugares no campo dialético e na manipulação de aparelhos de radiologia. Por “aliar qualidades de devotamento a um senso perfeito de organização e a um espírito um pouco jurídico”, o serviço social se encaixaria nos tributos mais seguidamente femininos que masculinos, daí “a presença quase exclusiva feminina”. No entanto, o trabalho mais completo em atender as qualidades da mulher merecia maior atenção. Tratava-se do secretariado:

Um trabalho essencialmente talhado para mulheres: o secretariado. Para ser uma eficiente secretária é necessário ser estenodatilógrafa e a destreza que esta profissão requer não se encontra muitas vezes entre os homens. Esta atividade tão desacreditada (uma jovem entre duas a quem se proponha ingressar nesta atividade, responde: ah não! não quero ser secretária!) exige um bom nível escolar e hoje, pelo menos, o nível ginásial é necessário. Afinal, o que é uma boa secretária? É a colaboradora direta e permanente para um quadro, para um patrão. Deve ser capaz de acompanhar intelectualmente aquele com quem trabalha de apresentar mil e um aspectos diferentes: a secretaria numa editôra terá um trabalho totalmente diverso daquela que estiver empregada numa indústria têxtil ou numa agência de viagens. Seguindo seu gosto, a jovem secretária escolherá um rumo. E o fará com relativa facilidade, pois o mercado de trabalho neste domínio é bem amplo: uma secretária qualificada tem diante de si numerosas possibilidades, sobretudo nos grandes centros industriais. Através de um simples anúncio, uma môça, se tiver realmente boas referências, recebe várias propostas de trabalho compensadoras. Enfim, o secretariado é, muitas vezes, a porta estreita que favorece o acesso a uma situação de responsabilidade: o diretor que pode apreciar todos os dias as qualidades de sua secretária, é levado a confiar-lhe tarefas cada vez mais importantes e lhe oferecer um cargo de mais elevada qualificação. Não se deve esquecer também que o secretariado inclui especialização: secretária bi ou trilingüi, secretária de consultório médico, secretária de escritório de Arquitetura, de Engenharia. No fundo, é uma

---

<sup>466</sup>Ibidem, p. 319.

assistente do trabalho especializado, pois está ao lado dos realizadores em todos os estágios de seu trabalho<sup>467</sup>.

A mulher como “assistente do trabalho” era uma constante nesse discurso. As possibilidades de ascensão poderiam aparecer, mas cargos de chefia não seriam cogitados. Aspirações moderadas diante do cenário resplandecente das primeiras conquistas. A Nova Enciclopédia apontava que cinquenta anos após as conquistas das mulheres no campo do trabalho, elas partilhavam seus lugares com os homens nos mesmos setores. Trazia como exemplo dessa assertiva o magistério. Se em 1900 pontuava que os homens lecionavam aos meninos e as mulheres às meninas, aos poucos o sexo feminino havia provado que “o ensino era do seu domínio, que eram educadoras por natureza e que suas qualidades intuitivas e pedagógicas se expandiam plenamente neste campo profissional”. Afinal, ser professora correspondia a desempenhar um “trabalho essencialmente feminino, sinônimo de devoção, de paciência e de abnegação”<sup>468</sup>. Outrora vimos os argumentos médicos que também sacramentavam essa visão. Contudo, as características que colocavam a mulher como apta e ideal ao exercício do magistério transcendiam o discurso médico. A fragilidade feminina, envolta em sua proteção e tutela, constituía-se no discurso religioso, jurídico e educacional. Para Guacira Lopes Louro esse foi um processo delineado ainda no final do século XIX. Nele, configurou-se uma dupla marca de modelo religioso e de metáfora materna, dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício:

Os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável – no sentido mais amplo do termo. A esses argumentos iriam se juntar, também, os novos conhecimentos da psicologia, acentuando a privacidade familiar e o amor materno como indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. O casamento e a maternidade eram efetivamente construídos como verdadeira carreira feminina. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio da norma. [...] as atividades profissionais representavam um risco para as funções sociais das mulheres. Dessa forma, ao se familiarizarem, algumas ocupações, a enfermagem e o magistério, por exemplo, tomaram emprestado as características femininas de cuidado, sensibilidade, amor, vigilância etc<sup>469</sup>.

---

<sup>467</sup>Ibidem, p. 320.

<sup>468</sup>Ibidem, p. 320.

<sup>469</sup>LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In.: DEL PRIORE, Mary (Org.). Op. Cit., 2015, p. 443-481. Sublinhado da autora.

Nos anos 1960 essa ótica permanecia. E o que antes era um incentivo para a ocupação de cargos “sensíveis” após a frequentação do Curso Normal, havia se transformado em um discurso de profissionalismo do ensino que se dava através do Instituto de Educação. Para Guacira Louro durante as décadas de 1960 e 1970, nas quais o Brasil vivia “os anos mais severos do regime militar, com forte fechamento político-institucional, repressão aos movimentos sociais e explícito controle sobre as atividades culturais, educacionais, políticas e religiosas”, “o discurso pedagógico também contribuía para os interesses dessa ordem e traduzia-se numa regulação muito direta da ação dos agentes educativos e do processo de ensino-aprendizagem”<sup>470</sup>. Do mesmo modo, a Nova Enciclopédia prosseguia fomentando o elo inabalável entre magistério e maternidade, não somente como eixos complementares, mas em interseção. Os horários da profissão enquadravam-se perfeitamente às demandas da “mãe de família”. Era este o fator que condicionava “a opção do magistério, da parte de muitas môças”:

Estar em casa no mesmo horário que seus filhos, eis o sonho de qualquer mulher que se vê afastada do lar, devido ao trabalho. Apesar disso, as candidatas ao professorado nunca devem esquecer que, para esta carreira, é preciso ter um sistema nervoso bem equilibrado e resistente, bem como uma personalidade que irradie autoridade (sem que a mesma seja imposta com princípios de força, desatualizados da didática moderna). Esta profissão, por isso mesmo, registra maior número de depressões nervosas<sup>471</sup>.

Após apresentar as fadigadas sobreposições do magistério, a Nova Enciclopédia discutia as posições avançadas, ou seja, as profissões que não seriam “femininas por natureza”, mas que as mulheres haviam galgado espaço em seus domínios e que poderiam ser acomodadas à vivência delas. Eram elas: farmácia, odontologia, medicina, magistratura, administração e arquitetura. Mesmo não possuindo os traços idoneamente femininos representados pela secretária e pela professora, a farmacêutica era atraída para a profissão “pela perspectiva sedentária, semelhante à do lar”. As dentistas, apesar do número crescente, não se infiltravam na área das próteses dentárias. Do um quarto de adeptas entre os homens, estudantes dos cursos de medicina, grande parte pendia para a pediatria ou ginecologia. Elas no ramo da cirurgia, só ocorria nos países mais desenvolvidos. Além disso, duas advertências: formar-se médica não conduziria diretamente a mulher ao exercício da profissão, e havia a possibilidade de os clientes não confiarem suas vidas “às mãos e nervos por vêzes frágeis das mulheres”.

---

<sup>470</sup>Ibidem, p. 472.

<sup>471</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 321.

Caso escolhessem a magistratura, fariam por ser “atraente para a jovem que tenciona casar”, uma vez que “o exame de autos se concilia com o lar, pois poderá fazer êste trabalho em casa”. Se precisasse ir ao tribunal, não se preocuparia, porque não seria uma tarefa diária. Poderiam ser admitidas como advogadas, procuradoras, escritãs e tabelioas. A Nova Enciclopédia trazia que além de não contar com uma presença feminina muito numerosa, as mulheres na magistratura ocupavam funções secundárias, muitas vezes sucedendo marido ou pai. Seria mais fácil “se impor” na administração ou no escritório “do que construir seu lugar entre colegas pouco dispostos a acolher as novas concorrentes”. Na arquitetura, apenas o comentário de que “as mulheres têm se saído bem nesta profissão”.

No tópico seguinte, os últimos obstáculos, tratava-se do fato dos homens não se agradarem dos avanços profissionais das mulheres: “muitos continuam a afirmar que as mulheres nunca poderão realizar senão trabalhos subalternos”. Já “outros apontam para a necessidade de sua presença no lar e com isso recusam qualquer discussão sobre o assunto”. Problematizava-se o momento em que as mulheres chegavam aos cargos de responsabilidade e os homens precisavam obedecê-las. Alguns, com ressentimento, não admitiam essa situação. Revoltas profissionais masculinas existiam quando uma profissional ascendia aos postos de direção. Para que não ocorressem, a mulher deveria apropriar-se de sua característica mais intrínseca para saber agir, a intuição:

A intuição feminina será, nestes casos, um dos maiores recursos e os métodos de direção serão mais seguidamente a gentileza e a afabilidade do que a pura autoridade. E, sobretudo, os trunfos mais poderosos de uma mulher que é chamada a dirigir, serão seus diplomas e competências, que devem ser, em todos os casos, superiores aos daqueles que poderiam ter competido pelo mesmo pôsto. Esta regra é válida para todos os níveis; será necessário para uma mulher qualificação mais elevada a fim de atingir o mesmo cargo que um homem<sup>472</sup>.

Assim, intuição, gentileza e afabilidade, aliadas a um grau de formação superior ao de qualquer concorrente do mesmo cargo, fariam da mulher respeitada. Ela não deveria ser autoritária, como os homens que desempenhavam sua função, nem possuir qualificação equiparada. Deveria ser mais zelosa e instruída. Ao mencionar o slogan “para o mesmo trabalho, o mesmo salário”, uma crítica: a frase não colocaria a essência da questão. Seria mais apropriado “para a mesma qualificação o mesmo salário”, pois no Brasil a mulher raramente teria condições iguais de trabalho ao homem. Haveria barreiras reais para que as mulheres não

---

<sup>472</sup>Ibidem, p. 322.

alcançassem todas as profissões. A condição de ser do sexo masculino, exigida em alguns concursos, exemplificava a demanda. Aos nevrálgicos à ocupação feminina, algumas justificativas:

Um dos argumentos masculinos que negam à mulher a possibilidade de ascender a tôdas as carreiras, são as ausências obrigatórias ao trabalho. As mulheres que faltam menos do que os homens nos casos de doenças secundárias, têm em contrapêso as licenças de parto. Por outro lado, ficam em casa no caso de doença de um filho. Enfim, a fadiga que uma mulher acumula, quando obrigada a cuidar de sua casa e efetuar tarefas fora de casa num trabalho assalariado, pode também provocar um número maior de faltas<sup>473</sup>.

Justificativas que remetiam, novamente, ao universo obrigatório e paralelo à profissão mundana da mulher: a inexorável vivencia feminina no lar, suas obrigações com a casa e filhos. Não à toa, na continuação dessa discussão, vinha o maior tópico do capítulo, chamado a mãe de família e o trabalho. O primeiro dilema lançado girava em torno daquela dona de casa e mãe de família que trabalhava “há dez ou quinze anos dramáticos” e que possuía filhos pequenos. Para essa mulher duas opções: parar de trabalhar fora de casa para se dedicar aos filhos ao mesmo tempo que constatava o orçamento mensal diminuir, ou “viver uma vida de inferno” trabalhando forçosamente quatorze horas por dia com a cabeça cheia de preocupações. Independente da difícil escolha, a certeza: “nenhuma assalariada, por mais dedicada que seja, poderá dar a seus filhos tôda afeição e solicitude de que êles necessitam”. Se essa mulher fosse de uma camada social mais elevada, precisando desassociar seu tempo em recepções, festas e visitas, essa dedicação ficaria ainda mais precária. Para tanto, só haveria uma opção: o meio turno ou tempo não integral. Inclusive, se um dia a mulher quisesse voltar a trabalhar em tempo total, quando os filhos já estivessem crescidos, o faria sem impedimentos ou problemas de reintegração.

Apesar de ser tomado como a solução da mãe e dona de casa assalariada, a Nova Enciclopédia trazia que “os militantes do sindicalismo”, temendo ver a mulher explorada, eram adversários do meio turno. Isso ocorreria por “medo que o patronato, dispondo de uma mão de obra suplementar e menos dispendiosa” provocasse o desemprego de homens que reclamassem salários mais altos. Ou ainda, “algumas associações, um pouco sufragistas, viram no meio turno uma depreciação do trabalho feminino, e querendo tonar a mulher igual ao homem, negam as submissões psicológicas de nosso sexo”. Colocava-se também o lado dos empregadores que

---

<sup>473</sup>Ibidem, p. 322.

não levariam a sério as mulheres que procuravam o meio turno ou veriam o serviço em tempo não integral como fator prejudicial à empresa. Tão logo, empregos de “diretoria ou cargo importante” não poderia ser ocupado apenas em meio turno, já outros, como vendedoras, estenógrafas, datilógrafas, laboratorialistas, professoras e enfermeiras, sim.

Nada melhor seria, entretanto, que o trabalho em domicílio:

Muitas mulheres gostariam de trabalhar em domicílio. Seria, com efeito, a solução ideal para a mãe de família; ela poderia, assim, ao mesmo tempo contribuir para o orçamento, cuidar de seus filhos e ainda dirigir as lidas domésticas. Infelizmente o trabalho a domicílio apresenta dois inconvenientes: é geralmente mal pago e há dificuldade de encontrar tal tipo de trabalho<sup>474</sup>.

Recomendava-se alta especialização para os cargos a domicílio, fosse ele de confeccionista, encadernadora ou habilitada para o tricô feito à máquina. O emprego de datilógrafa até poderia ser encontrado para fazer a domicílio, mas o salário seria muito baixo. O emprego de tradutora de editora, por sua vez, seria uma ótima escolha, assim como contabilista e modista.

Imagem 22: A Mulher e o Trabalho



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 316 e 324.

Um outro aspecto abordado era a mulher que buscava trabalhar quando alcançada a “meia idade”, ou seja, quando chegava “depois dos trinta anos”. Dentre os casos dessa faixa etária estariam as viúvas, desquitadas, esposas cujos maridos adoeceram ou que sofreram

---

<sup>474</sup>Ibidem, p. 323.

adversidade nos negócios. Mas então, o que poderia a “senhora” fazer? Apesar de serem ótimas donas de casa, para conseguirem um emprego (pesquisando o tipo de trabalho recorrente oferecido em sua localidade) deveriam ter qualificação. Se não tivessem deveriam voltar à escola. Afinal, “ninguém corre os mesmos riscos com uma senhora de mais de trinta anos” do que com uma jovem sem conhecimentos específicos. Escolas noturnas, cursos de datilografia e estenografia eram a indicação. A formação profissional de adultos conferiria em tempo recorde o aprendizado essencial de uma profissão. A senhora poderia se formar modista, desenhista, estenodatilografa, secretária, técnica em eletrônica, física ou química.

Por último, são abordados os empregos de futuro, ou melhor, os empregos sonhados. O trabalho como aeromoça e como manequim são os dois grandes exemplos. Apesar do uniforme atraente e viagens diversas do primeiro, e da lida com institutos e produtos de beleza no segundo, não eram empregos considerados reais, pois não responderiam “às tendências naturais da pessoa” que exerceria tais atividades. “Com as primeiras rugas, a aeromôça e a manequim se encontram desempregadas”. Caso a jovem escolhesse ser estrela de cinema, iria de desilusão em desilusão passando trabalho para se manter jovem e feliz. Independente dos avanços, era necessário que a mulher salvaguardasse sua feminilidade:

As conquistas femininas não terminaram, as mulheres ainda muito surpreenderão e talvez revoltarão os homens. Mas jamais devem esquecer-se que são mulheres, o que é seu mais glorioso título. Penetram em algumas profissões que julgávamos reservadas aos homens; está certo. Mas devem criar um estilo que lhes seja próprio e evitar o duplo excesso de uma feminilidade exagerada, deslocado do mundo dos homens, ou uma masculinização acentuada que faria com que se tornassem seres assexuados<sup>475</sup>.

A mulher deveria, dessa maneira, utilizar-se daquela qualidade primordial (sua intuição), para que em sua ascensão soubesse se controlar. Dessa maneira, saberia perfeitamente compreender até onde poderia ir e quais os caminhos que deveria evitar. Não seria nem escandalosamente feminina, nem masculina ao ponto de tornar-se “assexuada”. Ou seja, saberia controlar seus voos para não ir longe demais dos domínios de seu conhecimento, em especial, dos domínios de seu lar.

---

<sup>475</sup>Ibidem, p. 324.

## Horas de folga

A Enciclopédia da Mulher e a Nova Enciclopédia da Mulher, no capítulo horas de folga, exploravam basicamente as leituras femininas e os jogos e brinquedos infantis. Prezando a leitura de livros para as mulheres, as edições recomendavam listas de materiais a serem pesquisados e conhecidos. A versão de 1958 trazia que, sendo o trabalho feminino no geral maquinal, exigindo pouca ou nenhuma atenção e nenhum espírito inventivo, deveria a mulher buscar nos livros as histórias para a sua imaginação. Mas, o que ler?

O romance de amor ocupa, na escolha de nossos livros, um lugar considerável. A preferência pelo sentimental, pelo romanesco é em nós inata; gostamos das aventuras amorosas e nos inclinamos com interesse para os problemas do coração. Inúmeros livros e revistas defôrmas esse gôsto, alimentando nas suas leitoras um idealismo um pouco ingênuo, uma cultura simplória, que nada tem que ver com a psicologia e a vida<sup>476</sup>.

Buscando uma visão nova e audaz sobre o tema tradicional do amor, narrativas bem conduzidas entre sentimentos e mistérios precisavam ser delineadas. Para tanto, existiam autores nos quais marcas da idade e grau de cultura não seriam impedimentos para apreciação dos prazeres da leitura. Dentre os brasileiros: Erico Veríssimo, com *O Tempo e O Vento* e *A Vida de Joana D'Arc*; Lima Barreto, com *Histórias e Sonhos*; Eça de Queirós, e *Os Maias*; e Machado de Assis, com *Memórias Póstumas de Braz Cubas* e *Dom Casmurro*. Entre os internacionais: Thomas Merton, com *A Montanha dos Sete Patamares*; Emily Brontë, com *Jane Eyre*; e Pearl Buck, com *Pavilhão de Mulheres*. Vinculando as paixões ao feminino, dissertava que:

As obras romancistas femininas ocupam importante lugar nesta lista. Seu sucesso é incontestável. Não é efeito de uma moda nem de esnobismo; provém, talvez, de uma qualidade diferente da imaginação. Imaginação mais próxima do sonho, do maravilhoso, em que toda mulher se sente tão facilmente à vontade, “necessitante de menos matéria para exprimir-se, e menos coordenada, menos lógica, menos desprendida da vida afetiva à qual volta sempre. Literatura mais matizada, mais íntima”, no conjunto mais apto para seduzir um espírito feminino. Porque fazemos nossas as paixões e ações de seres diferentes e imaginários, uma tarde de leitura pode ser mais cheia de acontecimentos do que toda uma vida. Um romancista capta inteiramente nossa atenção, redobra nossas emoções e cria em nós êsse estado interior, graças ao qual transmite da maneira mais eficaz a sua experiência humana<sup>477</sup>.

---

<sup>476</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 243.

<sup>477</sup>Ibidem, p. 244.

A Nova Enciclopédia da Mulher reproduzia algumas listas como: biblioteca de base, obras de consulta, biblioteca básica para literatura brasileira, além de uma discoteca de base com obras da idade média, renascença, séculos XVII, XVIII, XIX e XX, música moderna, ópera, jazz e clássicos brasileiros; referente a estes últimos citava Alberto Nepomuceno, Camargo Guarnieri e Heitor Villa-Lobos.

Boa parte dos ensinamentos sobre os filhos presentes na Nova edição faziam parte do capítulo a mãe e a criança da Enciclopédia da Mulher. Da iniciação ao conhecimento de mundo do bebe, à descrição e utilização dos brinquedos. Da arte de contar histórias à lida da mãe com os vários filhos.

Imagem 23: Futuros Profissionais X Mamãe em Potencial



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 330 e 332.

Em especial, na parte sobre a educação de meninas, as Enciclopédias traziam assertivas que valem ser destacadas. Ao considerarem a menina uma “mamãe em potencial”, exploravam que:

As meninas – algumas gostam das mesmas coisas que os meninos e reclamam ainda bonecas e também caixas de costura mais bem equipadas. Ofereça agora uma linda boneca que será acarinhada ainda por muitos anos. Não faça as roupinhas da boneca, sua filha encontrará grande prazer em confeccionar, sob sua direção, um enxoval variado e a seu gosto que ela poderá vestir e despir, lavar e passar<sup>478</sup>.

No caso dos meninos, uma advertência em relação ao brinquedo dos soldadinhos e das armas. Eles deveriam ser evitados pois, prepararia uma mentalidade de guerra, agressiva, familiarizando a criança com um drama da qual já haviam sofrido os adultos na realidade. As roupas confortáveis com as quais deveriam brincar e o empréstimo de brinquedos também são trabalhados neste capítulo. No mais, a noção de que se para as meninas a potencialidade em ser mãe deveria ser explorada, para os meninos prevaleceriam os estímulos aos brinquedos que despertassem suas aptidões mecânicas, trabalhistas.

## **A mulher e as férias**

Segundo a Nova Enciclopédia da Mulher, a organização de férias, uma ou duas vezes por ano, também era uma incumbência feminina. Para tanto, o capítulo a mulher e as férias prometia ajudar a dona de casa na escolha de quatro respostas básicas para quando resolvesse “sair de casa com bagagem e tudo”: Quando? Onde? Em que condições? Como?

Inicialmente explicava o porquê dessas questões:

Apesar do desenvolvimento dos meios de comunicação, a facilidade crescente de viajar, a multiplicação de condições de alojamento, os dias de folga se constituem em um problema, cada ano mais difícil de resolver. É preciso decidir onde se vai. O grande movimento nos locais de veraneio em tempos de férias é outro problema a ser enfrentado. Muitas vezes se perde um dia de folga ou as férias não são bem aproveitadas, por falta de organização. Hoje em dia é preciso planejar férias, para que sejam bem aproveitadas<sup>479</sup>.

Respondendo à questão sobre quando sair?, a mulher deveria se atentar às férias do marido e às férias das crianças, assim como precisaria analisar as possíveis datas de provas e vestibulares dos jovens. Meses com maiores movimentos deveriam ser evitados, pois encontraria preços altos com hotéis repletos. Caso escolhesse janeiro ou fevereiro, épocas de

---

<sup>478</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 332.

<sup>479</sup>Ibidem, p. 344.

maior procura, deveria ser antecedente nas reservas. Sair ou voltar em dias de maior movimento no trânsito não seria boa opção, ainda mais se tratando do Carnaval, data de intenso deslocamento. A dica era tirar todas as férias de verão, deixando de oito a dez dias para o inverno (julho) ou para a Páscoa.

Mas, onde ir? A escalação precisava ser criteriosa e cuidadosa, afinal o local de escolha das férias eram o fundamento para sua realização. Para isso, a mulher deveria investigar seus familiares perguntando, por exemplo, se as crianças prefeririam mar, serra ou campo? Precisava refletir sobre seu marido gostar de pescar ou caminhar. E questionar a si mesma sobre qual o tipo de férias que ela procuraria ter. Nas férias realizaria suas atividades preferidas: turismo, descanso, esportes ou diversão. Se escolhesse mar, como a maioria dos viajantes, precisaria ter ciência do quanto as praias estariam lotadas. Mesmo assim, a dica:

No Rio Grande do Sul, as praias mais visitadas são: Tramandaí, Atlântida, Capão da Canoa, Tôres e Cassino. Tôdas elas ficam coalhadas de gente nos meses de verão. Uma boa parte dos habitantes da capital e de outras cidades do interior acorrem às praias de mar. Crescem constantemente os edifícios de apartamentos e as casas particulares nestas praias e os locais de veraneio vão se transformando em verdadeiras cidades plantadas à beira-mar. O brasileiro gosta de praia e ainda que ela esteja a alguns quilômetros de sua cidade, viaja até lá para tomar o seu banho de mar e de sol. É freqüente, aos domingos, encontrarem-se a beira mar, inúmeros ônibus de excursionistas que viajam grandes distâncias para ir passar o dia na praia<sup>480</sup>.

Havia uma certa explanação sobre o modo de ser do brasileiro, identificando alguns de seus gostos e preferências – remetendo-se, principalmente a região do Rio Grande do Sul, lugar de produção da Enciclopédia. Entretanto, se a dona de casa resolvesse passar suas férias no campo? Ela poderia usufruir de grandes caminhadas, passeios, florestas, escaladas, enfim, atividades de assegurassem uma “calma tonificante” para voltar bronzeada. Para aquelas que procurassem tranquilidade dos lugares de altitude, aproveitariam a pesca, os passeios rodeados de belas paisagens e a natação em piscinas bem equipadas. Os esportistas praticariam vôlei, golfe, basquete, futebol, e outros tantos entretenimentos organizados pelos próprios veranistas. Mais opções de lugares no Rio Grande do Sul: São Francisco de Paula, Gramado, Caxias, Canela ou a estação de águas de Iraí.

No item em que condições sair?, dicas mais detalhadas sobre o lugar onde a família se acomodaria nas férias. Caso fosse numa casa alugada, as explicações sobre como alugar. Hotéis

---

<sup>480</sup>Ibidem, p. 345.

apareciam como opção, mas deveriam ser evitados, pois não deixaria as pessoas a vontade. O rigorismo de horários, obrigações sociais e mudanças constantes de trajes causariam inconvenientes para a senhora, que por permanecer dona de casa deveria “assegurar o bom andamento doméstico”. Unicamente o “bom humor geral” aliviaria essas tarefas para que ele “se sinta também em plenas férias”. O acampamento, como meio de alojamento menos caro e mais simples, e as colônias de férias, organizadas por um instituto, eram as duas outras opções. Nesse momento, uma propaganda: O Touring do Brasil, uma agência de turismo, solução agradável e fácil que oferecia “transporte, alojamento e distrações, tudo compreendido no preço total”. As viagens a serem escolhidas: Iguaçu, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e outros “centros de atração”.

Imagem 24: A Mulher e as Férias



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 344 e 348.

Finalmente, a pergunta que finda o capítulo: como sair? Para essa resposta a fixação necessária de uma data de partida e retorno. Como preferência da maioria dos brasileiros e transporte “mais conveniente economicamente” e “em certa comodidade”, o ônibus poderia ser escolhido. Nas viagens para a Europa, o meio de deslocamento lá seriam os trens. Passagens deveriam ser compradas com antecedência e, caso a opção fosse o carro, o itinerário haveria de ser bem delineado. Se a moça fosse professora e tivesse de escolher julho, as férias de inverno, precisaria de outras recomendações. As praias do Rio de Janeiro, por serem de clima mais ameno, seriam boa escolha. Ir à Bariloche, na Argentina, para praticar esportes seria formidável, um dos “locais preferidos pelos brasileiros”. Diferente das férias de verão, no inverno a melhor opção eram os hotéis, desde que fossem confortáveis e econômicos. Para Bariloche, o vestuário

deveria ter atenção redobrada para não passar frio. Se os filhos fossem sair de férias sem a família, o melhor seria aloca-los em grupos como os escoteiros, o colégio ou as bandeirantes. A forma de deslocamento seria o carro. Se não o possuísse, ônibus, trem e avião fariam as vezes. O carro só não seria aconselhado em viagens para países vizinhos por conta da neve nas estradas. A única opção inviável era a não promoção do lazer familiar.

## **A mulher e o esporte**

Num reforço ainda maior na promoção do binômio saúde-beleza, o capítulo a mulher o e esporte avigorava os preceitos médicos e garantia a manutenção atlética feminina. Seria, segundo a Enciclopédia da Mulher, o olhar moderno conferido a uma prática histórica:

Para a mulher, o esporte deve ser, antes de tudo, o meio mais eficaz para desenvolver a harmonia e saúde do corpo. Esta noção, porém, é a própria de um estado de civilização adiantada. No correr da história, foi sempre precedida da obrigação de cumprir os gestos que mais tarde se transformaram no esporte propriamente dito<sup>481</sup>.

O manual julgava essencial conhecer e diferir os “esportes de cultura” dos “esportes de necessidade”. Nos esportes de necessidade estariam as Amazonas com suas flechas e cavalos fogosos lutando entre si, atravessando rios a nado com suas espadas, correndo, praticando tiro e esgrima; e as gregas, objetos de luxo e utilidade, que entravam nos estádios para servirem de “parada ao jôgo”, sendo disputadas em corridas por seus pretendentes a esposos. Essa última funcionalização era o que a Enciclopédia chamava de vida que se tornava “menos rude”, com movimentos que se afastaram do domínio da mulher. Já nos esportes de cultura, estavam outras práticas da Grécia, Roma e Egito antigo. Três pomos de ouro (atletismo) e náíades romanas (natação) são citados ao lado de demonstrativos das “qualidades físicas” e os “elementos da beleza corporal da mulher”, seja pelas explanações sobre a mulher velada, o renascimento das formas, o banho de Diana (referindo-se a Diana de Poitiers, Duquesa de Etampes na França), esporte e rendas (danças), e o capricho da imperatriz (sobre Eugênia de Montijo e os banhos ao mar). Abordava ainda a “era das competições”, referindo-se ao cenário pós 1900, em especial na América como o nascimento do “basket-ball”.

Apostando em “esportes femininos”, praticados pela “mulher moderna”, as duas edições da Enciclopédia da Mulher mostravam fotografias de mulheres realizando as atividades. A

---

<sup>481</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 257.

“estética” da ginástica era evidenciada, seguindo-a o judô permitia o estado de “boa saúde”, além deles: o atletismo, natação, canoagem, tênis, arco e flecha, equitação, esqui, esqui aquático, patinação, handball, hockey, vôlei, golfe, alpinismo, basquete e remo.

Na versão de 1958, a aviação aparecia. Nomes femininos emblemáticos do ramo como Hélène Boucher, “glória da aviação feminina francesa”, eram expostos em testículos chamativos: as asas que se abrem (sobre o pioneirismo de Baronesa Laroche, Marie Marvingt, Madame Pallier e Adrienne Bolland), voando debaixo de uma ponte pênsil (referindo-se ao voo de 1922 de Maryse Bastié), dos chapéus aos paraquedas (falando de Maryse Hilsz), uma figura lendária (contando sobre o acidente fatal de Hélène Boucher) e estrelas do céu (sobre a morte da inglesa Amy Mollison, de sua companheira de profissão Joan Batter e da mulher “mais rápida do mundo” nos anos 1940, Jacqueline Cochran), asas que se fecham (retomando o quadro de mortes e acrescentando Lena Bernstein) e voo a vela (sobre a russa Poline Ossipenko e seus recordes de distância)<sup>482</sup>.

#### Imagem 25 A Mulher e o Esporte



Fontes: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 265 e Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 355.

A Nova Enciclopédia da Mulher, apesar de trazer os mesmos esportes, lançava outras premissas. Segundo seus escritos, no Brasil o esporte feminino estaria longe de ter o valor que lhe era conferido em outros países. Atentava-se para as correntes que recusavam a admissão de mulheres em modalidades como o atletismo. Afirmava-se que com a evolução dos costumes, a

---

<sup>482</sup>Ibidem, p. 264-266.

mulher havia sido libertada para uma vida em claustro, o que antes prejudicava muito sua saúde. No entanto, advertia para a condição biológica da mulher. Pela primeira vez, falava sem rodeios sobre a menstruação:

É claro que a função reprodutiva exige certas precauções, mas as observações realizadas através de esportistas célebres, tanto no que se refere à menstruação como quanto à gravidez e sua evolução, permitiram que se estabelecesse formalmente que a prática de esportes nunca perturbou o ritmo do organismo feminino. As esportistas não são mais nem menos fecundas que a média das mães de seu país. Mas cuidado! os exercícios violentos não são recomendados a tôdas. E o esporte pode ser proibido para: cardíacas; hipertensas<sup>483</sup>.

Através da medicina a Nova Enciclopédia da Mulher tentava estabelecer a aliança fundamental entre a atividade física e a saúde. Utilizando-se da mesma área também conferia os impedimentos às certas práticas. A natação poderia tratar perturbações nervosas ou sintomáticas como as escolioses (“desvio ou encurvamento lateral da espinha dorsal”) e diversos tipos de paralisia. Certas “perturbações femininas” como as infecções graves, infecções das trompas e abscessos eram impedimento taxativo para os esportes. Útero fibromatoso, metrites, distúrbios ovarianos, por outro lado, eram “perfeitamente compatíveis” sendo que os esportes poderiam “até contribuir para sua melhora”. Conferindo espaço para a higiene, citava-se um texto do século XVII do Doutor Du Chesne, médico do Rei Henrique IV, da França:

“Se tu fazes objeções quanto à fraqueza do corpo feminino, se a declaras inapta a suportar a fadiga dos exercícios masculinos, olha um pouco a teu redor e contarás tantos sêres frágeis entre os homens como entre as mulheres. Os exercícios regulados, praticados metódicamente, fortificam o corpo delicado das jovens. Ainda que a natureza tenha dado ao homem o vigor, êste em breve sentirá suas forças diminuírem, se não praticar seguidamente o esporte. A razão disso é que o exercício ativa a eliminação de resíduos alimentares que não são nutritivos, mas que a imobilidade do sangue retém, o que prejudica inclusive a elasticidade do raciocínio. Segue-se uma espécie de paralisia do corpo e da mente que é o preço da ociosidade. Não é preciso ir muito longe para descobrir a causa de tantas doenças femininas. A inércia acarreta tantas doenças que é uma grande infelicidade para o país, ver as mulheres se dedicarem exclusivamente aos afazeres domésticos<sup>484</sup>.”

O texto atribuído ao Dr. Du Chesne trazia pontos relevantes e diferentes de parte do discurso apresentado nas Enciclopédias. Condizia com um olhar que enxergava no corpo em

---

<sup>483</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 349.

<sup>484</sup>Ibidem, p. 349-350.

movimento, independentemente de ser masculino ou feminino, a circunstância de sua higiene, saúde e força. Mesmo levando em consideração o “vigor” do homem, conduzia que sem esporte ambos os corpos se deterioram em aspectos físicos e mentais. Além disso, relacionava diretamente a falta de esporte à maioria das doenças femininas, assim como a “exclusividade aos afazeres domésticos” a essas doenças e infelicidade do país. A edição de 1968 finalizava o capítulo trazendo a história de uma brasileira: a tenista e campeã mundial, Maria Ester Bueno. Dava destaque a um percurso com viagens e torneios gloriosos, acompanhado de uma foto da atleta ocupando um quarto da página.

## **A mulher na História**

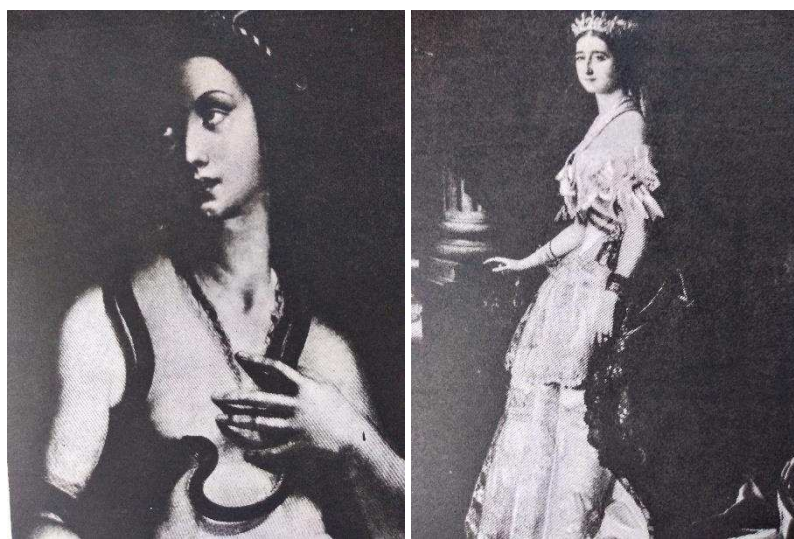
Apostando no “papel representado pela mulher na História”, a Enciclopédia da Mulher de 1958 dedicava um capítulo ao assunto. Por entender que “a História e sua política registraram ... grandes nomes de mulheres, figurando na frente os de rainhas”, o manual focava justamente nos contos relacionados a elas. Seguindo, majoritariamente, uma história factual europeia, elencava os “grandes feitos” envolvendo mulheres de altas cortes.

Falando sobre a Antiguidade, citava as “heroínas do povo de Israel”: Judite que “corta a cabeça de Holofernes” e Ester que “evita o extermínio de seu povo”. No Egito, a faraó Hatshepourt “construiu o soberbo templo em terraços de Deir-el-Bahi”. Na Grécia, o aforismo “os homens na política, as mulheres no gineceu”, não deixou com que Pitágoras ouvisse os conselhos de sua esposa Teano, e Péricles os de Aspásia. Além disso, a pequena Gorgo havia salvado seu pai, o Rei Cléon, de fazer Esparta “cair na desgraça”. “A princípio, as mulheres não têm consciência do papel que desempenham”, no entanto, as Sabinas raptadas, Túlia e Lucrecia, conseguiram selar a paz entre Roma e seus vizinhos precipitando o advento da República. Com Roma tornando-se Império, a figura de Cleópatra, que se o nariz “fôsse mais curto, a face do mundo seria outro”, ganhava espaço. As “messalinas” que causaram “a dor de César Augusto” ou que mataram seus maridos para verem seus filhos subirem aos tronos, seriam “suprimidas”. Já as “resistentes” encorajadoras de seus homens, como Velea ao chefe Civitis ou Eponina ao seu marido Sabino, seriam mulheres que para além das fronteiras do Império tinham “se firmado na História”. Em tempos de “imperadores íntegros”, “espôsas virtuosas”. Com o cristianismo “mulheres tão fervorosas quanto os homens em sua propagação”. A mãe de

Bizâncio, Santa Helena, reconheceu “a nova fé como religião do Estado”. A partir daí a consideração de que o Cristianismo daria “à mulher um lugar mais digno na sociedade”<sup>485</sup>.

No tempo dos bárbaros, outro tópico. Nele, tanto as “pagãs atrozes” quanto as soberanas chinesas e europeias “sobrepujavam em ferocidades”. Nos “séculos sombrios”, ficavam as “mulheres manchadas de sangue” com as mortes de seus conquistadores. Nas cruzadas, “numerosas foram as mulheres que seguiram ou levaram os homens às guerras santas”. “Por um nome”, os imbróglis das “alianças matrimoniais”. A “Branca de Castela” “como regente, mostrou tanta energia e inteligência como qualquer rei”. “Margarida de Provença” “sabia muito bem levar o marido pela brida”, além de ter sido “boa calculadora e boa ecônoma”. Nas guerras francesas, “quando os maridos caem prisioneiros, são as mulheres, que sustentaram a luta, arranjam dinheiro, animam as capitães”. “Em um nimbo de glória sempre crescente, a mais bela heroína da história de França: Joana d’Arc, a imortal”. Para tanto, um texto dedicado a ela<sup>486</sup>.

#### Imagem 26: A Mulher na História



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 271 e 274.

Sob a Renascença a vida de Henrique VIII, o rei muito casado (seis vezes) e declarado protestante, ganhava destaque. A infertilidade e os temperamentos “loucos e levianos” de suas esposas justificavam os términos. Em seguida, as duas grandes rainhas: Maria Tudor e Elizabeth. Na Escócia, Maria Stuart. Catarina de Médicis, na corte da França, ganhava o status

---

<sup>485</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 267-268.

<sup>486</sup>Ibidem, p. 270.

de “a oportunista”, sendo “hábil em tôdas as intrigas pelo seu sangue meio italiano”. Isabel da Paz, filha de Catarina, era tomada, por sua vez, como “delicada e bonita”<sup>487</sup>.

O casamento entre Ana de Áustria e Luís XIII seria o marco inicial do tempo dos reis. Luís XIV e seu enlace com a “enfadonha Maria Teresa de Espanha” seguiam no tópic. Cristina da Suécia, a Rainha Vingativa e abdicante, teria mandado matar “seu amante Monaldeschi”. Nos estratégias, Madame de Pompadour “protege as artes, mas julga-se política”, já Maria Tereza, achando-se sozinha diante de Frederico II da Prússia, “soube empregar suas armas de mulher” apelando pela “bravura dos húngaros”, “tão moça... tão bela... tão corajosa...”. Na Rússia, por sua vez, reinava Catarina II, a Grande, que despoticamente “tomou, com os costumes, as liberdades de um homem sem escrúpulos”<sup>488</sup>.

Da Revolução aos Nossos Dias, fazia-se um apanhado sobre Revolução Francesa e afirmava que “as mulheres só como vítimas figuravam”, a exemplo da “mais alta vítima, a mais detestada”, a Rainha guilhotinada, Maria Antonieta. Nas façanhas do Império, os romances de Napoleão. Sobre o século XIX, embora “aparecesse e se expandisse o feminismo, houve, entretanto, poucos atos de mulher”. Vitória I da Inglaterra, Maria Cristina da Espanha, Guilhermina e Maud Gaune da Irlanda estavam referenciadas como “algumas soberanas, todavia” que “representaram papel importante”. Fora da Europa, são lembradas a Rainha Ranavalho de Madagascar, a Senhora Franklin Roosevelt nos Estados Unidos e a “famosa concubina mandchu”, Ts-en-ni, na China. No texto nomeado sempre a França, considerações sobre a República:

A República, sendo mulher, não quer mais rivais; só ela deve representar um papel. Talvez em certos salões ou em certas salas de um ou outro partido, preparem ainda nomeações ou eleições, em que as mulheres, aptas agora para tôdas as funções, poderão chegar a todos os ministérios. Será curioso, entretanto, relembrar a frase de uma senhora, ministra da Instrução Pública as Tchecoslováquia, dirigindo-se a mulheres em um congresso feminista reunido em Paris no ano de 1938: “Como estamos entre nós, ouçam-me bem. Se quiserem chegar a qualquer coisa, apoiem-se em um homem ou antes, em vários homens”<sup>489</sup>.

Talvez a frase mal-entendida pela Enciclopédia só conseguisse ser melhor interpretada anos à frente, com a evolução do próprio feminismo. No entanto, o que nos compete por agora é ponderar a predominância da História Francesa nas páginas da versão brasileira, assim como

---

<sup>487</sup>Ibidem, p. 270-275.

<sup>488</sup>Ibidem, p. 275-276.

<sup>489</sup>Ibidem, p. 276.

a tomada de mulheres nobres nos discorrimentos. Ressaltando características com beleza e meiguice, aspectos como inteligência e coragem tornavam-se secundários, ou ainda, força e vingança eram assemelhadas a atributos despóticos, tirânicos e masculinizados. Mesmo, hora ou outra, citando a mulher africana ou a asiática, a História da Enciclopédia da Mulher aposta na face que a própria historiografia conferiu à situação da mulher na sociedade. Uma apatia ou atuação desmedida, heroica, que os ares da História Social e, principalmente, da Nova História Cultural, como vimos em capítulos anteriores, fizeram questão de modificar<sup>490</sup>.

Finalizando o capítulo e tentando aproximar a mulher na História com a História Latino-Americana, o manual apostava, uma vez mais, nas “grandes rainhas” e nas “grandes mulheres da América”. A santidade de Isabel, a Católica, e a bravura, pecado e beleza de Leonor Teles eram trazidas como marcas inerentes às “páginas das canônicas histórias portuguesas”. Também apareciam outros nomes ligados à sociedade, política e militarismo. Pocahontas nos Estados Unidos, Marina no México e Paraguaçu no Brasil, representavam a figura da mulher nativa. Como soldada, destacava-se Maria Quitéria, lutando pela “Independência da Pátria”. Dona Ana Néri era denominada “a gloriosa precursora das enfermeiras no Brasil” ou “mãe dos soldados” da Guerra do Paraguai (1864-1870). No Chile, encantavam as histórias pecaminosas e apaixonantes de Catalina de los Ríos, “de fatal formosura, a famosa La Quintralla”, por causa de seus cabelos vermelhos. No Paraguai, ganhava vez a “amante e egéria” do caudilho Solano López<sup>491</sup>, “outra figura sugestiva de mulher”, Elisa Lynch. Mariquita Sanchez surgia com a “figura insinuante” da Argentina, bem como Eva Perón: “mãe espiritual da nação argentina” e “padroeira dos descamisados”. Anita Garibaldi era mencionada como “a única heroína brasileira de projeção internacional”; a Imperatriz Leopoldina “a inspiradora de nossa Independência”; a Marquesa de Santos, “inimiga de Leopoldina” e “amante de seu imperial espôso”, a “Montespan brasileira” (em alusão a uma das amantes de Luís XIV da França).

No entanto, “o maior nome histórico de mulher de que não só o Brasil, mas a América inteira” poderia se orgulhar, personificava-se na Princesa Isabel. A “única mulher chefe de estado no continente americano” era reverenciada por ser signatária da Lei Áurea, abolindo a escravidão no Brasil. Sendo ela “o mais vulto feminino das três Américas”, portava-se simpática, legislativa, humana e benemérita. Qualidades que a fizeram “credora para sempre não só da gratidão da pátria, como da bênção, do aplauso, da admiração, de todo o mundo”.

---

<sup>490</sup>RAGO, Op. Cit., 1995.

<sup>491</sup>Trabalhando o conceito através dos dicionários de História, caudilho seria o “chefe de governo ou regime político próprio do contexto da Espanha e da América espanhola dos séculos XIX e XX”.

Concluía-se: “Isabel a Redentora, pela coragem e grandeza de seu sacrifício, não tem par na história americana”<sup>492</sup>.

As menções às características belas ou ao comportamento intuitivo e maternal prevaleciam nas descrições das mulheres históricas da Enciclopédia. Não considerar as “mulheres comuns” ou detonar “anormalidade” as qualidades, geralmente, atribuídas ao sexo masculino, encaixava-se ao momento histórico e historiográfico ao qual o manual fora produzido. A breve citação ao feminismo tomava proporções um pouco maiores em outro capítulo que não o da História. As conquistas feministas reproduziram-se, na Enciclopédia da Mulher, através das literárias.

## **A mulher e a Literatura**

Se a Enciclopédia da Mulher iniciava o capítulo a mulher e a literatura fazendo uma alusão bíblica à figura feminina ‘Eva’, a Nova Enciclopédia da Mulher trazia em seu escopo uma frase da célebre escritora feminista Virgínia Woolf, autora, dentre outras obras, de *O Segundo Sexo*, do ano 1949. As conquistas femininas dentro da própria literatura, com um cenário cada vez mais expressivo de mulheres, talvez nos auxilie na compreensão estrutural de ambas as edições sobre a temática. Na versão de 1958 víamos que:

Eva, a que escapou do Paraíso terrestre e da serpente, nunca deixou de ser, através de tôdas as transformações, a inspiradora divina dos homens. Acabrunhada sob o pêso da maldição divina, só muito tarde se acercou da árvore do conhecimento. Realizadora por sua vez, genial ou não, obtém por empréstimos a lira de Orfeu e os atributos das musas<sup>493</sup>.

Além de direcionar a “postergação de conhecimento feminino” aos males do “pecado original” a Enciclopédia oferecia o afago do papel de “musas” às mulheres. Em *A Sujeição das Mulheres*, de 1869, John Stuart Mill já havia identificado que o problema em relação à produção de conhecimento pelas mulheres não seria esse. Fundamentado nas questões de igualdade, oportunidade e recursos materiais, Mill inferia que:

Se considerarmos os trabalhos de mulheres nos tempos modernos e o compararmos com os dos homens, tanto na área literária quanto na artística, a inferioridade que se pode observar resume-se essencialmente em uma coisa: é

---

<sup>492</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 276-277.

<sup>493</sup>Ibidem, 1958, p. 279.

uma inferioridade material, ou seja, deficiência de originalidade. Não deficiência total, pois qualquer produção da mente que é de valor duradouro, tem sua própria originalidade – é um conceito da própria mente, não cópia de outra coisa. [...] Este é o tipo de inferioridade manifestada em seus trabalhos; deste modo, no ponto de vista da execução, quanto à utilização detalhada do pensamento e à perfeição de estilo, não existe nenhuma inferioridade<sup>494</sup>.

Afastando-se de qualquer deficiência cognitiva feminina, Mill prossegue seu discurso engajado em salientar a relevância das equiparações sociais, de direito e econômicas entre os sexos. Vislumbrando os preconceitos com a mulher, em especial na escrita, a versão de 1968 da Enciclopédia trazia um texto introdutório maior e mais alinhado às concepções do autor citado:

“Uma mulher que pensa? Pois sim! Vale tanto como um homem que usa rouge!” – exclamava Lessing<sup>495</sup>. Trata-se de um dito espirituoso? Sim, mas expressa um preconceito tão profundo, tão universal, tão persistente, que mesmo no século das viagens à lua não está completamente superado. Encontramos tal preconceito em tôdas as épocas em tôdos os lugares. Entretanto, sempre houve mulheres suficientemente corajosas para o desafiarem. Desatinadas, por terem nascido mulheres, a fiar e a costurar, a embalar os filhos e a se calar, provaram que a necessidade de expressar, de transmitir alguma coisa, é mais forte de que tôdas as convenções, mais forte de que tôdas as tradições. Escrever foi durante muito tempo privilégio das mulheres que dispunham de horas vagas e, como dizia Virgínia Woolf, “um simples por menor: um quarto só para si”. Outras – pensemos em Charlotte e em Emily Brontë<sup>496</sup> – precisaram lutar dia após dia, contra uma vida hostil, implacável, ou simplesmente contra o afogamento nos deveres cotidianos. Atualmente as mulheres têm acesso à difícil ocupação de escritoras. Como uma vingança aos séculos de silêncio, hoje as autoras invadem as vitrines as livrarias. Apreciadas, detestadas, traduzidas, criticadas, consagradas, desprezadas – conquistaram o direito de viver e (os séculos futuros) a oportunidade de se tornarem imortais. No Brasil, o processo literário está em pleno comêço. A representação feminina em nossas letras é relativamente recente. Mas a literatura brasileira já conta com inúmeras autoras cujas obras conquistaram uma consagradora posição, tanto na poesia como na prosa<sup>497</sup>.

Outras escritoras feministas, como a inglesa Jane Austen, aparecem na Nova Enciclopédia, sempre regidas por itinerários originários e desbravadores. As poetisas e prosadoras da Enciclopédia de 1958 seguiam caminhos mais sentimentais. Da profetisa Débora

---

<sup>494</sup>MILL, John Stuart. *A Sujeição das Mulheres*. Trad. Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2006, p. 99.

<sup>495</sup>Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) foi filósofo, crítico de arte, poeta e dramaturgo alemão.

<sup>496</sup>Charlotte Brontë (1816-1855) e Emily Brontë (1818-1848) eram irmãs e escritoras britânicas. Usavam os pseudônimos masculinos Currer Bell e Ellis Bell, respectivamente. A irmã mais nova delas, Anne Brontë (1820-1849) também seguiu a carreira das irmãs com o codinome Acton Bell. Fonte: Academia.edu. Cf.: DIAS, Daise Lilian Fonseca. *As irmãs Brontë e a luta pela autoria*. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT02/13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>497</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 356.

(abelha bíblica), passando por Safo de Lesbos (ardente de amor), chegando às “romanas iletradas”, a arte movida por paixões e beleza era evidenciada. No “país do sol nascente”, a “qualidade” japonesa se daria a uma deusa. Já na China, a feiticeira Yang Kouei-fei encantava ao versificar. Sherazade, fabulando as mil e uma noites como “a mulher mais genial de todos os tempos”, condecorava os contos árabes<sup>498</sup>.

Na Europa ganhava tónus artístico e literário o casamento místico de Santa Catarina, a virgem Serafina, Duse d’Annunzio da Itália, Grazia Deledda (a sarda emancipada), o lirismo de Ada Negri (um pássaro que canta), Emília Pardon da Espanha árida, Mariana Alcoforado (a religiosa portuguesa), a romênica e melancólica Helena Vecaresco e a poetisa Helena Vacaresgo, as imperiais russas como Catarina II e a Princesa de Lieven, além de representantes austríaca, tcheca e polonesa. Destaque especial à Inglaterra com Vitória I, as irmãs Brontë e Jane Austen em seu deleite e complexidade nos dramas de salão. Nos nomes contemporâneos, citações à Mary Webb com os dramas rústicos, Edith Sitwell com poemas de quinta essência, e Virgínia Woolf com “uma obra quase demasiada bela, quase demasiada sátira”. A Cabana do Pai Tomás de Harriet Beecher-Stowe fazia sucesso na América, assim como os poemas de Emily Dickinson. Os escritos de Edith Wharton e o romance O Vento Levou de Margaret Mitchell eram pontuados<sup>499</sup>.

Dedicando-se uma vez mais à França, a Enciclopédia trazia a veneziana Cristina de Pisan, filha de astrólogo, que havia feito carreira em solo francofônico. Louise Labbé de Lion, as calças compridas, aventuras e romances de Aurora Depin, as queixas melodiosas de Marceline Desbordes-Valmore, o romantismo de Ana de Noailles e o classicismo de Marcelle Tinayre eram alguns dos elementos apresentados cerceados por desilusões, sofrimentos, sonhos e inovações de mulheres<sup>500</sup>. Por último, a Enciclopédia de 1958 citava as poetisas e prosadoras latino-americanas. Afirmava que:

Numa enciclopédia feminina, não podem deixar de figurar, além das francesas, inglêsas, russas, italianas, alemãs, suecas, norueguesas e norte-americanas, as escritoras sul-americanas e portuguesas, cuja mensagem intelectual, cheia de seiva e originalidade, tem prestado valiosa contribuição ao mundo do espírito<sup>501</sup>.

---

<sup>498</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 279-280.

<sup>499</sup>Ibidem, p. 282-285.

<sup>500</sup>Ibidem, p. 285-286

<sup>501</sup>Ibidem, p. 286.

Assim sendo, exibia entre as poetisas: Gabriela Mistral do Chile, Soror Juana Inês de la Cruz do México, Adelia Zamudio da Bolívia e Alfonsina Storni da Argentina. Como escritoras de língua portuguesa lembrava de Bárbara Heliodora, “a musa da Inconfidência”; Maria Dorotéia de Seixas, “a Marília de Dirceu”; a doutora, botânica e política, Berta Lutz, “precursora do feminismo brasileiro”; Nísia Floresta, com seu livro *Dos Direitos da Mulher e da Injustiça do Homem*; Leontina Daltro, “batalhadora pela emancipação feminina”; a professora, escritora e oradora precursora do intercâmbio continental, Alba Nascimento Canizares; Francisca Júlia, poetisa parnasiana paulista; a “pioneira da mulher de letras no Brasil”, Julia Lopes de Almeida; a “jornalista de fibra”, Carmem Dolores; a “justeza” de Veiga Miranda na *Revista do Brasil*; as portuguesas Maria Amália Vaz de Carvalho, Carolina Michaelis, Mariana Alcoforado e Inês de Castro; além das romancistas, contistas, poetisas, cronistas, folcloristas e teatrólogas da “atual literatura brasileira” que estavam apenas citadas e tomadas com delonga na edição posterior, como veremos. Eram elas:

[...] as figuras de Cecília Meirelles, Ruth Guimarães, Raquel de Queiroz, Carolina Nabuco, Lúcia Miguel Pereira, Lígia Fagundes Telles, Rosalina Coelho Lisboa, Helena Silveira, Lúcia Benedetti, Maria Jacinta, Dinah Silveira de Queiroz, Senhora Leandro Dupré, as irmãs Clarice e Elisa Lispector, Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Henriqueta Lisboa, Lia Correia Dutra, Laurita Pessoa Gabaglia, Maria Sabina de Albuquerque, Maria Eugênia Celso e Maria Junqueira Schmidt<sup>502</sup>.

A Nova Enciclopédia da Mulher ainda acrescentaria Adelaide Carraro, Tânia Jamardo Faillece, Carmem da Silva, Eneida, Maria Clara Machado e Adalgisa Néry. Mantendo, basicamente, a mesma gama de literárias citadas na versão anterior, a edição de 1968 abarcava textos renovados, com linguagem mais simplificada. Ao chegar nas romancistas francesas, por exemplo, trazia mulheres produzindo “assuntos escandalizantes” relacionados aos temas “da volúpia e da libertinagem”, como nos romances de Colette<sup>503</sup>. Além disso, retomava as considerações feministas sobre as mudanças na vida feminina:

Numa época em que as mulheres não tinham outra ocupação exceto o de serem espôsas e mães, numa época em que os únicos passatempos femininos eram a coqueteria e a toilette, GEORGE SAND<sup>504</sup> escreve no “Fígaro”, usa calças

---

<sup>502</sup>Ibidem, p. 287.

<sup>503</sup>Sidonie Gabrielle Colette (1873-1954), escritora francesa, autora de obras como: *Claudine*, *Chéri*, *Duo*, *Ces Plaisirs*. Em *Chéri*, por exemplo, contava o relacionamento entre uma mulher madura e um homem mais novo. *Nova Enciclopédia da Mulher*, 1968, p. 359.

<sup>504</sup>Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), escritora francesa, inclusive em *O Fígaro*, jornal de grande circulação da França. *Ibidem*, p. 358.

compridas, fuma cachimbo e não esconde suas célebres ligações amorosas. Desde seus primeiros romances, “Indiana”, “Valentine”, e o mais célebre, “Lélia”, ela se levanta contra a condição da mulher na sociedade, clama pelo reconhecimento dos direitos femininos. Durante mais de cinquenta anos ela não cessa de escrever, de apaixonar-se e de lutar contra a injustiça social<sup>505</sup>.

Seguindo a onda emancipatória da mulher que a Nova Enciclopédia neste momento da obra parecia apoiar, via-se em Jane Austen uma “prisioneira das convenções de sua época”, escritora que “não assina nenhum de seus romances”. Diferentemente de George Eliot (Mary Ann Evans) que teria desafiado “as convenções com convicção tranquila”, sem por isso “perder o equilíbrio”. Ela deixou a fazenda de seu pai para instalar-se em Londres, onde dizia-se livre para pensar e manter uma “ligação oficial com um homem casado”. Quem não teria conduzido a vida com certa lucidez seria a autora de *Um Teto Todo Seu*<sup>506</sup>:

Virgínia Woolf ao longo de sua carreira, tentou, até chegar à loucura, prender com palavras, com frases, o movimento da vida, a fuga do tempo, os fundos móveis da consciência. [...] Todos os seus romances são caracterizados pelo simbolismo da água, esta água cambiante, sempre em movimento, que comprova a fluidez de seu pensamento. Foi ao “trágico apêlo das águas” que ela atendeu em um dia de abril de 1941, quando sôbre a praia encontraram apenas sua bengala de passeio e o seu chapéu<sup>507</sup>.

Também estavam colocadas as motivações sociais da escrita. Harriet Beecher-Stone, “revoltada contra a lei de 1850 que infligia penas aos escravos fugitivos”, escreveu em 1852 *Uncle Tom’s Cabin*<sup>508</sup>. Segundo a Enciclopédia, tratava-se de “um livro ditado pelo coração”, uma obra que “comove profundamente e contribuiu, motivando a opinião pública, para apressar a abolição da escravatura”<sup>509</sup>. Nesse momento, era retomada Simone de Beauvoir:

A obra de Simone de BEAUVOIR traz ao universo feminino uma construção sólida, um sistema organizado, impregnado na filosofia existencialista. Ela esforça-se corajosamente para provar, através de sua vida, que a mulher pode livremente escolher, realizar e obter sucesso naquilo que deseja. Ela se insurge contra a mentira da eternidade da mulher e posição secundária e reivindica “igualdade dentro da diferença”. “Não nascemos mulheres, passamos a sê-lo” – eis o tema de “Deuxième sexe”. Esta liberdade que Simone de BEAUVOIR reclama para a mulher se traduz, no plano do amor, por uma atitude ativa, de colaboração, que pode a todo momento ser posta em questão: “E como

---

<sup>505</sup>Ibidem, p. 358.

<sup>506</sup>Com o título original: *A Room of One's Own*, publicado em 1929.

<sup>507</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 359.

<sup>508</sup>Em português: *Cabana do Tio Tom*.

<sup>509</sup>A abolição da escravidão nos Estados Unidos ocorreu em 1863 através do Ato de Emancipação assinado pelo presidente Abraham Lincoln.

amamos a Terra? pergunta a heroína de ‘Bouches inúteis’ – Lutando juntos.” O futuro da mulher reside em sua vontade de renunciar ao sonho de escape, de fuga; reside em assumir responsabilidades que eram atribuídas, até agora, apenas aos homens; e em ter tãda a responsabilidade do próprio destino<sup>510</sup>.

Na Inglaterra os termos “brilhante” e “agudo senso de observação psicológica” eram os adjetivos para as escritoras Daphne du Maurier e Elisabeth Bowen. Os Estados Unidos são situados como lócus da “mais vigorosa e mais original produção literária feminina”. Mary Mac Carthy aparecia como “a primeira das escritoras norte-americanas” e Pearl Buck a “primeira mulher americana a receber o prêmio Nobel (1938)”. Na Bélgica, Françoise Mallet-Jorris era reconhecida por sua sutileza e talento; na Espanha, Alba de Cespedes produzia romances de sucesso; na Itália, Gianna Manzini, Elsa Moranto e Natália Ginsburg eram as mais conhecidas; na Alemanha, Gertrude Von Le Fort e Anna Seghers possuíam obras ásperas e fortes contra todas as formas de opressão; na China, Han Suvin problematizava a condição feminina e o conflito de raças<sup>511</sup>.

As latino-americanas e portuguesas eram lembradas uma vez mais. Brilho, limpidez, projeção, personalidade, inspiração, representatividade, glória, variedade, foram algumas das qualidades atribuídas àquelas que produziam das liras platinas aos poemas enamorados. Nesse proceder, a contribuição inquestionável das latinas ao âmbito universal:

Como suas correligionárias do velho continente, as poetisas e prosadoras latino-americanas pela magia dos cenários diferentes onde se movem, vozes de um mundo nôvo onde o cantar dos pássaros é diverso dos das ramagens européias, trouxeram inegavelmente no concêrto da Poesia Universal a contribuição de outro canto pessoal e belo. Não se poderia deixar de lembralo<sup>512</sup>.

Os diferentes cultivos do “Novo Mundo” seriam um dos pontos primordiais para as diferenças entre as produções femininas da Latino América em relação às europeias e orientais. A mulher brasileira na literatura encontraria em seus eixos laborais explicativos outros pontos, principalmente no bojo dos acontecimentos nacionais como a “independência artística e literária”, ou seja, na Semana de Arte Moderna:

Se o Brasil se emancipou politicamente em 1822, a independência artística e literária demorou ainda um século para ser conquistada. Sim, porque o nosso

---

<sup>510</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 360-361.

<sup>511</sup>Ibidem, p. 361-362.

<sup>512</sup>Ibidem, p. 363.

“grito do Ipiranga” intelectual data exatamente de 1922, e foi proferido por um grupo de jovens artistas que clamava por uma temática voltada para a realidade nacional e por uma forma oriunda desta realidade. O marco lançado então – a já histórica Semana da Arte Moderna – revolucionou o ambiente cultural do País e abriu caminho para uma dinâmica e efetiva participação da mulher na vida artística e literária brasileira<sup>513</sup>.

A Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal denotava-se como marco artístico e intelectual do Brasil. Nas palavras de Carlos Kesscl:

Realizada entre 11 e 18 de fevereiro de 1922 em São Paulo, a Semana envolveu intelectuais da capital paulista e do Rio de Janeiro, e se constituiu num evento em que estiveram presentes poesia, escultura, pintura, música e arquitetura. No seu catálogo, os nomes dos arquitetos Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel figuravam junto aos de Mário de Andrade, Graça Aranha, Menotti dei Picchia, John Graz, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Oswald de Andrade e muitos outros<sup>514</sup>.

Reforçando a relevância desse evento para as artistas mulheres do país, a Nova Enciclopédia associava-o à explosão de escritoras nesse cenário modernista. Por mais que as conotações às essas escritoras fossem ganhando tons neutros nas páginas do manual, vez ou outra, o aspecto da feminilidade aparecia como intrínseco ao caráter da mulher. Pontuava-se que:

[...] como referimos acima, é o Movimento Modernista que vai abrir o mundo das letras à mulher brasileira. E a resposta não se fará esperar. Dezenas de autoras surgem de estão para cá, trazendo sua contribuição de sensibilidade feminina, de talento e inteligência para enriquecimento em nosso País<sup>515</sup>.

Destacava-se as poesias de “perfeição artesanal e profunda sensibilidade” produzidas por Cecília Meireles. Reverenciava a “mais alta expressão da corrente introspectiva” seguida por Clarice Lispector (tal qual era “adepta Virgínia Woolf”). Adendos feitos à “beleza intensa”, “essência mesma”, “profundo subjetivismo”, “agudo e espantoso vasculhar na alma humana” e “caráter intimista jamais alcançado” de seus livros, em especial *A Maçã no Escuro*<sup>516</sup>. “Os

---

<sup>513</sup>Ibidem, p. 363.

<sup>514</sup>KESSEL, Carlos. Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 30, p. 110-128, 2002, p. 121. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2177/1316>. Acesso em: 22 jan. 2019.

<sup>515</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 363.

<sup>516</sup>Romance publicado em 1961 pela Editora Rocco.

problemas sociais do nordeste brasileiro” teriam encontrado em Rachel de Queiroz “uma intérprete perfeita”. Seria o romance nordestino tomando posição de temáticas como a seca, o coronelismo<sup>517</sup> e os impulsos passionais.

Imagem 27: A Mulher e a Literatura



Fonte: Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 358, 360 e 361.

Já Lygia Fagundes Telles seria “uma das mais perfeitas representantes” do gênero conto. Preocupando-se em “escrever com detalhes” as coisas “aparentemente insignificantes”, “mas dentro do contexto por ela elaborado” assumindo importância e profundidade, consagrou-se com *Ciranda de Pedra*, *Histórias do Desencontro*, *Histórias Escolhidas* e *Porões e Sobrados*. Finalizando o capítulo e a edição de 1968, a Nova Enciclopédia da Mulher afirmava ser uma tendência acentuada a valorização cada vez maior da literatura como fonte de conhecimento humano. Além disso, pontuava que, deixando de ser um passatempo, os assuntos literários transformaram-se em um dos pilares de sustentação da formação cultural moderna, e que “esta deve ser o alvo de toda a mulher que quer estar firmemente situada no mundo em que vive”<sup>518</sup>.

## **A mulher e a Arte**

O último capítulo da Enciclopédia da Mulher prometia trazer as relações entre a mulher e a arte. Como subtítulo afirmava que as mulheres iam de “inspiradoras dos gênios” à

---

<sup>517</sup>Trabalhando o conceito através dos dicionários de História, coronelismo seria “o poder ou a influência do proprietário rural, em pequenas cidades do interior do Brasil, na vida política e social”. Associa-se o termo, principalmente, ao período da República Oligárquica (1889-1930).

<sup>518</sup>Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 364.

“intérpretes” e “criadoras”. Dessa maneira, e amparada na divisão clássica da História Ocidental descrevia a presença feminina na arte:

Não se pode conceber a história das Artes sem a presença da mulher. Quer como inspiradora, quer como criadora, ela aparece na obra do pintor, do escultor, do músico, como um choque psicológico traduzido claramente pela linguagem do gênio. Podemos distinguir cinco períodos que marcaram a evolução da presença feminina na Arte: ANTIGUIDADE: A Arte grega se inspira no corpo feminino e lhe consagra o verdadeiro culto. A Arte romana faz da mulher um modelo mas, à medida que sua presença espiritual se impõe, a pessoa física aparece em função do seu papel no Estado. IDADE MÉDIA: Até o século X, a mulher é banida da Arte. No século XIV, uma consequência do Amor cortês é a reabilitação feminina e, em breve seu predomínio reconquistado. RENASCENÇA: O culto pagão da Beleza renasce com entusiasmo. SÉCULO XVIII: Triunfo da Mulher francesa, que reúne às graças do corpo as do espírito. MULHER MODERNA: Haverá ainda para a Mulher um papel a representar, como inspiradora, na Pintura moderna? A música, em compensação, lhe abre os mais belos horizontes. Em tais períodos surgem as Inspiradoras e as Criadoras<sup>519</sup>.

Praticamente em todos os momentos deste capítulo, a Enciclopédia da Mulher entendia a presença feminina na arte sendo a pura representação masculina delas em pinturas, esculturas, peças teatrais e assim por diante. Considerava apenas a “mulher moderna” como manifestante da criação artística. Além disso, cunhava no corpo e na beleza da mulher as razões para sua representação. Havia sido assim na antiguidade grega com “Frinéia, a grande cortesã, de quem toda a Grécia louvava as formas perfeitas, viria, velada, passear à beira-mar”. Ou ainda com Aspásia, “a alma do século”, desejada e fixada em mármore por Péricles, esculpida como Atenas por Fídias, tida como discípula de Sócrates e acolhedora de Anaxágoras. Na Roma, música e dança eram ensinadas às mulheres, pois honravam a elevação dos deuses numa prece perfeita, corpo e espírito, lira, saltério, tamborim, flautas ajudavam a desenvolver o ritual na harmonia das formas e pensamentos. No Egito, Salomé era uma “bailarina-criança, menina de nobre estirpe, que possuía o segredo dos gestos mágicos”. Os poemas de Safo são, mais uma vez, trazidos. Roma, tendo herdado o culto ateniense da graça, suplantou “as esbeltas belezas das vênus”<sup>520</sup>.

Com a chegada da Idade Média o corpo feminino passaria a ser velado, modesto e de alma santa, indo contra às representações passadas que se configuravam em “espuma do paraíso, isca de Satanás que é o corpo da mulher”. A dança era outra preocupação por se tratar

---

<sup>519</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 289.

<sup>520</sup>Ibidem, p. 289-290.

de uma “emboscada demoníaca” e o canto por ser “capaz de despertar ecos de amor carnal”. O “Torneio das Damas” seria o único divertimento<sup>521</sup>. A Condessa de Die, com seus cantos eloquentes, fora exceção. Nas Cruzadas religiosas, que tinham entre os objetivos espalhar o Cristianismo pelo mundo, a moda “a parisiense” se consagrava. Estátuas de ceras, vestidos provocantes, toucados altíssimos. Uma mulher teria sido o nome dessa “revolução”: Isabeau de Baviera – “ela rege a moda e envia a suas parentas reais, bonecas vestidas à última moda de Paris, dois séculos antes da invenção dos manequins chamados Pandora”. Na música, “Maria de Borgonha, receberá tais bonecas entre duas lições, num instrumento novo”, chamado “cravo”<sup>522</sup>.

Na “aurora do século XVI” “as fogueiras da Inquisição tentavam abafar sob as cinzas a perigosa curiosidade do homem”. Surgia, então, a Renascença, “bela e milagrosamente”, recordando a Antiguidade que a cisão completa entre corpo e alma poderia e deveria “tornar-se uma síntese de harmonias”. A Gioconda, pintura de Leonardo da Vinci, seria o “exemplo mais puro desse reencontro”. A beleza feminina expressa em Mona Lisa. Daí em diante “a mulher se identifica com Deus” pois, “a beleza tornara a achar suas sacerdotisas”. Já na Itália, a mulher escultora, Safonisba de Cremona surpreendia e entrava na lista enciclopédica das primeiras criadoras. Na música, Monteverdi compunha uma melodia à sua esposa desfalecida. Na dança, Catarina de Médices investiu no ballet<sup>523</sup>.

O século XVII, tratado pela Enciclopédia como “o grande século”, contava-se as façanhas do grupo “as preciosas”, mulheres reunidas por Catarina de Vivonne, marquesa francesa, no intuito de “reformular a língua e os costumes franceses”. Também conhecida como Marquesa de Rambouillet, também teria sido a arquiteta responsável pela “concepção moderna dos apartamentos”. Mestre da estatuária francesa, Catarina Duchemin, por sua vez, fez fama como “pintora de flores”. As “quatro dançarinas de Lulli” faziam nascer o “verdadeiro bailado por bailarinas profissionais”. Na música, as intérpretes femininas encantavam nas óperas. Celeste Couperin era nome cotado<sup>524</sup>.

Na França do século XVIII pintura e gravura faziam “desabrochar talentos femininos”. Nesse entremeio, “três rainhas partilharam o centro das linhas e da côres na corte de Luís XVI”: Maria Antonieta de França, sua pintora Madame Vigée-Lebrun e Rosa Bertin, seu “Ministro da

---

<sup>521</sup>“Torneio onde, por prenda e recompensa, as damas deixam cair na arena as mangas soltas dos suntuosos capotes, troféu com que se enfeitará o vencedor”. Ibidem, p. 290.

<sup>522</sup>Ibidem, p. 292.

<sup>523</sup>Ibidem, p. 292.

<sup>524</sup>Ibidem, p. 294.

Moda”. Outras tabaqueiras e pintoras são apresentadas como “algumas silhuetas, umas felizes, outras tocantes”, mas todas encantadoras artistas do reino. O “aparecimento da dança clássica”, estava associado às adoráveis bailarinas. As composições de Mozart entrelaçadas ao amor, “uma encantadora razão”. Nas pinturas de inspiração, os artistas devotavam-se às suas “companheiras perfeitas”, representavam-nas de anjos a megeras, do retrato da mulher amada à Medéia<sup>525</sup>.

Imagem 28: A Mulher e a Arte



Fonte: Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 289, 296, 298 e 300.

Ao entrar no âmago das realizadoras, o manual afirmava que “o impressionismo deixou traço tão profundo na pintura que a arte feminina não pode ficar-lhe estranha”<sup>526</sup>. Édouard Manet (1832-1883), em sua escola de pintura, teria influenciado e feito emergir nomes como: Berta Morisot, Mary Casatt e Suzana Valadon. Como inspiradora e diretora russa, destacou-se Nadedja Von Meck. No piano, Clara Wieck “desde a idade dos seis anos, obtinha grandes sucessos de virtuose”. Outras mulheres eram destacadas por suas proezas na dança. Em especial, são tratadas as histórias da americana Isadora Duncan (1877-1927) aclamada por sua carreira na Europa; a também norte-americana, atriz e bailarina, Loïe Fuller; a russa que consagrou “A Morte do Cisne”, Anna Pavlova (1881-1931); e a argentina, “de pura raça espanhola”, Antonia Mercê (1890-1936)<sup>527</sup>.

<sup>525</sup>Ibidem, p. 298.

<sup>526</sup>Segundo dicionários de termos literários, o impressionismo configurou-se com movimento surgido na pintura francesa do século XIX, sob o contexto da Belle Époque. O nome do movimento seria derivado da obra *Impressão: nascer do sol*, de 1872, do francês Claude Monet (1840-1926).

<sup>527</sup>Ibidem, p. 301.

Em mulheres musicistas, Margarida Boulanger Champion estava registrada como a “intérprete as próprias obras”, consagrada por “sua ciência amável e segura”. A musicista Marguerite Long (francesa, 1874-1966) e a dançarina Wanda Landowska (polonesa, 1879-1959) eram lembradas como umas das “grandes intérpretes contemporâneas”. Num texto sobre as artes recreativas, novamente a retomada da importância artística para a beleza e saúde feminina e a transmissão de seus valores artísticos (que deveriam ser requintados e moderados) às futuras gerações, em especial, suas filhas:

A arte de recreio deve tender a fins mais sutis, tornar-se para a Mulher um enfeite acrescentado ao corpo, e prolongar, num plano superior e infinitamente mais profundo, um poder que a Beleza nem sempre pode sustentar por muito tempo. A ciência é nela um acréscimo poderoso ao valor da sua personalidade, mas sob condição expressa de não prejudicar a graça feminina. Pintar é uma vocação que lhe assenta, e desenhar deve fazer parte dos estudos. Um e outro lhe habituam os olhos a harmonizar as formas da vida. As realizações práticas dessas lições se aplicam tanto à maneira de cortar um vestido como à de escolher uma decoração ou de arranjar as flores num vaso. O mundo da Música se assusta com o nome temeroso de “arte recreativa.” Tocar desafinado é o triste apanágio das moças dóceis demais que, durante dez anos, lesaram as suas escalas. Existe, entretanto, outro recurso para abrir a sensibilidade aos horizontes infinitos dos sons, para conhecer a música, mesmo a que jamais poderemos executar: a leitura musical. O ingrato solfejo torna-se então a chave duma linguagem ideal. Assim podem cantar em nós tôdas as obras-primas musicais. Que riqueza de sensações, capaz de ser gozada, comunicada, repartida! A Dança enfim! Há nela algo da música, da poesia, da escultura, e do esporte. Completa e suprema expressão, deve ser cultivada desde a infância como lição diária de beleza para o corpo e para a alma. Sem cultura física intensiva, a freqüentação de um Instituto de Dança rítmica ensina a cadenciar os gestos, sublinhando-os com uma elegância impecável. A saúde se acha aí de acôrdo com a Beleza. O fim desses conhecimentos é duplo para a verdadeira Mulher: encantar pelo espírito sem desgostar por uma inteligência didática e, sobretudo, adquirir os meios de assegurar a educação das crianças, de lhes guiar o crescimento intelectual assim como o físico, e de lhes dirigir a vida futura, revelando-lhes com justeza o senso da sua evolução<sup>528</sup>.

No discurso de conclusão a certeza de que a História revelava a evolução contínua da influência feminina e das suas relações com as artes. No entanto, um “problema” era identificado: “enquanto na música, a mulher permanece inspiradora e, por vêzes, a colaboradora do músico, nas artes plásticas, inteiramente cerebralizadas, uma extrema estilização conduz o pensamento a uma arte abstrata”. Isso significava que “o valor físico da arte” desaparecia dando lugar “à sua expressão geométrica”. A Enciclopédia trazia, nesse ponto, uma questão: “uma

---

<sup>528</sup>Ibidem, p. 302.

presença feminina terá a oportunidade de exercer qualquer influência sôbre uma obra futurista?”. A resposta seria “difícil de imaginar”. Incontestável era a mulher como “forma de eterna inspiradora”<sup>529</sup>.

Terminando o capítulo e a edição de 1958 da Enciclopédia da Mulher, a mulher brasileira na arte. Na música eram lembradas Chiquinha Gonzaga (no teatro e música popular), Guiomar Novais (intérprete do Hino Nacional), Madalena Tagliaferro (artista e professora de piano), Joanídia Sodré (maestrina e diretora de um instituto de música), Magdala da Gama Oliveira (escritora e crítica musical), Carmen Miranda (“a estrêla ímpar da música do morro”), Eros Volússia (“criadora do ritmo brasileiro do bailado”, filha da poetisa Gilka Machado<sup>530</sup>), dentre outras. Na pintura destacava-se as “vanguardistas” Tarsília<sup>531</sup>, Djanira e Maria Leontina Franco. Na escultura foram evidenciadas as produções de bustos de Nicolina Vaz de Assis e os trabalhos expostos nos Museus de Arte de Paris e Nova York de Maria Martins. Carlota Nascimento era referida como “grande talento feminino” autora de belíssimos estatuários, assim como Margarida Lopes de Almeida e Ângela Vargas. No teatro brasileiro, pelo menos, quatro grandes atrizes para se orgulhar: “Apolônia Pinto, no drama e na comédia, Itália Fausta na tragédia”, “a admirável Dulcina, grande artista na extensão da palavra, e Conchita de Moraes... propulsora infatigável do teatro brasileiro”. Cacilda Becker surgia “vitoriosamente na vanguarda”<sup>532</sup>.

### 3.2 Gênero e Memória na Enciclopédia da Mulher

Em relação às discussões sobre gênero, vemos alguns fenômenos recorrentes presentes nos discursos das edições da Enciclopédia da Mulher. O mais significativo deles talvez seja a naturalização da feminilidade, ou seja, a concepção de que o destino social da mulher estaria inexoravelmente atrelado à sua condição biológica. O sexo definiria o comportamento e a aparência ideal. A biologia conduziria a mulher à lugares específicos dentro da sociedade, ocupando cargos e funções que lhe seriam mais adequadas. Nesse sentido, imperaria uma “essência feminina” responsável por toda e qualquer representação de sua “identidade”. Beleza, juventude, saúde, bom-senso, inteligência, renúncia, casamento, maternidade, seriam alguns aspectos fundamentais para uma mulher ser, de fato, feminina. A ela caberia saber lidar com

---

<sup>529</sup>Ibidem, p. 302.

<sup>530</sup>Gilka Machado (1893-1980) é considerada uma das pioneiras na escrita de poesia erótica no Brasil.

<sup>531</sup>Provavelmente referindo-se à Tarsila do Amaral (1886-1973).

<sup>532</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958, p. 303.

qualquer situação, consigo mesma e ao seu redor – de um detalhe da maquiagem ao acidental envenenamento de um filho. Precisaria entender as finanças do lar e conhecer o manuseio de disjuntores. Deveria ser perfeita em todas as situações, driblando os imprevistos e ressaltando, sem muitos alardes, seus atributos.

No que tange as características memoriais presentes nos manuais por nós analisados, apontamos para uma dupla visão. A primeira corresponde a uma memória ligada à tradição. Esta seria produzida pela própria Enciclopédia ao rebuscar elementos das avós das leitoras para justificar uma postura essencialmente feminina, como vimos nos capítulos sobre a mãe e a criança e a mulher e a vida social. Neles, o ideal de continuação de um rito idealizado e bem-quisto no coletivo, confeririam à mulher seu real valor e identidade. Remeteria ao presente vivido através da representação da “feminilidade” de uma época passada, os padrões comportamentais, os ritos de beleza. Com o apelo para a valorização da tradição, a Enciclopédia atentava-se para a importância da continuidade de transmissão dos valores identitários às gerações futuras, como é o caso das explicações sobre a educação de meninas, na qual a postura resignada e maternal deveria ser transposta. Justamente a respeito desse “desejo” e ação de continuidade que compreendemos o caráter secundário analítico. Trata-se da dimensão cultural que abarca as continuidades da vivência de um determinado período, nesse caso, os traços comportamentais do feminino presentes no discurso enciclopédico que seguiram fazendo parte da vida das gerações posteriores à produção do manual – no que diz respeito a uma sociedade patriarcal, desigual, que atribui à mulher uma série de adjetivos (principalmente ligados à maternidade, fragilidade e emoção) fruto de um construto social interiorizado e exteriorizado pelo pensamento coletivo.

Os atributos femininos contidos nas versões da Enciclopédia da Mulher iam ao encontro da percepção de feminilidade reproduzida em outros veículos da mídia. Seria o caso dos periódicos, jornais e revistas para os quais chamamos a atenção, principalmente O Cruzeiro. A analogia estabelecida entre um material de origem estrangeira e os produzidos nacionalmente, nos auxiliaram no dimensionamento da existência de um padrão de mulher. Isso ocorreu ao nos atentarmos às conotações atribuídas ao feminino em contraponto ao feminismo nessas produções. Enquanto o primeiro, por estar ligado a natureza feminina, era trabalhado como algo inerente à mulher e que precisava ser aprimorado, o segundo engendrava-se devido aos movimentos feministas e como uma esfera exteriorizada do comportamento, que ora era tratado como algo benéfico (representando conquistas e avanços), ora era tomado como perigoso (podendo descaracterizar, masculinizar a mulher).

Podemos inferir que os discursos presentes na revista O Cruzeiro, também funcionavam como instrumento de produção e difusão cultural, embutidos de representações e práticas culturais. Através das análises da revista, percebemos que padrões de mulher, feminino e feminismo estavam pontualmente determinados. As figuras femininas e feministas reverberavam um ideal social, explanavam qualificações abrangentes, difundidas de forma ampla, classificando maneiras de “ser mulher”.

Contrário aos imperativos femininos estava o feminismo como seguimento que, apesar das conquistas de direito, imprimia masculinização à mulher. A própria abordagem do termo “feminista” evidenciou os meandros tímidos, obscurecidos ou taxativos com os quais o conceito era empregado nas colunas, matérias, reportagens e entrevistas de O Cruzeiro. Mostrou-nos, inclusive, a forma não sequencial com que a abordagem feminista foi trazida: se em 1950 encontrávamos alguns textos sobre feminismo e feministas, na década de 1960 houve uma atenuação dessas ocorrências, voltando a ser discutido com um pouco mais de espaço em meados dos anos 1970. Uma possível explicação para esse fenômeno perpassa pela noção de que, ao levantar novas concepções sobre as atuações e direitos da mulher, a onda feminista do final dos anos 1960 trouxe à tona questões ainda não resolvidas por estarem “adormecidas”, dadas como satisfatórias, solucionadas ou inexistentes tanto para a sociedade quanto para a imprensa. Com um novo levante de questões, no entanto, a mídia teve a necessidade de abarcá-las, de tomá-las para discussão. Daí a reflexão sobre a insurgência de discursos adversos em O Cruzeiro – pois, da mesma maneira que determinadas mulheres não se sentiam representadas ou se apropriavam do estilo de vida dos “anos dourados”, outras encaravam com receio ou aversão as manifestações e atuações das “revolucionárias” nos anos 1960 e 1970. O reflexo dessas desinências adversas, reverberavam na mídia.

Apesar desses complexos subjetivos, notamos no decorrer das análises que a tentativa objetiva de firmar certa identidade à mulher, perpassava por dois eixos principais: ou se era feminina ou feminista; ou se era vaidosa ou malcuidada; ou aceitava seu destino natural como esposa e mãe ou era mal-amada. Identidades polarizadas que se distendiam nelas mesmas: “feminina pálida x feminina culta” e ambas versus “feminista acirrada x feminista não-passional”. Identidades, no sentido de alocar as mulheres em forma física e conduta estritamente definidas. Tratava-se de um processo que tendia garantir a manutenção funcional de representações dominantes: das diferenças bem estabelecidas entre os sexos e entre as próprias mulheres.

Ao tentarem resguardar e passar para as futuras gerações as concepções de feminilidade, os discursos presentes na Enciclopédia da Mulher e nos demais veículos similares a ela, lidavam dicotomicamente com a necessidade de renovação e de modernidade que os próprios acontecimentos da sociedade os impunham. Conseqüentemente as noções sobre identidade da mulher também eram maleadas e condicionadas às ideias sobre cidadania que emergiam no contexto das décadas de 1950 a 1970. Muitas vezes, no entanto, a renovação e a modernidade chegavam apenas de maneira alegórica.

Sinal disso, expressa-se na possibilidade das mudanças ocorridas na Nova Enciclopédia da Mulher terem, tão somente, intensificado a romantização do feminino presente na primeira versão. Os olhares lançados sobre novas medidas corpóreas, a importância da manutenção de peças modistas e a entrada mais direta na relevância dos eletrodomésticos na vida da mulher, revelam uma esfera que, rumando a energização das características femininas, mantinha o mesmo discurso. Até as modificações pontuais entre títulos e conteúdos reforçam a demonstração de um pensamento romantizado quando, por exemplo, passava a atrelar a relação entre mãe e criança (antes associada aos trabalhos caseiros) às horas de folga. O dever de cuidar dos filhos era, assim, acetinado pelo caráter lúdico e prazeroso dos momentos livres.

A sustentação, quase total, do discurso enciclopédico nas duas versões do manual, confirma a visão fundamental e efetiva de um comportamento feminino que deveria ser cultivado. As receitas preciosas para a boa forma física e a vestimenta, para os pratos culinários, para a ornamentação e cuidados com a casa ou para os trabalhos manuais, conduziam as fórmulas femininas da beleza, do bom gosto, da estética e das habilidades mulheris. A relação entre a mulher (rainha do lar) e seus filhos, marido e sociedade, propunha modos refinados e inerentes às condutas mais “adequadas”, fosse distribuindo seu amor, sua alteridade, sua receptividade, enfim, sua feminilidade. Os momentos de aprendizado e lazer vinham por intermédio do trabalho fora de casa (ofício temporário e secundário na verdadeira realização feminina, firmada no lar, ou ainda como plano auxiliar na economia doméstica), pela ida ou preparação de coquetéis, através das sonhadas férias, lançando-se em algum esporte “proporcional à sua natureza”, debruçando-se nas leituras históricas, literárias ou na contemplação artística.

Percorrendo as linhas de autorias, o fato de as versões brasileiras terem sido adaptadas por um grupo razoavelmente delimitado de profissionais (principalmente na segunda edição), nos clarifica um pouco mais esse movimento de permanências. Por outro viés, os pontos de rupturas da Nova Enciclopédia ou de “inovações” da primeira edição fazem merecer considerar

aqueles que produziam as obras. Na Enciclopédia de 1958 tínhamos a advogada e sufragista Yvonne Netter escrevendo sobre direito e vida social. No livro de 1968 víamos a escritora de livros relacionados à relação entre mulher e profissão, Simone Mesnil-Grente, falando sobre trabalho feminino. Nos capítulos sobre saúde, a preocupação em se trazer a visão de médicos era notória. No panorama adaptador brasileiro, Nina Chaves, colunista social e fundadora de um caderno para a mulher em O Globo, dissertava sobre a sociedade e seus costumes. Em contraponto, a francesa Christiane Cossus e a brasileira Amélia Vallandro, escritoras de livros culinários, percorriam além dos assuntos pertinentes à cozinha, a conservação da casa, os afazeres domésticos, os trabalhos manuais e, no caso da segunda, a elegância e a moda – que, apesar da aparente diversidade temática, todas eram áreas intrínsecas ao âmbito privado da mulher.

Por outro lado, nomes como o da cronista Maluh de Ouro Preto escrevendo sobre sociedade, costumes e esportes, ou ainda os demais capítulos terem sido produzidos por jornalistas e literários infantis, musicistas e poetas explique a exacerbação daquilo que rondava o imaginário social mais conservador da época sobre o ser mulher. É razoável inferir, outrossim, que o provável papel aparador dos editores, Nathan e Bertrand, e da editora Globo, tenha desembocado naquilo que seria impresso e veiculado como produto midiático final. Esse conjunto de fatores criou um jogo relacional entre as manutenções “características” do gênero feminino, amparando-se na justaposição da tradição, da memória.

## Considerações Finais

Para a Enciclopédia da Mulher a expressão perfeita da feminilidade existia. Verbalizava-se através de um corpo esbelto, rosto faceiro, sorriso espontâneo, cabelos alinhados, roupas ajustadas, perfume moderado e saúde em dia. Tratava-se de uma figura disposta, prestativa, que não apresentava cansaço nem rugas e que, mesmo resolvendo todos os problemas elétricos e contábeis da casa, conseguia manter mãos macias, unhas bem pintadas e mente descansada. Nessa equação, o casamento ideal e a casa dos sonhos viriam aos vinte e poucos anos. Após a gestação, percurso natural, com boa alimentação e atividades físicas moderadas, o corpo voltaria ao lugar ainda mais luminoso. Os filhos seriam bem cuidados e disciplinados, sobrando tempo para férias e atividades prazerosas. Se fosse o caso auxiliar na renda familiar ou aprender um ofício, um emprego que ressaltasse suas características de mulher completaria sua essência e felicidade. Os ideais masculinos, ainda que sobrepostos ao modelo de mulher, também estavam presentes no manual. Ser homem condizia com ser provedor, forte, racional, administrador, distraído aos detalhes, equilibrado e objetivo. A subjetividade feminina contrapunha-se à postura ativa e operante própria da masculinidade.

Mesmo em décadas diferentes, uma pertencendo aos anos 1950 e outra aos anos 1960, os conteúdos e posturas da Enciclopédia da Mulher e da Nova Enciclopédia da Mulher, referentes ao “ser mulher” e ao “ser feminina”, permaneceram muito similares. Seus discursos, ora convergentes ora conflitantes, tratavam do lugar e das funções da mulher na vida social, refletindo o momento político e ideológico contraditório estabelecido entre 1950 e 1970 – tempos nos quais regimes ditatoriais e movimentos sociais libertários conviviam na tênue linha do conflito. Convergiam-se com o fato dos periódicos femininos nem sempre terem um discurso homogêneo, uma vez que imersos no campo das mudanças na sociedade<sup>533</sup>.

Mudanças que ocorreram sutilmente entre as edições da Enciclopédia da Mulher de 1958 e 1968. Uma delas, diz respeito a forma de tratamento utilizada com a leitora. Enquanto a Enciclopédia era direcionada à “senhora”, a Nova Enciclopédia conversava com a “amiga”. Se por um lado, na primeira edição a casa era tratada como o “habitat” da família, na versão modificada apresentava-se como o “lar”. Ainda na esfera das rupturas, a atenção conferida às “outras camadas sociais” da mulher pela Nova Enciclopédia modificava a ótica estritamente relacionada à elite dada na primeira edição. Os avanços de direitos também estavam lá ao, por exemplo, discutir a legislação relacionada ao desquite e à mãe trabalhadora. Ao falar da

---

<sup>533</sup>BASSANEZI, Op. Cit., 1997.

preservação do emprego, obrigatoriedade de horário e local para a amamentação e os auxílios-maternidade, configurando-se como conquistas feministas expressas pela lei e reportadas pela Enciclopédia como extremamente relevantes. Os ares da modernidade, da vida nas cidades, do atendimento médico nos hospitais, a ida às festas, o desfrute aos hobbies e os “não-preconceitos” urbanos entravam nesse nicho de modificações e liberdade (ainda que, em quase todas essas circunstâncias, detivessem-se no uso do “mas”). O moderno existia, embora condicionado<sup>534</sup>.

Ambas as edições, ao tratarem da relação entre mulher e literatura, traziam o nome de várias escritoras consideradas feministas. A edição de 1958, rumando vieses mais religiosos e divinizados da mulher, não explorava o teor “revolucionário” das obras em si, como em *Um Teto Todo Seu* de Woolf e em *O Segundo Sexo* de Beauvoir. Diferentemente da versão atualizada, que apresentava trechos das expressões mais famosas das autoras, conferindo-lhes o título de feministas e as conquistas dos movimentos engajados nos ideais de igualdade entre os sexos. Por esse motivo, talvez as explanações sobre as literárias seja a parte “mais feminista” e de maior ruptura discursiva entre as edições da Enciclopédia da Mulher. Ser considerada um campo crescente de atuação feminina, possivelmente, tenha feito da literatura um dos meios de grande visibilidade de ideias renovadoras, em especial abarcando o feminismo<sup>535</sup>.

Por outro lado, os capítulos destinados aos trabalhos manuais e profissões adequadas à mulher traziam a confirmação do condicionamento feminino pela anatomia do sexo. A sublimação do uso das mãos engendrava as características ideias à costura e datilografia, ou ainda, seu caráter íntimo e cuidadoso permitia atuar com perfeição no professorado, enfermagem e pediatria<sup>536</sup>. As lidas com a casa e a gama extensa de receitas para a cozinha expressavam os lugares onde a mulher passaria a maior parte de seu tempo. Os anúncios de eletrodomésticos e produtos de limpeza fomentavam as tramas da indústria cultural<sup>537</sup>.

Traçando linhas bem delimitadas sobre a feminilidade, a aparência e o comportamento ideal a ser seguido, as versões da Enciclopédia colocavam o sucesso e o insucesso feminino exclusivamente nas mãos da mulher, assim como o bem-estar de todas as pessoas que faziam parte de sua vida. Tratava-se, como dissemos acima, de uma descrição da “mulher perfeita”. Uma mulher que não deveria fugir do caminho ao qual sua biologia a destinava. Um caminho

---

<sup>534</sup>SERPA, Op. Cit., 2017.

<sup>535</sup>GONÇALVES, Op. Cit., 2006.

<sup>536</sup>CASTRO, Op. Cit., 2015.

<sup>537</sup>CERTEAU, Op. Cit., 1994.

com marcas e contornos “naturalmente femininos”, que (re)produzia os sentidos sobre as representações do corpo do seu corpo e (re)criava valores sobre ele.

Vimos, tanto pelas análises das revistas femininas (de origem brasileira) quanto pelas apreciações à Enciclopédia da Mulher (originária da França, mas adaptada ao Brasil), que havia um padrão de mulher e de feminino razoavelmente definido num contexto geral. A figura feminina que circulava na mídia reverberava um ideal social, global. Sendo ele importado ou não, explanava qualificações abrangentes, difundidas de forma ampla, massificando o “ser mulher”. A própria Enciclopédia afirmava a decisão em abordar a regra, e não as exceções<sup>538</sup>. E abordando as regras e concepções sobre o “ser mulher” que autorias, organizadores e editores compilaram duas versões quase idênticas, mantendo proposições idealizadas sobre o feminino.

As ideias apresentadas no conteúdo de O Cruzeiro se aproximam nitidamente da visão enciclopédica. Isso ocorria quando expressava o olhar masculino como condicionante da beleza e dos modos femininos, ou ainda quando inferia que o trabalho fora do lar oferecia um cenário propício para traição da mulher, afinal, ela era guiada por seus impulsos e paixões. As certezas sobre o feminino e as dúvidas sobre o feminismo também despontavam nas páginas dos dois materiais. Era um mecanismo amparado por moderações que a mídia feminina utilizava para lançar as ideias sobre feminilidade, sem deixar de trazer o feminismo. Aliás, a própria mídia foi importante propagadora do movimento. Exemplo disso foram as considerações da jornalista Ethel Leon sobre a Enciclopédia da Mulher da Editora Abril coexistindo com o caráter feminista dos Cadernos de Debate Mulher da Brasiliense<sup>539</sup>. Ao abarcarem abordagens feministas em seus conteúdos, jornais, revistas e enciclopédias davam margem para que novas explanações sobre a mulher, seu papel, direitos e conquistas circulassem nas bancas e no imaginário social.

As concepções de representação coletiva de Roger Chartier nos possibilitaram vislumbrar os sistemas de percepção de rondavam as mulheres das décadas estudadas<sup>540</sup>. Os discursos médico e midiático permitiram-nos aclarar algumas das esferas que moldavam as formas de exibição social do feminino. Mary Del Priore trabalhando o binômio saúde-beleza e Mirian Goldenberg investigando a tríade beleza-saúde-juventude nos auxiliaram melhor compreender os jogos discursivos e práticos estabelecidos entre os dois campos discursivos<sup>541</sup>.

---

<sup>538</sup>Enciclopédia da Mulher, 1958. Ideia expressa no capítulo A casa.

<sup>539</sup> LEON, Ethel. Duas visões da mulher no Brasil. *Jornal Opinião*, RJ, Ed. 210 (1), 12 nov. 1976.

<sup>540</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1988.

<sup>541</sup>DEL PRIORE, Op. Cit., 2014. GOLDENBERG, Op. Cit. 2002.

A questão da saúde da mulher, bem presente na edição de 1958, ganhou ainda mais espaço em 1968 quando as discussões sobre as afecções femininas ou higienização do corpo, por exemplo, foram tratadas com maiores detalhes. Se por um lado os avanços na medicina (em especial o espaço e reconhecimento especializado da ginecologia) nos ajudam a explicar esse fenômeno, por outro enxergamos a maior abertura nos assuntos relacionados ao trato do corpo feminino, inclusive ao autoconhecimento para o reconhecimento de doenças e tratamento médico rápido. Saúde e hábitos higiênicos também estavam intimamente ligados à beleza da mulher. Sendo saudável, a mulher manteria o vigor para conseguir e sustentar um bom casamento, para cuidar bem de seus filhos, para estar bem-disposta socialmente. Manter-se sadia facilitaria a maternidade e, por consequência, contribuiria para a plena funcionalidade da mais importante manifestação da feminilidade. Jurandir Freire Costa elucidou-nos a figura de uma mulher que quando não estava sob a tutela paterna, via-se submissa ao poder marital em consonância com o aparato médico<sup>542</sup>. Nessa conjuntura, a relevância do papel materno ganhava tanto peso nas discussões enciclopédicas ao ponto de colocar a cargo da mulher os desvios de conduta, os gostos e aversões, e até mesmo a boa ou má hereditariedade dos filhos.

Em ambos os contextos de produção da Enciclopédia da Mulher, as mulheres e a sociedade, de forma mais abrangente, passavam por certas revisões. Como vimos, os movimentos feministas e de cunho social difundiram-se com perspectivas renovadoras, vislumbrando à amplificação de suas atuações, seus direitos, identidades, igualdade. O panorama histórico permeado pelos movimentos feministas dos anos 1960, à época da reformulação do material enciclopédico, ao mesmo tempo em que buscava amparar as “ânsias de progresso” abafava-se nas mesmas fórmulas do passado, na resignação feminina.

Em meio aos maniqueísmos difundidos no bojo das segregações sexistas, machistas, patriarcais, que marcaram profundamente as relações de gênero na História, notamos a difusão de uma dicotomia que se configurou ao longo do tempo: da “mulher feminina” x a “mulher feminista”. Apesar de termos separado em tópicos os termos feminino e feminismo, durante o trabalho, não acreditamos que eles sejam conceitos oponentes, a despeito dos digladiados que a História os propôs. Contestar as inerentes fórmulas femininas foi relevante para que importantes querelas feministas fossem levantadas. No entanto, as discussões do próprio movimento, entendendo as múltiplas identidades das mulheres, possibilitou a visão de um feminino que, para além do subalterno oprimido, pode ser modo de atuação e de contestação.

---

<sup>542</sup>COSTA, Op. Cit., 1983.

Calçados na fomentação de “tipos” e “gêneros” de mulher junto a tentativa de normatizá-los, tivemos através das Enciclopédias e manuais femininos, a construção da identidade feminina e da memória coletiva interiorizada pelas mulheres<sup>543</sup>. Por intermédio do apelo à tradição, tinha-se um processo que tendia a garantir a manutenção funcional de representações dominantes<sup>544</sup>: as diferenças entre os sexos. Um lugar no qual feminilidades e masculinidades possuíam recintos mutuamente distintos: público x privado, racional x emocional, forte x fraco, e assim por diante. Nesse meandro de reproduções memorialísticas sobre o ser mulher, produziam-se outras sobre o caminho a ser continuado ou começado.

A padronização da beleza, medidas, trajes, acessórios, cores e comportamentos, condizia com a tentativa da mídia – em especial da Enciclopédia da Mulher – de conferir uma identidade às mulheres. Identidade, não no sentido de torná-las iguais em oportunidades. Mas iguais em forma física e conduta. Os movimentos históricos e feministas da década de 1960, no entanto, começaram a semear percepções identitárias próximas aos parâmetros que temos atualmente. Sendo as mulheres sujeitos e objetos da História, não poderíamos prosseguir concebendo a existência de uma “identidade feminina” pronta, anterior ao fazer histórico. Embasados em Foucault e nas teóricas de gênero vimos que os indivíduos são atores, resultado de práticas culturais<sup>545</sup>.

Para Butler não existe singularidade de identidade, ou seja, não pode se pensar em ‘mulheres’ como uma categoria homogênea<sup>546</sup>. Scott pontua que masculino e feminino não são identidades acabadas, definidas no nascimento<sup>547</sup>. Dizem respeito a um constante processo aliado ao contexto social e cultural. Para Rago, Soihet e Pedro a História Cultural, com os fomentos para a desnaturalização dos sexos, baseada em uma história de inclusão, foi fundamental para essa perspectiva<sup>548</sup>. O sistema baseado na opressão e hierarquia, abalizado no patriarcado e no machismo, passou a ser questionado e combatido através do feminismo. As acepções múltiplas da categoria gênero e as discussões plurais sobre as produções e reproduções da memória nos conduziram a um caminho mais clarificante a respeito das rupturas e permanências roteirizadas na Enciclopédia da Mulher e, por consequência, nas representações do feminino.

---

<sup>543</sup>POLLAK, Op. Cit., 1989.

<sup>544</sup>CANDAU, Op. Cit., 2009.

<sup>545</sup>FOUCAULT, Op. Cit., 1979.

<sup>546</sup>BUTLER, Op. Cit., 2003.

<sup>547</sup>SCOTT, Op. Cit., 1992.

<sup>548</sup>RAGO, Op. Cit., 1992. SOIHET; PEDRO, Op. Cit., 2007.

## Fontes

### Enciclopédias:

BERTRAN, Micheline (org.). Nova Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1968.  
NATHAN, Fernand (org.). Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958.

### Sites:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>.  
<http://acervo.estadao.com.br/>.

### Periódicos:

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 5 (1), 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 6 (2), 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. Maio (24) 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. Novembro (4), 1958  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 11 (2), 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 14 (1), 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 19 (2), 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 44, 1958.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0011 (1), 1963.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0028 (1), 1964.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 03, 1968.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 12 (1), 1968.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 24 (3), 1968.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 31 (3), 1968.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0024 (1), 1970.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0037 (4), 1970.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0018 (2), 1974.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2433 (1), 1978.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2424 (1), 1977.  
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2442, 1978.  
Diário de Pernambuco, PE, Ed. 61 (1), 17 mar. 1957.  
Diário de Pernambuco, PE, Ed. 267, 22 nov. 1959.  
Jornal do Dia, RS, Ed. 3555, 21 dez. 1958.  
Jornal do Brasil, RJ. Ed. 70 (1), 25 mar. 1961.  
Jornal do Brasil, RJ, Ed. 240, 16 jun. 1972.  
Correio Brasiliense, DF, Ed. 4195 (1), 21 set. 1973.  
Diário do Paraná, PR, Ed. 4998, 05 mar. 1972.  
Jornal Opinião, RJ, Ed. 210 (1), 12 nov. 1976.  
Enciclopédia da Mulher. Fascículos elaborados pela revista Cláudia. Editora Abril. 20 p.  
Cadernos de Debate 2. Mulher: depoimentos sobre um trabalho ignorado. Editora Brasiliense. 48 p.

## Referências

- AGGIO, Alberto. Maio de 1968: repercussões no Brasil. *Jornal da Unesp & Gramsci e o Brasil*. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?id=926&page=visualizar>. Acesso em 06 ago. 2018.
- ALVES, José; CORREA, Sonia. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar. Seminário Brasil, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276297897\\_ARQUIVO\\_Textofazgenero9\\_Sonia\\_Jeda\\_11jun10.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276297897_ARQUIVO_Textofazgenero9_Sonia_Jeda_11jun10.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.
- BARBOSA, Marinalva Vieira. Sobre a problemática de pôr as emoções como objeto de discurso. *Estudos da Língua (gem)*, v. 5, n. 2, p. 57, 2007. Disponível em: <http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/ojs/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/79/198>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). *Cadernos Pagu*, n.01, a 07. p. 111-148. 1993.
- BASSANEZI, Carla; URSINI, Leslye Bombonato. O cruzeiro e as garotas. *Cadernos Pagu*, n. 4, p. 243-260, 1995. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119814/1/ppec\\_1770-2156-1-SM.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/119814/1/ppec_1770-2156-1-SM.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Observações sobre a história das mulheres. In.: *As Mulheres e História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In.: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial. *Memória, tradição e identidade. Memória em Rede*, Universidade Federal de Pelotas, 2009, p. 48. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01723634/document>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CASTAN, Nicole. O público e o particular. In.: CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. *História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes*, v. 3, p. 402-438, 1986.
- CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do 'id primitivo' em 'ego civilizado': o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1973/1112>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. *O mundo como representação*. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext). Acesso em: 20 jan. 2018.
- \_\_\_\_\_.; FEIST, Hildegard. *História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes*, v. 3, 1986.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução Luciano Vieira machado. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda nos anos 60/70 (comportamento, aparência e estilo). Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Salvador, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n02/pdf/Renata.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. Revista Psicologia Política, v. 9, n. 17, p. 85-99, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v9n17/v9n17a06.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.

COLELLA, Roberta. A Imagem da Mulher nas Revistas de Moda: o caso da Vogue. Relatório de Estágio em Comunicação e Jornalismo. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/29877/1/tesicompletaRobertaColella.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. História em Revista, v. 10, n. 10, 2017.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero, v. 5, n. 2, 2013, p. 3. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/380/285>. Acesso em: 07 jul. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Tonia; ET AL. Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 10, n. 20, p. 363-380, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2006.v10n20/363-380>. Acesso em: 10 jan. 2019.

COUTO, Ronaldo Costa. Juscelino Kubitschek. Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011. Disponível em: [http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK\\_couto.pdf?sequence=3](http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK_couto.pdf?sequence=3). Acesso em: 11 jan. 2019.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. Histórias e conversas de mulher. São Paulo: Planeta, 2013.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. As relações Brasil-França na criação do Instituto Butantan. Cadernos de História da Ciência, v. 6, n. 1, p. 107-128, 2010. Disponível em: [http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-76342010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2019.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. As irmãs Brontë e a luta pela autoria. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT02/13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos Annales à Nova História. Campinas: Ensaio/Unicamp, 1992.

FERNANDES, Florestan. O Brasil em compasso de espera, São Paulo, HUCITEC, 1981.

FERNANDES, Florestan. "O significado da ditadura militar". In.: Caio Navarro Toledo (org.), 1964: visões críticas do golpe – democracia e reformas no populismo, Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

FERREIRA, Jorge Luiz; GOMES, Angela Maria de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FILHO, João Roberto Martins. A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2008, v. 23, n. 67, pp.39-50. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/107/10713674004/>. Acesso em: 06 ago. 2018.

FLAX, J. “Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista”. In: HOLLANDA, H. B. de. Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, James Deam Amaral. Continuidade e Ruptura nos Estudos de Gênero: Historiografia de um Conceito. OPSIS. Catalão, Goiás. v. 11, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/14529/9495>. Acesso: 20 jan. 2018.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In.: Congresso Nacional de História da Mídia. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0037-1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

GIULANI, Paola C. Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira. In.: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 640-668.

GOLDENBERG, Mirian. Leila Diniz: A Arte de Ser Sem Esconder o Ser. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro: CIEC/Escola de Comunicação UFRJ, v. 2, n. 2, 1994.

\_\_\_\_\_. Mulheres e militância política de esquerda no Brasil: uma história não contada. XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt11-4/5395-mgoldenbergmulheres/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Nu e Vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 08.

GOMES, Angela de Castro. Direitos e Cidadania: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GONÇALVES, Andréa Lisly. História e Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYMANN, Luciana Quillet. O devoir de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In.: Direitos e Cidadania: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p. 313-331. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702009000500015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000500015). Acesso em: 10 jan. 2019.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In.: Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia; Centro de Documentação; Disseminação de Informações. Estatísticas do século XX. IBGE, Brasil, 2003. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv37312.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

JAQUETTE, Jane S. Los movimientos de mujeres y las transformaciones democráticas en América Latina. In.: LEON, Magdalena (Org.). Mujeres y participación política. Avances y desafíos em América Latina. Bogotá: Tercer Mundo, 1994.

KESSEL, Carlos. Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 30, p. 110-128, 2002, p. 121. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2177/1316>. Acesso em: 22 jan. 2019.

LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In.: LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

- \_\_\_\_\_. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LIMA, Raquel Rodrigues. Os modos de morar em Porto Alegre. In.: KOTHER, Maria Beatriz Medeiros; FERREIRA, Mario dos Santos; BREGATTO, Paulo Ricardo (Orgs.). Arquitetura & urbanismo: posturas, tendências & reflexões. EDIPUCRS, 2006, p. 321-337.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In.: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 443-481.
- LUCA, Tânia Regina de. A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. A eugenia no Brasil. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. n. 11, jul. 1999, p. 121-143. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. Revista Brasileira de História, v. 17 n. 34. São Paulo, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881997000200011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881997000200011&script=sci_arttext&tlng=es). Acesso em: 19 ago. 2018.
- MARQUES, Rita de Cássia. O início da medicalização do atendimento à saúde da mulher em Belo Horizonte. REME: Revista Mineira de. Enfermagem, 4(1/2) p. 70-76, jan./dez., 2000. Disponível em: <http://reme.org.br/exportar-pdf/834/v4n1a14.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo. Revista de História, n. 146, p. 11-27, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18929/20992>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930. Diálogos, DHI/UEM, v. 4. p. 77-92, 2000.
- MELLO SOUZA, Juliana. Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. Media & Jornalismo, v. 17, n. 30, p. 71-83, 2017.
- MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Corpos femininos e publicidade na revista Capricho (décadas de 1950-1960). In.: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278297022\\_ARQUIVO\\_textocompl eto-Faz.Gen.9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278297022_ARQUIVO_textocompl eto-Faz.Gen.9.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.
- MILL, John Stuart. A Sujeição das Mulheres. Trad. Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- MOLYNEUX, Maxine. Movimientos de mujeres en América Latina. Un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003. Apud: COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Revista Gênero, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/380/285>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- NADER, Maria Beatriz. Mulher: do Destino Biológico ao Destino Social. 2ª ed. Vitória: EDUFES/Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUCSP, n. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 jan. 2018.

OLIVEIRA, Maria Izabel Barboza de Moraes. Precauções dos príncipes em seus amores: preocupações de Bossuet em relação às guerras civis na França. *Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História*, v. 9, n. 14, 2012. Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/download/10/4](https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/download/10/4). Acesso em: 20 jan. 2019.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEGORARO, Éverly. Elas, silenciosas ou ousadas: a publicidade e as diferentes percepções acerca da mulher (1940-1950). In.: *História, imagem e narrativas*. 2011. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/edicao12.php>. Acesso em: 15 ago. 2016.

PERNOUD, Régine. *Luz sobre a Idade Média*. Trad. Antônio Manoel de Almeida Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PETIT, Cristina Molina. Elementos para una dialectica feminista de la Ilustración. In.: AMORÓS, Célia (Org.). *Actas del Seminario Permanente Feminismo e Ilustración 1988-1992*. IIF/Universidad Complutense de MADRID. 1993.

PINHEIRO, Ana Alice Costa. *Avances y definiciones del movimiento feminista em Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Facultad de Ciências Políticas y Sociales, México, 1981.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. In.: PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 9-11, 2017.

\_\_\_\_\_. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *Mulheres dos Anos Dourados*. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/issue/view/947>. Acesso em: 20 jan. 2018.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). *História da vida privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In.: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995. Disponível em: [http://historiacultural.mpbnnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

RUBINO, Silvana. A casa moderna: modos de usar. IV ENANPARQ, Porto Alegre, 25-29 jul. 2016. *Arquitetura, Gênero e Sexualidade*, p. 1-15. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2007/S07-04-RUBINO,%20S.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS, Ana Cristina. Estudos queer: Identidades, contextos e ação colectiva. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (online), nº 76, dez. 2006, p. 3-15. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/813>. Acesso em: 04 fev. 2019

SANTOS, Ladjane de Barros. Movimento feminista na América Latina: o nascer e o desenvolvimento de um ser Inferior. In.: XXIX Congresso Internacional Da Alas, 2013, Santiago, Chile, p. 2-3. Grupo de trabalho Gênero, Desigualdade e Cidadania. Disponível em: [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9\\_deBarrosSantoL.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_deBarrosSantoL.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.

- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-90, 1995.
- \_\_\_\_\_. História das mulheres. In.: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 11-27, 1994. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51007>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- SENA, Francisca. *Mulheres em movimento: construção de relações de gênero na militância política das mulheres*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual do Ceará, 2004. Disponível em: [http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/francisca\\_maria\\_rodrigues\\_sena%5B1%5D.pdf](http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/francisca_maria_rodrigues_sena%5B1%5D.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.
- SERPA, Leoní. *Modernidade, Mulher, Imprensa: A Revista o Cruzeiro no Brasil de 1928-1945*. Curitiba: Appris, 2017.
- SILVEIRINHA, Maria João. Os media e as mulheres: horizontes de representação, de construção e de práticas significantes. *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281-300, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 jan. 2018.
- SOUZA, Juliana Mello. Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. *Media & Jornalismo*, v. 17, n. 30, p. 71-83, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mj/v17n30/v17n30a06.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- SOUZA, Valdete Vazzoler de; CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. Fotografia: meio e linguagem dentro da moda. *Discursos fotográficos*, v. 1, n. 1, p. 231-251, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/1474/1220>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- TAVARES, Maria Tereza Goudard. Movimentos sociais e a formação política de mulheres na luta por creches: a experiência do “Artcreche” em São Gonçalo. *Zero-a-Seis*, v. 19, n. 36, 2017, UFSC. p. 272-289. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2017v19n36p272/35619>. Acesso em: 19 ago. 2018.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Ciranda de pedra*. Editora Companhia das Letras, 2009.

## **PARTE II**

## **LIVRETO: MULHERES EM REVOLUÇÃO**

## Introdução

Como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania temos a execução obrigatória de duas etapas. A primeira constitui-se de uma discussão teórica, metodológica e histórica acerca dos objetos e fontes pretendidos de estudo. A segunda diz respeito à elaboração prática de um “produto final”, proveniente dos pontos problematizados e alcançados no debate primeiro. Tendo trabalhado as conceituações sobre gênero e memória em relação as representações do feminino na Enciclopédia da Mulher (1950-1970), cumprimos a parte dedicada à pesquisa. A partir daqui, exibiremos então a outra parte: destinada à extensão, a uma proposta que, para além das confluências teóricas, configura-se como reflexão prática acerca dela, reflexão que nos permite ultrapassar as barreiras do trabalho acadêmico vislumbrando setores mais amplos da sociedade.

Durante o percurso da dissertação, algumas ideias surgiram sobre o que poderia ser criado, em diálogo com o texto desenvolvido. Buscávamos um material que, de alguma maneira, pudesse traduzi-lo de forma mais acessível e dinâmica a um público estendido à Universidade. Por abarcamos questões de gênero, envoltos na memória e inscritos em produções midiáticas, foi pensado a criação de uma espécie de veículo comunicador, que ressignificasse de maneira problematizada aquilo que trabalhávamos, ou seja, os manuais femininos imbuídos de representações da mulher. Inicialmente, a criação de um site ou de um blog sobrepôs-se como ideia renovada para se tratar elementos imagéticos e textuais sobre as acepções plurais de gênero e de História das mulheres – ou seja, desde que a Enciclopédia da Mulher, de meados do século XX, passou a circular. Pretendíamos esboçar um olhar contemporâneo sobre os conteúdos enciclopédicos, promovendo uma relação entre as conquistas e entraves no tocante ao empoderamento feminino através de relações memoriais. No entanto, as barreiras financeiras e digitais, envolvendo a aquisição e manutenção de um domínio na internet, fizeram com que essa ideia fosse deixada de lado.

No momento seguinte, vieram pensamentos sobre a criação de um almanaque, com conceito similar ao site/blog. Entretanto, alguns pontos elementares discutidos durante a banca da qualificação, fizeram com que a ideia do almanaque se alterasse. Os apontamentos e problemáticas apontadas acerca do produto, àquela altura, auxiliaram e conferiram um olhar mais dinâmico e sensível em forma e conteúdo. Pois, ao pretendermos “repaginar” os capítulos da Enciclopédia da Mulher, estaríamos de certo modo revivendo aquele contexto dos anos 1950-1970 que, certamente, não era o que pretendíamos. Tão pouco a intenção seria criar um manual sobre o ser mulher, com novos parâmetros e ditames no que tange suas formas de

exibição social. O pretendido sempre foi estabelecer algum espaço, envolto nos aspectos comunicativos da escrita associada à imagem, que prezasse a diversidade e a liberdade que devem cercear as mulheres, suas maneiras de agirem, de se expressarem, de viverem sob um contexto de cidadania. O intuito permeou a possibilidade de trabalhar esse material em contextos educativos, amparados nas bases curriculares e parâmetros básicos educacionais – respeitando as pedagogias sobrepostas a eles em seus termos de faixa etária e aplicabilidade.

Nesse momento de reelaboração do produto, surgiu a vontade de abarcar um dos principais pontos da discussão teórica realizada. Tratava-se do momento no qual lidamos com as representações do feminino em face às representações do feminismo expressos especialmente nos jornais e revistas brasileiras – com ênfase na revista *O Cruzeiro* – e, posteriormente, nas formas diretas e indiretas (não-ditas) em que essa relação feminina x feminista estabeleceu-se na Enciclopédia da Mulher.

Expressamos, dessa maneira, os pontos pensados na elaboração do material que comporta esses elementos. Fomentamos as bases educacionais acompanhadas dos aspectos teórico-metodológicos, pensando nas formas de execução e aplicação da parte prática desse trabalho. Para tanto, elaboraremos um livreto chamado *Mulheres em Revolução* que correlaciona as relações entre as representações do feminino e do feminismo amparadas nos aportes conceituais gênero, identidade e cidadania.

## Entre práticas e representações: o feminino

Realizando a apuração do conceito de “representação coletiva”, o historiador Roger Chartier pondera como os acontecimentos socioculturais se propõem a incorporar nos indivíduos esquemas de percepção e comportamentos que moldam as formas de exibição social, das performances particulares e de suas questões conceituais<sup>549</sup>. As discussões conduzidas por esse estudioso estão inseridas na chamada Nova História Cultural e têm como objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. É neste cenário historiográfico que também alocamos esta etapa do trabalho. Pois, nesse viés de pensamento, a introdução e uso da categoria ‘gênero’, por exemplo, pode ser vista como uma construção de pensamento gerida de acordo com as demandas de um determinado grupo social.

Adentrando-se no “mundo do texto” e no “mundo do leitor”, Chartier apoia-se nas considerações de Paul Ricoeur sobre a construção do sentido<sup>550</sup>. Para tanto, pondera duas hipóteses. A primeira diz respeito à construção de sentido efetuada na leitura que, sendo um processo historicamente determinado, varia conforme os tempos, lugares e comunidades. A segunda refere-se ao fato de as significações serem múltiplas e móveis, uma vez que dependem das formas com que são recebidas pelos leitores. Chartier afirma ser importante ponderar que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos”<sup>551</sup>. Dessa maneira, os diferentes tipos de leitura geram distintas formas de interpretação:

Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. [...]. No espaço assim traçado se inscreve todo trabalho situado no cruzamento de uma

---

<sup>549</sup>CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1988, p. 21.

<sup>550</sup>RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

<sup>551</sup>CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nrm=is](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nrm=is). Acesso em: 10 jan. 2019, p. 178.

história das práticas, social e historicamente diferenciadas, e de uma história das representações inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos<sup>552</sup>.

Enxergando o jogo estabelecido entre as expectativas e competências das formas textuais ou materiais, imersas nas redes simbólicas culturais, que Chartier vislumbra uma via dupla da noção de identidade na representação. Uma delas pensa a construção das identidades sociais como sendo o resultado da relação de força daqueles que possuem o poder de classificar, nomear, definir, aceitar ou resistir sobre aquilo que cada comunidade produz de si mesma. A outra pensa a representação traduzida pela unidade social, reconhecendo sua existência a partir de si mesmo<sup>553</sup>. Assim:

[...] por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo ao corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não<sup>554</sup>.

Chartier adverte que, tomada como verdade, a representação é desviada e “transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada”<sup>555</sup>. O historiador refere-se aos “dispositivos formais” (textuais ou materiais) que lançam em suas estruturas as expectativas e competências ao público visado<sup>556</sup>. Sobre a perspectiva dialógica estabelecida entre os tipos de representação apoiadas em apreciações dominantes que Chartier problematiza, em outra obra, o surgimento de “relações naturais” produto de incorporações instrumentalizadas<sup>557</sup>. Dentre essas relações destaca a construção de uma “identidade feminina” através da repetição das representações e as práticas. Sob essa perspectiva, Chartier considera que a historiadora Lynn Hunt e sua reflexão sobre a definição das identidades sexuais se estabelece como uma das características originais da Nova História Cultural, pois:

---

<sup>552</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1991, p. 179.

<sup>553</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1991, p. 183.

<sup>554</sup>Ibidem, 1991, p. 184.

<sup>555</sup>Ibidem, 1991, p. 185-186.

<sup>556</sup>Ibidem, 1991, p. 186.

<sup>557</sup>CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaooderepresentacao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 22.

[...] constitui uma ilustração exemplar da exigência que habita hoje em toda a prática histórica: compreender, ao mesmo tempo, como as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como essas relações são elas mesmas dependentes dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cujo poder legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram – ou devem assegurar.

Completa que, desse modo, a noção de representação “não está longe do real nem do social”. Sendo elas interiorizadas ou objetivadas, “as representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”<sup>558</sup>. É nesse sentido que Chartier acredita na interiorização das representações dominantes sobre a diferença entre os sexos. Um cenário no qual feminilidade e masculinidade são construídas:

De maneira durável, a construção da identidade feminina tem-se enraizado na interiorização pelas mulheres de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto importante da história das mulheres é assim o estudo dos dispositivos, desdobrados em múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os dois sexos: por exemplo, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública etc. Longe de afastar o real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres<sup>559</sup>.

O historiador não exclui, todavia, a insurgência de desvios e manipulações que, “pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para assegurar a dependência e a submissão”. Chartier afirma que o próprio fato de “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é histórica e culturalmente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, irreduzível, universal”<sup>560</sup>. Para compreender a oposição naturalizada entre feminino/masculino, o teórico aposta na relevante identificação das configurações que representam como biológica a condição social dos indivíduos. Inclusive, pondera as representações médicas na postulação destas diferenças como sendo algo historicamente datado:

---

<sup>558</sup>CHARTIER, Op. Cit., 2011, p. 23.

<sup>559</sup>CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 97-113. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1973/1112>. Acesso em: 10 jan. 2019, p. 9.

<sup>560</sup>Ibidem, p. 9.

Como constata Thomas Laqueur, a partir do fim do século XVIII, ao "discurso dominante [que] via nos corpos machos e fêmeas versões hierarquicamente, verticalmente ordenadas de um único e mesmo sexo" sucedem "uma anatomia e uma fisiologia da incomensurabilidade". Inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o cotidiano, a diferença sexual é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam. Mas estes se enraízam em posições e interesses sociais que, aliás, devem garantir a submissão de umas e a dominação de outros. A história das mulheres, formulada nos termos de uma história das relações entre os sexos, ilustra bem o desafio lançado hoje aos historiadores: ligar construção discursiva do social e construção social do discurso<sup>561</sup>.

Na constante estabelecida entre a construção discursiva social e a construção social do discurso, além dos aparatos médicos, incluem-se as produções mais especificamente dirigidas ao público feminino: as revistas femininas. Numa relação difuso e difusora da identidade feminina, a mídia impressa conferia os modos com os quais a mulher viveria corretamente. Uma produção domesticadora que, ao lançar "verdades" representativas sobre a mulher, condicionava-se como instituição dominante padronizada. Nas palavras de Roger Chartier:

Todo o dispositivo que visa criar controle e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e as censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos<sup>562</sup>.

As características de controle e produção cultural dos veículos midiáticos sintonizam-se ao poder desempenhado pela linguagem, em especial pela escrita e imagética. Itens estes extremamente explorados no contexto dos manuais femininos entre as décadas de 1950 e 1970. Para Mary Del Priore, durante esse período, a imprensa feminina tomou em mãos o discurso médico que fazia questão de lembrar que a mulher, podendo até ser letrada ou cientista, cozinheira ou passadeira, jamais deveria ignorar suas funções de mãe<sup>563</sup>. Pondera que:

Pipocavam, então, artigos sobre o cuidado e a educação dos filhos, que exigiam das genitoras imensos sacrifícios, mas com uma diferença: se os filhos exigiam cuidados, o cuidado da mulher com ela mesma também passava a ser importante. O nascimento de um filho não era mais solução para um

---

<sup>561</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1994, p. 10.

<sup>562</sup>CHARTIER, Op. Cit., 1988, p. 137-138.

<sup>563</sup>DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

casamento em crise. Embora, por ele, a mãe devesse evitar o desquite, as brigas e as desavenças<sup>564</sup>.

A maternidade desempenhada com maestria garantia a feminilidade da mulher, mas não a desvinculava das outras conotações que a potencializariam. O papel de esposa, condicionante da maternidade, revelava dentro da “hierarquia de valores da mulher” a melhor posição social, afinal ter “um homem pra chamar de seu” seria questão de status<sup>565</sup>. Ser bonita, saudável (relacionando-se à magreza) e jovem, compunham o ser feminino dentro dos parâmetros da perfeição física<sup>566</sup>. Os textos enfáticos e a explosão de imagens com rostos, corpos, vestimentas e gestos adequados, faziam das revistas e enciclopédias femininas modelos representativos produzidos e produtores de uma certa identidade da mulher. Por absorverem os acontecimentos da esfera social, as mesmas mídias que estipulavam ditames acerca do feminino passaram a ter de explorar cada vez mais as movimentações do feminismo. Del Priore reflete a entrada de temas com a educação da mulher, o divórcio e o sufrágio feminino como expoentes que, escandalosamente no início do século passado, começaram a marcar território nos periódicos<sup>567</sup>. As questões apontadas por Chartier em relação aos estudos de gênero envoltos nas tramas da Nova História Cultural conferiram ainda mais tónus na amplificação das ideias que tendiam a colocar no inexorável destino biológico da mulher, seu destino social. Em convivência com as questões feministas, as conotações naturalizadas do feminino sofreriam questionamentos cada vez mais latentes: na sociedade, na cultura, na mídia e na educação.

---

<sup>564</sup>Ibidem, p. 154.

<sup>565</sup>Ibidem, p. 95.

<sup>566</sup>Ibidem, p. 230.

<sup>567</sup>Ibidem, p. 152.

## As representações do feminino e a educação

Apesar de propormos um material que pode ser utilizado e distribuído na sociedade de uma forma geral, focamos na possibilidade de seu uso no meio educativo. Atrelando as temáticas por nós trabalhadas aos conteúdos propostos pelo Ministério da Educação, encontramos plataformas e eixos temáticos na História, nos quais as discussões que trazemos podem ser encaixadas na sala de aula. Como o livreto desenvolvido na sequência abarca elementos presentes nas propostas para a série final do Ensino Fundamental, ou seja, o 9º ano, objetivamos a aplicabilidade de nosso material a esta etapa educativa.

Até o ano de 2017 o sistema educacional brasileiro possuía como subsídio as orientações escolares presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>568</sup>. Ao pretenderem discutir gênero e sexualidade em um de seus eixos, os conteúdos do PCN voltavam-se para as questões envolvendo cultura e cidadania. Ao englobar as relações de gênero e o respeito a si e à diversidade, partia-se para uma concepção de sociedade democrática e pluralista. Nessa atmosfera, apostava-se na educação sexual como pilar para se reconhecer as construções culturais estabelecidas pela diferença dos sexos. Tratando da faixa-etária correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental, pontuava que:

Assim, a escola deve se organizar para que os alunos, ao fim do ensino fundamental, sejam capazes de: reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas<sup>569</sup>.

O PCN criava “eixos básicos para atuação”. Divididos em três tópicos e visando considerar as dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais da sexualidade, afirmava contemplar uma visão ampla e não reducionista, buscando problematizar:

1. As Dimensões do Corpo;
2. As Relações de Gênero;
3. A Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids.

---

<sup>568</sup>BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: documento introdutório, Brasília: MEC/SEF, v. 10, 1997, p. 287.

<sup>569</sup>Ibidem, p. 311.

Por estarmos alocados em um eixo específico de pesquisa, tomaremos somente ele para explicações. Trata-se do segundo seguimento: as relações de gênero. Nele, entendia-se gênero como o “conjunto de representações sociais construídas a partir da diferença biológica”. Assim, se por um lado ‘sexo’ seria condizente ao atributo anatômico, ‘gênero’ estaria relacionado ao desenvolvimento das noções de “feminino” e “masculino” enquanto construção social. A importância de se trabalhar gênero na educação estava justificada da seguinte maneira:

O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero<sup>570</sup>.

Mesmo que indiretamente, os padrões patriarcais e machistas eram apontados pelo PCN como inibidores da igualdade de oportunidades oferecidas para homens e mulheres. Dessa forma, o exercício da cidadania ficaria comprometido na sociedade. As diferenças históricas baseadas nas diferenças biológicas, discutidas pelas historiadoras de gênero (como Joan Scott, Margareth Rago e Rachel Soihet), fariam parte do processo de naturalização dos sexos. De acordo com o texto apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, era essencial desvendar e explicitar as discriminações e os preconceitos de gênero, em prol da garantia da equidade e da cidadania. Além disso:

O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamento diferenciados para homens e mulheres. A flexibilização dos padrões visa a permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum, pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas. As diferenças não precisam ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um<sup>571</sup>.

---

<sup>570</sup>Ibidem, p. 321-322.

<sup>571</sup>Ibidem, p. 322.

O reforço ao trabalho sobre as questões de gênero dentro do âmbito escolar, emergia também pela forma ampliada em que o assunto se colocava nos assuntos trabalhados pela escola. Vislumbrando a abertura e o equilíbrio entre os sexos, a interdisciplinaridade do assunto fazia-se possível e necessária:

A história das mulheres, suas lutas pela conquista de direitos e as enormes diferenças que podem ser encontradas ainda hoje nas diversas partes do globo, constitui tema de estudo, tanto em História quanto em Geografia e mesmo em Matemática, ao utilizar dados para análise dos avanços progressivos do movimento de mulheres ao longo do tempo. Esses avanços referem-se principalmente à maior participação das mulheres na esfera pública em todos os aspectos: na política, na cultura, no trabalho remunerado e outros<sup>572</sup>.

Por se tratarem de “comportamentos e habilidades socialmente desenvolvidos” e não “tão explícitos”, era chamada a atenção dos professores para não tomarem de forma diferenciada os tratamentos entre meninos e meninas. Isso iria ao encontro da naturalização ligada ao fator sexualmente biológico. O professor, sendo vigilante constante, deveria intervir em qualquer situação discriminatória, questionando os estereótipos associados ao gênero. Isso ocorreria, por exemplo, em casos de colocação de “apelidos jocosos”<sup>573</sup>. Violência e estereótipos eram dois outros pontos sugeridos como objetos discursivos e interventores do trabalho didático:

Há ainda outro fato que merece muita atenção por parte dos educadores: a violência associada ao gênero. Essa forma de violência deve ser alvo de atenção, pois constitui-se em atentado contra a dignidade e até a integridade física das mulheres. O fato de os meninos geralmente possuírem maior força física que as meninas não deve possibilitar que ocorram situações de coerção, agressão ou abuso sexuais. É dever do educador intervir nessas situações e encaminhá-las às autoridades competentes além, é claro, de assistir à vítima. Se situações como essas acontecem na escola devem ser alvo de discussão e reflexão por parte da comunidade escolar, a fim de prevenir outras similares e garantir o respeito ao outro. Outro ponto que merece atenção é o material didático escolhido para o trabalho em sala de aula, que muitas vezes apresenta estereótipos ligados ao gênero, como a mulher predominantemente na esfera doméstica e realizando trabalho não remunerado, enquanto o homem é associado ao desempenho de atividades sempre na esfera pública<sup>574</sup>.

O questionamento do próprio material didático era colocado como plausível dentro dessa atmosfera, contra a reprodução dos preconceitos ligados aos “papéis sexuais”. Portanto,

---

<sup>572</sup>Ibidem, p. 323.

<sup>573</sup>Ibidem, p. 324.

<sup>574</sup>Ibidem, p. 325.

a escolha de materiais que vislumbrassem a equidade pretendida, tornava-se de suma importância num contexto educativo que rumasse a igualdade de gênero. Nos atentamos, no mais, para a pouca expressão e atenção conferida às expressões de gênero que não o feminino e masculino. Em determinado momento são mencionados os mesmos princípios de igualdade e respeito aos homossexuais (termo em decadência para referir-se aos LGBTQI<sup>575</sup>), mas não existia aprofundamento.

Entretanto, como dissemos acima, os Parâmetros Curriculares Nacionais estiveram em voga, como sistema nacional de base para a educação, de sua formulação (em 1997) até 2017. Isso porque, no ano em questão, foi implementado pelo Ministério da Educação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>576</sup>. Visando atender as “necessidades, interesses e pluralidades da educação brasileira”, a BNCC não trabalha o conceito gênero em seu conteúdo. Segundo o MEC, isso ocorre pelo fato de o texto defender a “pluralidade”. Mesmo acreditando não ser plausível essa afirmativa, simulamos a utilização do produto final aqui proposto em meio aos seus fundamentos.

Levando em conta a estrutura da BNCC, o material por nós proposto poderia ser utilizado em uma das fases de condensação das temáticas. Explicaremos melhor. Do nascimento da República à redemocratização pós 1988, a Base Nacional divide-se em algumas unidades temáticas. Cada uma delas é seguida por objetos do conhecimento e habilidades. Seleccionamos aquelas que possibilitam a construção de um pensamento acerca os movimentos envolvendo cultura, sociedade e mulheres nos recortes temporais (1950-1970) do livreto que proporemos adiante. São elas:

- UNIDADE TEMÁTICA: O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.
- OBJETOS DO CONHECIMENTO: Anarquismo e protagonismo feminino.
- HABILIDADES: Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema; Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

---

<sup>575</sup>Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer ou Questionadores e Intersexo.

<sup>576</sup>BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 dez. 2018.

- UNIDADE TEMÁTICA: Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.
  - OBJETOS DO CONHECIMENTO: O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação.
  - HABILIDADES: Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946; Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.
- 
- UNIDADE TEMÁTICA: Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.
  - OBJETOS DO CONHECIMENTO: Os anos 1960: revolução cultural?; A ditadura civil-militar e os processos de resistência; As questões indígena e negra e a ditadura.
  - HABILIDADES: Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos; Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.
- 
- UNIDADE TEMÁTICA: Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.
  - OBJETOS DO CONHECIMENTO: O processo de redemocratização; A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.); A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais; Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira; A questão da violência contra populações marginalizadas; O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização.
  - HABILIDADES: Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

Após serem estudados os movimentos feministas do início do século XX, o contexto dos Anos Dourados, dos movimentos sociais pós-anos 1960 e a Ditadura Militar, podemos

inserir as discussões sobre a condensação dessas temáticas no item seguinte. Ou seja, o livreto sobre as representações do feminino e do feminismo entre 1950 e 1960 adentraria o contexto no qual são discutidos os protagonismos e as marginalizações sociais, incluindo a situação das mulheres. Assim como o antigo PCN, a Base atualizada não se atentou para as questões contemporâneas envolvendo o termo “homossexualismo” (em desuso), nem nas questões nominativas, nem nas explicações discursivas.

Outro documento de orientação curricular, agora em âmbito estadual, também nos fornece suporte para trazemos o livreto para a sala de aula. Prezando pelo respeito à diversidade e a convivência saudável entre as diferenças, o Currículo Básico Comum (CBC)<sup>577</sup> do estado de Minas Gerais aposta na educação para a cidadania:

Hoje, a educação para a cidadania, prioriza a aquisição de instrumentos intelectuais e a formação de atitudes para uma efetiva participação na esfera pública, de maneira motivada, consciente e esclarecida; prioriza o estímulo a descoberta, o respeito e o reconhecimento do outro, de outras culturas e valoriza a diversidade étnico-cultural e a convivência saudável com a diferença. Em síntese, a educação para a cidadania orienta-se para a formação de cidadãos “livres, responsáveis, autônomos e solidários promovendo o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas idéias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva (...)” (PROENÇA, 1999:27)<sup>578</sup>.

Nesse tocante, explora-se o quão importante foram as bases historiográficas francesas e, principalmente, o advento da História Social inglesa e da Nova História Cultural para a renovação do ensino de História e da produção do conhecimento histórico:

As tendências historiográficas francesas, que tiveram origem na Escola dos Annales, no final da década de 20, e na sua terceira geração, que lançou a obra organizada por Le Goff e, posteriormente, a História social inglesa e a nova história cultural, passaram a marcar de maneira definitiva a produção historiográfica brasileira e, progressivamente, o ensino da História. Essa renovação historiográfica coloca em evidência novos temas, novos objetos e novos métodos para a produção do conhecimento histórico<sup>579</sup>.

---

<sup>577</sup>MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. Conteúdos básicos comuns: história, ensinos fundamental e médio. Disponível em: [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7B80A9F6A7-110D-42C2-ACB1-A52372D19CB6%7D\\_LIVRO%20DE%20HISTORIA.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B80A9F6A7-110D-42C2-ACB1-A52372D19CB6%7D_LIVRO%20DE%20HISTORIA.pdf). Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>578</sup>Ibidem, p. 13.

<sup>579</sup>Ibidem, p. 13-14.

Nas abordagens introdutórias do Currículo Básico Comum aponta-se para o fato dessas tendências historiográficas terem rompido com uma história metódica. Nesse sentido, negaram a ideia de objetividade e transparência absoluta dos documentos. Por se tratarem de registros as ações e dos ideais dos homens no tempo, os documentos passaram a ser vistos como evidências para a construção de explicações históricas se devidamente interrogados pelo historiador a partir de questões do presente. Dessa maneira:

O conhecimento histórico deixa, assim, de ser mera duplicação do real. O conhecimento histórico, embora ancorado no real e com o objetivo de explicá-lo, torna-se uma construção intelectual resultante do diálogo entre categorias conceituais - e evidências; entre estas e a visão de mundo ao qual o historiador se filia. Assinala-se, ainda, o abandono da visão linear da história, passando-se a atentar para as relações de mudança e permanência ao longo do tempo, para a existência de múltiplas temporalidades coexistindo num mesmo tempo cronológico; a interdisciplinaridade com as demais ciências sociais, como a antropologia, a sociologia, a geografia a psicologia, entre outras. Além desses rompimentos, os objetos do conhecimento histórico se deslocaram dos grandes fatos nacionais ou mundiais para a investigação das relações cotidianas, dos grupos excluídos e dos sujeitos sociais construtores da história<sup>580</sup>.

A História que se desloca dos “grandes fatos nacionais” para a investigação das “relações cotidianas” visa, segundo o CBC, desenvolver o raciocínio histórico. Trata-se de uma história problema “preocupada em estudar e compreender as relações entre o presente e o passado e as produções de conhecimento pelos alunos”. Ademais, do ponto de vista didático-pedagógico, pretende-se que os alunos sejam sujeitos ativos de seus processos de aprendizagem.

Consonantes com alguns documentos do Ministério da Educação e da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, o Currículo Básico Comum propõe um conjunto de objetivos para o ensino de História do segundo segmento do Ensino Fundamental. São eles:

- Problematizar visões, representações e atitudes que, comprometem o avanço dos sujeitos, dos grupos, das identidades sociais em direção à emancipação política e social;
- Desenvolver a noção de historicidade das ações dos homens da realidade social e dos processos históricos;
- Promover a confrontação de versões e interpretações sobre um mesmo acontecimento histórico;
- Promover a aquisição de ferramentas intelectuais e a formação de atitudes de que capacite os alunos a participarem dos debates presentes no processo histórico brasileiro e nos processos internacionais;

---

<sup>580</sup>Ibidem, p. 13-14.

- Propiciar o desenvolvimento de atitudes de respeito e de compreensão com relação à diversidade sociocultural das sociedades e da sociedade brasileira, em particular;
- Contribuir para a compreensão de problemas e questões do presente e de suas relações com a dinâmica de mudanças e permanências dos processos históricos;
- Desenvolver habilidades necessárias ao estudo das diferentes fontes históricas;
- Desenvolver habilidades de leitura, interpretação e produção de textos históricos, de gêneros diversos;
- Estimular a formação de atitudes e de negociações e proposições coletivas para resolução de problemas comuns, reconhecendo o direito do outro de manifestar-se e apresentar suas ideias;
- Incentivar a reflexão sobre valores individuais, de grupos socioculturais de referência e valores de outros grupos de tempos e espaços diferentes<sup>581</sup>.

Complementando os objetivos diversificados, que prezam pelo pensamento crítico, plural, cidadão e capaz de refletir os movimentos de mudanças e continuidades dos processos históricos, o CBC aposta na elaboração de eixos temáticos. Conciliando os conteúdos programáticos das aulas de História com os processos de problematização analítica e identificadora, são divididos três eixos norteadores:

- Eixo Temático I - Histórias de Vida, Diversidade Populacional e Migrações
- Eixo Temático II - Construção do Brasil: Território, Estado e Nação
- Eixo temático III - Nação, Trabalho e Cidadania no Brasil

Cada eixo é paramentado com temas e subtemas. Mais uma vez, ao pretendermos trabalhar manuais femininos das décadas de 1950 a 1970, guiados pelo contexto histórico da ditadura militar e dos movimentos feministas, achamos mais apropriado alocarmos-nos no recorte temporal relativo a essa época. Sendo assim, visando o campo mais pertinente para inserção de um material que abarca discussões de gênero e cidadania, optamos pelo Tema 3: Anos de Chumbo e Anos Rebeldes: a Ditadura Militar, orientados pelo Subtema 1: Os avanços do capital estrangeiro, a crise do populismo e o golpe de 1964.

---

<sup>581</sup>Ibidem, p. 18-19.

Tabela 3: Eixo temático

*Tema 3: Anos de Chumbo e Anos Rebeldes: a Ditadura Militar (1964-1985)*  
*Subtema 1 – Os avanços do capital estrangeiro, a crise do populismo e o golpe de 1964*

TÓPICOS	HABILIDADES
21. Repressão, resistência política e produção cultural no Brasil	<p>21.1. Analisar o processo de Implantação da ditadura militar no Brasil.</p> <p>21.2. Identificar as bases jurídicas e institucionais da ditadura militar: atos institucionais, Constituição de 1967 e Emenda Constitucional de 1969.</p> <p>21.3. Analisar o aparato repressivo militar e paramilitar instituído pela ditadura, com apoio da sociedade civil, para eliminação dos opositores (“subversivos”) e sustentação do regime.</p> <p>21.4. Analisar os principais movimentos de resistência da esquerda (guerrilhas urbanas e rurais).</p> <p>21.5. Identificar e analisar as restrições à cidadania na ditadura e as limitações aos direitos políticos e civis.</p> <p>21.6. Analisar as mudanças no contexto econômico brasileiro durante a ditadura: internacionalização da economia, industrialização, urbanização, dependência econômica e constituição de uma sociedade de consumo.</p> <p>21.7. Analisar o contexto cultural brasileiro antes do golpe de 64 e a forma como foi afetado; as diversas formas de resistência dos artistas e intelectuais brasileiros: a MPB, os festivais da canção e o cinema novo.</p> <p>21.8. Analisar a implantação dos governos autoritários e da luta armada na América Latina.</p>

Fonte: SEE-MG, Currículo Básico Comum História, p. 31.

O livreto proposto, e expresso a seguir, seria encaixado nos aspectos analíticos do contexto cultural brasileiro, antes e depois do golpe militar. Nesse sentido, engloba pontos de outras habilidades, como a de identificação das restrições à cidadania, ou ainda o caráter de resistência do movimento feminista.

No mais, no que tange as problematizações referentes as representações do feminino, esboçaremos a partir daqui a possível contribuição educativa. Apontando as características do livreto como material de apoio, direcionando-o aos eixos temporais e espaciais anteriormente mencionados, esperamos criar um meio de reverberar o caráter questionador dos alunos e as noções sobre a relevância da promoção igualitária e cidadã. No mais, ao público geral, esperamos que o livreto se expresse como fonte de entretenimento e conhecimento sobre um pouco da nossa história, da história das mulheres, da história de gênero.

## **Livreto: Mulheres em Revolução**

Com linguagem clara e acessível, o livreto *Mulheres em Revolução* pretende trabalhar a maneira com a qual a mulher era representada nas revistas e enciclopédias femininas das décadas de 1950, 1960 e 1970 no Brasil. O modelo de beleza e comportamento que circulava na mídia brasileira dessa época era muito influenciado por outros países, principalmente europeus, como a França e, na América, os Estados Unidos. Os grandes estilistas franceses e o cinema hollywoodiano inspiravam e criavam os ícones de beleza (mulheres que serviam como parâmetro de aparência e comportamento). A Editora Globo adotava uma produção francesa sobre a mulher para disseminar os valores essenciais ao ser feminino: a *Enciclopédia da Mulher*.

Como base estrutural do material criado, pensamos em trazer um conteúdo amparado pelas visões de estudiosas sobre as questões de gênero, destacando os aspectos relacionados à História das mulheres. O uso de pequenos textos, verbetes, imagens, além de dicas e sugestões de leitura, tornam a leitura mais agradável sem perder o caráter científico, educativo. Tendo como fontes principais de análise os manuais femininos de parte da segunda metade do século XX, e como palco o contexto dos movimentos feministas, exploramos as relações estabelecidas entre os dois conceitos: feminino e feminismo. Esta explanação ocorre em três momentos. O primeiro, discutindo a existência e os discursos trazidos nas revistas e enciclopédias femininas sobre a mulher. O segundo, relacionado às mudanças de perspectivas trazidas pelos movimentos feministas e as percepções da mídia feminina sobre ele. Por último, as relações estabelecidas entre ambos os conceitos naquele contexto e as projeções posteriores a ele.

### 1. No que se refere ao FEMININO

- Pensar as representações do feminino na *Enciclopédia da Mulher*;
- Pensar os demais manuais femininos produzidos no contexto analisado;
- Para ser FEMININA o que era necessário?
- Ser contrária às ideias “femininas” condizia com ser “feminista”?

### 2. No que se refere ao FEMINISMO

- Pensar as representações do feminismo (no caso, não dito) na *Enciclopédia da Mulher*;
- Pensar as produções feministas e os discursos produzidos acerca dele nos veículos de comunicação analisados;

- Para ser FEMINISTA o que era necessário?
  - Ser contrária às ideias “feministas” condizia com ser “feminina”?
3. No que se refere as relações entre FEMININA & FEMINISTA
- O que e a quem ambas as definições representavam, respondiam, significavam?
  - Quais pontos divergentes existiam entre as concepções de mulher feminina e feminista que fizeram com que os dois termos se tornassem oponentes?
  - Como feminino e feminismo dialogam e coexistem na mulher contemporânea?

Guiados por um roteiro, baseado nos três eixos mencionados, produzimos o livreto. Os conteúdos de cada página estão divididos da seguinte maneira:

Tabela 4: Roteiro

<b>PÁGINA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
<b>01</b>	Capa
<b>02</b>	Dados
<b>03</b>	Apresentação
<b>04</b>	As revistas femininas
<b>05</b>	Década de 1950: anos dourados
<b>06</b>	As enciclopédias; O que é? Enciclopédia
<b>07</b>	O que é feminino?
<b>08</b>	Bela, jovem e saudável
<b>09</b>	Identidade feminina; Enciclopédia da Mulher
<b>10</b>	Trechos da Enciclopédia da Mulher, Editora Globo
<b>11</b>	Tradição feminina? Identidade feminina?
<b>12</b>	Feminilidade; Discurso médico
<b>13</b>	Referências de beleza
<b>14</b>	Literatura revolucionária
<b>15</b>	O feminismo na Enciclopédia da Mulher
<b>16</b>	Décadas de 1960 a 1980: ditadura militar
<b>17</b>	Masculinização da mulher?
<b>18</b>	O feminismo nos manuais femininos
<b>19</b>	Mas afinal, o que é feminismo? Luta por direito das mulheres
<b>20</b>	Ondas do feminismo; O que é? Patriarcado, Machismo
<b>21</b>	O que é e o que não é feminismo?
<b>22</b>	O que é? Gênero, Igualdade
<b>23</b>	Precisamos falar delas
<b>24</b>	Dicas de leitura
<b>25</b>	No século XXI
<b>26</b>	Feminino X Feminismo?
<b>27</b>	Mais dicas; Você sabia?
<b>28</b>	Referências
<b>29</b>	Fontes; Sites
<b>30</b>	Capa

Elaboramos um material colorido que pode ser impresso ou disseminado em plataformas virtuais na versão Portable Document Format (PDF). Intitulado *Mulheres em Revolução: as representações do feminino e do feminismo entre 1950 e 1970*, o resultado foi o seguinte.



# Mulheres em revolução

as representações do feminino e do feminismo  
entre 1950 e 1970

Bruna Batista Ferreira

## **Universidade Federal de Viçosa**

Esse material é um dos resultados da Dissertação intitulada *Gênero e Memória: as representações do feminino na Enciclopédia da Mulher (1950-1970)*, produzida no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania, realizada pela pesquisadora Bruna Batista Ferreira sob orientação do Professor Dr. Angelo Adriano Faria de Assis.

Durante as décadas de 1950 a 1970 circularam no Brasil vários “manuais femininos”. Eram revistas, almanaques e enciclopédias preocupadas em descrever um modelo ideal de mulher. Essas mídias traziam noções gerais sobre aparência e comportamento: diziam o que uma mulher precisava fazer para ser bonita, manter-se jovem, saudável, casada, boa mãe, ou seja, “feminina”. Entretanto, nesse contexto histórico, ideias revolucionárias emergiam e as questões feministas começaram a chegar nas páginas desses manuais.

## AS REVISTAS FEMININAS

Uma famosa revista feminina, que circulou durante os anos de 1950 e 1970, foi *O Cruzeiro*. Produzida no Rio de Janeiro, ela teve grande circulação nacional. As colunas femininas, dentro dessa revista, afirmavam que o jeito do rapaz tratar uma moça dependeria muito do comportamento dela. As jovens eram classificadas em “boas moças” ou “mal faladas”. Os “modos” (comportamentos) revelavam se a mulher possuía ou não a “boa moral”. As “modas” (roupas e aparência) eram importantes para passar uma “imagem virtuosa”. Embelezar-se para o marido era obrigação de uma boa esposa que desejava manter seu casamento.

Para a historiadora Mary Del Priore, até meados do século XX:

"Nem se escolhia o marido, a família decidia pela noiva. Tampouco as mulheres saíam de casa; o trabalho era doméstico. Ao passar de senhorita à senhora, a mulher se tornava uma matrona respeitosa. Tinha que se comportar como uma santa. Os constrangimentos para ganhar dinheiro - coisa de homem - eram enormes. A rua? Lugar de mulher “fácil”." (DEL PRIORE, 2014, p. 5).

A moça dos anos 1950, no mais das vezes, deveria seguir um caminho: preparar-se para a vida de esposa e mãe, estando sempre ao lado do marido e a par da vida dos filhos. A mídia propagandista e o comércio abarcavam essa ideia e utilizavam-se da vivência feminina para disseminar seus produtos “imprescindíveis” ao cotidiano. As aparições de enceradeiras, aspiradores de pó, alvejantes, além de maquiagens, produtos para cabelos e higiene nos anúncios publicitários, evidenciavam as conotações atribuídas ao “ser mulher”, ligado diretamente aos bens materiais do lar e aos cosméticos. Na revista *Capricho*, criada nos anos 1960, essas ideias estavam bem presentes:

"As mulheres exibidas em anúncios dos anos 50, e também do início dos anos 60, retratavam o ideal da “moça prendada moderna”, uma vez que deveriam estar atentas aos cuidados da casa, dos filhos, do marido devendo, ainda, manterem-se sempre belas. Para conseguirem cumprir todas essas tarefas, as mulheres contavam com importantes aliados: batedeira, máquina de lavar roupa, sabão em pó e enceradeira de um lado, e cremes contra rugas, sabonetes perfumados e poderosos dentífricos de outro." (MIGUEL, 2008, p. 4).

## DÉCADA DE 1950: Anos Dourados

No contexto político do Brasil, entre 1955 e 1960, assumia a presidência da República Juscelino Kubitschek. Com o lema de governo "50 anos em 5" e a criação de uma nova capital, Brasília (construída no interior do país), JK visava a maior integração da União. Kubitschek pretendia modernizar o Brasil, aprofundando sua inserção no mundo capitalista. Conhecido também como anos dourados, o mandato de JK foi marcado por uma "quase milagrosa estabilidade". Com medidas que visavam o desenvolvimento e a modernização, houve crescimento e intensificação da economia. (COUTO, 2011).



O Cruzeiro, Revista, RJ, 1958.

## AS ENCICLOPÉDIAS

Assim como as revistas femininas, existiam enciclopédias com ideias sobre o feminino. Era o caso da *Enciclopédia da Mulher* da Editora Abril. Nela o “pequeno-grande” mundo da mulher era o lar:

"De acordo com a enciclopédia, elaborada pela equipe da revista *Cláudia*, são 19 (não serão 18 ou 20) os assuntos de interesse da mulher “de hoje”: beleza, saúde, educação sexual, cozinha, trabalhos manuais, decoração, direito, casa, psicologia, escola, moda, dieta, ginástica, etiqueta, animais domésticos, jardinagem, lazer, gravidez e economia doméstica" (LEON, 1976).

### O QUE É?

**Enciclopédia:** É uma obra que reúne "domínios do conhecimento humano" sobre determinados assuntos, expostos de maneira ordenada, metódica, seguindo um critério de apresentação alfabética ou temática.



Enciclopédia da Mulher, Editora Globo, 1968.

A *Enciclopédia da Mulher* da Editora Abril pretendia “ajudar a mulher brasileira a viver melhor”. Esta também era uma promessa de outra enciclopédia: a *Enciclopédia da Mulher* da Editora Globo. Produzida na França, essa enciclopédia foi traduzida e adaptada para o Brasil entre o final dos anos 1950 e início da década de 1970. Assim como as revistas e enciclopédias de origem brasileira, ela apostava na figura de uma “mulher ideal”. A *Enciclopédia* representava um padrão de mulher e de feminilidade bem definido: um modelo que prezava a figura feminina branca, heterossexual, de classe média ou alta, predisposta ao casamento, aos filhos e à vida no lar.

## O QUE É FEMININO?

De acordo com o dicionário crítico do feminismo, "masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio delas. São relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determina o que é considerado "normal" - e em geral interpretado como "natural" - pelas mulheres e homens".

(MOLINIER & WELZER-LANG, 2009, p. 101).

Para as revistas femininas a perfeita feminilidade existia através do corpo e saúde em dia, da conquista do casamento ideal e a casa dos sonhos aos vinte e poucos anos. Os filhos, quando chegassem, seriam bem cuidados e disciplinados. Administrando bem seus afazeres domésticos, sobraria tempo para a mulher planejar as férias e atividades prazerosas da família. Se fosse o caso auxiliar na renda familiar ou aprender um ofício, um emprego que ressaltasse suas características de mulher completaria sua essência e felicidade.



### **Dessa maneira, a mulher teria que:**

- Ser meiga, delicada, companheira, solícita, inteligente, bela, prendada e altruísta.
- Ter como objetivo o casamento, os filhos, um lar e a felicidade conjugal.
- Tomar cuidados essenciais com a estética, boa conduta e normas sociais.
- Cumprir os "ritos naturais" do matrimônio, batismo e luto.
- Comportar-se de maneira pura, doce e resignada.

## De acordo com os manuais, para ser feminina a mulher precisava ser:

### BELA

Tendo um corpo esbelto, rosto faceiro, sorriso espontâneo, cabelos alinhados, roupas ajustadas e perfume moderado.

### JOVEM

Sendo disposta, prestativa, não apresentando cansaço nem rugas e que, mesmo resolvendo todos os problemas elétricos e contábeis da casa, conseguisse manter mãos macias, unhas bem pintadas e mente descansada.



### SAUDÁVEL

Praticando exercícios físicos e tendo cuidados médicos visando a estética e a maternidade; após a gestação, "percurso natural" da mulher, com boa alimentação e atividades físicas moderadas, o corpo voltaria ao lugar ainda mais bonito.



Enciclopédia da Mulher, Editora Globo, 1958.

## IDENTIDADE FEMININA

Podemos dizer que as enciclopédias e manuais femininos construíam uma “identidade feminina”. Apelando para a tradição (de seguir as receitas das avós, a vida social das mães), tinha-se um processo que tendia a garantir a manutenção das diferenças entre os sexos, na qual feminilidades e masculinidades possuíam lugares distintos: público x privado, racional x emocional, forte x fraco, e assim por diante. Nesse sentido, foram reproduzidas e criadas memórias sobre o ser mulher. As “características femininas” deveriam ser passadas para as novas gerações, por isso, a Enciclopédia da Mulher apostava na educação das filhas.



### Enciclopédia da Mulher

De origem francesa (*Encyclopedie de la Femme*), a *Enciclopédia da Mulher*, da Editora Globo, foi veiculada entre as décadas de 1950 e 1970 na Europa e em países da América Latina (dentre eles, México e Uruguai). No Brasil, suas versões foram traduzidas, adaptadas, editadas e publicadas entre 1957 a 1973. As primeiras versões, organizadas por Fernand Nathan, chamavam-se *Enciclopédia da Mulher*; já as edições finais, organizadas por Micheline Bertrand, ganharam o nome de *Nova Enciclopédia da Mulher*.



Enciclopédia da Mulher, Editora Globo, 1958.



## **A Enciclopédia da Mulher da Editora Globo trazia trechos como estes:**

"A mãe e suas filhas - Durante os primeiros anos, a mãe não deve estabelecer diferença entre filhos e filhas, a não ser nas escolhas das vestes, sempre simples para uns e outros, e ainda mais sóbrias para os meninos, que devem, antes de tudo, passar despercebidos. Para que as crianças não ofereçam um conjunto muito disparatado, convém manter a mesma gama de cores (cinza claro e azul marinho, ou bege e marrom). É preciso não esquecer que o sofrimento da criança pode ser enorme, quando vestida numa vestimenta ridícula".

"Educação das filhas - Deverá processar no sentido mais altruísta. O papel da mulher na vida é de tudo dar em redor de si: conforto, alegria, beleza, tendo sempre nos lábios um sorriso, sem tomar ares de mártir, sem mau humor, e sem aparentar fadiga. É, sem dúvida, uma tarefa pesada, mas teremos de educar nossas filhas nessa renúncia perpétua e feliz. Desde o primeiro ano ela deve saber partilhar espontaneamente seus brinquedos e bombons, distribuindo aos que a cercam o que possui de sobra".

"Desenvolvimento do gosto - É necessário desenvolver desde cedo na mulher o gosto do belo, habituando-a a se vestir com cores claras, modelos simples e bem assentados, sem exageros e sem vaidade. O gosto que lhe provocam os conjuntos belos e bem compostos, ela o transportará para sua vida interior, aprendendo a criar, em seu trabalho e em torno de si, um ambiente agradável, que influirá no estado de espírito daqueles em cuja companhia irá viver".

"Trabalhos caseiros - A mulher deve saber fazer tudo em casa: trabalhos caseiros, cozinha, lavagem de roupa, costura, consertos, tricô, etc. Ela terá mais ou menos tempo para cada coisa, mas se necessita de ajuda, mais cedo ou mais tarde, deverá ir ensinando para a vida futura com inteligência, cuidado e método [...] Não há necessidade de ensinar trabalhos caseiros a uma moça cuja a mãe é boa dona de casa; se esta aproveita a ajuda da filha, desde a mais terna a idade, fazendo-a transportar a primeira cesta de pão, depois a de laranja, mais tarde a garrafa d'água, acabará por lhe haver ensinado tudo quanto é de se desejar que uma mulher saiba; e se a jovem quiser, mais tarde, fazer um curso de economia doméstica, será apenas para completar teoricamente as sólidas noções práticas que já possui".

Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 211.

## TRADIÇÃO FEMININA?

A padronização da beleza, medidas corporais, trajes, acessórios, cores e comportamentos, condizia com a tentativa da mídia – em especial da *Enciclopédia da Mulher* – de conferir uma identidade às mulheres. Identidade, não no sentido de torná-las iguais em oportunidades, mas iguais em forma física e conduta. Porém, sendo as mulheres sujeitos e objetos da História, não existe uma “identidade feminina” pronta.

Carla Pinsky nos lembra que:

"Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história e sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que as outras pessoas fossem felizes".

(PINSKY, 2015, p. 609-610).



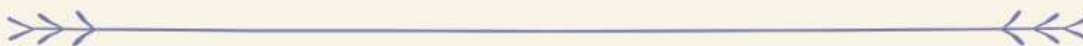
Nova Enciclopédia da Mulher,  
Editora Globo, 1968.

### Identidade feminina?

Para Joël Candau, “o imaginário da autenticidade passa pela inscrição em uma tradição que, de acordo com o senso comum, remete a representação de um conteúdo, isto é, aqui ainda, de uma essência”. Trata-se de uma representação porque “o essencial não é que a reiteração do passado seja fiel, mas acreditar que está de acordo com a tradição” (CANDAU, 2009, p. 48). Candau entende que “a identidade, é uma construção social, de uma certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o outro” (CANDAU, 2009, p. 45). O apelo da Enciclopédia da Mulher à concepção da “identidade feminina”, vinculada às heranças culturais, conferiam um determinado tipo de comportamento a “essência feminina”.

## **A Enciclopédia da Mulher explorava pontos fundamentais para a plena feminilidade:**

Para justificar suas ideias, a *Enciclopédia* usava argumentos médicos. Falava sobre a importância de manter o corpo em movimento (através de alguma atividade física, como a ginástica, dança ou natação), sobre o papel da mulher enquanto “aliada do médico” (que identificava e sabia lidar com as doenças de seus filhos e ficaria atenta à sua saúde), e da importância da amamentação, não só para a relação entre mãe e criança, mas também para a manutenção do bem estar familiar (um recinto de cuidado e afeto).



### **Discurso médico na construção do feminino**

Já no século XIX, como trabalha Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*, a redução feminina aos papéis de mãe e esposa era tutelada pelo poder do marido e do médico. A “mãe higiênica” expressava amor aos filhos e era aliada dos médicos. A conversão da mulher ao estágio ideal de mãe higiênica pautava-se primeiramente, dentre tantas “boas práticas”, à amamentação. O primeiro motivo para isso, vinculava-se ao “uso higiênico do tempo livre da mulher na casa”, “livrando-a dos perigos do ócio e dos passatempos nefastos à moral e aos bons costumes familiares”. O segundo, dizia respeito ao fato da detenção doméstica da mulher, através da amamentação, estar ligada à concorrência com o homem. Ou seja, com a emancipação do patriarcado colonial gerou-se uma “entusiástica onda de independência feminina” (o feminismo). Complementando o “perigo emancipatório” da mulher, o terceiro motivo pela ênfase na obrigação do aleitamento materno condizia com a pretensão de coesão do núcleo familiar. Tomava-se que “mulher que não amamentava dissolvia a família”. Seria, nos dizeres médicos, o “afrouxamento dos laços familiares”. A perda de laço entre pais e filhos, esposo e esposa, e entre irmãos (COSTA, 1983). As normas familiares conduziam a mulher ao âmbito familiar, mas também expressava os melhores lugares a serem ocupados por ela no mundo público. Ela deveria seguir profissões femininas, aquelas que envolviam cuidado e delicadeza: enfermeira, professora e secretária eram algumas das recomendadas (LOURO, 2015).

## REFERÊNCIAS DE BELEZA



Marilyn Monroe - DÉCADA DE 1950

Audrey Hepburn - DÉCADA DE 1960

Farrah Fawcett - DÉCADA DE 1970

.....

Junto ao ideal de “boa moça”, “boa esposa” e “boa mãe” propagado nas revistas, almanaques e enciclopédias, outro grande veículo midiático, o cinema hollywoodiano, explodia e trazia beijos apaixonados entre jovens namorados. Musas surgiam e com elas novos comportamentos e ideais de beleza. A exuberância e a ousadia presentes nos filmes com atriz Marilyn Monroe, suas apresentações musicais e aparições, revelavam uma outra face do ser mulher e do ser “feminina”. É nesse sentido que Carla Pinsky afirma que não devemos esquecer as pessoas, que vivendo nos Anos Dourados, possuíam ideais diferenciados, ousados, corajosos, ansiando renovação. Para a estudiosa, foram estas pessoas que permitiram que estes anos tivessem também “outras tonalidades e cores” (PINSKY, 2015, p. 607-639). Assim, mesmo em meio às perspectivas comportamentais intrínsecas e associadas aos anos 1950 passaram, nas décadas subseqüentes, a serem revisados e avaliados os papéis sociais das mulheres, por meio inclusive de reivindicações acerca dos códigos jurídicos, lutas contra a violência, opressão e discriminação.

Problematizações sobre as representações do feminino passaram a ser feitas pelos movimentos feministas. Ao abarcarem abordagens feministas em seus conteúdos, revistas e enciclopédias também davam margem para que novas explicações sobre a mulher, seu papel, direitos e conquistas circulassem nas bancas e no imaginário social. *O Cruzeiro*, *Cláudia* e *Capricho* passaram a trazer temas como o trabalho feminino fora do lar, o divórcio e os métodos contraceptivos.



O Cruzeiro, Revista, RJ, 1978.

### Literatura revolucionária

Um exemplo de renovação feminina pode ser visto na produção literária, na qual as representações do feminino tomavam caminhos para além do recato. No ano de 1954, em *Ciranda de Pedra*, Lygia Fagundes Telles lançava sob uma atmosfera feminina (com autora e personagens femininas) assuntos ligados à traição da mulher, violência doméstica, loucura e alteridade feminina.

## O FEMINISMO NA ENCICLOPÉDIA DA MULHER

"Numa época em que as mulheres não tinham outra ocupação exceto o de serem espôsas e mães, numa época em que os únicos passatempos femininos era a coqueteria e a toilette, GEORGE SAND\* escreve no "Fígaro", usa calças compridas, fuma cachimbo e não esconde suas célebres ligações amorosas. Desde seus primeiros romances, "Indiana", "Valentine", e o mais célebre, "Lélia", ela se levanta contra a condição da mulher na sociedade, clama pelo reconhecimento dos direitos femininos. Durante mais de cinqüenta anos ela não cessa de escrever, de apaixonar-se e de lutar contra a injustiça social."  
(Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 358).



"A obra de Simone de BEAUVOIR traz ao universo feminino uma construção sólida, um sistema organizado, impregnado na filosofia existencialista. Ela esforça-se corajosamente para provar, através de sua vida, que a mulher pode livremente escolher, realizar e obter sucesso naquilo que deseja. Ela se insurge contra a mentira da eternidade da mulher e posição secundária e reivindica "igualdade dentro da diferença". "Não nascemos mulheres, passamos a sê-lo" - eis o tema de "Deuxième sexe". Esta liberdade que Simone de BEAUVOIR reclama para a mulher se traduz, no plano do amor, por uma atitude ativa, de colaboração, que pode a todo momento ser posta em questão: "E como amamos a Terra? pergunta a heroína de 'Bouches inutiles' - Lutando juntos." O futuro da mulher reside em sua vontade de renunciar ao sonho de escape, de fuga; reside em assumir responsabilidades que eram atribuídas, até agora, apenas aos homens; e em ter tóda a responsabilidade do próprio destino."  
(Nova Enciclopédia da Mulher, 1968, p. 360-361).

## DÉCADAS DE 1960 A 1980: Ditadura Militar


Ao trabalharem os impactos do golpe que derrubou o presidente João Goulart em 1964, Jorge Ferreira e Angela Gomes discutem os fatores que puseram fim ao regime democrático e instituíram a ditadura no Brasil (1964-1985). Sob administração de militares do exército, o país passou por longos vinte e um anos de ditadura. A promulgação de Atos Institucionais fechava os cercos da democracia e abria espaço para uma grande onda de vigilância, intolerância, punições e terror. Ferreira e Gomes lembram que “a tortura tornou-se prática disseminada por uma política de Estado. Os torturadores, homens da ditadura, passaram a praticar também atos de terrorismo, como o envio de cartas-bombas”. Acrescentam que “o sofrimento incomensurável de pessoas que padeceram em exílios, torturas e mortes de entes queridos é um fato que a sociedade brasileira não deve esquecer jamais” (FERREIRA & GOMES, 2014, p. 388). Os autores ainda evidenciam a participação de mulheres em marchas de delegações femininas nos municípios do interior paulista, por exemplo, onde a mulher se fazia representar pela figura das primeiras-damas. A participação de mulheres, também ocorria por intermédio de mães de classe média, ligadas à vertente católica, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Em contrapartida, nomes como o de dona Neusa Brizola (esposa de Leonel Brizola), convocavam reuniões conjuntas da Liga Feminina da Guanabara e do Movimento Nacionalista Feminino, planejando um outro tipo de manifestação (FERREIRA & GOMES, 2014, p. 304-305). Durante o período de ditadura militar no Brasil, estudantes secundaristas, universitárias, trabalhadoras urbanas e rurais, promoviam suas organizações e lideranças surgiam. A mulher se fazia presente no campo político, embora tenha-se conferido certa marginalidade a esse tipo de participação (GOLDENBERG, 1996).

Mulheres no mercado de trabalho e usando roupas consideradas masculinas.  
Nova Enciclopédia da Mulher, Editora Globo, 1968.




## MASCULINIZAÇÃO DA MULHER?

Com os movimentos feministas, a mídia passou a abordar aspectos relacionados aos direitos de mulheres e homens. Mas, em muitos momentos, o feminismo aparecia como um movimento duvidoso, relacionado até mesmo com a “masculinização” da mulher.



---



“O feminismo que pretende masculinizar a mulher incorrerá no grave erro de querer demais: seria querer mudar a natureza humana, criação divina. Nenhuma mulher, para gozar das prerrogativas do feminismo, precisará assumir atitudes masculinizadas. Se a elevada mentalidade feminina da época atual rebela a figura de donzela pálida e delicada que se deixava ficar em casa suspirando de amôres, nem por isso exige que a mulher tenha a fôrça de um Hércules para mostrar que é evoluída”.

(O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0016 (1), 1950).

“O feminismo, portanto, representa uma grande vitória feminina: mas dentro dêle, a mulher precisa conduzir-se sem paixões. Livre para pensar e para agir, ela deve compreender por si mesma que não pode nem deve fugir às principais missões inerentes à sua natureza e fora do mais, ainda que sob a passageira ilusão de ter atingido a perfeição, terminaria por sentir-se profundamente infeliz”.

(O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0002 (1), 1950).

“A emancipação da mulher foi o fato decisivo da evolução social – a que ainda não se fêz a devida justiça. Falta-lhe sobretudo a história, que nos conte as peripécias dessa conquista lenta e pacífica, mercê da qual enchem hoje as escolas superiores – em grupos crescentes, na mais bela e promissora invasão de inteligência, capacidade e graça – de jovens candidatas ao título acadêmico”.

(O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0028 (1), 1964).

Em outros momentos, o movimento feminista era relacionado às conquistas femininas por igualdade. A *Enciclopédia da Mulher*, em suas versões atualizadas, passou a falar dos avanços de direitos políticos e sociais, discutindo a legislação relacionada ao desquite e à mãe trabalhadora. Os ares da modernidade, da vida nas cidades, do atendimento médico nos hospitais, a ida às festas, o desfrute aos *hobbies* e os “não-preconceitos” urbanos, entravam nos assuntos sobre as modificações e a liberdade. Ao tratar da relação entre mulher e literatura, A Enciclopédia apontava o nome de várias escritoras consideradas feministas – exemplos são as citações às obras *Um Teto Todo Seu* de Virgínia Woolf e *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Nesse sentido, a literatura era um dos campos de grande visibilidade de ideias renovadoras, em especial abarcando o feminismo (GONÇALVES, 2006).



A coexistência entre feminino e feminismo: a permissão do movimento através da minissaia. As atrizes Eva Todor, Tonia Carrero, Eva Wilma, Leila Diniz, Odete Lara e Norma Bengell durante a passeata dos Cem Mil em protesto contra a ditadura militar no Brasil. Rio de Janeiro, 1968.  
Fonte: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-costa-e-silva-1967-1969-ai-5-Instrucionaliza-a-ditadura.htm> . Acesso em: 14 ago. 2018.

O feminismo se expressava dentro dos manuais femininos, mas também possuía veículos específicos para isso: como no caso dos *Cadernos de Debate Mulher* da Editora Brasiliense. *Debate Mulher* trazia depoimentos de diversas trabalhadoras (secretária, enfermeira, professora, empregada doméstica, do ramo da indústria farmacêutica, da indústria automobilística, varredora de rua, boia-fria e apanhadora de café) e conduzia-se sob a divisão da sociedade em classes sociais, tendo “consciência de que a libertação da mulher só será possível junto com a libertação da sociedade como um todo”.

## MAS AFINAL, O QUE É FEMINISMO?

O feminismo é um movimento coletivo de luta de mulheres. Essas lutas partem do reconhecimento da opressão das mulheres pelos sistemas patriarcais e machistas. Para a historiadora Andrea Lisly Gonçalves a *Primeira Convenção para o Direito das Mulheres*, ocorrida em Nova Iorque nos dias 19 e 20 de julho de 1848, é tida como o marco inicial do feminismo no Ocidente (GONÇALVES, 2006, p. 15).

### Luta por direitos das mulheres:

A *Primeira Convenção para o Direito das Mulheres* foi fruto de acontecimentos anteriores, dos anos 1840, quando um grupo de delegadas participantes da *Convenção Mundial contra a Escravidão*, em Londres, foram impedidas de participarem das discussões sobre a abolição da escravatura nas Américas, ficando apenas como espectadoras. Na ocasião, alguns representantes do sexo masculino, em solidariedade e protesto ao ocorrido, juntaram-se à delegação feminina nas galerias (GONGALVES, 2006).



Num primeiro momento, o movimento feminista apresentava reivindicações referentes ao direito à propriedade - inclusive, sobre o próprio corpo - sem depender da figura masculina, além do direito à participação política por meio do sufrágio (voto feminino).

Foi no século XX, a partir dos anos 1960, que o movimento efetivamente se ampliou e expandiu suas discussões, abrangendo "a liberdade sexual e a ideia de igualdade total aos homens, política e culturalmente".

Pós-década de 1980, entraram no debate a relativização do conceito mulher, contra posições autoritárias, considerando outras identidades.

**Para Maggie Humm e Rebecca Walker, historiadoras feministas, o movimento pode ser entendido dividido em três “ondas”:**

**1ª ONDA FEMINISTA:**

Teria ocorrido no século XIX e início do século XX, focando principalmente em obter direitos legais, poder político e o sufrágio feminino.

**2ª ONDA FEMINISTA:**

Veio nas décadas de 1960 e 1970, encorajando as mulheres a entenderem os aspectos de suas vidas pessoais, e preocupada em grande escala com a questão da igualdade, focando no fim da discriminação da mulher na sociedade, na educação e no trabalho.

**3ª ONDA FEMINISTA:**

Abrange da década 1990 até a atualidade, e veio como uma resposta positiva, preenchendo de forma mais forte as propostas da segunda “onda”.



**O QUE É?**

**Patriarcado:** sistema baseado na crença da existência de uma identidade natural dos sexos, da diferença entre os gêneros, da superioridade masculina e na inferioridade das mulheres (TIBURI, 2018, p. 27). Vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando); é literalmente a autoridade do pai, ou poder dos homens (DELPHY, 2009, p. 174).

**Machismo:** sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade (TIBURI, 2018, p.63).

No *Almanaque d'Elas da Casa da Mulher Catarina*, Clara Averbuck explica o que é e o que não é o feminismo. Para ela:

Feminismo não prega o ódio, feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens. Feminismo clama por igualdade, pelo fim da dominação de um gênero sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Machismo é um sistema de dominação. Feminismo é uma luta por direitos iguais.



"O mundo machista também oprime os homens ao propagar que eles precisam ser provedores, durões, que não podem chorar ou demonstrar sentimento (pois isso seria uma "característica feminina", considerada uma "fraqueza")" (AVERBUCK, 2015).

#### O QUE NÃO É FEMINISMO:

- O feminismo não luta contra os homens;
- O feminismo não tem nada a ver com deixar de usar batom ou salto alto;
- O feminismo não tem nada a ver com ser inimiga dos homens;
- O feminismo não tem nada a ver com esconder o corpo;
- O feminismo não tem nada a ver com morrer solteira de bigode;
- O feminismo não tem nada a ver com não ter filhos;
- O feminismo não tem nada a ver com não ser feminina e nem com ser.



#### O QUE É FEMINISMO:

- O feminismo luta contra o sistema de dominação machista;
- O feminismo exige o direito de andar com a roupa que quiser sem assédio ou constrangimentos;
- O feminismo tem a ver com a escolha de se ter ou não filhos, quantos e quando;
- O feminismo tem a ver com liberdade de se portar, vestir, dizer e fazer;
- O feminismo não é um livro de regras, mas uma discussão, uma conversa, um processo (Tavi Gevinson);
- O feminismo não reprime e segrega;
- O feminismo rompe preconceitos.



### O QUE É?

**Gênero** - termo usado para analisar os papéis "masculinos" e "femininos" que se tornaram hegemônicos (TIBURI, 2018, p. 28). Sexo refere-se ao biológico, e gênero ao social; um gênero (um tipo) "feminino" é culturalmente imposto à fêmea para que se torne uma mulher social, e um gênero "masculino" ao macho, para que se torne um homem social. (MATHIEU, 2009, p. 222).

**Igualdade** - garante tudo simultaneamente: a) o direito das mulheres serem pessoas "como todas as outras" mediante a proibição de qualquer discriminação que as constitua como grupo "à parte"; b) a possibilidade, para as mulheres, de serem reconhecidas e aceitas "como são", isto é, com suas diferenças em relação ao homens; enfim, e sobretudo, o direito de cada mulher de exprimir as particularidades que fazem delas "indivíduos diferentes de todos os outros (mulheres e homens)", o acesso à sua dignidade como indivíduo, e de sua contribuição única e insubstituível à vida comum (VARIKAS, 2009, p. 121).

### **Marcia Tiburi afirma que o feminismo:**

"[...] ajuda as pessoas a assumirem as identidades que lhes fazem bem, que lhes dão sentido e que não podem ser vividas como dívidas. [...] A questão da identidade tem tudo a ver com isso. No contexto do patriarcado a identidade é um parâmetro heteroconstruído; no feminismo a identidade é um elemento da construção de si que passa necessariamente pelo autoconhecimento de cada um acerca de si mesmo. [...] O feminismo nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. O direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e aparecer e, sobretudo, de se autocompreender é ao que o feminismo nos leva" (TIBURI, 2018, p. 22).

## PRECISAMOS FALAR DELAS:

Mulheres que influenciaram a luta pelos direitos femininos  
no Brasil do século XX

### **Nísia Floresta (1810-1885)**

A escritora nordestina Dionísia Gonçalves Pinto ficou conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Nascida no Rio Grande do Norte, a educadora, escritora e poetisa brasileira é uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Foi provavelmente a primeira mulher no país a publicar textos em jornais. Escreveu livros em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos. Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, foi publicado quando tinha 22 anos. Ela ainda escreveu: *Conselhos a minha filha* (1842), *Opúsculo humanitário* (1853) e *A Mulher* (1859), sempre abordando a desigualdade de direitos entre homens e mulheres.

### **Bertha Lutz (1894-1976)**

Nascida em São Paulo, teve participação direta pela articulação política que resultou nas leis que deram direito de voto às mulheres e igualdade de direitos políticos nos anos 1930. Foi uma das organizadoras do movimento sufragista no Brasil. Criou a *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher*. Conquistou a garantia do direito de voto feminino em 1932, por meio do Decreto nº 21.076 no governo do presidente Getúlio Vargas. Participou do comitê elaborador da Constituição, em 1934, que garantiu às mulheres a igualdade de direitos políticos e foi eleita primeira suplente de deputado federal. Continuou no serviço público até se aposentar, em 1964, como chefe de botânica do Museu Nacional.

### **Patrícia Rehder Galvão, a Pagu (1910-1962)**

Nasceu em 1910 no interior de São Paulo. Foi escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista e jornalista. Militou no Partido Comunista, participou da organização de uma greve de estivadores em Santos, e tornou-se a primeira mulher presa no Brasil por motivações políticas. Em 1935, após participar da *Levante Comunista*, Pagu foi detida, torturada e condenada a dois anos de prisão. Ao longo da sua vida foi presa 23 vezes por sua militância. A defesa da mulher pobre e a crítica ao papel conservador feminino na socialidade permearam a vida e as obras de Pagu.

## DICAS DE LEITURA

O site da Biblioteca Pública de Nova York fez uma seleção de obras consideradas “essenciais para compreender a história do feminismo e o movimento pelos direitos das mulheres”.

São algumas delas:

### **Um teto todo seu (1929), de Virginia Woolf**

Ensaio romanceado que traz reflexões sobre a opressão feminina e a influência disso na produção literária de autoras. A tese central de Woolf é a seguinte: uma mulher só é capaz de produzir literatura se for financeiramente independente e tiver um teto todo seu.

### **O segundo sexo (1949), de Simone de Beauvoir**

Um dos livros mais famosos quando se trata de feminismo e filosofia feminista, *O segundo sexo* analisa a condição social da mulher ao longo da história e chega à conclusão de que os indivíduos do sexo feminino foram historicamente definidos não como “eu” mas como “o outro” (em relação à ótica patriarcal).

### **O mito da beleza (1990), de Naomi Wolf**

Naomi Wolf explora os padrões normativos de beleza propagados pela indústria da moda e do entretenimento, que em geral reproduzem o ideal de mulher magra, branca e jovem. Wolf critica a violência e disseminação desse modelo.

### **Problemas de gênero (1990), de Judith Butler**

Problemas de gênero introduz o conceito de performance de gênero, segundo a qual gênero não é algo ligado à biologia, mas ao comportamento – e que, portanto, pode ser recriado, desmontado e remontado de modo a quebrar os padrões que mantêm a sociedade presa ao patriarcado.

### **Homens explicam tudo para mim (2015), de Rebecca Solnit**

A história começa em uma festa, na qual um homem gasta um bom tempo indicando um livro a Solnit – sem dar a ela a chance de explicar que, na verdade, a obra é de sua autoria. A autora reúne uma série de artigos e ensaios sobre as diversas formas de violência contra a mulher: silenciamento, agressão física, violência e morte.

## NO SÉCULO XXI...

Mary Del Priore acredita que cada vez as mulheres são mais visíveis e atuantes na sociedade:

"Trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam, quebram tabus e tradições". Muito diferente da segunda metade do século passado quando, a maioria delas, tinha como objetivo apenas casar e ter filhos.

"Com o tempo, a tecnologia e a educação ajudaram para que muitas mudanças ocorressem. No entanto, esses avanços não foram capazes de modificar todas as desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade, conservando traços do passado no presente. Estamos falando do patriarcado e do machismo.

As mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. As rupturas empurram-nas para a frente e as ajudam a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar. As permanências, por outro lado, apontam fragilidades.

Criadas em um mundo patriarcal e machista, não conseguem enxergar fora do foco masculino. Vivem pelo olhar do homem, do "outro".

(DEL PRIORE, 2013).



Judith Butler, Simone de Beauvoir, Audre Lorde, Marjane Satrapi e Bell Hooks (Arte Andreia Freire / Divulgação)

## FEMININO X FEMINISMO?

Em meio aos sistemas machistas e patriarcais que marcaram profundamente as relações de gênero na História, houve a difusão da oposição entre: a “mulher feminina” x a “mulher feminista”. Apesar de termos separado em tópicos os termos feminino e feminismo, sabemos que contestar as “fórmulas” femininas foi relevante para que importantes contestações feministas fossem levantadas (contra os sistemas de opressão e subjugação da mulher). No entanto, as discussões do próprio movimento feminista, entendendo as múltiplas identidades das mulheres, possibilitou a visão de um feminino que, para-além do subalterno oprimido, pode ser modo de atuação e de contestação.

A emblemática imagem das atrizes de minissaia (peça considerada extremamente feminina), manifestando por causas de direito, nos mostra isso.

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos Todos Feministas*, acredita que ao mudarmos certos aspectos da nossa cultura, evitamos a exclusão das mulheres:

"Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. [...] Para que serve a cultura? A cultura funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo. [...] A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura.

Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura" (ADICHIE, 2015).



Com um olhar contemporâneo, Chimamanda expressa o significado da palavra feminista:

*"Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos".*

## MAIS DICAS:

### **Histórias e conversas de mulher (2013), Mary Del Priore**

Este livro conta como evoluiu e se revolucionou a vida das brasileiras, dos tempos da colônia portuguesa aos dias atuais. Para Del Priore, foram necessários mais de 200 anos para que as mulheres conquistassem direitos que permitem a livre expressão e o exercício da cidadania.

### **Sejamos todos feministas (2015), Chimamanda Adichie**

Neste ensaio, Chimamanda parte de sua experiência pessoal de mulher nigeriana para mostrar que muito ainda precisa ser feito até que alcancemos a igualdade de gênero. Segundo ela, tal igualdade é libertadora para todos, pois diz respeito a mulheres e homens.

### **Feminismo em comum (2018), Márcia Tiburi**

Márcia nos convida a repensar as estruturas machistas e patriarcais de nossa sociedade, e a levar o feminismo a sério, repensando esse movimento. Segundo a autora, o feminismo nos leva à luta por direito de todas, todos e todes.



### **Você sabia?**

1. Em 1952 foi criada a revista *Capricho* pela Editora Abril. Ela é considerada a primeira revista do Brasil totalmente dedicada ao público feminino.
2. Em 1953 o jornal *Estado de São Paulo* lançou seu suplemento feminino.
3. Em 1961 foi lançada a revista *Claudia*.
4. Em 1973 o jornal *Nós Mulheres* surgiu como resultado das reuniões de um grupo de jornalistas mulheres, falando sobre os problemas femininos.
5. Em 1976 o jornal *Brasil Mulher* apareceu, ligado ao movimento a favor da democracia no país.



## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASA DA MULHER CATARINA; ET. AL (Orgs.). *Almanaque d'Elas. Ah! Então sou feminista*, 2015. Disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/ahentaosoufeminista/>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial. *Memória, tradição e identidade. Memória em Rede*, Universidade Federal de Pelotas, 2009. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01723634/document>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COUTO, Ronaldo Costa. Juscelino Kubitschek. Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011. Disponível em: [http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK\\_couto.pdf?sequence=3](http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK_couto.pdf?sequence=3). Acesso em: 11 jan. 2019.
- FERREIRA, Jorge Luiz; DE CASTRO GOMES, Angela Maria. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.
- GOLDENBERG, Mirian. *Mulheres e militância política de esquerda no Brasil: uma história não contada*. XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt11-4/5395-mgoldenber-mulheres/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HIRATA, Helena; ET. AL (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- RAGO, Margareth. *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995. Disponível em: [http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.
- SANTOS, Ladjane de Barros. *Movimento feminista na América Latina: o nascer e o desenvolvimento de um ser inferior*. In: XXIX Congresso Internacional Da Alas, 2013, Santiago, Chile. Grupo de trabalho Gênero, Desigualdade e Cidadania. Disponível em: [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9\\_deBarrosSantoL.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_deBarrosSantoL.pdf). Acesso em: 05 jul. 2018.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281-300, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 20 jan. 2018.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-90, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na Sala de Aula*. In.: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 443-481.

## FONTES

BERTRAN, Micheline (org.). Nova Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.

NATHAN, Fernand (org.). Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.

Cadernos de Debate 2. Mulher: depoimentos sobre um trabalho ignorado. Editora Brasiliense. 48 p.

Enciclopédia da Mulher. Fascículos elaborados pela revista Cláudia. Editora Abril. 20 p.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0016 (1), 1950.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0002 (1), 1950.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 44, 1958.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0028 (1), 1964.

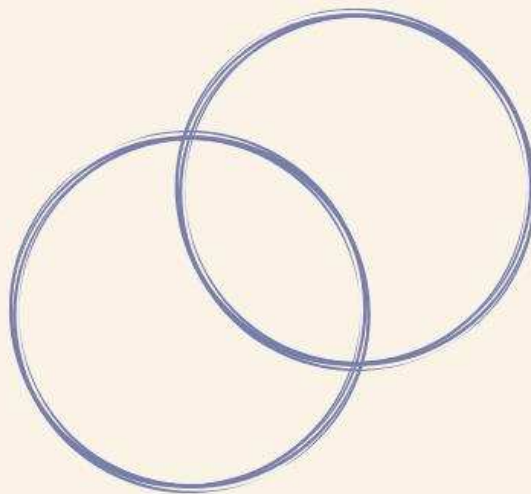
O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2433 (1), 1978.

## SITES

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>.

<https://educacao.uol.com.br/>.

<https://revistacult.uol.com.br>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGENS E CIDADANIA

Material apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL

## Considerações Finais

Por acreditarmos que as discussões de gênero são, sim, relevantes no meio educativo, como fator primordial nas questões envolvendo pluralidade, igualdade e cidadania, montamos esse material. Nos últimos anos em nosso país, várias contendas acerca de determinados temas trabalhados na escola (como gênero, sexualidade, religiosidade e outras abordagens) passaram a configurar nítidas polaridades sociais e políticas. Propostas de “neutralidade” no ensino, por meio de Projetos de Lei como o número 867 de 2015 (conhecido como “Escola Sem Partido”), configuram-se como o cerceamento da liberdade de se trabalhar a diversidade num âmbito que, por acolher indivíduos dos mais variados grupos, é por si só diversificado. Exigir a neutralidade do professor ou a exclusão de temáticas pertinentes ao debate rumo à equidade e à tolerância, confere ares retrógrados e não condizentes com a “pluralidade” dita almejada.

Percebendo, dentro desse contexto, o quanto as questões envolvendo gênero e sexo engatinham no imaginário e no discurso social brasileiro, vislumbramos como pertinente trabalhar as querelas estabelecidas entre as representações do feminino e do feminismo. Principalmente este segundo conceito, por ser rodeado de preconceitos e estereótipos que penumbram ou impossibilitam a criticidade sobre as relações sociais estabelecidas. Mesmo focando nas construções da feminilidade (e, por tabela, da masculinidade), elucidar as demais representações das identidades e das expressões de gênero operantes nas sociedades são fundamentais. A partir delas compreendemos e problematizamos melhor aquilo que, até então, uma cultura inteira julgava normal, digno de fomentar uma tradição, de constituir uma memória.

No mais, ao público geral, que o livreto *Mulheres em Revolução* possa também desfazer ou minimizar posições antagonistas, ampliando as noções históricas e permitindo o aguçamento do interesse de outros materiais sobre o assunto. A captação de novas ideias e a participação em debates (seja pela escrita, leitura ou oralidade) contribui para o caminho rumo à tolerância.

## Fontes

### Enciclopédias:

BERTRAND, Micheline (org.). Nova Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1968.  
NATHAN, Fernand (org.). Enciclopédia da Mulher. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958.

### Sites:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>.

<https://educacao.uol.com.br/>.

<https://revistacult.uol.com.br>.

<http://portal.mec.gov.br/>.

### Periódicos:

Cadernos de Debate 2. Mulher: depoimentos sobre um trabalho ignorado. Editora Brasiliense. 48 p.

Enciclopédia da Mulher. Fascículos elaborados pela revista Cláudia. Editora Abril. 20 p.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 2433 (1), 1978.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 44, 1958.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0016 (1), 1950.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0002 (1), 1950.

O Cruzeiro, Revista, RJ. Ed. 0028 (1), 1964.

## Referências

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 dez. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: documento introdutório, Brasília: MEC/SEF, v. 10, 1997.
- CASA DA MULHER CATARINA; ET. AL (Orgs.). Almanaque d'Elas. Ah! Então sou feminista, 2015. Disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/ahentaosoufeminista/>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial. Memória, tradição e identidade. Memória em Rede, Universidade Federal de Pelotas, 2009. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01723634/document>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa, Portugal: DIFEL, 1988.
- CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 97-113. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1973/1112>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. Fronteiras, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nrm=js](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141991000100010&lng=en&nrm=js). Acesso em: 10 jan. 2019.
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COUTO, Ronaldo Costa. Juscelino Kubitschek. Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011. Disponível em: [http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK\\_couto.pdf?sequence=3](http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7549/JK_couto.pdf?sequence=3). Acesso em: 11 jan. 2019.
- FERREIRA, Jorge Luiz; GOMES, Angela Maria de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e militância política de esquerda no Brasil: uma história não contada. XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt11-4/5395-mgoldenbergmulheres/file>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- GONÇALVES, Andréa Lisy. História e Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HIRATA, Helena; ET. AL. (Orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais. Conteúdos básicos comuns: história, ensinos fundamental e médio. Disponível em: [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7B80A9F6A7-110D-42C2-ACB1-A52372D19CB6%7D\\_LIVRO%20DE%20HISTORIA.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B80A9F6A7-110D-42C2-ACB1-A52372D19CB6%7D_LIVRO%20DE%20HISTORIA.pdf). Acesso em: 20 out. 2018.
- SANTOS, Ladjane de Barros. Movimento feminista na América Latina: o nascer e o desenvolvimento de um ser Inferior. In: XXIX Congresso Internacional Da Alas, 2013,

Santiago, Chile. Grupo de trabalho Gênero, Desigualdade e Cidadania. Disponível em: [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9\\_deBarrosSantoL.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_deBarrosSantoL.pdf). Acesso em: 03 jul. 2018.

PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 640-668.

RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995. Disponível em: [http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 281-300, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 jan. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. v. 20, n. 2, p. 71-90, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In.: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 443-481.